

Danúbia Aline Silva

**AS CLÁUSULAS ADVERBIAIS E AS REDES SOCIAIS EM MARIANA
(MG): UM ESTUDO A PARTIR DE UMA ABORDAGEM
FUNCIONALISTA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Lingüísticos da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Lingüística Teórica e Descritiva.

Área de Concentração: Lingüística Teórica e Descritiva.

Linha de Pesquisa: B – Estudo da Variação e Mudança Lingüística

Orientadora: Profa. Dra. Maria Antonieta Amarante de Mendonça Cohen

Co-orientadora: Profa. Dra. Maria Beatriz Nascimento Decat

Belo Horizonte

Faculdade de Letras

2009

Danúbia Aline Silva

**AS CLÁUSULAS ADVERBIAIS E AS REDES SOCIAIS EM MARIANA
(MG): UM ESTUDO A PARTIR DE UMA ABORDAGEM
FUNCIONALISTA**

Belo Horizonte

Faculdade de Letras

2009

Danúbia Aline Silva

**AS CLÁUSULAS ADVERBIAIS E AS REDES SOCIAIS EM MARIANA
(MG): UM ESTUDO A PARTIR DE UMA ABORDAGEM
FUNCIONALISTA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Linguística Teórica e Descritiva.

Área de Concentração: Linguística Teórica e Descritiva.

Linha de Pesquisa: B – Estudo da Variação e Mudança Linguística

Orientadora: Profa. Dra. Maria Antonieta Amarante de Mendonça Cohen

Co-orientadora: Profa. Dra. Maria Beatriz Nascimento Decat

Belo Horizonte

Faculdade de Letras

2009

Dissertação defendida por DANÚBIA ALINE SILVA em 18/12/2009 e aprovada pela Banca Examinadora constituída pelos Profs. Drs. relacionados a seguir:

Maria Antonieta Amarante de Mendonça Cohen - UFMG
Orientadora

Maria Beatriz Nascimento Decat - UFMG
Co-orientadora

Nilza Barrozo Dias – UFF

Evelyne Jeanne Andrée Angèle Madeleine Dogliani - UFMG



“Que é que eu posso escrever? Como recomençar a anotar frases? A palavra é o meu meio de comunicação. Eu só poderia amá-la. Eu jogo com elas como se lançam dados: acaso e fatalidade. A palavra é tão forte que atravessa a barreira do som. Cada palavra é uma idéia. Cada palavra materializa o espírito. Quanto mais palavras eu conheço, mais sou capaz de pensar o meu sentimento.”

“Eu escrevo sem esperança de que o que eu escrevo altere qualquer coisa. Não altera em nada... Porque no fundo a gente não está querendo alterar as coisas. A gente está querendo desabrochar de um modo ou de outro...”

Clarice Lispector

AGRADECIMENTOS

À minha orientadora, Profa. Dra. Maria Antonieta Amarante de Mendonça Cohen, por sua ajuda, orientação e incentivo tão necessários para que esta dissertação se concretizasse. Obrigada por suas correções e sugestões sempre sinceras e comprometidas.

À Profa. Dra. Maria Beatriz Nascimento Decat, que tão prontamente aceitou nosso convite de ser minha co-orientadora. Obrigada por todo apoio oferecido com disponibilidade e simpatia.

Aos professores do Programa de Pós Graduação da UFMG, pela dedicação e empenho dispensados às disciplinas ministradas, as quais foram fundamentais em minha formação.

À Profa. Dra. Dulce Maria Viana Mindlin, por ter me apoiado e orientado quando, pela primeira vez, decide me enveredar pelo caminho das pesquisas acadêmicas. Obrigada por ter a acreditado no meu trabalho.

À Profa. Dra. Mônica Alkmim, pela orientação em minha primeira iniciação científica em linguística, oportunidade esta que foi fundamental para o meu desenvolvimento enquanto pesquisadora dessa ciência.

Aos professores do ICHS, por todos os conhecimentos e crescimento intelectual que suas aulas e projetos me proporcionaram. Obrigada por todas as oportunidades que tive de me tornar uma profissional cada vez mais apaixonada pela linguagem.

Aos funcionários do ICHS, pelo carinho, pela simpatia, pela disponibilidade sempre presente e principalmente pela calorosa e sincera amizade.

Aos meus amigos do curso de Letras (ICHS-UFOP), que são pessoas muito especiais que ficarão eternamente entre as minhas lembranças mais queridas. Obrigada a todos vocês, em especial minha amiga Juçara Moreira Teixeira, pelos momentos em que compartilhamos as nossas inquietações acadêmicas. Obrigada também pelas conversas descontraídas e animadas, que tornaram mais leve e agradável os períodos de intenso estudo.

Aos meus queridos amigos de Mariana (MG), pelo incentivo e confiança sempre dispensados a mim. A cumplicidade, a amizade e o imenso carinho de vocês foram os meus maiores apoios em minha carreira acadêmica.

Aos meus queridos amigos do distrito de Cachoeira do Brumado, em especial Seu Tatão, Gracinha, Mara, Tim e Teresinha, que sempre me receberam tão carinhosamente em suas casas, sempre muito hospitaleiros e dispostos a me ajudar de forma amável e desinteressada.

Aos meus pais, por seu grande e sincero amor. A admiração e a confiança que vocês depositam em mim foram e serão sempre a peça fundamental de todas as minhas realizações. Pai, obrigada por todos os momentos em que você me passou tranquilidade e segurança; mãe obrigada por ter me ensinado a ser uma pessoa determinada e pronta para seguir em direção daquilo que quero.

Às minhas irmãs, Daiane Cristine Silva e Daniele Cíntia da Silva, pela preciosa ajuda nos momentos em que estive mais atarefada.

Ao meu namorado, Messias Sampaio, pela cumplicidade e companherismo demonstrados em meus difíceis momentos de trabalho e decisão. Obrigada pelo carinho e amor tão importantes para mim.

A Deus, um amigo fiel e amável que, incondicionalmente, esteve do meu lado em todos os momentos. Obrigada por todas as oportunidades e pela sabedoria para aproveitar cada uma delas. Obrigada pelas maravilhosas pessoas que conheci até aqui. Obrigada pela certeza do seu cuidado e amor, e principalmente pela paz de saber que o Senhor me aceita como eu sou.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	14
CAPÍTULO 1 – AS CLÁUSULAS ADVERBIAIS: DE UMA PERSPECTIVA TRADICIONAL PARA PROPOSTAS DE BASE FUNCIONALISTA	27
1.1 A definição de Hipotaxe.....	27
1.2 O problema da distinção entre <i>coordenação/subordinação</i>	27
1.3 As <i>orações subordinadas adverbiais</i> nas Gramáticas Tradicionais de Língua Portuguesa.....	34
1.4 A articulação de orações numa abordagem funcionalista.....	35
1.5 Análise da hipotaxe adverbial numa abordagem funcional-discursiva.....	40
1.6 A noção de <i>unidades de informação</i>	45
CAPÍTULO 2 – UMA PROPOSTA DE ANÁLISE DAS CLÁUSULAS ADVERBIAIS A PARTIR DOS ESTUDOS DE REDES SOCIAIS	49
2.1 O estudo das cláusulas adverbiais em uma perspectiva social.....	50
2.2 Milroy (1987) e Milroy (1992): algumas questões teóricas.....	50
2.3 Estudo a partir de Redes Sociais.....	55
CAPÍTULO 3 – AS CLÁUSULAS ADVERBIAIS NA LÍNGUA FALADA DE MARIANA (MG)	59

3.1 As relações adverbiais identificadas no <i>corpus</i>	63
3.2 A Rede Social Fraca e Forte.....	64
3.2.1 A Rede Universitária (Fraca).....	65
3.2.2 A Rede de Familiares (Forte).....	71
3.3 As cláusulas adverbiais: discussões específicas.....	85
3.3.1 As Relações de MOTIVO.....	85
3.3.2 As Relações de FINALIDADE.....	96
3.3.3 As Relações de TEMPO.....	102
3.3.4 As Relações de CONDIÇÃO.....	107
3.3.5 As Relações de MCC (Modo, Conformidade e Comparação).....	113
3.3.6 As Relações de CONCESSÃO.....	120
3.4 Os fatores sociais <i>idade e sexo</i>	126
CAPÍTULO 4 – CONCLUSÕES.....	128
REFERÊNCIAS.....	139
ANEXOS.....	144

LISTA DE FOTOS

Foto 1: Instituto de Ciências Humanas e Sociais da UFOP.....	26
Foto 2: Entrada do Instituto de Ciências Humanas e Sociais (ICHS/UFOP).....	57
Foto 3: Rio Brumado – Distrito de Cachoeira do Brumado.....	58
Foto 4: Salas e corredores do ICHS/UFOP.....	64
Foto 5: Vista parcial do estacionamento do ICHS.....	65
Foto 6: Cachoeira do Brumado.....	69
Foto 7: Uma das três casas mais antigas do distrito de Cachoeira do Brumado.....	70
Foto 8: Vista parcial de uma oficina de panela de pedra em Cachoeira do Brumado.....	70
Foto 9: Produção do tapete de cizal.....	72
Foto 10: Rua típica do distrito de Cachoeira do Brumado.....	85

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Convenções adotadas para transcrição dos dados.....	24
Quadro 2: Cruzamento de Eixos, Halliday (1985).....	39

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Relações adverbiais identificadas no <i>corpus</i> da <i>Rede Universitária</i>	66
Tabela 2: Relações adverbiais identificadas no <i>corpus</i> da <i>Rede de Familiares</i>	73
Tabela 3: Expressão da Relação de Motivo – Rede Universitária.....	87
Tabela 4: Expressão da Relação de Motivo – Rede de Familiares.....	87
Tabela 5: Expressão da Relação de Finalidade – Rede Universitária.....	97
Tabela 6: Expressão da Relação de Finalidade – Rede de Familiares.....	98
Tabela 7: Expressão da Relação de Tempo – Rede Universitária.....	103
Tabela 8: Expressão da Relação de Tempo – Rede de Familiares.....	103
Tabela 9: Expressão da Relação de Condição – Rede Universitária.....	109
Tabela 10: Expressão da Relação de Condição – Rede de Familiares.....	109
Tabela 11: Expressão da Relação de Modo – Rede Universitária.....	116

Tabela 12: Expressão da Relação de Conformidade – Rede Universitária.....	116
Tabela 13: Expressão da Relação de Comparação – Rede Universitária.....	116
Tabela 14: Expressão da Relação de Modo – Rede de Familiares.....	117
Tabela 15: Expressão da Relação de Comparação – Rede de Familiares.....	117
Tabela 16: Expressão da Relação de Conformidade – Rede de Familiares.....	117
Tabela 17: Expressão da Relação de Concessão – Rede Universitária.....	121
Tabela 18: Expressão da Relação de Concessão – Rede de Familiares.....	122
Tabela 19: Cláusulas adverbiais desgarradas a partir do fator <i>idade</i>	127
Tabela 20: Cláusulas adverbiais desgarradas a partir do fator <i>sexo</i>	127

RESUMO

Embasando-se teoricamente em pressupostos funcionalistas, a presente dissertação teve como objetivo **descrever** exhaustivamente as cláusulas adverbiais, em especial as cláusulas adverbiais *desgarradas*, de um *corpus* constituído de dados da modalidade oral da língua portuguesa contemporânea do município de Mariana (MG). A presente análise lingüística, além de se desenvolver através de uma sintaxe funcionalista, orientando-se a partir de uma classificação sociolingüística dos informantes, foi vinculada a fatores de ordem social, dentre os quais se destaca o fator **rede social fraca e forte**, conforme pensamento e metodologia de Milroy (1987) e Milroy (1992). Considerando a *universalidade* dos fatores *idade e sexo*, foram entrevistados 4 (quatro) informantes marianenses de cada uma dessas redes em duas localidades do município de Mariana, de acordo com as faixas etárias e sexo. As cláusulas adverbiais encontradas no *corpus* foram classificadas em relações semânticas: **motivo/causa, tempo, finalidade, condição, concessão, modo, conformidade e comparação**. Em ambas as redes sociais a relação adverbial mais freqüente foi a relação de *motivo*, confirmando os resultados de Lima (2002). Na rede fraca (**Rede Universitária**), a ocorrência de cláusulas adverbiais foi mais expressiva, já que do total de unidades informacionais dessa rede foram identificadas **431** cláusulas adverbiais, enquanto que na rede forte (**Rede de Familiares**) foram identificadas **390** cláusulas desse tipo. Em relação ao número de ocorrências de cláusulas adverbiais desgarradas no *corpus*, os resultados apontaram que o fenômeno do *desgarramento* se manifestou com mais freqüência na rede social forte. Os fatores sociais *idade e sexo* pareceram não ter relevância para a construção das cláusulas adverbiais desgarradas nas entrevistas realizadas.

ABSTRACT

Taking theoretical basis on functionalist assumptions this present essay had the objective **describing** the exhaustively the adverbial clauses, specially the stray adverbial clauses, in on a corpus made of data in actual Portuguese language the territory of Mariana. MG The present linguist analysis was developed through one the functionalist syntax. Taking the basis on sociolinguist classification of the informers, linked to social order factors, one can see the social weak net and the strong one. This was done, according to the thought and of Milroy (1987) and Milroy (1992) methodology. Among the factors one can put in evidence the social network factor following the thought and methodology of Milroy (1987) and Milroy (1992). Considering the universality of factors like age, sex, four informers were interviewed. They lived near the city Mariana. The adverbial clause found in the “corpus” were classified in 08(eight) groups of semantics relations: **motive/cause, time, finality, condition, permission, way, conformity and comparison**. In both social nets, the adverbial more frequent was the relation of confirmed the results in Lima (2002). In the “weak net,” (college Net), the presence of adverbial clauses was more expensive. From the total of units of information in this Net, 431 adverbial clauses were identified. On the contrary, in the strong (Families Net) 390 adverbial clauses of this kind were identified. Related to the number of presences of stray adverbial clauses in the corpus, the result indicates one. that the phenomenon of *stray* was showed more frequently in the strong social Net. The social like *age* and *sex* factors seems not to have importance to the construction of the stray adverbial clauses in the researches that were done.

INTRODUÇÃO

Pesquisas realizadas por diferentes lingüistas apontam que o fenômeno da subordinação tem sido um importante objeto de estudo. As análises feitas a partir das denominadas *orações subordinadas* têm levantado inúmeras questões e apresentado alguns questionamentos de conceitos e definições que ainda permanecem como um ponto alto de discussão entre os estudiosos. No estudo das orações subordinadas, quando o objetivo é definir, de forma coerente e consistente, o termo *subordinação*, há um número significativo de discussões que, além de apresentarem imprecisão terminológica, acabam “levando à circularidade das definições”. Quando há a tentativa de explicitar os mecanismos pelos quais se relacionam as orações, boa parte dos estudiosos da gramática de língua portuguesa utiliza critérios inconsistentes. De acordo com Lima (2002, p. 80), os termos utilizados por esses autores deveriam buscar “uma tipologia que correspondesse com mais fidelidade aos fenômenos do discurso”.

Em seu “Dicionário de Filologia e Gramática”, Câmara Jr. (1964, p. 37) define, segundo seu ponto de vista, o sentido da palavra “subordinação”:

Entende-se por subordinação, ou hipotaxe, a construção sintática em que uma oração, determinante, e pois subordinada, se articula com outra, determinada por ela e principal em relação a ela. A construção oposta é a coordenação ou parataxe.

De acordo com essa definição, o conceito de “subordinação” está ligado ao conceito de “dependência”, ou seja, a “oração subordinada” seria aquela que “depende”, seja sintática ou semanticamente, da chamada “oração principal”. Se analisarmos diversas gramáticas, de diferentes autores e épocas, vamos perceber que muitas delas fazem essa mesma relação entre *subordinação* e *dependência*: a oração subordinada seja ela, de acordo com esses manuais, *substantiva*, *adjetiva* ou *adverbial*, será aquela que “depende”, que se “submete” à outra oração, chamada de principal.

No entanto, alguns estudos sobre a subordinação questionam e argumentam que, se levarmos em conta o sentido das orações, veremos que o sentido que mais se destaca, a informação mais central, pode não estar na oração principal, mas na oração subordinada. Além disso, orações que tradicionalmente são consideradas como subordinadas e, portanto, dependentes de uma oração principal, podem aparecer sozinhas no discurso, constituindo um

enunciado de sentido completo, como mostra o exemplo de Decat (1999a): *ah, se eu ganhasse na loteria!*

Bechara (1973) afirma que “a oração principal nem sempre coincide com a determinação da idéia ou sentido principal do texto”. Dessa forma, em algumas construções como “Espero que sua esposa volte”, a idéia principal encontra-se na oração subordinada, oração esta apontada por grande parte das gramáticas como *dependente*.

Fávero (1992), adotando uma perspectiva funcionalista no que se refere aos conceitos de subordinação e coordenação e buscando apresentar propostas de revisão das classificações tradicionais, afirma que todas as orações de um período são interdependentes e que, portanto, seria incoerente a dicotomia “oração principal” e “oração subordinada”, dependente. Segundo essa autora, “somente a adoção de critérios sintáticos, semânticos e pragmáticos poderá contribuir para solucionar estas questões, pois parece irrefutável que o estudo das relações interfrásicas pressupõe um nível mais amplo que o da frase (...)” (FÁVERO, 1992, p. 61). Dentro desse ponto de vista, observa-se que todas as orações em um texto estão de, alguma forma, interligadas e que, em sua totalidade, estabelecem relações umas com as outras, constituindo entre si uma interdependência.

A partir de um ponto de vista também funcionalista, em que se busca a integração de componentes sintático, semântico e pragmático na análise dos enunciados, Decat (1993) aponta a importância que há em ir além dos “níveis sentenciais” e apontar os diferentes níveis de inter-relações existentes entre as orações:

Embora alguns linguistas ainda se prendam aos níveis sentenciais, outros há que conduzem suas análises pra um âmbito mais amplo, qual seja o do discurso, numa abordagem funcionalista, com o objetivo de verificar a inter-relação entre a configuração formal, gramatical dos enunciados (forma) e o papel que eles exercem no discurso (função), tendo em vista a função comunicativa. Nas análises mais recentes, procura-se estabelecer a relação existente entre um enunciado com o discurso antecedente e o discurso subsequente, considerando a função textual de coesão e o contexto comunicativo em que o enunciado ocorre. (DECAT, 1993, p.18)

Em muitos trabalhos publicados de base funcionalista, como em Thompson (1984), Haiman e Thompson (1984) Lehmann (1988), Hopper e Traugott (1993), Harris (1986), dentre outros, são questionadas as diversas discussões feitas acerca da caracterização do fenômeno da subordinação. De um modo geral, todos esses trabalhos, que, em sua maior parte, tomam como embasamento teórico as idéias de Halliday (1985), mostram que para tal definição e caracterização são utilizados critérios inconsistentes e que o termo *subordinação*

deveria ser substituído. Tais autores sugerem a utilização de uma tipologia mais elaborada, que considere os modos como as orações se ligam.

As pesquisas dos autores acima citados, em especial Lehmann (1988) e Hopper e Traugott (1993), apontaram que, uma vez que as orações subordinadas desempenham funções diferentes – o que sustenta a divisão que a Gramática Tradicional faz entre *subordinadas substantivas*, *subordinadas adjetivas* e *subordinadas adverbiais* -, haveria também diferentes graus de integração sintática nas articulações.

Em linhas gerais, esses autores propõem que as orações que estão ligadas, “encaixadas”, dando continuidade a algum termo da oração anterior – exercendo, por exemplo, as funções de sujeito, objeto, complemento nominal ou predicativo – são as orações subordinadas com maior grau de dependência em relação à oração a que ela está ligada. Tal grau de dependência se acentua porque esse tipo de oração está “preso” a algum termo da outra oração, configurando o “encaixamento”. Entre esses tipos de cláusulas, também chamadas de “estruturas de encaixamento”, há uma clara relação hierárquica, em que a *subordinada* é “constituente particular” da oração *principal*. As *orações subordinadas substantivas* e as *subordinadas adjetivas restritivas* são aquelas que apresentam as características acima explicitadas e que, portanto, são aquelas que apresentam o maior “grau de dependência”.

Por sua vez, há exemplos em que, apesar das cláusulas manterem uma relação de interdependência, não há entre elas um alto grau de dependência sintática, uma vez que, neste caso, a “subordinada” não está dando continuidade a um termo da outra cláusula. Dessa forma, não se pode dizer que, neste contexto, as orações são independentes entre si, mas que, no entanto, essa dependência não faz com que a oração “subordinada” esteja “presa” à outra oração. Esses tipos de cláusulas são também denominados “estruturas de hipotaxe”. As *subordinadas adjetivas explicativas* e as *subordinadas adverbiais* são aquelas que se enquadram nesse grupo de orações.

Decat (1999a) considera que a noção de *unidade de informação* possibilitaria uma melhor compreensão da noção de dependência e dos tipos que a caracterizam. Postulada por Chafe (1980), a unidade de informação – ou unidade informacional – é entendida como um “jato de linguagem”, que possui toda a informação que pode ser ‘manipulada’ pelo falante num único “estado de consciência”, segundo o termo de Kato (1985). Assim, Decat (1999a) diz “que há um limite quanto à quantidade de informação que a atenção do falante pode

focalizar de uma única vez, ou seja, a unidade informacional expressa o que está na ‘memória de curso termo’”. Ainda de acordo com esta autora,

tais unidades ou - blocos de informação – possuem, segundo Chafe (1980), cerca de sete palavras e podem ser identificadas pela entonação (contorno entonacional de final de cláusula), pela pausa (ou hesitação), ainda que breve, que as separa de outra unidade. (DECAT, 1999a, p. 27).

É também dito que as “unidades informacionais tendem a se caracterizar como constituindo uma única cláusula”, mas que, segundo Chafe, “é a entonação (contorno entonacional) o sinal mais consistente para tal identificação, ao passo que a estruturação sintática é o critério menos necessário”. (DECAT, 1999a, p. 27)

Em suas conclusões, Decat (1999a) deixa claro que a consideração de tal noção em muito auxilia perceber e compreender as diferenças de “graus de subordinação” entre as diversas cláusulas. Segundo a autora, as estruturas de hipotaxe, ou seja, as estruturas que se caracterizam por uma subordinação mais “frouxa”, mais “solta”, constituem, em função dessa *menor dependência* em relação à outra cláusula, uma **unidade de informação**. Já as estruturas encaixadas, devido seu maior grau de dependência, estão inseridas em uma mesma unidade de informação junto ao restante da cláusula, não formando, sozinha, uma unidade informacional.

Dentro de uma perspectiva funcionalista, as estruturas de *hipotaxe adverbial* são aquelas que provêm informações adicionais, que atribuem dados circunstanciais - dados estes referentes à causa, tempo, finalidade, condição, concessão, comparação – aos enunciados lingüísticos. Decat (1999a) faz uma consideração interessante acerca das orações subordinadas adverbiais na modalidade escrita da língua: devido à sua dependência menor em relação à oração anterior, estas estariam mais propícias a ocorrerem de forma “solta”, “isolada”, o que originaria aquilo que a autora chamou de “desgarramento” dessas orações. Tal fato, explicaria, segundo a autora, “a ocorrência, bastante freqüente, de cláusulas subordinadas constituindo sozinha um enunciado”.

Diante disso, podemos afirmar que *cláusulas adverbiais desgarradas* são aquelas construções que, apesar de estarem conectadas às outras cláusulas que compõem a rede semântica de todo texto, formam isoladamente uma unidade de informação, constituindo um contorno entonacional completo.

Embasando-se teoricamente nos pressupostos apresentados, o objetivo desta dissertação é descrever, a partir de uma sintaxe funcionalista, a realização de cláusulas adverbiais na modalidade oral da língua portuguesa mineira contemporânea. A análise exaustiva de cada uma das cláusulas adverbiais no *corpus* tem como alvo principal descrever as ocorrências de *cláusulas adverbiais desgarradas*. É importante destacar que, para o presente trabalho, o *corpus* foi organizado através de uma metodologia, de coleta e classificação de dados, orientada por pressupostos sociolinguístas, conforme será mais bem explicitado a seguir.

Para descrever e caracterizar as cláusulas adverbiais, a noção de **unidade de informação** – conforme teoria proposta por Chafe (1980) e elucidada por Decat (1999a) – é de suma importância, já que todo o *corpus* foi dividido em *unidades informacionais*, e, a partir dessas unidades, foram identificadas e coletadas as cláusulas adverbiais. Como foi visto, a pausa é um critério importante para se identificar o limite existente entre as diferentes unidades de informação. Partindo dessa afirmação, é relevante destacar que para estabelecer o limite entre uma unidade informacional e outra, utilizou-se o critério *pausa de final de frase*. Isso quer dizer que, entre uma unidade e outra, o informante apresenta uma queda no contorno entonacional, que é percebido auditivamente. Logo que a outra unidade se inicia, esse contorno da entonação volta a ascender.

Como será mais claramente discutido a seguir, um dos objetivos principais do trabalho – unindo a teoria funcionalista de análise linguística aos pressupostos sociolinguístas baseados nos estudos de redes sociais, conforme teoria de Milroy (1987) e Milroy (1992) – é comparar a realização das cláusulas adverbiais em dados de rede social fraca – denominada, aqui, *Rede Universitária* – e rede social forte – denominada *Rede de Familiares*. Para tal estudo comparativo, após identificar as cláusulas adverbiais, buscou-se detectar em qual das duas redes há um número maior de ocorrências de cláusulas adverbiais desgarradas (**ADE**). Dessa forma, os quadros comparativos de cada uma das redes, que serão mostrados no terceiro capítulo, apresentam o número de ocorrências de adverbiais desgarradas com conectivo (**ADEC**), assim também como o número de ocorrências de adverbiais desgarradas sem conectivo (**ADES**), tanto a partir de dados da rede social fraca quanto da rede social forte.

A utilização do número de cláusulas adverbiais desgarradas como ponto de referência na comparação entre uma rede social e outra parte do estudo de Decat (1999a), a partir da modalidade escrita da língua, sobre o fenômeno do desgarramento – cláusulas isoladas,

constituindo, sozinhas, uma unidade de informação. Assim, buscando observar o mesmo fenômeno na modalidade oral da língua, realizou-se a presente análise.

Para uma maior compreensão acerca dos conceitos de *rede social fraca*, *rede social forte*, além de outros pontos referentes ao modelo social de análise utilizados na presente pesquisa, serão apresentadas, a seguir, algumas considerações iniciais, as quais serão mais detalhadamente apresentadas no segundo capítulo.

O estudo das cláusulas adverbiais a partir de uma abordagem social

Para a análise lingüística, é de suma importância reconhecer a heterogeneidade da língua e que esta diversidade é o próprio reflexo da variabilidade dos diferentes grupos sociais e das diferenças nos usos das variantes lingüísticas. O presente trabalho levará em conta a diversidade lingüística na escolha e organização do *corpus* de língua falada portuguesa contemporânea. Com base neste *corpus* de língua oral espontânea, serão analisadas as cláusulas adverbiais - focalizando o fenômeno do *desgarramento* - segundo a abordagem funcionalista já mencionada, verificando como se processa a realização dessas construções entre 8 (oito) informantes da cidade de Mariana (MG), membros de diferentes *redes sociais*. Dos 8 (oito) informantes entrevistados, 4 (quatro) deles pertencem a uma *rede social forte* e os outros 4 (quatro) a uma *rede social fraca*, conforme o modelo teórico social de Lesley Milroy (1987) e as pesquisas também realizadas por James Milroy (1992).

Alguns trabalhos, como os de Alves (2008), Carvalho (2008) e Mendes (2009), também exploraram os estudos e pesquisas sobre as redes sociais e, apesar de não se orientarem a partir de uma sintaxe funcionalista como ocorre na presente pesquisa, também consideraram esse modelo social de análise.

Milroy (1992)¹ desenvolve sua pesquisa levando em conta fatores extralingüísticos, como *sexo, idade, área e redes sociais*, não pré-estabelecendo, para a análise lingüística, diferentes classes sociais, como ocorre no modelo social de Labov. Para Milroy (1992), esses fatores sociais são *universais*, uma vez que são encontrados em qualquer comunidade de fala de qualquer período histórico. Segundo o autor, tais fatores, portanto, devem ser analisados primeiramente, independentes de outros fatores sociais, como, por exemplo, a classe social dos informantes. As redes sociais, foco maior da pesquisa desse autor, são aquelas que irão caracterizar, identificar e sustentar as interações entre os falantes.

¹MILROY, James. *Linguistic variation and change. On the historical sociolinguistics of English*. GB: Brasil Blackwell, 1992.

Segundo esse modelo social de análise, quando a variação e mudança lingüísticas são tratadas a partir de diferentes classes sociais pré-estabelecidas, não se mostram, de fato, as diferenças de uso da língua em cada grupo social, o que na verdade é possível observar, quando se considera a existência de diversas redes sociais entre os indivíduos de uma mesma área.

Assim, Milroy (1992) afirma que uma pesquisa que parte do ponto de vista das redes não realiza pré-suposições acerca do grupo social a ser pesquisado; o único fator que o pesquisador tem de antemão é a existência das mesmas.

As redes sociais estabelecidas entre os indivíduos podem ser, segundo Lesley Milroy (1987) e James Milroy (1992), *fortes* ou *fracas*, dependendo do grau de “estreitamento de laços” entre os seus membros. Assim, quanto mais próximos são os indivíduos e quanto mais íntimos são os seus laços, mais forte é a rede social da qual eles participam. É dentro dessas redes sociais que os falantes irão estabelecer sua própria norma lingüística, a qual também irá caracterizar e distinguir esse grupo social. As redes fracas, por sua vez, são aquelas que estão abertas às influências externas, em que os indivíduos são socialmente ou geograficamente móveis, não mantendo entre si laços “próximos”, “estreitos”.

É interessante ainda destacar que Milroy (1992) afirma que nas regiões rurais, com população em menor número e com uma cultura mais conservadora, a língua tende a se manter, desfavorecendo a mudança lingüística. Diante desse quadro, podemos dizer que o crescimento da urbanização tende a enfraquecer as redes sociais, fazendo com que a norma lingüística do grupo resista menos às transformações, acelerando os processos de variação e mudança lingüísticas.

Dessa forma, como destacado anteriormente, dentro dessa perspectiva social da linguagem, compara-se aqui a realização das cláusulas adverbiais em dados desses dois tipos de redes, apontando as características próprias de cada uma delas, o que evidencia o cunho descritivista desta dissertação.

Considerando os fatores *idade*, *sexo*, *área* e *rede social*, como apresentado pelo modelo baseado no estudo de redes, no presente estudo, entre os 4 (quatro) informantes marianenses de cada tipo de rede social, há 2 (dois) informantes do *sexo masculino* e 2 (dois) informantes do *sexo feminino*. Quanto ao fator *idade*, os informantes estão distribuídos entre as faixas etárias de *jovens* (22 a 35 anos) e *idosos* (49 a 60 anos).

Seleção do *corpus* e metodologia

O instrumento utilizado na composição do *corpus* foi a entrevista sociolinguística (individual), de trinta minutos de duração cada, gravada com informantes nascidos na região de Mariana (MG). Para cada entrevistado foi preenchida uma ficha com os seguintes dados: nome, idade, sexo, área – especificando nesse último item se o informante reside na cidade de Mariana ou no Distrito de Cachoeira do Brumado, o qual pertence à mesma cidade – e, por último, o tipo de rede social à qual pertence o entrevistado – se forte ou fraca.

Quatro entrevistas já estavam disponíveis no acervo do ICHS/UFOP e estas, assim como as outras quatro entrevistas, têm como temas centrais: a) vida acadêmica e profissional; b) gostos e preferências pessoais; c) política governamental marianense; d) patrimônio histórico das cidades de Mariana e Ouro Preto e do distrito de Cachoeira do Brumado; e) religião e cultura dessas mesmas cidades; f) perigo de vida; g) ou ainda, fatos ocorridos na infância e na adolescência.

É preciso destacar que a seleção, realização e organização das entrevistas foram orientadas a partir da consideração dos conceitos de *rede social forte* e *rede social fraca* sustentados pelo modelo teórico de Lesley Milroy (1987) e James Milroy (1992). Tendo em vista as características de cada uma dessas redes, foram selecionados quatro informantes que moram na cidade de Mariana e pertencem a uma **rede social de universitários**, na qual esses quatro membros, apesar de estarem sempre em contato devido ao ambiente comum que freqüentam – o ICHS/UFOP -, não estabelecem entre si um grau significativo de “estreitamento de laços”, caracterizando a existência de uma **rede social fraca**. Na busca de informantes de rede social forte, foram entrevistados quatro informantes que moram no distrito marianense de Cachoeira do Brumado. Tais informantes, unidos por diferentes graus de parentesco, pertencem a uma grande família cujos membros foram os primeiros a residirem no distrito. Portanto, os informantes dessa **rede social de familiares** mantêm entre si laços íntimos, de significativa proximidade, caracterizando a existência de uma **rede social forte**.

Na composição do *corpus*, foram considerados informantes tanto do sexo masculino, quanto do sexo feminino. As faixas etárias são as seguintes:

- a) Informantes jovens: 22 a 35 anos
- b) Informantes idosos: 49 a 60 anos

Após estudo e análise do quadro teórico tanto da proposta funcionalista quanto da proposta do modelo social de análise baseado em redes sociais, para a análise do presente *corpus*, passou-se às seguintes atividades:

1. Realizadas todas as entrevistas definidas para a análise, separou-as em dois grupos: 1) entrevistas de **rede social forte** e 2) entrevistas de **rede social fraca**. Todos os textos das transcrições, de ambas as redes, foram divididos em *unidades de informação*, utilizando como critério, para delimitação das mesmas, a *pausa de final de frase*, que caracteriza um *contorno entonacional completo*, conforme teoria proposta por Chafe (1980);
2. Divididas as unidades de informação, foram analisadas e identificadas as relações de sentido estabelecidas entre as mesmas;
3. Identificados e reconhecidos os diferentes tipos de cláusulas adverbiais encontrados no *corpus*, passou-se a quantificar o número de ocorrências de cada um deles, formalizando um “mapeamento” do uso dessas construções lingüísticas;
4. Classificadas e quantificadas as cláusulas adverbiais, apontou-se as características de sua realização nos textos analisados. Assim, além de sua quantificação, cada um dos tipos de adverbiais teve suas características apresentadas dentro dos respectivos contextos em que foram produzidos. È importante destacar que na coleta e quantificação dessas construções foram considerados enunciados com conectivos explícitos, como no exemplo (1), extraído do *corpus* sob análise:

Exemplo 1

1. Meu nome é M.M.S... tenho 22 anos e atualmente curso letras na UFOP estou no quinto período.

Doc: Por que você optou pelo curso de letras?

2. Na verdade eu queria farmácia

3. Eu fiz vestibular

4. Aí fiquei como excedente

5. E:: na verdade num deu... pra passar

6. Então depois eu decidi fazer letras **porque** eu gostava muito de escrever na época eu gostava muito de ler... tinha uma expressão oral muito boa DIZIAM.

7. Então por isso que eu optei pelo curso de letras chequei aqui fiquei meio decepcionada **porque num era aquilo que eu esperava.**

8. **Porque** eu gostava muito de gramática também chego aqui poxa num tem nada a ver com gramática fiquei meio assustada por causa disso também. (I1G1FRU)

E também enunciados em que a relação adverbial entre os textos era evidente, apesar da ausência de um conector formal, como ocorre no exemplo (2), em que é estabelecida uma relação causal:

Exemplo 2

Doc: Ah entendi ah... com relação agora o com relação mudando prum assunto de política com relação ao governo do PT que que cê tá achando do desempenho do governo do PT?

105. Horrível.

106. Primeiro porque eu votei nele obrigada.

107. De tanto as pessoas ficarem falando vota no Lula vota no Lula na hora que eu cheguei pra votar eu apertei o 13 quando eu vi eu já tinha feito isso já tinha votado sem vontade mesmo. (I1G1FRU)

5. Identificados os diferentes tipos de construções adverbiais, passou-se a identificar e quantificar as *cláusulas adverbiais desgarradas* e a caracterizá-las dentro dos contextos em que apareciam, a partir da rede social forte e fraca;
6. Por fim, após quantificação dos dados e discussão dos resultados, foi realizada uma análise comparativa entre as realizações de cláusulas adverbiais – desgarradas e não desgarradas - encontradas na fala de informantes de *rede social forte* e *rede social fraca*.

É relevante dizer ainda que cada um dos exemplos apresentados neste trabalho está devidamente identificado. Logo após a apresentação do exemplo 1 e 2 encontramos, por exemplo, a identificação **I1G1FRU**, a qual deve ser entendida da seguinte maneira: “I1” significa *primeiro informante*; “G1” significa que este informante pertence à *primeira faixa etária*, ou seja, a dos *jovens*; “F” refere-se a expressão *sexo feminino* e, por último, “RU” significa que este informante pertence a *Rede Universitária*. Seguindo essa mesma organização, “G2” significa *segunda faixa etária*, “M” significa *sexo masculino* e “RF” refere-se à *Rede de Familiares*.

O texto integral das transcrições de cada uma das oito entrevistas realizadas encontra-se disponível na seção de *anexos* da presente dissertação, permitindo ao leitor consultar os textos completos dos exemplos apresentados. Como será visto, todos esses textos orais estão

divididos em unidades de informação, conforme procedimento metodológico já anteriormente esclarecido.

Para a transcrição dos dados, foram adotadas algumas convenções, as quais estão especificadas no quadro a seguir:

Quadro 1: Convenções adotadas para transcrição dos dados

Ocorrências	Sinais
...	Pausa
[Início de sobreposição de fala
]	Finalização de sobreposição de fala
.	Entonação descendente, indicando finalização do enunciado.
,	Entonação contínua, indicando prosseguimento da fala.
?	Enunciado com entonação de pergunta
↑	Subida no contorno prosódico
↓	Descida no contorno prosódico
::	Alongamento de vogal (quanto mais : maior o alongamento)
–	Corte na fala ou auto-interrupção
MAIÚSCULA	Forte acento ou ênfase no volume da voz
“palavras”	Trecho entre aspas indica fala relatada.
(())	Comentários do analista
(palavras)	Transcrição duvidosa
()	Transcrição impossível

Além desta introdução, este trabalho apresenta mais quatro capítulos, com a seguinte organização:

No primeiro, intitulado *As cláusulas adverbiais: de uma perspectiva tradicional para propostas de base funcionalista*, é feita uma revisão da literatura sobre as cláusulas adverbiais, tomando como ponto de partida a forma como estas são consideradas nos manuais de língua portuguesa, o que corresponde apresentá-las segundo uma perspectiva tradicional. Em seguida, essas construções são apresentadas a partir do ponto de vista da teoria funcionalista, buscando apontar as principais diferenças e implicações dessas duas perspectivas teóricas. Esse segundo capítulo também destaca algumas discussões acerca da

cláusula adverbial e seu *desgarramento*, apresentando alguns trabalhos já realizados sobre as mesmas na língua falada.

O segundo, intitulado *Uma proposta de análise das cláusulas adverbiais a partir dos estudos de redes sociais*, cumpre a função de apresentar o modelo teórico social que considera, para análise lingüística, a existência de redes sociais, conforme proposto por Lesley Milroy (1987) e James Milroy (1992). Nesse capítulo, é também elucidada a proposta do presente trabalho de realizar um estudo comparativo entre as características das realizações das cláusulas adverbiais – desgarradas e não desgarradas - encontradas na fala de informantes de *rede social forte* e *rede social fraca*.

O terceiro, que tem como título *As cláusulas adverbiais na língua falada de Mariana (MG)*, apresenta a análise das cláusulas adverbiais, encontradas na fala dos informantes da região de Mariana (MG), aplicando o conceito de *unidade de informação* e considerando a existência das redes. A análise focaliza as *construções adverbiais desgarradas*, de forma a utilizá-las como ponto de comparação entre os resultados de rede social forte e rede social fraca.

Após a análise e interpretação dos dados no terceiro capítulo, seguem as *conclusões*, que se apresentam no quarto e último capítulo.

Lima (2002, p. 18) afirma que

um rápido levantamento bibliográfico sobre o assunto mostra que a grande maioria dos trabalhos publicados, de variadas correntes teóricas, toma como objeto de análise a língua escrita, sendo poucos estudos que põem em exame a hipotaxe adverbial com base em um corpus de língua falada, e menos ainda do português falado.

Dessa forma, pretende a presente dissertação ser uma contribuição ao conhecimento da sintaxe adverbial da língua falada no município de Mariana, em Minas Gerais, vindo a preencher parte dessa lacuna apontada por Lima. Além disso, analisando um *corpus* de língua oral espontânea, o presente trabalho descreve novos aspectos acerca das funções e configurações gramaticais das denominadas *cláusulas adverbiais desgarradas*.



Foto 1: Instituto de Ciências Humanas e Sociais da UFOP

CAPÍTULO 1

AS CLÁUSULAS ADVERBIAIS: DE UMA PERSPECTIVA TRADICIONAL PARA PROPOSTAS DE BASE FUNCIONALISTA

1.1 A definição de *Hipotaxe*

A palavra *hipotaxe* origina-se do grego “hypotaxis (hypo = ‘sob’; táxis = ‘ordem’), significando, portanto, terminologicamente ‘submissão’, sujeição” (DECAT, 1993, p. 25).

O termo *hipotaxe* muitas vezes está associado ao termo *subordinação*, palavra que também aparece como sinônimo de *dependência*. Carreter (1968) define hipotaxe como o “termo freqüentemente empregado como sinônimo de subordinação”, definindo essa última como “relação que se estabelece entre duas ou mais orações no interior de uma oração composta, quando uma delas, chamada oração subordinada, depende lógica e gramaticalmente da outra, chamada oração principal”.

Decat (1993) destaca que dessa fusão de termos e conceitos – *hipotaxe* como *subordinação* e esta como *dependência* – emergem muitos problemas, já que tais termos merecem, separadamente, uma discussão e definição. Além disso, Decat também destaca que os autores “não deixam claro o estatuto da hipotaxe”, ou seja, ora se referem a ela como “relação”, ora como “procedimento gramatical”. Dessa forma, não é elucidado “se a hipotaxe (ou subordinação, por ora) é um fenômeno da gramática ou se constitui simplesmente um mecanismo, uma estratégia de combinação (articulação) de cláusulas, sendo seu uso determinado pela opção do falante” (DECAT, 1993, p. 28).

Ainda de acordo com Decat (1993, p. 28 e 29), “as próprias análises dos gramáticos demonstram (...) tratar-se a *subordinação* de um conceito mais adequado para a análise da língua escrita, porque nessa modalidade esse ‘processo’ (ou esse ‘fenômeno’) seria mais evidente”.

1.2 O problema da distinção entre *coordenação/subordinação*

Entre os estudos lingüísticos, alguns autores, que tiveram a articulação das orações como objeto de estudo, dedicaram parte de seu trabalho à tarefa de apresentar a diversidade de quadros teóricos que circundam o tema da *subordinação*. A maior parte dessas pesquisas evidencia o fato de que os conceitos de subordinação apresentados, em sua maioria, são

circulares e conflitantes e que, conseqüentemente, estes conceitos não contribuem para a compreensão e estudo das relações intra e interoracionais.

Partindo dos manuais de língua portuguesa e caminhando em direção aos trabalhos de autores lingüistas que visitam essas obras, encontramos um tema bastante problemático dividido por esses estudiosos: a distinção entre *coordenação* e *subordinação*. Grande parte das gramáticas tradicionais não faz distinção entre os termos “subordinação” e “hipotaxe”, sendo muito comum a utilização de um termo pelo outro. Dessa forma, *subordinação* é associada à *hipotaxe*, assim como *coordenação* é associada à *parataxe*. Além disso, o conceito de subordinação, nestes manuais, está diretamente relacionado ao conceito de *dependência*, uma vez que a oração subordinada é aquela que *depende* da oração principal. Enquanto isso, o fenômeno da coordenação é caracterizado como aquele em que as orações são independentes entre si. No entanto, a noção de dependência que norteia esses conceitos acaba levando à circularidade das definições, uma vez que essa dependência ora é formal, sintática, ora é semântica.

Outra noção que tem orientado as distinções entre coordenação e subordinação é a noção de *seqüencialidade*. De acordo com Decat (1993, p. 33) “para Câmara Jr., tal diferenciação se baseia no fato de as orações tidas como independentes poderem se coordenar em seqüência”. De acordo com Said Ali (1966), a “língua primitiva” apresenta uma “feição paratática”, uma vez que nesta “as proposições eram empregadas umas após outras”, apresentando todas estas “a forma de orações principais”. No entanto, mesmo nessa língua primitiva, havia, segundo o autor, “algumas proposições que eram subordinadas a outras, que as completavam, que as determinavam”. Partindo dessa perspectiva é que se configura o postulado de que a hipotaxe – ou subordinação – procede da parataxe – ou coordenação. De acordo com Decat (1993), essa posição também é defendida pela lingüística moderna, como nos trabalhos de Givón (1979). Acerca desse assunto, Decat ainda afirma:

A partir do desenvolvimento do sistema de conjunções, a diferença entre aquelas proposições, antes percebida pelo sentido, passou a ser estabelecida pela forma. Dessa maneira, tornou-se possível, como aponta Said Ali, detectar não só as variedades de parataxe como também diferenciá-la da hipotaxe. (DECAT, 1993, p. 39)

Como também observado na citação acima, alguns gramáticos da língua portuguesa vinculam a hipotaxe ao surgimento das conjunções e utilizam a existência desses conectivos como parâmetro para a distinção entre coordenação/parataxe e subordinação/hipotaxe. Assim, a presença da conjunção é considerada como marca de subordinação, ou - como nos termos de

Cardoso (1944, p. 251) – “a carta de dependência ou subordinação da proposição”. No entanto, como claramente mostrado por Decat (1993), tal parâmetro não é seguro e coerente, uma vez que outros gramáticos e estudiosos da língua apresentam exemplos de subordinação sem a presença da conjunção. Para sustentar essa consideração, Decat (1993) aponta que a ausência de conjunção em estruturas do tipo “Tivesse eu chegado tarde, teria perdido o concurso”, “não elimina a relação adverbial, ainda que semântica, existente entre as orações, e nem mesmo permite a postulação de que essas estruturas são caso de parataxe (se essa for identificada com coordenação)” (DECAT, 1993, p. 39).

Ainda sobre essa questão, percebe-se que essa associação – hipotaxe, *presença* de conjunção e parataxe, *ausência* de conjunção - não fica clara nas abordagens de alguns gramáticos:

Said Ali, por exemplo, ao mesmo tempo em que identifica a parataxe com ausência de conectivo, postula que as variedades de parataxe serão dadas pelas conjunções, as quais terão também o papel de diferenciar parataxe de hipotaxe. Tal postulação parece pelo menos contraditória. (DECAT, 1993, p. 39).

Outro parâmetro problemático utilizado pelos gramáticos para se identificar a subordinação é o que aponta a oração subordinada como aquela que “exerce uma função em outra oração”. Diante disso, é importante destacar que as orações adverbiais nem sempre exercem uma função em outra oração.

Apesar de tantas definições conflitantes e pouco esclarecedoras, Decat (1993, p. 40) admite que algumas análises tradicionais, de certa forma, apresentam “intuições cuja ressonância se fará sentir em tratamentos mais modernos”. Bechara (1966), por exemplo, critica a permanência na Nomenclatura Gramatical Brasileira da tradicional oposição entre coordenação e subordinação. Para Bechara, em suas análises, o que parece de fato importar é o tipo de combinação de orações que se realiza, ou seja, o foco deve estar sobre a “conexão inter-oracional”. Os estudos de Pereira (1954) também parecem se preocupar com a “relação existente entre as orações”, dando menos atenção à forma como se combinam, em especial no que se refere à presença ou ausência de conjunções.

Após realizar um extenso estudo acerca dos temas coordenação e subordinação através das gramáticas tradicionais, Decat (1993) conclui:

Resta observar que a forma como são apresentados, pelas abordagens tradicionais, os conceitos discutidos até aqui mostrou-se inadequada, uma vez que, além de circulares, as definições envolvem outros conceitos e noções - por exemplo, a noção de dependência – os quais precisam de ser melhor definidos. Dizer

simplesmente que uma oração é subordinada nada esclarece sobre a sua natureza ou sobre o tipo de relação existente entre ela e a outra a que se subordina. Mesmo quando os termos subordinação e hipotaxe são usados alternadamente um pelo outro, nada é elucidado. (DECAT, 1993: 40)

Propondo uma revisão dos conceitos de coordenação e subordinação à luz da Lingüística textual, Fávero (1992) apresenta diversos exemplos de orações coordenadas e subordinadas que não podem ser, de fato, explicados pelas análises dos manuais tradicionais. Como tantos outros lingüistas, esta autora defende a idéia de que todas as orações em um texto são “semântica e pragmaticamente interdependentes” e que, portanto, é incoerente considerar que uma oração seja “principal” e outra “subordinada”, já que, no uso efetivo da língua, há entre todas elas uma relação de interdependência.

Lima (2002), em sua tese sobre as relações hipotáticas adverbiais na interação verbal, também discute questões e problemas acerca dos conceitos de coordenação e subordinação. Segundo essa lingüista, ao utilizarem os termos “coordenada” e “subordinada”, os autores pecam com a imprecisão terminológica, já que ora esses termos “são apresentados como designativos de duas **classes** que se opõem, e cujas diferenças se definem (...) pelo tipo de entrelaçamento sintático que ocorre entre as orações”, ora são apresentados como designativos “de uma **função** que uma oração desempenha em outra” (LIMA, 2002, p. 70 e 71).

Sobre os critérios utilizados pela tradição gramatical ao apresentar esses conceitos, Lima (2002) aponta três principais. O primeiro refere-se à “dependência ou independência das orações”, que, conforme visto anteriormente, Decat (1993) o aponta como muito comum entre os gramáticos, além de destacar a imprecisão do conceito de “dependência”. A partir desse critério, os gramáticos afirmam que as *orações independentes* (coordenadas) “podem existir por si mesmas”, enquanto que nas *orações dependentes* (subordinadas), “um pedaço de informação fica subordinado a outro”. Mais uma vez, destaca-se, aqui, a falta de clareza dos autores em apontar se essa dependência é *estrutural* ou *semântica*.

A partir dessa perspectiva, a gramática tradicional, portanto, considera que orações subordinadas, sendo dependentes, não podem existir por si mesmas. De um ponto de vista contrário, Decat (1999a) apresenta exemplos do tipo “ah, se eu ganhasse na loteria”, em que uma tradicional “subordinada adverbial condicional” pode “aparecer e funcionar no discurso como enunciado completo”, ou seja, sem necessitar de uma “oração principal”. Além disso, tratar a oração “subordinada” como “dependente” e avaliá-la como uma oração “de sentido secundário” não procede, já que numa “perspectiva funcional discursiva (...), não há como se

falar em ‘papel menos importante’ de nenhuma oração, pois todas contribuem conjuntamente para a obtenção dos sentidos propiciados pela dinâmica da interação” (LIMA, 2002, p. 73 e 74).

Sobre a imprecisão da palavra *dependência* e a influência disso sobre professores e alunos de língua portuguesa, Lima (2002) ainda afirma:

Sabe-se que independência estrutural nem sempre corresponde a independência semântica. Por isso, analisando-se o que a gramática faz constar sob o rótulo de “coordenação”, o que se percebe é que, se o critério a ser utilizado for o da (in) dependência, não será tarefa fácil, para os professores, expor os motivos que justificam a presença, nesse grupo, das chamadas “explicativas” e “conclusivas”, as quais pressupõem – o que se evidencia até mesmo na terminologia – a obrigatoriedade de um conteúdo proposicional anterior, já que explicações e conclusões são dadas a partir de algo anteriormente enunciado, ainda que não faça parte da mesma estrutura. (LIMA, 2002, p. 73)

O segundo critério é aquele em que a distinção entre oração coordenada e oração subordinada é feita a partir da “análise do tipo de conjunção presente na composição do período”. Assim, orações coordenadas terão “conjunções coordenativas” e orações subordinadas terão “conjunções subordinativas”. Por sua vez, essas conjunções são definidas como “aquelas que compõem o período composto por coordenação e subordinação”, respectivamente. Lima (2002, p.74) diz que “tal circularidade faz que essas definições sejam absolutamente descabidas, e conduz os alunos à prática da memorização de listas de conjunções”.

Além disso, é necessário lembrar que uma determinada conjunção não é exclusiva de uma relação ou de outra, não podendo distinguir, com precisão, coordenação de subordinação. Destacando a importância do *contexto* que abriga esses conectivos, vários estudos “têm demonstrado que uma mesma conjunção pode adquirir nuances particulares em diferentes contextos, conferindo ‘tonalidades’ de sentido aos enunciados que integra” (LIMA, 2002, p. 75). Contrariando a prática da gramática tradicional de ter as conjunções como “bandeira” de identificação da oposição coordenação/subordinação, Guimarães (1987, p. 37) considera que a escolha de uma conjunção pelo falante não é feita “a partir de uma concepção de coordenação/subordinação que estaria em sua mente”, mas sim, “de acordo com a orientação argumentativa que deseja imprimir em seu discurso”.

Dessa forma, de acordo com as discussões feitas por Decat (1993), Lima (2002) explicita que “presença ou ausência de conectivos, então, não é critério definidor de subordinação/coordenação ou de hipotaxe/parataxe”.

No terceiro critério afirma-se que:

(...) na “coordenação”, cada oração, sendo “independente”, não desempenha função sintática na outra, havendo assim, um “paralelismo de funções”. Já na “subordinação”, a oração “dependente” desempenha uma função sintática em relação à “principal”. (LIMA, 2002, p. 77)

Lima (2002) afirma que esse critério justifica a divisão que a gramática tradicional faz das orações subordinadas em “substantivas” – exercem a função sintática geralmente desempenhada pelo *sintagma nominal*: sujeito, complementos verbais (objeto direto e indireto), complemento nominal e aposto -; “adjetivas” – exercem a função de adjuntos adnominais, função desempenhada pelo *adjetivo* – e “adverbiais” – funcionam como o *advérbio*, exercendo a função sintática de adjuntos adverbiais.

A questão mais séria que se configura a partir dessa “tripartição” é que os manuais de língua portuguesa acabam por colocarem no grupo das “subordinadas” orações que estabelecem relações muito híbridas – relações de encaixamento, relações em que as orações não incidem diretamente sobre o verbo, mas sobre um elemento nominal, ou relações em que as orações não são partes constituintes de outras, como no caso daquelas que representam uma circunstanciação -, não fazendo distinção entre as mesmas e, por vezes, simplificando-as e as distanciando do que de fato acontece nos contextos reais de uso da língua.

Sobre esse “hibridismo de relações” – utilizando os termos de Neves (1997a) -, Lima (2002) aponta:

Assim, abrigar essas distintas relações sob um rótulo único, e dar-lhes tratamento homogêneo, em nada contribui para a compreensão do que realmente se faz quando se opera cada um desses mecanismos para articular orações. Além disso, quando se tenta aplicar esses dois rótulos – coordenação e subordinação – à variedade de recursos empregados para relacionar orações na constituição dos enunciados, percebe-se de imediato que essa dicotomia configura-se como uma simplificação, e por isso tem sido insuficiente para explicar todas as possibilidades de articular orações em contextos reais de emprego da língua. (LIMA, 2002, p.80)

Diante das considerações realizadas pelos vários lingüistas e outros estudiosos da língua, não se tem dúvidas da complexidade dos conceitos aqui discutidos. No entanto, mais clara do que a complexidade que envolve o tema da coordenação e subordinação é a insuficiência que as análises tradicionais têm apresentado no que diz respeito ao tratamento da articulação de orações. A seguir serão apresentadas algumas considerações específicas ao que se refere às denominadas “orações subordinadas adverbiais”. Será explicitado, de forma

breve, como alguns gramáticos tradicionais têm tratado esse tipo de oração e como, mais uma vez, é sentida uma necessidade de ampliação e aprofundamento desses estudos.

1.3 As orações subordinadas adverbiais nas Gramáticas Tradicionais de Língua Portuguesa

Após apresentação geral das questões e problemas que cercam o tema da coordenação/subordinação, uma vez que o presente trabalho analisa as relações adverbiais na modalidade oral da língua, é interessante apresentar, especificamente, algumas considerações sobre as *subordinadas adverbiais* nos manuais de língua portuguesa. A maior parte dos gramáticos define as subordinadas adverbiais como aquelas que exercem a “função” de adjunto adverbial da oração a que se subordinam. O uso da palavra *função* para conceituar a oração subordinada, aqui, remete-nos ao que Lima (2002) – como anteriormente apontado – chama de “imprecisão terminológica”, destacando que o termo “subordinada” ora é designativo de uma “classe”, ora é designativo de uma “função”.

Nas definições apresentadas pelos gramáticos, é clara a idéia de que, assim como os outros tipos de subordinada, as adverbiais são “dependentes” de outra oração principal. Assim, reconhece-se a consideração implícita de que uma subordinada adverbial não pode, por si só, “aparecer e funcionar no discurso como enunciado completo”. Tal consideração, no entanto, não é sustentada pelo estudo de Decat (1999a), que apresenta exemplos de subordinadas adverbiais que não estão “apoiadas” por uma oração principal.

Dentre as gramáticas pesquisadas, nenhuma delas apontou o fato de que as relações estabelecidas pelas *adverbiais* – orações que não são partes constituintes de outras – são diferentes daquelas estabelecidas pelas *substantivas* – orações que estabelecem relações de encaixamento, ou seja, que pertencem à estrutura argumental do verbo da outra oração – e pelas “adjetivas” – aquelas que incidem sobre um elemento nominal da outra oração. Dessa forma, “a gramática tradicional faz caber, na mesma classe, rotulada de ‘subordinação’, relações muito distintas” (LIMA, 2002, p. 78)

Carreter (1968, p. 55) aponta que dentre as orações subordinadas há a “relação exocêntrica”, aquela que “une os elementos de um sintagma progressivo”, em que, segundo Decat (1993, p. 25), “o valor sintático de um sintagma é representado por uma só palavra”. Ainda de acordo com esta última autora, este fato é o que “leva à definição, por exemplo, de uma oração adverbial como aquela que tem o mesmo valor sintático de um advérbio”.

Alguns autores, como Nicola e Infante (1997) e Neto e Ulisses (1998), chegam a dizer que a classificação das orações subordinadas adverbiais é feita do mesmo modo que a classificação dos adjuntos adverbiais. De acordo com esses mesmos autores, a diferença está na quantidade, já que há nove tipos de orações subordinadas adverbiais, enquanto os adjuntos adverbiais são pelo menos quinze.

Said Ali (1966, p. 272), fazendo essa mesma comparação entre os adjuntos adverbiais e as orações adverbiais, considera que “as adverbiais, se bem abrangem as espécies de tempo, lugar, modo e outras, como na divisão do advérbio, compreendem também algumas que não se enquadram nesta categoria léxica”.

Alguns lingüistas, no entanto, consideram problemático afirmar que as “adverbiais” exercem a função sintática de “adjunto adverbial” na outra oração e até mesmo a aproximação que se faz entre esses dois elementos lingüísticos. Sobre esta questão, Lima (2002) faz as seguintes afirmações:

(...) poder-se-ia dizer que a explicação de que uma “oração adverbial” funciona da mesma maneira que um advérbio não se sustenta, principalmente porque a classe dos advérbios é extremamente complexa, e muito há ainda a ser pesquisado sobre o seu real funcionamento na língua. Castilho (1993) a considera uma “classe multifuncional”, que embora tenha modificação o seu traço mais forte, não se explica por esse processo em muitos dos casos em que aparece no discurso. (LIMA, 2002, p. 78)

É interessante observar que algumas análises tradicionais afirmam que a subordinada adverbial exerce a função de adjunto adverbial de outra “**oração**”, enquanto que outras análises afirmam que esta mesma função é exercida sobre o “**verbo**” da outra oração. Encontra-se nessa definição um problema: há exemplos em que o adjunto adverbial modifica diretamente o verbo da oração e outros exemplos em que o adjunto adverbial modifica a oração inteira. Dentre as subordinadas adverbiais, são encontrados diversos exemplos em que estas modificam toda a outra porção de texto e não somente o sintagma verbal. Dessa forma, não é a mesma coisa dizer que a subordinada adverbial modifica o verbo e que a subordinada adverbial modifica toda a oração. Tal questão evidencia que essas definições fazem uma espécie de “fusão” de conceitos que, além de confusa, é também equivocada.

Para diferenciar as adverbiais dos outros tipos de subordinadas é evidente o “apelo” que os gramáticos fazem em favor de se observar as denominadas “conjunções subordinativas”. Todas as gramáticas tradicionais revisitadas pelo presente estudo apresentaram a afirmação de que quando desenvolvidas, “as adverbiais são iniciadas pelas conjunções subordinativas”, excluindo as conjunções integrantes que, segundo esses

gramáticos, são “**índices** das orações substantivas”. O uso da palavra “índice” por esses autores evidencia o fato de que os mesmos vêem a conjunção como aquela que identifica, que determina o tipo de oração encontrada. Como discutido em 1.2, utilizar as conjunções como “detector” do tipo de oração não procede, uma vez que tal atitude pode “levar a uma interpretação desviante, pois é evidente que as conjunções não são exclusivas de uma relação ou de outra” (LIMA, 2002, p.75).

As gramáticas ainda apontam que as subordinadas adverbiais serão classificadas de acordo com “a conjunção ou locução conjuntiva que as encabece”. Dessa forma, são as conjunções que irão identificar, conforme os nove tipos reconhecidos pela Nomenclatura Gramatical Brasileira, se a adverbial é *causal, consecutiva, condicional, concessiva, comparativa, conformativa, final, proporcional* ou *temporal*. Perini (2001, p.139) critica a atitude da gramática tradicional de utilizar um grupo fechado de nove subtipos de conjunções para subclassificar as adverbiais, afirmando que esse grupo “é excessivamente pobre para exprimir toda a variedade de relações semânticas que as conjunções podem veicular”. Além disso, esse tipo de definição dos manuais tradicionais conduz os estudantes à prática de memorizar “imensas” listas de conjunções.

Considerando ainda a questão dos conectivos, Lima (2002) chama a atenção para o fato de que, como será mostrado na análise do *corpus* do presente estudo, muitas relações adverbiais podem se configurar sem a presença de um conectivo, especialmente na língua falada:

Ora, o papel das conjunções chamadas (...) “subordinativas adverbiais” é de explicitar, e não de gerar as relações nos enunciados, ou entre porções maiores do texto. Daí ser comum na língua, em especial na fala, a presença de muitas relações adverbiais sem conectivos, que são percebidas pelo ouvinte ou por meio de elementos prosódicos (entonação e pausas), ou por meio de inferências. (LIMA, 2002, p. 74)

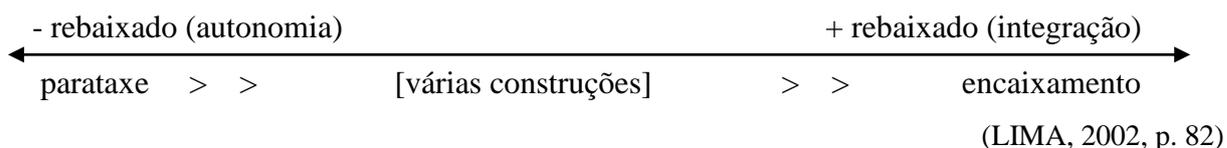
Diante dessas discussões encontradas nas gramáticas tradicionais e discutidas pelo presente trabalho, tem-se a impressão de que a análise das *adverbiais* por esses manuais é insuficiente e carece de uma abordagem em que as relações estabelecidas entre as orações sejam vistas a partir de contextos reais de uso da língua, considerando suas implicações e possibilidades de realização.

1.4 A articulação de orações numa abordagem funcionalista

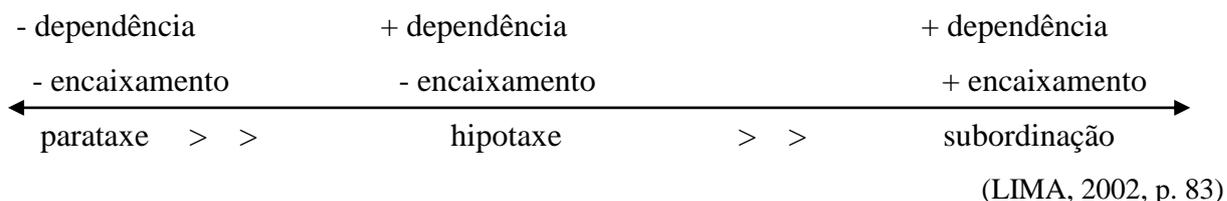
A partir de uma perspectiva funcional, Lehmann (1988, p. 42) postula que de duas formas pode ser visto o fenômeno da articulação de cláusulas: (1) “como uma representação de dois estados-de-coisas tão firmemente interconectados que formam um único estado-de-coisas mais complexo”; (2) “como a representação de um único estado-de-coisas complexo, sendo composto de dois”.

Segundo esse autor, a oposição entre “autonomia” e “integração” é um parâmetro sintático-semântico relevante para a análise da articulação de cláusulas. Analisando essa oposição, Lehmann (1988) afirma que, ao invés de apenas uma, há duas formas pelas quais uma “subordinada” pode relacionar-se com a “principal”, isto é, essa relação pode se estabelecer por “associação” ou por “dependência”. É destacado também que a “subordinação” pode se estabelecer tanto com todo o conteúdo da “principal”, como com algum constituinte da mesma.

Diante desses dois tipos de relação entre as cláusulas, Lehmann (1988) aponta a existência de um “contínuo de rebaixamento”, que parte de uma relação de autonomia – ou parataxe -, em que não há relações hierárquicas estabelecidas, até a relação em que é visível a relação hierárquica entre as duas cláusulas, chegando ao ponto em que a subordinada é rebaixada a um constituinte da cláusula principal. Nesse último caso se configura o fenômeno do encaixamento, ou “embedding”. Entre um extremo e outro desse contínuo, estariam as diversas construções em que a subordinada vai sendo rebaixada gradativamente:



Analisando a articulação de cláusulas a partir dos parâmetros autonomia/integração de um lado, e dependência e independência de outro, Hopper e Traugott (1993) também defendem a existência de um contínuo, inserindo neste a “hipotaxe”. Segundo esses autores, no processo de combinação de cláusulas que caracteriza a hipotaxe haveria dependência, mas não encaixamento:



Posteriormente será mais bem discutida a proposta de Decat (1999a) que, distinguindo hipotaxe de subordinação, considera a noção de “unidade de informação”. Segundo essa última autora, há subordinadas que, constituindo estruturas de encaixamento, fazem parte de uma mesma unidade informacional. Enquanto isso, há subordinadas que, constituindo estruturas de hipotaxe, compõem por si mesmas unidades de informação à parte. Dentro dessa perspectiva, as estruturas de hipotaxe se caracterizam como opções do falante para compor seu discurso.

Propondo diferenças entre relações hipotáticas adverbiais e relações de encaixamento, Neves (1998) afirma que há uma grande quantidade de elementos conectivos do âmbito da hipotaxe adverbial que surgiram na língua, enquanto que há escassez desses elementos no âmbito das encaixadas.

Segundo Harris (1986, 1988), entre as construções tradicionalmente chamadas de adverbiais, há também a existência de um contínuo. Esse último lingüista postula a existência de um “espectro semântico”, que caminharia das orações causais via condicionais até chegar às concessivas.

Souza (1996a, 1997), estudando as relações de tempo, mostra que há diferentes graus de incorporação das “cláusulas temporais” à “cláusula nuclear” (“principal”). A partir desse estudo, Souza também questiona o fato de a gramática tradicional considerar uniformes as relações estabelecidas entre as construções que ela denomina de “subordinadas”. Após sua pesquisa, Souza também destaca que as análises tradicionais não dão conta das sutis diferenças encontradas nos sentidos estabelecidos pelas temporais, propondo uma classificação gradual desses tipos de construções.

Halliday (1985) define como “complexo clausal” – *clause complex* – “a estrutura que apresenta uma ‘cláusula dominante’ e uma ‘cláusula modificadora’, concebida como ‘dependente’”. É importante destacar que, ao contrário do que ocorre entre os gramáticos tradicionais, para Halliday, a noção de dependência não se refere a uma avaliação sobre a sua relevância para o conteúdo do que está sendo enunciado:

“Dependência” é um termo empregado para expressar “modificação”. Assim, a “cláusula modificadora” é a dependente no sentido de que seu papel modificador só se realiza em função de outra “cláusula”, que é, então, a modificada. (LIMA, 2002, p. 85)

Para a descrição das estruturas das cláusulas, Halliday parte do cruzamento de dois eixos, isto é, o *sistema tático* e o *sistema lógico-semântico*. O sistema tático postula dois tipos de interdependência entre as cláusulas: *hipotaxe* e *parataxe*.

O primeiro tipo, que é o da *hipotaxe*, refere-se à relação entre um elemento “dependente” e outro elemento do qual este depende, chamado de “dominante”. É necessário lembrar, no entanto, que a relação de dependência, aqui, estabelece-se a partir do fato de que uma cláusula modifica outra. Nesse tipo de relação, uma das cláusulas do complexo clausal terá estatuto *temático*.

Nas relações de *parataxe*, um elemento inicia a frase e outro a continua, não se configurando entre eles uma relação de “dependência”, ou seja, de “modificação”. Dessa forma, o “complexo clausal” pode envolver relações tanto hipotáticas quanto paratáticas. Halliday destaca ainda que esses dois tipos são relações gerais e que não se restringem a caracterizar apenas as relações intra e interclausais.

As diversas relações lógico-semânticas que se podem configurar entre as partes do complexo clausal são abrangidas pelo sistema lógico-semântico. Em um pequeno número de tipos gerais, Halliday agrupa essas relações, tendo como ponto de partida as relações de *expansão* e *projeção*. Na expansão, uma cláusula expande a outra, o que pode acontecer através de três processos:

- 1) **por elaboração**, em que o conteúdo expresso em uma cláusula é “elaborado” pela outra, a partir de recursos gramaticais, como a paráfrase, a especificação, o comentário ou a exemplificação;
- 2) **por extensão**, em que uma cláusula apresenta um novo elemento para a outra cláusula;
- 3) **por encarecimento** (ou “realce”, segundo Decat (1993)), processo em que uma cláusula qualifica a outra, como quando acrescenta algum traço circunstancial de tempo, condição, modo, etc.

Na relação de projeção, uma cláusula é projetada a partir da outra, que a pode expressar como uma locução ou como uma idéia. Lima (2002, p. 87) elabora um quadro em que faz um “cruzamento de eixos”, considerando apenas a *expansão*, fundamentando-se na teoria proposta por Halliday (1985):

Mathiessen & Thompson (1988) consideram impossível caracterizar uma determinada oração como “subordinada” se restringindo ao nível da sentença. Segundo esses autores, para caracterizar esse tipo de oração, é necessário “considerar o contexto discursivo em que a oração aparece”.

Assim como Halliday (1985), Mathiessen & Thompson (1988) consideram as relações de encaixamento e hipotaxe muito distintas para, juntas, comporem, sob o mesmo “rótulo”, o grupo da “subordinação”. Desse modo, esses dois tipos de relações devem ser tratadas separadamente, tanto de um ponto de vista gramatical, quanto de um ponto de vista discursivo.

Além disso, esses dois lingüistas consideram a hipótese de que as estratégias de organização de um texto se assemelham às estratégias utilizadas para combinar as orações. Partindo dessa hipótese, Mathiessen & Thompson analisam a gramática da combinação de cláusulas adverbiais e defendem a idéia de que as características dessa combinação se assemelham àquelas da organização retórica do discurso.

Nessa perspectiva, entre as orações adverbiais podem se estabelecer dois tipos de relação: de “listagem” e de “núcleo-satélite”. No ponto de vista de Lima (2002), a relação de *listagem* “refere-se à relação na qual nenhum membro do par é suporte para outro”, enquanto que a relação *núcleo-satélite* “reflete o fato de, no texto, algumas porções realizarem os objetivos centrais do locutor, enquanto outras realizam objetivos suplementares ou suporte para os objetivos centrais”.

Explicitando as idéias defendidas por Mathiessen & Thompson (1988), Lima (2002, p. 90) considera:

Concluem, então, os autores, que especificamente as orações hipotáticas são mais bem compreendidas como “uma gramaticalização das relações núcleo-satélite que caracterizam a organização retórica de certos tipos de discurso”. Em suas palavras, “a noção textual de nuclearidade pode ser vista como subjacente à noção gramatical de hipotaxe”.

1.5 Análise da hipotaxe adverbial numa abordagem funcional-discursiva

Decat (1999b) considera a linguagem um fenômeno essencialmente heterogêneo e busca, em suas análises apresentar uma investigação dos processos e mecanismos presentes na atividade de linguagem vista como interação. Em seu artigo intitulado “Uma abordagem funcionalista da hipotaxe adverbial em português”, a autora pretendeu

mostrar como uma abordagem que focaliza a sintaxe **NO** discurso², e não em sentenças isoladas, pode fornecer subsídios para uma melhor compreensão sobre a estrutura do discurso, através da investigação desse aspecto que contribui para a organização discursiva coerente e coesiva, que é a hipotaxe adverbial (ou de ‘realce’, de acordo com Halliday 1985). (DECAT, 1999b, p. 300)

A partir de uma abordagem funcional-discursiva da hipotaxe adverbial, essa autora enfatiza a importância do falante “no estabelecimento dos propósitos e objetivos comunicativos que vão nortear a forma de seu discurso”. Dessa forma, as relações entre as cláusulas adverbiais e a relação das mesmas com todo o discurso em que se realizam são primeiramente orientadas por uma intenção comunicativa do falante que, dentro desse ponto de vista, é fundamental para o entendimento de suas construções lingüísticas.

Baseando-se nos estudos de Thompson (1984) e Haiman e Thompson (1984), Decat (1999b) aponta que, entre os processos de articulação de cláusulas, há dois grandes grupos: o primeiro seria aquele em que estão as cláusulas dependentes que representam opções organizacionais para os falantes – grupo em que se enquadram as adverbiais. Já o segundo grupo é constituído por cláusulas que “desempenham um papel gramatical em constituição com um item lexical”. É destacado que as cláusulas do primeiro grupo, em especial as adverbiais, “parecem formalmente dependentes, mas têm uma independência organizacional” (DECAT, 1999b, p. 301). Tal consideração parte do fato de que entre as cláusulas realizadas numa situação real de comunicação há uma “dependência pragmática”, ou seja, cada cláusula está inserida em um determinado contexto discursivo, que por sua vez é composto por outras cláusulas que, em conjunto, contribuirão para a construção da rede de sentidos que compõem este discurso. Nesse mesmo contexto discursivo, as adverbiais são “opções” lingüísticas que os falantes têm “para fazer fluir a informação pertinente ao momento de interação verbal”.

Avaliando as propostas lingüísticas modernas acerca da combinação de cláusulas, Decat (1999b, p. 302) afirma que:

Mesmo análises lingüísticas mais modernas, trabalhando com essas noções dentro de um continuum, ou sob o parâmetro da **integração estrutural** de uma cláusula em outra, mostraram-se insuficientes por não abrirem a possibilidade de se dar conta da função a que uma cláusula adverbial serve numa porção maior de discurso (...).

Diante da insuficiência dessas referidas análises, Decat (1999b, p. 303) destaca que uma análise funcional discursiva que busca “explicar a competência comunicativa do falante

² É adotada, aqui, a mesma definição de Decat (1999b, p. 299) para “discurso”, segundo a qual trata-se de “todo e qualquer produto da atividade de linguagem numa situação real de comunicação”.

na produção de sentidos e na construção (organização) de seu discurso” considerará, em primeiro lugar, “o significado que emerge da contigüidade de cláusulas ou de seqüências maiores de texto”. Assim, estudos que partem desse ponto de vista não se manterão presos ao nível sentencial e ao critério formal de presença de conectores.

Partindo de porções maiores de textos, a caracterização das relações entre cláusulas será muito mais funcional do que formal. Dentro dessa perspectiva, as relações nem sempre serão estabelecidas entre cláusulas adjacentes, sendo que uma cláusula pode estabelecer determinada relação com outra cláusula bem anterior no texto, ou até mesmo com toda a porção de texto em que está inserida. Dessa forma, busca-se caracterizar uma **sintaxe no discurso**, isto é, uma **sintaxe funcional** em que é possível identificar não só o **tipo** de relação entre cláusulas, como também a **função** que estas exercem no discurso como um todo.

Sobre essa questão, apresenta-se a seguir um pequeno fragmento do *corpus* utilizado no presente trabalho. É necessário destacar que o texto oral abaixo está dividido em *unidades de informação* – ou “jatos de linguagem”, “blocos de informação”, segundo Chafe (1980) – que cada falante expressa no decorrer da construção de seu discurso. Posteriormente, tais noções, que até aqui foram somente apontadas, serão mais bem elucidadas.

Exemplo 3

Doc: Ah... e com relação aos jornais... televisivos qual que você tem de mais... se identifica se você acha que tem uma visão mais crítica

132. Eh seria aquele do Boris Casoy né?

Doc: do Boris Casoy

133. Porque além dele ter a visão critica ele ainda faz ele pensa pras pes/ prus telespectadores né? ele mostra a noticia e dá a conclusão dele você aceita né? querendo ou não

134. Mas em relação a mesma audiência no caso seria o Jornal Nacional.

135. Apesar de ter o Jornal da Rede TV que é praticamente no mesmo horário que é: abrange os mesmo assuntos. (I1G1FRU)

Na unidade 132, a informante afirma que o jornal apresentado por Boris Casoy é aquele com que ela mais se identifica. Na unidade 133, a informante irá apresentar o *motivo*, a *causa* para tal consideração: o jornal tem uma visão crítica. É interessante observar que a informante, após apresentar uma pausa de final de frase, prefere apresentar o *motivo*, a *causa* de sua escolha na unidade seguinte, isto é, em uma unidade informacional separada, isolada

da anterior. Portanto, podemos considerar que temos, aqui, um exemplo de *cláusula adverbial de motivo desgarrada*.

Na unidade 134, a informante produz uma unidade informacional que estabelece uma relação de contraposição com as duas unidades anteriores, já que afirma que, em se tratando de audiência, reconhece a supremacia do Jornal Nacional da Rede Globo. Em 135, identificamos a produção de uma outra relação semântica: a relação de concessão, estabelecida com a informação da unidade anterior. Observamos que aqui, mais uma vez, a informante opta por isolar uma cláusula adverbial, constituindo, portanto, uma *cláusula adverbial concessiva desgarrada*.

O interessante é que o falante, ao optar por produzir este tipo de construção adverbial desgarrada, além de apresentar uma nova informação, focaliza a mesma. Em 135, por exemplo, o caráter contrastivo da cláusula adverbial é intensificado com seu isolamento, o que reforça seu peso argumentativo dentro do discurso em que se inscreve.

A forma como as relações entre as cláusulas são aqui estabelecidas evidenciam a insuficiência de uma análise puramente formal. As relações são construídas através de um conjunto de cláusulas interdependentes, em que, ainda que estas não sejam adjacentes, mantêm relações entre si, “tecendo” entre elas uma rede de sentidos que se desenvolve dentro do processo argumentativo do falante.

Decat (1999b, p. 316) considera que “mais do que a forma como se combinam – embora essa seja relevante – o que importa é a relação que existe entre as cláusulas e as funções a que elas servem em decorrência dos objetivos comunicativo-interacionais do usuário da língua”. Partindo desse ponto de vista, são apresentadas algumas discussões acerca do papel funcional discursivo da cláusula adverbial. Segundo Decat (1999b, p. 312), “a cláusula adverbial, como satélite que é, costuma ser usada como o **fundo**, a **moldura**, a informação necessária à compreensão do que é relatado no núcleo”. Entre os dados analisados por esta autora, em geral, as cláusulas adverbiais ocorreram em posição final quando constituindo o **fundo** e apresentaram “a função primeira de fornecer, de alguma forma, uma moldura para a informação que precedia” (DECAT, 1999b, p. 313).

Além de exercerem a função de fundo, a autora ainda apresenta outras funções da cláusula adverbial:

- (1) **Função de “avaliação”**: muitas vezes, a posição final das cláusulas hipotáticas constitui “uma forma de **avaliação** por parte do falante/escritor sobre o que vem expresso na porção-núcleo”.
- (2) **Função de “guia”**: as cláusulas adverbiais podem exercer a função de **guia** – “guidepost”, segundo Chafe (1988) – para o interlocutor. De acordo com Decat (1999b, p. 313), “cláusulas expressando a proposição relacional de **tempo**, por exemplo, servindo a essa função, tendem a ocorrer no início. Remetem, assim, para o discurso subsequente, delimitando a sua interpretação”.
- (3) **Função de “ponte de transição”**: esse tipo de cláusula também pode exercer uma função discursiva anafórica, ocorrendo na posição inicial. Assumindo essa função, a cláusula adverbial “projeta, remete para o discurso precedente, servindo pragmaticamente de **ponte de transição** de uma porção a outra do texto”. A autora ainda destaca que essa função discursiva de “ponte” é, simultaneamente, anafórica e catafórica, “já que ela pode remeter também para o discurso subsequente” (DECAT, 1999b, p. 314). De qualquer forma, matem-se, aqui, a função mais geral de guia para o interlocutor.
- (4) **Função de “reformulação”**: entre os dados, ocorreram “cláusulas adverbiais que se apresentaram como **reparos** (‘repairs’) – ou reformulação” –, em relação a outras porções de texto, “o que comprova a sua função discursiva”.
- (5) **Função de “retomada”**: a cláusula adverbial também pode constituir, apresentando anaforicamente como ponte, uma **retomada** da informação, “estabelecendo, assim, um elo entre o discurso precedente e o subsequente”. Ao se apresentar como uma retomada, a adverbial também exerce a “função de coesão discursiva”, caracterizando-se, assim, como um elemento importante na organização do discurso.
- (6) **Função de tópico**: por último, a cláusula adverbial pode exercer sua função lógico-discursiva de tópico. Essa função “determina o posicionamento desse tipo de cláusula à esquerda do núcleo a que se refere, constituindo o ponto de partida para a

estruturação da informação”. Decat (1999b) destaca que exercendo esse tipo de função caracteriza, mais uma vez, “a cláusula adverbial como **opção organizacional do discurso**”.

A discussão acerca das possíveis funções das adverbiais em um determinado contexto discursivo revela pontos de vista bem distintos daqueles trazidos pela gramática tradicional e mesmo de outras análises lingüísticas. É possível perceber que a questão da combinação de cláusulas, dentro de uma abordagem funcional-discursiva, tem muito a dizer sobre o uso efetivo dessas construções, de forma a se preocupar menos com a nomenclatura e a estrutura das cláusulas e mais com o papel que exercem no discurso em que se realizam.

1.6 A noção de *unidades de informação*

Postulada por Chafe (1980), a “*idea unit*” – unidade de informação ou unidade informacional – é entendida como um “jato de linguagem”, que possui toda a informação que pode ser ‘manipulada’ pelo falante num único “estado de consciência”, segundo o termo de Kato (1985). Decat (1999a) diz “que há um limite quanto à quantidade de informação que a atenção do falante pode focalizar de uma única vez, ou seja, a unidade informacional expressa o que está na ‘memória de curto termo’”. Ainda de acordo com esta autora,

tais unidades ou - blocos de informação – possuem, segundo Chafe (1980), cerca de sete palavras e podem ser identificadas pela entonação (contorno entonacional de final de cláusula), pela pausa (ou hesitação), ainda que breve, que as separa de outra unidade. (DECAT, 1999a, p. 27).

É também dito que “as unidades informacionais tendem a se caracterizar como constituindo uma única cláusula”, mas que, segundo Chafe, “é a entonação (contorno entonacional) o sinal mais consistente para tal identificação, ao passo que a estruturação sintática é o critério menos necessário” (DECAT, 1999a, p. 27).

Decat (1999a) considera que a noção de “unidades de informação” pode ser um instrumento importante para o estudo e análise da (in) dependência das cláusulas. De acordo com essa autora, poder ou não constituir, por si só, uma unidade de informação é uma distinção fundamental entre estruturas de encaixamento e estruturas de hipotaxe.

Conforme apresentado anteriormente, nas estruturas de encaixamento uma das cláusulas está “presa”, “encaixada” na outra cláusula, dando continuidade a algum termo dessa mesma oração. Entre as cláusulas encaixadas, o grau de dependência é maior, uma vez que, neste caso, uma das orações é “constituente particular” da outra oração. Caracterizando-se dessa forma, a estrutura encaixada não pode “constituir por si só um enunciado” e isso porque esse tipo de cláusula não pode ser, sozinha, uma unidade de informação.

Sobre essa relação da noção de “dependência” e a de “unidade de informação”, encontra-se a afirmação:

(...) existe uma relação entre a noção de “dependência” e a de “unidade de informação”, o que justifica a postulação de que a dependência originada da “integração estrutural” de uma cláusula em outra decorre do fato de que ambas constituem uma única unidade informacional. Ao perder sua identidade funcional como cláusula, a estrutura “encaixada” passa a fazer parte do mesmo conteúdo semântico da estrutura em que se encaixa, integrando um mesmo bloco de informação. Ser dependente, portanto, significa estar “em constituição com” um item lexical. (DECAT, 1999a, p. 35).

No entanto, se determinada cláusula constituir sozinha uma unidade de informação, essa será uma estrutura de hipotaxe e, portanto, sintaticamente independente – dentro desse grupo, encontram-se, por exemplo, as construções de hipotaxe adverbial, que constituem o objeto de estudo do presente trabalho. Decat (1999a) ainda considera que a noção de unidades de informação pode esclarecer se determinada cláusula adverbial está dentro do sintagma verbal da outra cláusula ou se está fora dele:

Se mesmo uma cláusula adverbial estiver em constituição com um item lexical de outra cláusula, ela não será, provavelmente, uma unidade de informação à parte, estando, pois, encaixada, integrada estruturalmente em outra. Uma análise que leve em conta essa noção poderá explicar, assim, a diferença entre um sintagma adverbial clausal que esteja dentro do sintagma verbal e um sintagma adverbial clausal que esteja fora desse sintagma. (DECAT, 1999a, p. 27 e 28).

Decat (1999a) aplicou, entre alunos e professores de diferentes níveis de ensino, um teste sobre graus de dependência entre cláusulas. Segundo os resultados encontrados, ocorreu um comportamento diferenciado no que se refere às denominadas “orações subordinadas”: os informantes apontaram um maior grau de dependência das *substantivas* e da *adjetiva restritiva* – estruturas de encaixamento –, enquanto que as *subordinadas adverbiais* e as *adjetivas explicativas* – estruturas de hipotaxe – foram indicadas como menos dependentes. Segundo considerações da autora, as estruturas de hipotaxe, cláusulas menos dependentes e

que, portanto, podem formar uma unidade de informação à parte, estariam propensas ao “desgarramento” (termo utilizado pela aquela autora), ou seja, teriam a possibilidade de ocorrerem, sintaticamente, independentes na língua:

(...) a noção de “unidade de informação” está correlacionada com a ocorrência isolada de cláusulas subordinadas. Caracterizando-se como opções do discurso, servindo a objetivos comunicativo-interacionais, tais cláusulas “desgarram-se” porque constituem unidades de informação à parte, o que as reveste de um menor grau de dependência, tanto formal quanto semântica, chegando mesmo a se identificarem como cláusulas tidas como independentes, à maneira de alguns tipos de coordenadas. A dependência que se estabelece, nesses casos, será pragmático-discursiva. (DECAT, 1999a, p. 35 e 36)

A partir disso, a lingüista apresenta diversos exemplos de subordinadas adverbiais e subordinadas explicativas, ocorrendo de forma “desgarrada” (termo utilizado por Decat) em textos da modalidade escrita da língua. Enfatizando que esse “desgarramento” só é possível devido ao fato de essas construções constituírem por si só uma unidade de informação, a autora também destaca a necessidade de uma revisão da classificação dada pela Gramática Tradicional. A consideração da noção de unidades de informação deixa clara a impossibilidade de colocar sob o mesmo rótulo todas as “subordinadas”. Nem mesmo as subordinadas adjetivas podem ser caracterizadas da mesma forma: enquanto as explicativas podem ocorrer “desgarradas” de seus referentes, as restritivas “constituem, juntamente com os seus referentes, um único bloco conceitual, configurando-se, portanto, numa única unidade de informação” (DECAT, 1999a, p.33).

Apresentando ainda contribuições ganhas pela utilização do conceito de “unidades informacional”, Decat (1999b) afirma:

A abordagem através da utilização da noção de **unidade informacional** pode esclarecer melhor o que significa, para uma cláusula, ser, ou não, dependente. Além disso, ela será um elemento a mais para se entender o ‘encaixamento’ de uma cláusula em outra como uma relação PARTE-TODO, em oposição à hipotaxe, que se caracteriza como uma articulação NÚCLEO-SATÉLITE (como é o caso das cláusulas adverbiais). (DECAT, 1999b, p. 309).

Embasando-se teoricamente nos pressupostos apresentados anteriormente, o presente trabalho pretende analisar a realização de cláusulas adverbiais na modalidade oral da língua portuguesa mineira contemporânea, partindo de uma situação de fala espontânea, tendo em vista sua possível caracterização como cláusulas “menos dependentes”.

Dessa forma, orientando-se por esse mesmo quadro teórico, para a análise das cláusulas adverbiais foi fundamental a noção de “unidades de informação”, já que todo o texto

oral em estudo foi dividido em *unidades informacionais*. Essas unidades posteriormente foram organizadas a partir de pequenos *blocos temáticos*, os quais correspondem a um determinado *tema* que “documentador” (doc) e informante discutem no decorrer de cada entrevista realizada.

O capítulo seguinte apresentará o modelo teórico social que considera, para análise lingüística, a existência de redes sociais, conforme proposto por Lesley Milroy (1987) e James Milroy (1992). É também elucidada a proposta da presente dissertação de realizar um estudo comparativo entre as características das realizações das cláusulas adverbiais – desgarradas e não desgarradas - encontradas na fala de informantes de *rede social forte* e *rede social fraca*.

CAPÍTULO 2

UMA PROPOSTA DE ANÁLISE DAS CLÁUSULAS ADVERBIAIS A PARTIR DOS ESTUDOS DE REDES SOCIAIS

2.1 O estudo das cláusulas adverbiais em uma perspectiva social

Labov (1972), em defesa de uma nova teoria e metodologia, apresenta a língua como uma forma de comportamento social. Assim, para esse autor, o uso da língua pelos indivíduos se faz dentro de uma determinada sociedade, os quais, em suas interações, sofrem influências do meio social que os cercam. Os estudos lingüísticos, que predominavam o cenário até então, operavam com uma concepção de língua homogênea e, conseqüentemente, a variação e mudança lingüística não se configuravam como objeto de análise e não se considerava o fato de que essas podem estar relacionadas a fatores de ordem social.

Dessa forma, Labov, discutindo os pressupostos e implicações dessa nova teoria denominada *Sociolingüística* ou *Teoria Variacionista*, aponta que a heterogeneidade lingüística pode ser sistematicamente analisada e que o aparente caos da variação lingüística é ilusório. O autor destaca que a heterogeneidade da língua está associada a fatores de natureza social, evidenciando-se, assim, algo diferente do que até o momento havia sido apresentado pela lingüística. A partir de então, diversos sociolinguístas, considerando a existência das *comunidades de fala*, realizaram e ainda realizam estudos acerca da variação na língua, partindo do contexto social que as caracterizam.

Assim como Labov, Milroy (1992) enfatiza a idéia de que qualquer língua está continuamente mudando. Segundo esse último autor, pensar em um estado de língua estável e uniforme é idealizar, uma vez que não existem línguas estáveis e que essas, na verdade, tem como característica natural a dinamicidade e a variação. Reconhecendo a importância dos fatores sociais em suas pesquisas, Milroy (1992) focaliza a *rede social* como um fator determinante para o estudo das variações e mudanças lingüísticas. Este autor parte do princípio da *universalidade* do fator *rede social*, uma vez que os membros de todas as sociedades, em qualquer período histórico, estabelecem as suas relações através de redes, as quais, por sua vez, irão sustentar, caracterizar e identificar as interações entre os indivíduos.

Milroy (1987) define as redes sociais – “social networks” – como espaços de interação de um indivíduo. As redes – “networks” – podem ser abertas (fracas) ou fechadas (fortes), de alta densidade ou de baixa densidade, multifacetadas (multiplex) ou unifacetadas (uniplex).

O modelo teórico baseado em redes sociais tem a vantagem de permitir que se examine e se explique o comportamento lingüístico individual, o que não era possível no modelo social laboviano, uma vez que este se organiza a partir de classes sociais que, de acordo com Milroy (1987), são muito abrangentes, abstratas, superordenadas e difíceis de controlar. O estudo de redes focaliza a relação entre escolhas lingüísticas e as redes; a importância do grau de densidade das mesmas e a importância de sua constituição em termos de esferas de atividade, se multifacetados ou unifacetado.

O presente trabalho, além de apresentar uma *descrição* das cláusulas adverbiais através de uma abordagem funcionalista, a partir de um *corpus* de língua falada da região de Mariana (MG) – dados reais de fala, fidedignamente transcritos e coletados, disponibilizados para o leitor -, tem o objetivo de comparar a realização desse tipo de cláusula em dados de diferentes redes sociais. Dessa forma, a presente pesquisa tem como alvo *descrever* um fenômeno sintático – a realização de cláusulas adverbiais – encaixado em fatores sociais, como uma tentativa de se verificar se o fator social *rede* interfere na sintaxe aqui estudada. No entanto, não há a intenção de se tratar de *variação x mudança* lingüística, embora a língua como fenômeno variável esteja na base da discussão aqui realizada.

Diante do exposto, o *corpus* foi organizado a partir de dados de **rede social forte** – denominada aqui como “Rede de Familiares”, em Cachoeira do Brumado, distrito rural de Mariana (MG) - e em dados de **rede social fraca** – denominada, aqui, como “Rede Universitária”, constituída por estudantes do ICHS/UFOP, em Mariana (MG). Partindo do pressuposto de que os falantes “se comportam linguisticamente de acordo com os diferentes tipos de interação existentes entre eles”, o conceito de *rede social* será explicitado a seguir, conforme teoria apresentada por Milroy (1987) e Milroy (1992).

2.2 Milroy (1987) e Milroy (1992): algumas questões teóricas

Discutindo o conceito de *comunidade de fala*, Alves (2008, p. 58) afirma que de acordo com Labov (1972) “uma comunidade de fala não pode ser concebida como um grupo de falantes que utiliza as mesmas formas lingüísticas; ela é mais bem definida como um grupo que compartilha as mesmas normas em relação à língua”. A autora aponta ainda que, para Milroy (1992),

a caracterização da comunidade de fala é fundamentalmente do mesmo tipo da de Labov, a diferença é que, enquanto, para este autor, o acordo entre os falantes sobre os usos lingüísticos se dá dentro da dimensão de classes sociais, para aquele, o acordo entre os falantes se orienta pela pertinência a redes sociais, isto é, falantes de

uma mesma classe social partilham normas lingüísticas em função do contexto situacional em que se dá a interação entre eles. (ALVES, 2008, p. 59)

As mudanças lingüísticas podem se desenvolver a partir de variações geográficas e sociais e a partir de diferentes situações comunicativas. Dessa forma, para Milroy (1992), a mudança lingüística é multidimensional.

O autor destaca que sua pesquisa considera a natureza social das línguas, apontando que os falantes se comunicam envolvidos em um contexto sócio-cultural específico de interação. Afirma que sua pesquisa é orientada tanto pelo falante quanto pelo sistema lingüístico, enquanto que, segundo ele, a maioria das pesquisas é primordialmente orientada pelo sistema lingüístico. Esses estudos, porém, não consideram a mudança na língua como um fenômeno também social, considerando, ao invés de interações de fala, a competência comunicativa de um falante nativo e ideal, descontextualizado de seu grupo de interação de fala – assim como o faz o gerativista Chomsky. Os estudos de variação e mudança lingüísticas devem apresentar como ponto de partida a língua falada; esta, muitas vezes, se apresentará como base de novas propostas e teorias lingüísticas.

Segundo Milroy (1992), os dados coletados de uma interação específica de comunicação são muito mais ricos e reveladores que os dados coletados ao longo do tempo, já que nesse caso as pesquisas realizadas não têm acesso efetivo ao contexto de interação entre os interlocutores. Assim, a conversação espontânea, as falas não-planejadas de situações informais são aquelas que devem ser privilegiadas para os estudos sociolingüísticos, já que tais fenômenos são mais bem observados nesses ambientes de comunicação.

A posição do observador é crucial e relevante para a fase interpretativa, em que o observador, de alguma forma, pode afetar os dados obtidos. Quando os dados são coletados a partir do *estilo entrevista*, é importante que o pesquisador tenha o mínimo de controle da conversa; o entrevistador não é um *controlador*, mas apenas um *observador*.

Milroy define **três princípios gerais** acerca do modelo social de mudança, dos quais dois são muito relevantes para o presente estudo:

- (1) A língua em uso deve estar necessariamente inserida em um contexto social e situacional e sua observação deve ocorrer a partir desses mesmos contextos. Assim, a análise lingüística deve levar em conta a sociedade, a situação de fala e o falante/ouvinte.

- (2) Toda descrição da estrutura de uma variedade (seja esta da língua padrão, de um dialeto ou de um estilo ou registro) pode unicamente ser realizada com êxito se suficientes decisões e julgamentos de ordem social forem levados em conta na descrição.

A partir do 1º princípio, Milroy reafirma a importância de se considerar o contexto social e situacional para os estudos de uma determinada variedade lingüística. O 2º princípio refere-se essencialmente ao conceito de “norma”. Para Milroy, a palavra “norma”, aqui, não assume o sentido de *prescrição*, isto é, o termo “norma” não está se referindo a uma determinada “regra de uso lingüístico”, diretamente relacionada à formação da língua padrão. Para o autor, o relevante para as análises é a “norma” do uso lingüístico **socialmente convencionado** entre os falantes de uma determinada comunidade de fala. Assim, é a interação entre os falantes nas diversas situações de fala que irá determinar a “norma” quanto ao uso da língua, ou seja, enquanto a norma prescritivista irá determinar “como se deve falar”, a norma consensual irá nos apontar “como, de fato, essa comunidade fala”, sem definir regras lingüísticas que apontam o “certo” e o “errado”.

Muitas vezes, um determinado uso lingüístico está “fora” do que é considerado língua padrão, porém, por ser consenso entre os falantes, estabelece-se como norma. Segundo Cohen (1982) apud Milroy (1992), o que é definido – convencionado - em um determinado grupo social tem muito mais força do que convenções e influências que venham de fora. Dessa forma, apesar da norma culta-padrão ter elevada importância social e influir nos usos da língua, esta não garante um uso lingüístico homogêneo, impedindo que haja variações. Na verdade, quando observamos a língua, percebemos que há variações que são recorrentes e que não coincidem com a língua padrão. É interessante ainda destacar que os significados e funções das variações lingüísticas não são tão facilmente acessíveis àqueles que estão fora da comunidade.

Milroy (1992) considera que as conclusões de seu trabalho não seriam as mesmas sem que houvesse um estudo empírico das interações de fala, detectando, dessa forma, a *norma* estabelecida entre eles. Milroy diz que essa *norma* não seria identificada, se seu estudo se baseasse em uma *norma lingüística fora* da comunidade, ou seja, nas informações históricas acerca desse grupo social ou na própria *intuição* do pesquisador. Destaca ainda que as conclusões de uma análise lingüística devam ser baseadas unicamente na análise dos dados coletados; se assim não for, não haverá uma clara compreensão sobre as funções sociais da

variação na comunidade ou sobre as fontes e motivações da mudança, além dos resultados correrem o risco de serem superficiais.

Milroy critica as pesquisas orientadas por uma “Linguística Histórica Ortodoxa”, que enfatiza o sistema linguístico, mas desconsidera os contextos sociais nos quais os falantes estão inseridos. Essas pesquisas, muitas vezes, referem-se aos fatores extralinguísticos de maneira muito vaga e superficial. Esses estudiosos, segundo o autor, consideram o sistema linguístico independente, autônomo e que “as línguas são que mudam e não os falantes que mudam as línguas”.

Apresentando, de forma breve, a “trajetória” das pesquisas linguísticas, Milroy nos aponta alguns autores e estudos que partem do seguinte ponto de vista: a língua, apresentando características de um ser vivo, “nasce, desenvolve-se e morre”. Dessa forma, a língua é vista como “um ser independente” e que, portanto, deve ser tratada como tal. Dentro dessa perspectiva, a Linguística se apresenta como uma ciência física, como a própria Botânica ou a Biologia, e não como uma ciência histórica, em que as características histórico-sociais dos falantes deveriam ser levadas em conta nos estudos e pesquisas.

No entanto, com o passar dos anos de estudo, há uma mudança de concepção e a língua passa a ser vista como um *sistema organizado*, utilizado entre os seres humanos, e não mais como um ser vivo propriamente dito.

Apesar dessa mudança de concepção, os falantes e seus respectivos contextos de comunicação continuaram a ser ignorados pelos pesquisadores, que se prendiam às características do próprio sistema interno da língua.

Contrariando essa perspectiva, Milroy destaca a impossibilidade de se dissociar os fatores internos das línguas dos fatores de cunho social. É necessário dizer que, apesar de a todo o momento o autor apontar a relevância dos fatores extralinguísticos, ele afirma que, se nós não investigarmos a estrutura linguística interna de uma comunidade de fala, as interpretações sociolinguísticas dos dados serão muito superficiais, e, o pior, serão interpretações equivocadas.

A partir de algumas pesquisas realizadas, Milroy mostra como grande parte delas não considerou o falante como fator importante para o estudo da língua. De acordo com o autor, um dos maiores motivos da insatisfação dos pesquisadores em considerar o falante e suas relações sociais estava na falta de tecnologia necessária e adequada para sistematizar e analisar esses dados extralinguísticos – não se tinha, por exemplo, fitas para as gravações das

entrevistas com os informantes. Algumas pesquisas lingüísticas chegaram a se referir a fatores sociais - mesmo que superficialmente -, no entanto, os comentários acerca desses fatores foram feitos a partir de um “senso comum” e não a partir de um estudo e de uma análise realmente fundamentados.

Segundo Milroy (1992), as teorias desenvolvidas acerca da língua inglesa só se propunham a estudar a forma padrão da língua e não se interessavam pelas outras variações do inglês. Assim, em uma “história do inglês padrão”, buscavam-se *formas canônicas* para o estudo, enquanto que as *formas não-canônicas* eram rejeitadas. O autor diz que uma das grandes conseqüências em se desconsiderar as formas não-padrões nos estudos e pesquisas é o preconceito diante desses fatos lingüísticos. Diz ainda que desconsiderar o estudo das diferentes variedades do inglês empobrece o estudo da variação e mudança dessa língua, além de prejudicar a compreensão geral acerca desse assunto. Diante disso, destaca-se a importância da análise do *corpus* aqui proposto, uma vez que esta, não se prendendo ao estudo da língua padrão, contribui para a descrição e caracterização da sintaxe no Português Brasileiro a partir de formas não-canônicas, “mapeando” a língua falada contemporânea do interior de Minas Gerais.

A pesquisa sociolingüística se organiza através de diferentes fases metodológicas, as quais são a *seleção* dos dados lingüísticos, a *classificação* dos mesmos, *análise* e *interpretação*. O sucesso de um projeto de pesquisa depende, crucialmente, de um método adequado de análise lingüística, considerando que a parte da análise dos dados é aquela que tomará a maior parte do tempo no trabalho. As fases da seleção dos dados e sua classificação são de suma importância, uma vez que sua realização se relaciona diretamente com as fases de análise e interpretação. Ao observar e analisar, o pesquisador deve estar atento à sua posição diante do trabalho realizado, para que suas opiniões pessoais, intuições e preconceitos não influenciem e interfiram em suas interpretações.

Milroy (1987) apresenta alguns princípios importantes para a obtenção de dados numa comunidade de fala:

1. O vernáculo, por causa de sua regularidade, é a melhor base de dados para a análise sociolingüística;
2. O vernáculo de uma comunidade X é o tipo de fala adquirido pela maioria dos falantes na sua adolescência;
3. O vernáculo de um indivíduo A é a fala em que A não se policia;

4. É difícil acessar o vernáculo. Consegue-se acessar o estilo casual, que se aproxima do vernáculo;
5. Há alternativas para a coleta: gravar a interação verbal de grupos e a fala de adolescentes; utilizar elementos de ligação; suplementar as gravações com dados randômicos.

Além desses princípios, destaca-se a relevância do sistema local de valores para o processo de análise lingüística, considerando que as redes delimitam trocas possíveis, obrigações, deveres e direitos com relação a seus membros.

2.3 Estudo a partir de Redes Sociais

Partindo do ponto de vista da estruturação lingüística, não podemos considerar que há uma língua melhor ou mais eficiente que outra. No entanto, saindo da estrutura e partindo para uma perspectiva social, reconhecemos que determinadas línguas, determinados usos lingüísticos, são “mais bem vistos” que outros, têm maior prestígio e *status* social. Vemos, aqui, a importância que há de estudarmos a língua tanto dentro de uma perspectiva estrutural e social, uma vez que o conjunto de ambas tem muito mais a dizer sobre a realidade das interações lingüísticas. Dessa forma, priorizando o aspecto social da linguagem, Milroy (1992) desenvolve a sua pesquisa levando em conta fatores como *sexo, idade, área e redes sociais*, não pré-estabelecendo, para a análise lingüística, diferentes classes sociais, como acontece na teoria de Labov.

Para Milroy, fatores como sexo e idade são *universais*, uma vez que são encontrados em qualquer comunidade de fala de qualquer período histórico. Esses fatores, portanto, devem ser analisados primeiramente, independentemente de outros fatores sociais, como a própria classe social. Segundo o lingüista, quando realizamos pesquisas a partir das diferentes classes sociais pré-estabelecidas, não temos, de fato, as diferenças de uso da língua em cada grupo social, o que na verdade nos é possibilitado observar quando consideramos a existência de diversas redes sociais entre os indivíduos de uma mesma área.

Uma pesquisa que parte do ponto de vista das redes sociais não realiza pré-suposições acerca do grupo social a ser pesquisado. O único fator que o pesquisador tem de antemão é a própria existência das *redes*. Tal consideração parte do princípio da universalidade do fator “rede social”, já que os membros de todas as sociedades, em qualquer período histórico, estabelecem as suas relações através de redes, as quais, por sua vez, irão caracterizar, identificar e sustentar as interações entre os falantes.

Essas redes sociais estabelecidas entre os indivíduos podem ser **fortes** ou **fracas**, dependendo do grau de “estritamento de laços” entre os seus membros. As **redes sociais fortes** são fechadas e densas. Na sociedade dessas áreas, os indivíduos mantêm vínculos sociais significativos com seus vizinhos; há, muitas vezes, graus de parentesco entre os moradores e, além disso, a maior parte deles não se desloca para outras regiões em função de sua atividade profissional. Assim, as redes sociais nesses lugares são constituídas por indivíduos que mantêm fortes laços ligados pelo território, onde são estabelecidas relações com elevado grau de intimidade.

Assim, quanto mais próximos são os indivíduos e quanto mais íntimos são os seus laços, mais forte é a rede social da qual ele participa. É dentro dessas redes que os falantes irão estabelecer sua própria norma lingüística, que também irá caracterizar e distinguir esse grupo social. A língua, assim como a própria cultura do grupo, é conservadora, mais fechada às inovações de usos de outras comunidades de fala.

As **redes fracas** são aquelas que estão abertas às influências externas, em que os indivíduos são socialmente ou geograficamente móveis, não mantendo entre si laços “próximos”, “estritos”. Diferentemente do que acontece nas redes fortes, os membros das redes fracas não mantêm vínculos fortes com seus vizinhos, não moram próximos de parentes e, além disso, devido a sua atividade profissional, deslocam-se de uma região para outra. Assim, os membros das redes fracas mantêm significativos contatos com falantes de outras comunidades de fala, funcionando como pontes por onde se difundem influências e informações e, conseqüentemente, promovendo intensas trocas de usos lingüísticos.

Milroy (1992) faz considerações interessantes em relação ao processo de urbanização das sociedades. Segundo ele, o crescimento da urbanização tende a enfraquecer as redes sociais, fazendo com que a norma lingüística do grupo resista menos às influências de outras comunidades, acelerando as transformações na língua. Ao contrário disso, nas regiões rurais, com população em menor número e com cultura mais conservadora, a língua tende a se manter, uma vez que é mais provável que os falantes dessas áreas “rejeitem” as inovações lingüísticas vindas de outros grupos sociais.

No entanto, o autor destaca que o ambiente urbano não se relaciona necessariamente a laços fracos. Isso porque, para enfrentar situações típicas da urbanização, há, por sua vez, grupos de falantes cujos membros se protegem e se ajudam mutuamente, criando laços fortes entre eles. Esses laços fortes, porém, não podem ser considerados resíduos de outro modo de organização social – rural, por exemplo -, já que são produtos da vida moderna.



Foto 2: Entrada do Instituto de Ciências Humanas e Sociais (ICHS/UFOP)



Foto 3: Rio Brumado – Distrito de Cachoeira do Brumado

Os conceitos acima explicitados orientaram o processo de constituição e caracterização do *corpus* da presente pesquisa. Considerando os fatores *idade*, *sexo*, *área* e *rede social*, foram entrevistados 4 (quatro) informantes marianenses estudantes do ICHS/UFOP – membros da “Rede Universitária” (fraca) – e 4 (quatro) informantes marianenses moradores do Distrito de Cachoeira do Brumado – membros da “Rede de Familiares” (forte). Dentro de cada um desses dois tipos de rede social, há 2 (dois) informantes do *sexo masculino* e 2 (dois) informantes do *sexo feminino*. Quanto ao fator *idade*, os informantes estão distribuídos entre as faixas etárias de *jovens* (22 a 35 anos) e *idosos* (49 a 60 anos).

O próximo capítulo tratará da análise e das características específicas de cada uma dessas redes, assim como também apresentará algumas configurações acerca das relações adverbiais encontradas nas entrevistas realizadas.

CAPÍTULO 3

AS CLÁUSULAS ADVERBIAIS NA LÍNGUA FALADA DE MARIANA (MG)

Embasando-me teoricamente em pressupostos funcionalistas, a presente dissertação tem como objetivo **descrever** as cláusulas adverbiais a partir de dados, exhaustivamente analisados, de um *corpus* na modalidade oral da língua portuguesa contemporânea da cidade de Mariana (MG). A presente análise lingüística, além de se desenvolver através de uma sintaxe funcionalista, orientando-se a partir de uma classificação sociolingüística dos informantes, está vinculada a fatores de ordem social, dentre os quais se destaca o fator **rede social**, conforme pensamento e metodologia de Milroy (1987) e Milroy (1992), já anteriormente explicitados.

Para descrever e caracterizar as cláusulas adverbiais da presente pesquisa, a noção de **unidade de informação** – “jato de linguagem”, “bloco de informação”, conforme teoria de Chafe (1980) – foi de suma importância, já que todo o *corpus* foi dividido em *unidades informacionais* e, a partir dessas unidades, foram identificadas e coletadas as cláusulas adverbiais. É importante destacar que, para estabelecer o limite entre uma unidade informacional e outra, utilizou-se o critério *pausa de final de frase*. Dessa forma, entre uma unidade e outra, o informante apresenta uma queda no contorno entonacional, que é percebido auditivamente. Logo que a outra unidade se inicia, esse contorno da entonação volta a ascender.

Um dos alvos principais do trabalho é comparar a realização das cláusulas adverbiais em dados de rede social fraca – **Rede Universitária** – e rede social forte – **Rede de Familiares**. Para tal estudo comparativo, após identificar as cláusulas adverbiais, buscou-se detectar em qual das duas redes há um número maior de ocorrências de cláusulas adverbiais “desgarradas” (**ADE**). Dessa forma, os quadros comparativos de cada uma das redes que serão mostrados a seguir apresentam o número de ocorrências de adverbiais desgarradas com conectivo (**ADEC**), assim também como o número de ocorrências de adverbiais desgarradas sem conectivo (**ADES**).

A utilização do número de cláusulas desgarradas como ponto de referência na comparação entre uma rede social e outra parte da afirmação de Decat (1999a) de que as cláusulas adverbiais, na modalidade escrita da língua, devido à sua dependência menor em relação à cláusula anterior, estariam mais propícias a ocorrerem de forma “solta”, “isolada”, o

que originaria o fenômeno que a autora chamou de “desgarramento” dessas estruturas. Assim, buscando observar o mesmo fenômeno na modalidade oral da língua, realizou-se a presente análise.

Sobre o padrão entonacional das relações hipotáticas, Lima (2002) afirma que essas estruturas “podem ser codificadas em um mesmo contorno entonacional (...) ou em contornos entonacionais separados (...)” (LIMA, 2002, p. 94). A cláusula adverbial, como foi visto após análise do presente *corpus*, pode constituir, por si mesma, uma unidade informacional – o que corresponderia dizer que esse tipo de cláusula formaria sozinha um contorno entonacional completo - ou pode estar relacionada a outras cláusulas dentro de uma mesma unidade de informação, não ocorrendo, portanto, de forma isolada. Mais uma vez, destaca-se que esse desgarramento só é identificado quando uma cláusula adverbial forma, sozinha, uma unidade de informação, conforme proposto por Decat (1999a). Veja a seguir o quarto exemplo, em que uma cláusula adverbial constitui uma unidade informacional junto de outras cláusulas:

Exemplo 4

Doc: ah ta anhan... o... agora com relação a tempo livre que que cê gosta de fazer?

168. Dormi

Doc: dormi?

169. Eh tempo livre a coisa que eu mais gosto é dormi **porque assim meu tempo é muito ocupado... né?**

170. De manhã eu trabalho de sete às onze e meia.

171. Na segunda e na terça eu tenho aula à tarde com o D. aqui.

172. Então a aula começa duas e meia e às vezes duas e vinte vai até quatro **porque ele estoura sempre o horário**

173. (Gosta mesmo da aula) nem esquento pra horário.

174. Então é o tempo de ir até à minha casa comer alguma coisa e voltar pra aula sete horas que vai até dez dez e meia dez meia dez e quarenta.

175. Então meu tempo é meio curto.

176. Acaba tendo também uma atividade exaustiva da MENTE então-

177. Sem sem contar que **como eu trabalho com alunos** eu tenho que preparar aula eu tenho que corrigir prova professor trabalha mais em casa do que na escola.

178. Então meu tempo livre eu uso basicamente **pra dormir**.

179. E às vezes final de semana domingo sábado eu gosto de sair um pouco ir à praça... comer alguma coisa em algum restaurante mas não passa disso. (I1G1FRU)

No exemplo acima, os interlocutores estão conversando acerca do tema “tempo livre”. A informante está esclarecendo ao documentador o quanto seu dia-a-dia é repleto de atividades e que, portanto, quando há uma folga, prefere descansar em vez de sair para se distrair. Assim, na unidade 169, encontramos uma relação de *motivo*, já que a informante apresenta uma causa, um motivo para querer dormir em seu tempo livre. Na continuidade desse trecho, a informante prossegue acrescentando informações que evidenciam o fato de ser uma pessoa atarefada, de forma que passa a descrever sua rotina.

Quando chegamos à unidade 172, encontramos mais uma relação de *motivo*, uma vez que a informante apresenta uma razão para o fato das aulas de segunda e terça se estenderem até as quatro horas da tarde. Na unidade 173, encontramos ainda uma espécie de ênfase no fato de a aula extrapolar o horário previsto, de modo que a entrevistada destaca que o professor “nem esquentava pra horário”.

A partir da unidade 174, a informante retoma a descrição de sua rotina e nas unidades 175 e 176 apresenta algumas conclusões, enfatizando o quanto “seu tempo é curto” e que “acaba tendo uma atividade exaustiva da mente”. Na unidade 177, produz outra cláusula adverbial – “como eu trabalho com alunos” - que aponta mais um *motivo*, mais uma razão para ter tantas tarefas.

Na unidade 178, detectamos uma cláusula adverbial *final* que a informante utiliza para retomar a idéia anunciada no início da discussão do tema “tempo livre”. Por fim, a informante acrescenta mais algumas informações e conclui sustentando a mesma idéia inicial.

Dessa forma, neste trecho do *corpus*, encontramos três *relações de motivo* e uma *relação de finalidade*, constituindo cada uma delas uma unidade de informação junto a outros fragmentos de texto, mas não podendo ser consideradas, nesse caso específico, cláusulas adverbiais desgarradas.

No quinto exemplo, encontramos cláusulas adverbiais constituindo por si mesmas uma unidade de informação, formando um contorno entonacional completo:

Exemplo 5

Doc: ah... e com relação aos jornais... televisivos qual que você tem de mais... se identifica se você acha que tem uma visão mais crítica

132. Eh seria aquele do Boris Casoy né?

Doc: do Boris Casoy

133. Porque além dele ter a visão crítica ele ainda faz ele pensa pras pes/ prus telespectadores né? ele mostra a notícia e dá a conclusão dele você aceita né? querendo ou não

134. Mas em relação à mesma audiência no caso seria o Jornal Nacional.

135. Apesar de ter o Jornal da Rede TV que é praticamente no mesmo horário que é: abrange os mesmo assuntos. (I1G1FRU)

Inicialmente, é perguntado à informante com qual jornal ela mais se identifica, o que ela mais aprova. Após ser dada a resposta na unidade 132, na unidade 133, utilizando o conectivo *porque*, a entrevistada dá os motivos, as razões pelas quais optou pelo jornal apresentado por Boris Casoy, constituindo uma relação de *motivo*. É interessante observar ainda que, no final dessa mesma unidade, encontramos uma cláusula adverbial de *modo* reduzida por gerúndio, já que a informante apresenta a “maneira”, o “modo” como o telespectador aceita a conclusão do jornalista.

Utilizando o conector *mas*, na unidade 134 a informante diz que, apesar de acreditar na visão crítica do jornal de Boris Casoy, considera que Jornal Nacional é o que se destaca em termos de audiência. Entre as unidades 135 e 134, identificamos uma relação adverbial concessiva, e a cláusula adverbial constitui sozinha toda a unidade 135

Dessa forma, neste segundo exemplo, identificamos uma *cláusula adverbial de motivo desgarrada*, assim como também uma *cláusula adverbial concessiva desgarrada*.

Destacamos o fato de que a análise presente nesta dissertação parte do pressuposto de que, dentro de um determinado texto, todas as cláusulas estão interligadas, de forma a manter uma unidade de sentido que permeia todo o discurso realizado. Dessa forma, enfatizamos que, semanticamente, todas as cláusulas são interdependentes. No entanto, o que se analisa, aqui, é um isolamento estrutural, o que justifica dizer se esta cláusula adverbial ocorre ou não como uma unidade informacional isolada.

A pesquisa aqui realizada procurou ser predominantemente qualitativa. No entanto, consideramos o fato de que um levantamento de dados quantitativos é importante para subsidiar a análise pretendida, já que esse levantamento é o próprio “mapeamento” do uso, ou seja, uma concretização numérica do que seria, de fato, essa língua em uso.

Diante disso, seguem-se os resultados encontrados após análise das oito entrevistas realizadas. A primeira parte desse capítulo apresenta as relações adverbiais encontradas no *corpus*; a segunda parte mostra os tipos de cláusulas adverbiais, sua quantificação e discussões gerais a partir dos dados da **Rede Universitária** e da **Rede de Familiares**. A

terceira, partindo também das diferenças e semelhanças entre as redes, apresenta resultados e discussões específicas referentes a cada tipo de relação adverbial encontrado.

3.1 As relações adverbiais identificadas no *corpus*

Inicialmente, assim como também afirma Lima (2002), é importante destacar que as relações adverbiais são um tipo de relação abundante na fala, fato que é comprovado na fala dos informantes entrevistados para este trabalho. Na **Rede Universitária**, o número de ocorrências de cláusulas adverbiais foi mais expressivo, sendo que do total de 875 unidades informacionais encontradas a partir das quatro entrevistas, foram identificadas **431** cláusulas adverbiais. Já na **Rede de Familiares**, das 1185 unidades informacionais, foram identificadas **390** cláusulas desse tipo. Lima (2002), citando os autores Fernandes e Petiot (1994), aponta que estes consideram que “a subordinação é um processo que tende a ser evitado na fala”. No entanto, como visto acima, os resultados da presente análise contradizem essa afirmação.

Diferentemente, os resultados aqui encontrados corroboram a afirmação de Ford (1993) que, ao analisar as orações adverbiais nas interações de língua inglesa, conclui que estas estruturas são “a estratégia mais usada para operar conjunção na conversação”. (FORD, 1993 apud LIMA, 2002)

A partir da fala de cada um dos informantes, foi possível perceber a importância das cláusulas adverbiais na constituição de seu discurso. Essas estruturas, guiadas pelas intenções dos falantes em seus respectivos contextos conversacionais, complementam, enriquecem e articulam a fala dos mesmos, proporcionando ao texto oral uma intensa e complexa rede de relações semânticas.

As cláusulas adverbiais do *corpus* podem ser classificadas em 08 (oito) relações semânticas: **motivo/causa, tempo, finalidade, condição, concessão, modo, conformidade e comparação**. Sobre a nomenclatura utilizada para a primeira relação adverbial apontada – relação de **motivo/causa** – é importante esclarecer que esta foi definida assumindo-se a mesma posição de Decat (1993, p.148) que, em nota, afirma que “para os propósitos da presente análise, considera-se sob o mesmo rótulo de MOTIVO qualquer articulação de cláusulas que expressem causa, explicação, razão, justificativa, etc.” Tal decisão foi tomada, visto a proximidade e semelhança que existem entre as expressões de causa, razão, explicação ou justificativa, considerando-se, assim, conveniente elencá-las sob um mesmo rótulo.

3.2 A rede social fraca e forte

Seguem, portanto, as discussões acerca das cláusulas adverbiais entre os dados da **Rede Universitária** e da **Rede de Familiares**, as quais serão especificamente caracterizadas.



Foto 4: Salas e corredores do ICHS/UFOP



Foto 5: Vista parcial do estacionamento do ICHS

3.2.1 A Rede Universitária (Fraca)

A **Rede Universitária** refere-se a um grupo de quatro pessoas, moradores da cidade histórica de Mariana. A cidade, apresentando como cenário um período de descobertas, religiosidade, projeção artística e busca pelo ouro, é marcada pelo pioneirismo de uma Colônia. Pesquisas acerca da cidade de Mariana confirmam que esta foi a primeira vila, a primeira capital, a sede do primeiro bispado e primeira cidade a ser projetada no Estado de Minas Gerais.

Esses moradores de Mariana são estudantes e ex-estudantes do Instituto de Ciências Humanas e Sociais (ICHS) da Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP). Dentro desse grupo, há duas mulheres, uma de 22 anos (I1G1FRU) e outra de 51 anos (I3G2FRU), e dois homens, um de 24 anos (I2G1MRU) e outro de 50 anos (I4G2MRU). Este grupo representa a rede social fraca analisada na pesquisa, uma vez que apresenta as características de rede fraca apontadas pela teoria de Milroy (1987) e Milroy (1992), as quais serão explicitadas a seguir.

Esses informantes têm o ICHS como ponto de encontro de suas atividades acadêmicas e profissionais, mantendo certo contato entre si. Apesar de se relacionarem, não mantêm vínculos fortes, laços íntimos uns com os outros. Dessa forma, a rede social da qual fazem parte é fraca, já que estas pessoas estão “interligadas” porque freqüentam um lugar comum – no caso o ICHS – que, apesar de ser um ponto de encontro entre elas, não as une a ponto de constituir uma rede de pessoas próximas, que mantêm laços estreitos entre si.

O ICHS/UFOP é uma instituição que freqüentemente recebe estudantes de várias cidades e estados do país, assim também como alguns estudantes de outros países. Por apresentar essa característica, há no Instituto um intenso contato de diversas variedades lingüísticas. Assim, os quatro informantes da Rede Universitária também apresentam a característica dos membros de rede fraca de manter significativos contatos com falantes de outras comunidades de fala, funcionando como pontes por onde se difundem influências e informações e, conseqüentemente, promovendo intensas trocas de usos lingüísticos.

A **Tabela 1** a seguir apresenta, por ordem decrescente de freqüência, as classes de cláusulas adverbiais encontradas a partir das entrevistas da Rede Universitária.

TABELA 1 – RELAÇÕES ADVERBIAIS IDENTIFICADAS NO CORPUS DA REDE UNIVERSITÁRIA

Relação	Freqüência		Freqüência		Total (ADE)
			ADEC ¹	ADES ²	
Motivo	182	(42,2%)	25 (89,3%)	03 (10,7%)	28 (15,4%)
Finalidade	59	(13,7%)	00 (0%)	00 (0%)	00 (0%)
Tempo	51	(11,8%)	01 (100%)	00 (0%)	01 (2%)
Condição	40	(9,3%)	03 (100%)	00 (0%)	03 (7,5%)
Modo	39	(9,0%)	01 (50%)	01 (50%)	02 (5,1%)
Conformidade	23	(5,3%)	01 (100%)	00 (0%)	01 (4,3%)
Comparação	20	(4,6%)	01 (100%)	00 (0%)	01 (5%)
Concessão	17	(3,9%)	04 (80%)	01 (20%)	05 (29,4%)
Total	431		36 (87,8%)	05 (12,2%)	41 (9,5%)

(1) **ADEC:** Adverbial desgarrada com conectivo

(2) **ADES:** Adverbial desgarrada sem conectivo

Entre os informantes que apresentam essas características sociais, a relação adverbial que teve o maior número de ocorrências foi a relação de motivo. Do total das cláusulas adverbiais

identificadas (431), as que estabelecem relação de **motivo** representam **42,2%** delas. Em seguida vem a relação de **finalidade**, representando **13,7%**, e a relação de **tempo**, que teve **11,8%** do total. Há, portanto, uma diferença significativa entre as ocorrências da relação de motivo e as demais, evidenciando sua predominância na fala dos informantes.

É relevante considerar que o resultado aqui encontrado se assemelha muito ao encontrado por Lima (2002) – autora que apresenta uma análise das relações hipotáticas adverbiais na interação verbal -, em que as relações causais também correspondem à quase metade das relações coletadas. Na pesquisa da referida autora, das 1275 cláusulas adverbiais, 586 (46%) são cláusulas adverbiais causais, tendo a mesma queda significativa de ocorrências em relação às cláusulas temporais (17,7%) e às cláusulas finais (16,6%). Observa-se ainda que, tanto na presente pesquisa quanto na de Lima (2002), não há uma diferença expressiva entre as relações de tempo e as relações de finalidade nos discursos analisados.

No entanto, quanto à frequência das relações causais, apontando um fato que também ocorreu na presente análise, Lima (2002) esclarece:

Esse resultado difere daquele encontrado por Beaman (1982), que observou serem as relações de tempo as mais frequentes em um corpus do inglês falado. É provável que essa diferença de resultados tenha ocorrido porque, aqui, foi incluída no grupo das relações de causalidade uma grande variedade de construções, ao passo que Beaman (1982) restringiu sua análise apenas às relações de causa introduzidas pelo conectivo porque (because-clauses). (LIMA, 2002, p. 117)

Assim, consideramos que, como as *relações de motivo*, aqui encontradas, incluem cláusulas que expressam causa, explicação, razão e justificativa, é de se esperar que o número de ocorrências seja maior em relação às outras classes de cláusulas adverbiais. Além disso, ao analisar as entrevistas como um todo, tem-se a idéia de que as relações de causa e consequência, ou causa e efeito se estabelecem como uma espécie de “esteio” do discurso, de forma que os informantes, ao desenvolverem os diversos temas de sua manifestação lingüística, recorrem principalmente a esse tipo de relação adverbial.

Entre os resultados da presente análise, há uma proximidade entre o número de ocorrências das relações de **conformidade (5,3%)** e **comparação (4,6%)**. Como será mais bem discutido posteriormente, esses dois tipos de relação adverbial, junto às relações de **modo**, apresentam significativa proximidade semântica, o que dificulta a distinção entre elas. Há muitos exemplos, tanto na Rede Universitária, quanto na Rede de Familiares, em que uma mesma cláusula foi considerada como ocorrência de relação de modo, conformidade e comparação.

As cláusulas **concessivas** foram aquelas encontradas em menor número, representando apenas **3,9%** do total de cláusulas adverbiais.

Das 431 cláusulas adverbiais coletadas entre os dados da Rede Universitária, **41 (9,5%)** aparecem constituindo por si mesmas uma unidade de informação. Isso significa que, no decorrer de sua fala, os informantes produziram uma determinada unidade de informação, que pode ou não corresponder a uma única cláusula, e posteriormente produziram uma cláusula adverbial que isoladamente constituiu uma unidade informacional. Desses 9,5%, 36 (**87,8%**) são estruturas *com* conectivo e 05 (**12,2%**) são estruturas *sem* conectivo.

Apesar deste não ser um número expressivo de adverbiais desgarradas, o resultado encontrado comprova o fato de que este não é um fenômeno que se manifesta apenas na modalidade escrita da língua, como já foi mostrado por Decat (1999a), mas que se concretiza também na modalidade oral da língua portuguesa contemporânea.

A Tabela 1 também apresenta mais detalhadamente o que compreendem esses 9,5% de cláusulas desgarradas. Comparando os tipos de relações adverbiais, observamos que as cláusulas **concessivas** são aquelas que mais se desgarram, sendo que 05 (**29, 4%**) das 17 cláusulas concessivas são desgarradas. As concessivas são seguidas das cláusulas de **motivo (15,4%)** e logo depois das cláusulas **condicionais (7,5%)**. Esses resultados se assemelham àqueles encontrados por Decat (2008), que, após realizar uma análise das cláusulas adverbiais desgarradas na modalidade escrita, constatou que as cláusulas que mais se desgarraram foram as **concessivas** em primeiro lugar, seguidas das cláusulas de **motivo** e, em terceiro, as **condicionais**.

Entre estes três tipos de cláusulas adverbiais, são as estruturas *com* conectivo que se desgarram mais, destacando-se as condicionais, em que não houve desgarrada sem conectivo. Diante desse resultado, observamos que é a relação *explícita* que está caracterizando a estrutura desgarrada.

Depois desses três tipos de adverbiais, em que observamos uma queda significativa no percentual de desgarrada, encontramos um percentual aproximado entre as classes adverbiais seguintes, sendo que são estruturas desgarradas **5,1%** das relações de **modo**, **5%** das **comparativas**, **4,3%** das **conformativas** e **2%** das **temporais**. Entre os dados coletados da Rede Universitária não houve nenhuma adverbial **final** desgarrada, já que não foram detectadas unidades de informação formadas apenas por uma estrutura desse tipo. Assim como aconteceu com os três tipos de adverbiais que mais se desgarraram, dentre essas últimas classes de cláusulas, são as estruturas *com* conectivo que mais caracterizam as desgarradas.

Após a exposição dos resultados encontrados a partir da Rede Universitária, seguem as discussões acerca da Rede de Familiares, em que serão apresentadas as características sociais deste grupo, assim também como os resultados quantitativos encontrados.



Foto 6: Cachoeira do Brumado



Foto 7: Uma das três casas mais antigas do distrito de Cachoeira do Brumado



Foto 8: Vista parcial de uma oficina de panela de pedra em Cachoeira do Brumado

3.2.2 A Rede de Familiares (Forte)

A **Rede de Familiares** é composta por quatro moradores de Cachoeira do Brumado, distrito da cidade de Mariana. Dentro desse grupo, há duas mulheres, uma de 29 anos (I1G1FRF) e outra de 57 anos (I2G2FRF), e dois homens, um de 32 anos (I4G1MRF) e outro de 58 anos (I3G2MRF).

Segundo pesquisadores do local, o distrito de Cachoeira do Brumado, além de se destacar por sua atrativa cachoeira de aproximadamente quatorze metros, atualmente é conhecido por seus famosos tapetes de pita e painéis de pedra. Apesar de o casario colonial ser um dos atrativos mais importantes, moradores destacam a desvalorização e a descaracterização do cenário histórico de Cachoeira, já que casas antigas e bastantes significativas na história do Distrito foram destruídas.

Duas, das três casas mais antigas de Cachoeira, pertencem a informantes entrevistados, e têm sido, por mais de duzentos anos, passadas de geração a geração. Um dos informantes, I3G2MRF, durante a entrevista, faz questão de descrever a estrutura de sua casa, apontando características de como esta mantém a mesma arquitetura de há quase trezentos anos, quando foi construída. Este informante também faz questão de relatar como a casa de sua família tem passado de pai para filho, destacando o fato de que “até hoje dorme no mesmo quarto em que nasceu”.

É interessante ainda destacar que uma das informantes, I2G2FRF, moradora de Cachoeira, é neta da senhora que, segundo a entrevistada, iniciou e desenvolveu a “cultura do tapete de cizal” na região. Essa informante apresenta, com detalhes, o percurso no qual essa significativa cultura se constituiu. Ela garante que, em períodos anteriores, a venda de produtos artesanais típicos de Cachoeira era muito grande e que o Distrito, em função do sucesso de seu artesanato, recebia muitos turistas.

Uma característica muito relevante é o fato de que este Distrito é formado por grandes núcleos familiares. Segundo moradores, com o passar dos anos, primos e primas foram casando-se entre si, gerando pequenas famílias que, unidas, constituíam um grande grupo familiar. Em função disso, boa parte dos moradores são parentes de sangue, os quais fazem questão de evidenciar essa característica e manter fortes vínculos entre si. Apesar de este não ser um costume tão presente como antigamente, ainda hoje há em Cachoeira casamentos entre parentes.

Outro ponto que se destaca é a valorização que o Distrito tem por parte de seus moradores. Os dois informantes mais novos, quando questionados acerca da possibilidade de

mudarem e construir suas vidas em outro lugar, rejeitaram a idéia e afirmaram que, assim como foram criados em Cachoeira, desejam criar suas famílias. Estes dois informantes, atualmente, já possuem suas próprias casas em Cachoeira e, apesar de terem tido oportunidade, não quiseram se mudar nem mesmo para uma região mais próxima como a parte central de Mariana.

Todas essas características anteriormente apontadas fazem da rede dos quatro informantes uma rede fechada e densa, isto é, uma rede social forte. Três, dos quatro entrevistados são parentes muito próximos – pai, filho e filha – e, apesar da quarta informante não ser um parente, mantém um relacionamento com os outros três “como se fosse da família”.

È curioso observar como há muitas histórias, casos e fatos importantes que, revelando, individualmente, o ponto de vista dessas pessoas, se repetem na fala de cada um dos três informantes de significativo grau de parentesco. Os dois informantes mais velhos, no decorrer da entrevista, relatam e descrevem brincadeiras das quais participavam juntos, explicitando a proximidade afetiva e a intimidade existente entre essas pessoas.

Diante disso, podemos considerar que os informantes que constituem a **Rede de Familiares** são indivíduos que mantêm vínculos sociais significativos com seus vizinhos e há, muitas vezes, graus de parentesco entre os moradores. Além disso, em função da própria tradição dos tapetes de cizal e da panela de pedra, boa parte deles não se desloca para outras regiões em função de sua atividade profissional, dedicando-se, dentro do próprio Distrito, ao artesanato. Assim, a rede social deste local é formada por indivíduos que mantêm fortes laços ligados pelo território, onde são estabelecidas relações com elevado grau de intimidade.



Foto 9: Produção do tapete de cizal

Os membros da Rede de Familiares, assim como membros de outras redes fortes, têm estabelecido sua própria norma lingüística, que caracteriza e distingue esse grupo social. A língua, assim como a própria cultura do grupo, é conservadora, mais fechada às inovações de usos de outras comunidades de fala.

A **Tabela 2** a seguir apresenta, por ordem decrescente de frequência, as classes de cláusulas adverbiais encontradas a partir das entrevistas da Rede de Familiares.

TABELA 2 – RELAÇÕES ADVERBIAIS IDENTIFICADAS NO CORPUS DA REDE DE FAMILIARES

Relação	Frequência	Frequência	Frequência	Total (ADE)
		ADEC ¹	ADES ²	
Motivo	143 (36,7%)	21 (95,5%)	01 (4,5%)	22 (15,4%)
Finalidade	60 (15,4%)	12 (100%)	00 (0%)	12 (20,0%)
Tempo	53 (13,6%)	01 (25%)	03 (75%)	04 (7,5%)
Condição	44 (11,3%)	04 (100%)	00 (0%)	04 (9,1%)
Modo	40 (10,3%)	01 (25%)	03 (75%)	04 (10,0%)
Comparação	22 (5,6%)	01 (100%)	00 (0%)	01 (4,5%)
Conformidade	20 (5,1%)	03 (100%)	00 (0%)	03 (15%)
Concessão	08 (2,1%)	03 (100%)	00 (0%)	03 (37,5%)
Total	390	46 (86,8%)	07 (13,2%)	53 (13,6 %)

(1) **ADEC**: Adverbial desgarrada com conectivo

(2) **ADES**: Adverbial desgarrada sem conectivo

Entre os informantes da Rede de Familiares, assim como também ocorreu na Rede Universitária, a relação adverbial que teve o maior número de ocorrências foi a relação de motivo. Do total das cláusulas adverbiais identificadas (**390**), as que exibiam relações de **motivo** representam **36,7%** delas. Em seguida vêm as relações de **finalidade**, representando **15,4%** e as relações de **tempo**, que tiveram **13,6%** do total. Mais uma vez, destaca-se o fato de que, já que as *relações de motivo* incluem cláusulas que expressam causa, explicação, razão e justificativa, o número de ocorrências desse tipo de cláusula adverbial é maior em relação às outras classes de adverbiais.

Observa-se ainda que, apesar da significativa queda do percentual partindo das relações de motivo em direção aos outros tipos de adverbiais, na Rede de Familiares também não houve uma diferença expressiva entre as **relações de tempo**, as **relações de finalidade** e as **relações de condição** nos discursos analisados.

Há também aqui uma proximidade entre o número de ocorrências das relações de **comparação (5,6%)** e **conformidade (5,1%)**. Comparando as duas redes sociais, essas duas relações adverbiais foram as únicas que não mantiveram a mesma posição na ordem decrescente de ocorrências, já que na Rede de Familiares o número de cláusulas comparativas superou, ainda que não muito, o número de cláusulas conformativas.

Apesar da proximidade semântica das relações adverbiais de **modo, conformidade e comparação** – como já foi anteriormente apontado -, o número de ocorrências das relações de modo é maior tanto em uma rede quanto em outra. As possíveis razões para tal fato serão posteriormente apresentadas no momento em que este tipo de relação for mais bem especificado.

As cláusulas **concessivas** foram aquelas encontradas em menor número, assim como na Rede Universitária, representando apenas **2,1%** do total de cláusulas adverbiais.

Das 390 cláusulas adverbiais coletadas entre os dados da Rede de Familiares, **53 (13,6%)** aparecem constituindo por si mesmas uma unidade de informação, e se apresentam como uma cláusula desgarrada. Desses 13,6%, 46 (**86,8%**) são estruturas *com* conectivo e 07 (**13,2%**) são estruturas *sem* conectivo. Mais uma vez, concluímos que, entre esses dados, é a relação *explícita* que está caracterizando a estrutura desgarrada.

Na Tabela 2 também encontramos algumas informações importantes acerca do que significam esses 13,4% de cláusulas desgarradas. Comparando os tipos de relações adverbiais, observamos que as cláusulas **concessivas** novamente são aquelas que mais se desgarram, sendo que 03 (**37, 5%**) das 08 cláusulas concessivas são desgarradas. As concessivas são seguidas das cláusulas de **finalidade (20,0%)** e logo depois das cláusulas de **motivo (15,4%)**. Entre estes três tipos de cláusulas adverbiais, são as estruturas *com* conectivo que se desgarram mais, destacando-se as concessivas e as finais, em que não houve desgarrada *sem* conectivo.

Na Rede Universitária, não ocorreu nenhuma cláusula adverbial final desgarrada. Diferentemente, na Rede de Familiares, este tipo de adverbial foi aquele que, em segundo lugar, mais se desgarrou, já que **12 (doze)** das **60 (sessenta) adverbiais finais** aparecem de

forma isolada. Esse resultado é coerente com o fato de que o fenômeno do desgarramento se manifestou de forma mais expressiva na língua da Rede de Familiares.

As cláusulas **adverbiais conformativas** ocupam o quarto lugar entre as estruturas desgarradas, apresentando um percentual (**15%**) de desgarramento bem próximo àquele apresentado pelas relações de motivo. As conformativas são seguidas pelas cláusulas de **modo (10,0%)**, pelas **condicionais (9,1%)**, pelas **temporais (7,5%)** e, por último, pelas **comparativas (4,5%)**. Somente entre as relações de modo e tempo foi que as cláusulas desgarradas se concretizaram, em sua maior parte, *sem* conectivo.

Como foi visto, as cláusulas adverbiais desgarradas tiveram uma frequência maior entre os dados da Rede de Familiares. Sobre este resultado, é interessante destacar que, ao analisar a fala de cada um dos informantes de rede social forte, parece que o “fluxo discursivo” é mais fragmentado, pausado, possibilitando uma realização lingüística em que as unidades de informações são mais facilmente delimitadas. A delimitação dessas unidades de informação é facilitada, uma vez que, no decorrer da fala, é mais perceptível quando a entonação de um determinado “bloco de informação” ascende ou descende.

Assim, é possível que esse fluxo discursivo mais fragmentado e pausado, além de favorecer a delimitação das unidades de informação, também favoreça o fenômeno do desgarramento, já que é mais fácil “se desgarrar” quando a própria organização lingüística do discurso já é mais dividida, mais pausada.

Outro ponto interessante é o fato de que as unidades informacionais se mostram mais bem definidas quando o informante está narrando histórias ou fatos, já que dentro dessas seqüências discursivas o entrevistado, preocupado em fazer seu interlocutor “acompanhar” o que está sendo dito, utiliza-se de uma organização lingüística também mais pausada, com unidades de informação marcadamente delimitadas. Dentro dessas seqüências lingüísticas, também é mais fácil identificar uma cláusula adverbial desgarrada na língua falada.

Lima (2002) afirma que a interação verbal face a face é um tipo de atividade que, de alguma forma, exige que haja um significativo envolvimento por parte dos interlocutores. Dentro dessas interações, muitas vezes, os falantes até mesmo complementam a fala um do outro, caracterizando o que a referida autora chamou de “autoria dupla na construção de enunciados complexos”. Vejamos o seguinte trecho da argumentação da autora:

Analisando-se a dinâmica da interação verbal face a face, poder-se-ia dizer que essa possibilidade de autoria dupla na construção dos enunciados complexos reflete o alto grau de envolvimento a que a conversação obriga os participantes. Do lado cognitivo, ele configura-se como uma evidência de que o ouvinte não é um mero

receptor passivo das expressões lingüísticas do falante, mas realiza, mesmo quando permanece calado, um intenso trabalho mental que envolve não apenas processos como antecipações, pressuposições, inferências, etc., mas também complementações de natureza sintática. (Lima, 2002, p. 103)

Diante disso, podemos considerar que a autoria dupla de um determinado enunciado seria uma marca lingüística do grau de participação e envolvimento entre os interlocutores, evidenciando, também, a cumplicidade entre os mesmos.

Comparando as quatro entrevistas da Rede Universitária com as quatro entrevistas da Rede de Familiares, foi percebida uma diferença interessante quanto ao grau de “cumplicidade” entre os interlocutores. Na Rede de Familiares, durante a entrevista, percebe-se um envolvimento maior entre os falantes, uma maior cumplicidade, uma significativa satisfação em contar e relatar histórias e experiências pessoais e de seus familiares. É perceptível que cada um destes informantes “revela” características culturais e lingüísticas de uma “identidade” própria do distrito de Cachoeira do Brumado.

Analisando o processo discursivo desenvolvido por cada um dos membros da rede forte, encontramos muitas descrições, explicações e narrações que buscaram, de alguma forma, garantir o entendimento do documentador sobre o assunto que estava sendo apresentado, exposto.

Uma materialização lingüística dessa característica são as inúmeras “retomadas” realizadas por estes informantes quando entrevistados. Apesar de, no decorrer da entrevista, haver determinadas interrupções na “linha argumentativa” ao acrescentarem informações sobre outros assuntos, os falantes voltavam ao que estava sendo exposto, retomando seu raciocínio. As relações adverbiais se entrelaçam através desses textos orais, enriquecendo a construção dos sentidos e orientando o “desenrolar” do discurso. Vejamos o exemplo 6:

Exemplo 6

47. Aí da nossa turma de 20 anos ... hoje todos são estudados e todos é a turma que melhorou de vida aqui porque antes era muito precário muito pobre

Doc: e cês estudaram aqui mesmo [ou foram pra Mariana pra estuda/

48. Nós estudamos aqui] até ... a 1ª a 4ª série.

49. Eu lembro que a gente ninguém aqui tinha casa boa é... alimentação boa não roupa ninguém tinha nada disso não.

50. Era tudo precário mesmo todo mundo precário mesmo.

51. Há 20 anos atrás que eu to falando isso é coisa de 20 anos atrás.

Doc: ah tá

52. 20 20 24 anos atrás

Doc: mas tinha famílias boas também né?

53. [não todo mundo gente boa.

Doc: tinha os mais pobres ou num tinha essa diferença era todo mundo mais ou menos igual?

54. Não não num tinha.]

55. Todo mundo igual... num tinha assim “aquele é o melhor o bom da boca ali o melhor... ele tem di-até TV”.

56. Eu num to falan-contando procê? a primeira TV que chegou foi na casa de T... depois aqui que a gente começou a ver TV na casa do meu tio.

57. Aí isso depois levou mais uns cinco anos pra mãe compra TV... entendeu?

Doc: e telefone nem se fala né?

58. Telefone nem se fala chegou aqui em 2001

Doc: [nossa ...

59. Chegou telefone aqui.]

60. E o celular chegou em 2005

Doc: ah tá mas e ah

61. Então aí a vida começo a melhorar a partir de...

62. Aí nós estudamos de 1 a 4ª série aqui ...

63. Aí tinha aque-aqueles meninos que são os meus primos da nossa TURMA ... como diz aqui ↓ aqueles que gostavam de estuda estudaram ↓ aqueles que não gostavam ficou só na 4ª série saiu e foi trabalhar porque dependia do trabalho pra sobreviver né?

64. Foram faze panela tapete...

65. Cada um faze uma coisa busca uma coisa

66. Isso pra quando partiu pra 5ª série

67. Aí só que nós continuamos de 5 a 8ª série aqui.

68. Depois fui fazer o 2º grau em Mariana...

69. Fiz 2º grau em Mariana ...

70. E a gente geralmente fazendo 5ª a 8ª série já trabalhava ↓ ninguém ficava a toa não fazendo tapete... vendia as coisas cada um fazia uma coisa... pra ganhar dinheiro.

Doc: ... e o que que é que mais assim rendia dinheiro pro cês aqui era a questão do tapete [faze panela ... porque faz tapete e panela que que que dava mais dinheiro assim

71. É faze tapete mesmo... é ...] faze tapete e vende panela... leva panela na cidade e vende

Doc: ah tá

72. É isso

Doc: ah tá

73. Aí depois vem surgindo aí as pessoas vão estudando... vem surgindo os empregos os cada um foi empregando. (IIG1FRF)

Na unidade 47, é anunciada uma linha argumentativa que apresenta informações sobre a “turma de 20 anos” da qual a informante fez parte. Nas unidades seguintes, a informante aponta as primeiras séries que esse grupo de jovens cursou junto, assim como também enfatiza as condições precárias em que viviam estas pessoas, retomando nas unidades 51 e 52 o período em que ocorreram esses fatos.

Na unidade 53, em função da pergunta feita pelo documentador, a informante interrompe o assunto sobre a “turma de 20 anos atrás” e passa a apresentar outras informações, tentando comprovar a idéia de que em Cachoeira do Brumado não havia diferenças econômicas entre os moradores, já que era “todo mundo igual”.

Da unidade 61 à unidade 73, após retomar o raciocínio, a informante apresenta uma seqüência de informações que aponta o desenvolvimento da vida no Distrito. Tal seqüência se refere à própria trajetória da “turma de 20 anos”, apresentada primeiramente na unidade 47.

Dessa forma, apesar de ter tido uma interrupção na linha argumentativa anunciada na unidade 47, na unidade 61 a informante retoma o assunto que estava sendo apresentado ao documentador, garantido a este o entendimento e uma visão geral acerca do que está sendo dito. Além disso, encontramos na unidade 73 uma espécie de “arremate” do assunto, caracterizando essa parte da entrevista como um percurso de informações completo, o qual é constituído por início, meio e fim.

As relações adverbiais estão entrelaçadas nesta seqüência de informações. Na unidade 63, encontramos a cláusula “como diz aqui”, que pode ser caracterizada como uma *cláusula adverbial de conformidade* ou *de modo* – o que será mais bem explicitado posteriormente. Há também dois exemplos de *relações de causa/conseqüência* ou *causa/efeito*: quem gostava de

estudar (causa), estudou (consequência) e quem não gostava (causa), parou de estudar na 4ª série e começou a trabalhar (consequência).

Nessa mesma unidade, encontramos o *motivo* que levou aqueles que não gostavam de estudar a trabalhar: essas pessoas “dependiam do trabalho pra sobreviver”. Por último, o fragmento “pra sobreviver” estabelece uma relação de *finalidade* com o fragmento anterior. Vemos, aqui, que as estruturas adverbiais não só se entrelaçam com as outras cláusulas do discurso, como também se entrecruzam entre as próprias cláusulas adverbiais.

A unidade 66, estabelecendo uma *relação de tempo* com as unidades 64 e 65, marcando o período em que aqueles que não continuaram a estudar começaram a trabalhar. Na unidade 70, encontramos outra marca temporal, em que a informante destaca que, durante o período de 5ª a 8ª série, aqueles jovens trabalhavam. Mais adiante, é apresentado o *modo* que essas pessoas utilizavam para ganhar dinheiro, produzindo, a partir dessa última informação, a *cláusula adverbial final* “pra ganhar dinheiro”.

A seguir, vejamos mais um exemplo:

Exemplo 7

Doc: ah ta certo. E em relação assim oh era menos pessoas aqui em Cachoeira né? aí o tempo foi passando e o número de de famílias foi aumentando. Como é que foi essa-

215. oh naquela época essa parte da praia aqui embaixo aonde eu tenho a minha casa lá a outra casa... ali tudo era campo.

216. Campo de futebol ()... aquele grupo escolar ali era o campo de futebol nós jogava bola ali.

217. Ali aqui tudo virou casa grupo fez tudo fez o campo do outro lado.

218. Hoje num tem mais-.

219. Quando vinha um parque um circo pra cá ↓ todo mundo acampava lá embaixo.

220. A gente ficava até doido quando vinha circo praqui.

221. Todo mundo queria ir no circo.

222. Cê arrumava dinheiro onde que arrumasse.

223. Mas tinha que ir no circo porque num tinha nada pra vê ↓ e nem fazê... né?

224. A luz aqui num era essa luz.

225. Era uma luz... que nem um tumatim lá no poste.

226. Cê num enxergava nem nada no meio da rua.

227. Uma luz vermelhinha que era criada daqui mesmo da cachoeira aqui em cima.

228. Então era tudo diferente.

229. (Então) quando tinha um parque aqui que chegava aqui um circo ↓ nós ficava em tempo de fica doido a a juventude toda pra pra ir no no parque no circo porque num tinha nada pra fazê.

230. Durante a semana... se ocê num fosse dormi 8 horas... era tudo escuro.

231. Num tinha nada.

232. () num tinha nada era tudo limpo tudo liso.

233. Hoje aumentou aqui mais ou menos na faixa de... eu acho mais ou menos... () 300 casa a 400 mais ou menos.

Doc: há mais do que tinha::

234. bem mais é bem mais.

(I3G2MRF)

Nesse fragmento de texto, documentador e informante conversam sobre a vida da população no Distrito e sobre o desenvolvimento do mesmo. O informante começa a dizer que antigamente havia um número bem menor de casas em Cachoeira e que, devido ao crescimento das famílias, algumas coisas mudaram.

Tanto na unidade 219 quanto na unidade 220, encontramos uma *cláusula adverbial de tempo*, em que o entrevistado conta que a chegada de um circo na região era motivo de muita satisfação para os moradores. Nas unidades seguintes, o assunto continua a ser desenvolvido e, na unidade 223, há uma *cláusula adverbial de motivo*: a razão para todos quererem ir ao circo é que este era uma novidade, uma opção de lazer que dificilmente existia.

Da unidade 224 à unidade 228, o tema da conversa é interrompido, já que o informante passa a explicar como era a iluminação de Cachoeira anteriormente. No entanto, a unidade 229 retoma aquilo que estava sendo dito, em que encontramos mais uma vez, *uma cláusula adverbial de tempo* – “quando tinha um parque aqui que chegava aqui um circo” – e *uma cláusula adverbial de motivo* – “porque num tinha nada pra fazê”. Na unidade seguinte, 230, a cláusula “se ocê num fosse dormi 8 horas” caracteriza-se como uma *cláusula adverbial condicional*, já que, considerando todo o contexto, o informante aponta que se um morador não quisesse dormir até às oito horas da noite, ficava acordado no escuro, já que as condições de iluminação eram muito precárias.

Na unidade 234, por sua vez, o assunto é encerrado e, como no exemplo anterior, reconhecemos o fechamento de uma linha argumentativa completa, em que, apesar de interrupções, o assunto é retomado e concluído.

Nos trechos de texto seguintes, há exemplos de “autoria dupla dos enunciados”, conforme apontado por Lima (2002):

Exemplo 8

Doc: e e agora o ritmo de vida. O ritmo de vida antes era bem mais tranqüilo do que é hoje ou num mudou muito não?

235. era mui::to pesado.

236. Porque primeiro a gente não tinha dinheiro.

237. Se você quisesse dinheiro tinha que pelear cê custava pra ganhar um pouquinho de dinheiro fazendo umas panela ou trabalhando (dia) pru outros ganhando um tiquim.

238. Era uma dificuldade tremenda.

239. Pru cê compra uma roupa... um sapato... uma coisa assim mais bunitinha- se a gente quando era mais no- a gente era novo ↓ se a gente pegasse uma roupa da gente e fosse na igreja ↓ a gente tinha que chega tira e guarda ela.

240. Era aquela que a gente podia usar.

241. Deixa (pro dia que a gente fosse pra) festa.

242. Porque se não você gastava ela cê ficava-

Doc: sem roupa pra ir pra festa.

243. Agora hoje olha a diferença de hoje eu compro uma roupa... eu compro duas três quatro camisa hoje amanhã eu já usei tudo já num to nem aí pra elas e acabou. (I3G2MRF)

Discutindo acerca do “ritmo de vida” em Cachoeira do Brumado, o entrevistado afirma que este era “muito pesado”. Na unidade 236, há uma *cláusula adverbial de motivo desgarrada*, já que o informante, em uma unidade de informação isolada, começa apresentar as razões, os motivos para caracterizar a vida no Distrito dessa forma.

Na unidade 237, encontramos três cláusulas adverbiais diferentes: a primeira é uma *cláusula adverbial condicional*, em que o informante diz que só se conseguia ter algum dinheiro com muito trabalho; a segunda é uma *cláusula adverbial final*, já que a finalidade de toda aquela “peleja” era “ganhar um pouquinho de dinheiro” e a terceira é uma *cláusula adverbial de modo*, em que nos é mostrado como essas pessoas ganhavam dinheiro.

Apresentando ainda a escassez de recursos em que viviam aquelas pessoas, o informante produz, na unidade 239, uma *cláusula adverbial de tempo* – “quando era mais no- a gente era novo” - e uma *cláusula adverbial de condição* – “se a gente pegasse uma roupa da gente e fosse na igreja” -, as quais se interligam, o que garante a sustentação de ambas.

A cláusula “era aquela que a gente podia usar” da unidade 240 estabelece uma relação de motivo com a unidade anterior, já que apresenta a razão de o informante não poder continuar com a roupa depois que voltasse da igreja, isto é, as roupas mais novas, em melhores condições tinham que ser conservadas para serem usadas em ocasiões especiais.

É entre a unidade 242 e a fala seguinte do documentador que identificamos uma autoria dupla de enunciado: a *cláusula adverbial de motivo desgarrada* dessa unidade é finalizada pela fala do documentador, revelando um grau significativo de envolvimento entre os dois interlocutores. É interessante que, após a finalização dessa cláusula pelo documentador, o informante continua normalmente sua fala, sem apresentar nenhum tipo de hesitação ou correção diante do que foi dito. Tal fato nos aponta que o informante concordou com a complementação realizada.

Por último, a unidade 243 estabelece uma relação de comparação com todas as cláusulas que estão entre as unidades 239 e 242, uma vez que, após apresentar a escassez de recursos de sua juventude, o informante faz considerações sobre sua realidade atual, apontando como as condições melhoraram. Encontramos, nesse trecho da entrevista, uma evidência da insuficiência de uma análise puramente formal. As relações, aqui, são construídas através de um conjunto de cláusulas interdependentes, em que, ainda que estas não sejam adjacentes, mantêm relações entre si, “tecendo” entre elas uma rede de sentidos que se desenvolve dentro do processo argumentativo do falante.

Exemplo 9

104. E quando a gente foi estuda em Mariana... a gente foi todo mundo junto também estuda em Mariana ↓ alguns que ficaram pra trás porque desistiram e falava assim “ah eu num vou enfrenta isso não num vou estuda não”.

Doc: mas cês iam e voltavam todo dia

105. A gente ia e voltava todo dia de ônibus.

106. Saía 5h da manhã... pegava o ônibus aqui 5h da manhã... ia pra Mariana isso era um:: como se diz ↓ era um ônibus de cata-jeca né? que passava aqui saía de Cachoeira, passava em Monsehorta, passava em Cacho- em em Sumidouro, depois passava em Bandeirantes pra chega em Mariana 7h então esse percurso era duas horas... quase... pegando aluno.

Doc: [porque era um ônibus só

107. Um ônibus só

Doc: pra passar em todos os lugares

107. Pra passar em todos os lo-locais].

108. A gente ia estuda em Mariana até o meio dia.

109. Meio dia voltava.

110. Isso de de segundo grau pra estuda segundo grau.

111. Voltava ↓ aí vinha fazendo o mesmo percurso saía de lá meio dia-a aula acabava 11h30m, saía meio dia, passava em Bandeirantes, passava em Sumidouro, passava em Monsehorta pra chega em Cachoeira 2h da tarde.

Doc: nossa... aí cês chegavam tudo com fome

112. É... aí num era todo mundo que queria enfrenta isso aí né?

113. Aí quem quem gos-de-gostava de estuda ía e enfrentava.

114. [aí todo mundo morrendo de fome né?

Doc: e alguns ficaram ?]

115. uhn?

Doc: e alguns ficaram?

116. Algumas pessoas desistiram (falaram) “ah eu num vou enfrenta isso vou estudar não”

Doc: ah e você num arrepende né? de ter

117. Não não ah nossa eu ia me arrepender se eu num tivesse feito isso.

118. Aí eu taria arrependida hoje se eu não tivesse estudado.

Doc: ah tá

119. (Entendeu? fazê) meu segundo grau eu ia ter que fica na mão né?

(IIG1FRF)

Nessa parte da entrevista os interlocutores conversam sobre as dificuldades que a informante e seus outros colegas de escola enfrentavam para estudar em Mariana devido à precariedade do transporte escolar. Já na unidade 105 há duas cláusulas adverbiais, uma *adverbial de tempo* e outra *adverbial de motivo*. A primeira marca o período escolar na cidade de Mariana e a segunda apresenta o motivo de alguns jovens não terem ido para a cidade continuar seus estudos.

Na unidade 106 há uma descrição detalhada dos horários e do trajeto que os estudantes faziam para irem à escola, partindo do distrito de Cachoeira do Brumado até a cidade de Mariana. Nessa unidade, encontramos duas *cláusulas adverbiais de modo*, uma no início da unidade - “como se diz” – e outra no fim - “pegando aluno”.

Após a unidade 106, as falas de documentador e informante se sobrepõem. Neste momento, observamos que os falantes formam, juntamente, quase que a mesma unidade de informação. Na unidade 107, o informante praticamente repete a fala de quem o entrevista, complementando-a. Assim, há mais uma marca do envolvimento e cumplicidade entre esses interlocutores.

Na unidade 110, há uma *cláusula adverbial final desgarrada*, uma vez que a informante apresenta, nesse bloco de informação separado, a finalidade – “pra estudar segundo grau” – de fazer todo aquele percurso.

No decorrer do texto, é apresentado, novamente de forma detalhada, o percurso inverso daquele falado na unidade 106, evidenciando o desejo da informante de que o documentador tenha uma compreensão significativa acerca de sua experiência escolar.

Diante de todas as informações apontadas, a informante, nas unidades 112, 113 e 116, retoma o que ela já havia anunciado na unidade 104: é em função de todas essas dificuldades enfrentadas que alguns jovens que estudaram com ela em Cachoeira do Brumado desistiram de ir para Mariana estudar. Assim, nesse pequeno fragmento de texto, acompanhamos o “percurso” argumentativo traçado pela informante, a qual deixa claro sua intenção de não só esclarecer o que diz – mostrando, com detalhes, o que exatamente aqueles jovens “enfrentavam” -, como também de garantir ao documentador uma boa compreensão da experiência relatada.

O assunto é finalizado nas unidades 117 a 119, sendo que tanto na unidade 117 quanto na 118 há uma *cláusula adverbial condicional*, em que a informante enfatiza que não se arrependeu de ter “enfrentado” aquelas dificuldades, já que seu estudo havia sido garantido.

A análise de cada um desses exemplos teve o objetivo de apresentar, a partir de entrevistas de rede social forte, marcas lingüísticas que evidenciam o envolvimento presente na conversação entre os falantes e o nível de cumplicidade entre os mesmos. Porém, não queremos dizer, aqui, que tal envolvimento não esteja também presente no processo de interação verbal entre informantes e documentador da rede social fraca. O fato é que, ao analisar cada entrevista de ambas as redes sociais, foi possível perceber e identificar manifestações mais expressivas e freqüentes de envolvimento e cumplicidade entre os membros da rede de Cachoeira do Brumado.



Foto 10: Rua típica do distrito de Cachoeira do Brumado

3.3 As cláusulas adverbiais: discussões específicas

Analisados e expostos os resultados gerais tanto da Rede Universitária quanto da Rede de Familiares, a seguir, partindo também das diferenças e semelhanças entre as redes, as cláusulas adverbiais serão apresentadas e discutidas, mais especificamente, a partir de cada uma das oito relações adverbiais identificadas no presente *corpus*.

3.3.1 As Relações de MOTIVO

Como foi explicado anteriormente, o presente trabalho considera sob o rótulo de *motivo* “qualquer articulação de cláusulas que expressem causa, explicação, razão, justificativa, etc.” (DECAT, 1993, p. 148). Assim, podemos dizer que as relações causais retiradas do *corpus* aqui analisado não são causas *específicas*, mas sim *gerais*. É importante retomar também que é possível que esse fato justifique o número maior de ocorrências desse tipo de relação adverbial, tanto na Rede Universitária quanto na Rede de Familiares.

Segundo Abdon (2004), dentro da literatura filosófico-científica, o conceito de “causa” é considerado bastante complexo e abrangente. É comum que nesses textos a definição de

causa esteja entrelaçada e confundida com outras noções, como as de *razão e motivo*. Trabalhos lingüísticos, que têm as relações causais como objeto de estudo, também apontam a dificuldade de determinar precisamente esse conceito. É importante esclarecer, no entanto, que não é nosso objetivo levantar questões ou fazer críticas acerca desse ponto; tem-se apenas o interesse de aproveitar, tanto quanto possível, as conclusões já apresentadas.

Para a presente pesquisa, a noção de *motivo* se assemelha à noção de *causa* apresentada por Abdon (2004, p. 74), em que “causa é o que está na origem de alguma coisa; é algo que faz um estado-de-coisas acontecer”. Assim, a referida autora entende a noção de causa “como uma condição para algo acontecer” e é dessa forma que, aqui, explicamos a noção de *motivo*.

Outro ponto interessante refere-se à discussão sobre o fato de a causa apresentada no discurso do falante ser ou não uma causa real no universo extralingüístico. Abdon (2004, p. 75) apresenta o seguinte ponto de vista:

Do ponto de vista semântico-pragmático, a relação causal que se atualiza no discurso se funda numa relação preexistente, que o sujeito aprendeu a identificar no seu ambiente físico-sócio-cultural. Em outros termos, o que autoriza um falante a estabelecer uma relação de causa e efeito é um conjunto de informações partilhadas pelo senso-comum, acerca de como as coisas acontecem no mundo. Naturalmente, se a relação instituída pelo falante rompe com esse conhecimento, essa deixa de ser autorizada, validada pelo ouvinte. (...) Deve-se entender, então, que uma afirmativa em que se propõe uma relação causal somente pode ser coerente na condição em que se sustente em alguma relação admissível no mundo extralingüístico. Essa consideração está em consonância com a idéia de que existem princípios bem gerais e preexistentes a qualquer discurso particular, válidos em uma multiplicidade de contextos sociodiscursivos.

Como visto na citação acima, Abdon (2004) aponta que os conhecimentos compartilhados entre falantes no ambiente físico-sócio-cultural são determinantes para que a relação causal no discurso seja validada, ou seja, efetivamente estabelecida. Dessa forma, se uma determinada causa apresentada pelo falante não pertencer ao mundo real extralingüístico, esta será desconsiderada no processo de interação verbal.

No entanto, contrariando esse ponto de vista, Lima (2002, p. 117) destaca o seguinte:

È importante observar que a relação causa-consequência expressa pelo falante não implica necessariamente uma causa real no universo extralingüístico. Ao conectar dois eventos por uma relação causa-consequência na conversação, o que o falante deseja é que seu interlocutor os perceba dessa maneira conectados, e não que se avalie se a parte colocada como a causa preenche a condição de causa necessária e suficiente no mundo real.

Observa-se, assim, que para Lima (2002) a validação e efetivação da relação adverbial causa-consequência não está condicionada pelos conhecimentos partilhados entre falantes, ou seja, não está condicionada pelo mundo extralingüístico. Na visão dessa última autora, as atualizações lingüísticas realizadas pelos falantes são validadas no momento da interação verbal e são, por si só, determinantes e suficientes. Esse último ponto de vista é também considerado pelo presente trabalho.

Após análise do presente *corpus*, tanto entre os dados da Rede Universitária quanto entre os dados da Rede de Familiares, confirmou-se a asserção de que “a indicação da causalidade por meio da hipotaxe adverbial é um recurso bastante utilizado na conversação face a face” (Lima, 2002, p.117). As cláusulas adverbiais de motivo encontradas no *corpus* podem se configurar de diferentes formas, conforme mostram a tabelas a seguir:

TABELA 3 – EXPRESSÃO DA RELAÇÃO DE MOTIVO - REDE UNIVERSITÁRIA

Conectivo	Frequência
Porque	98 (53,8%)
Sem conectivo (motivo implícito)	60 (33,0%)
Que	13 (7,1%)
Como	06 (3,3%)
Por [+ infinitivo]	02 (1,1%)
Gerúndio	02 (1,1%)
Pois	01 (0,5%)
Total	182

TABELA 4 – EXPRESSÃO DA RELAÇÃO DE MOTIVO - REDE DE FAMILIARES

Conectivo	Frequência
Porque	65 (45,5%)
Sem conectivo (motivo implícito)	60 (42,0%)
Que	14 (9,8%)
Como	02 (1,4%)
Portanto	02 (1,4%)
Total	143

A partir dos resultados da Rede Universitária e da Rede de Familiares, identificamos diferentes conectivos para a concretização das cláusulas adverbiais de motivo. De acordo com as tabelas acima, o conectivo *porque* é o mais empregado para expressar esse tipo de relação, já que praticamente a metade das cláusulas adverbiais de motivo em cada uma das redes se concretizou através desse conector.

Lima (2002) considera o *porque* como o “elemento prototípico” para expressar as relações de causalidade, fato que também é aqui confirmado. A referida autora também destaca a necessidade de novas investigações acerca desse elemento lingüístico, já que são muitos os empregos e funções que *porque* pode apresentar nos diferentes discursos.

Segundo Lima (2002, p.119 e 120), há, em geral, duas funções para o conector *porque*. A primeira é “a de conectivo causal, quando introduz uma relação tal que uma oração é posta como sendo a ‘causa real’ de outra, formando um enunciado complexo”, como ocorre nos exemplos abaixo:

Exemplo 10

Doc: unhum... exatamente... ah... e com re- como que... não sei se cê sente mais de perto a movimentação das repúblicas aqui como é que é essa movimentação?

45. Conheço poucas **porque** a maioria dos colegas que eu tenho... eh: moram né? em residências próprias aqui em Mariana ou então tem a- igual tem gente que mora ali na... nas Intocáveis pelo menos as poucas vezes que eu fui lá vi que era muita farra. (I1G1FRU)

Exemplo 11

Doc: quais que foram essas pesquisas?

50. Eh:: mulheres religiosidade... na nas Minas Gerais () num é isso? e a outra foi livrarias e habilidades de (leitura)

51. Trabalhei em duas pesquisas com ele

52. A primeira muito pouco tempo sabe M. nós entramos assim no final faltava coisa assim de: pouco mais de um mês... **porque** as meninas que eram bolsistas dele tinham passado no mestrado então as bolsas passaram pra mim e pra uma outra amiga. (I3G2FRU)

No exemplo 10, a informante apresenta o estado de coisas “**porque** a maioria dos colegas que eu tenho... eh: moram né? em residências próprias aqui em Mariana” como o motivo, a “causa real” de conhecer poucas repúblicas de estudantes da UFOP.

No exemplo 11, a informante fala sobre pesquisas das quais participou durante seu período de graduação. Apresenta, na unidade 52, o estado de coisas “**porque** as meninas que

eram bolsistas dele tinham passado no mestrado” como o motivo ou “causa real” de ter participado do fim do projeto.

A segunda função do conector é “a de operador argumentativo, quando *porque* encadeia dois atos de fala”, como no exemplo 12:

Exemplo 12

Doc: então era um homem bem rico né?

212. Ele era um homem () é:: um português muito rico.

213. Ele chegou aqui ficou dono das terras doou as terras dele toda pra igreja.

214. Essas terras do asfalto tudo que cê vai até lá no alto tudo da igreja.

215. Por quê?

216. Porque ele doou pra igreja.

(I1G1FRF)

Nesse último exemplo, o segmento introduzido pelo *porque* – “porque ele doou pra igreja” - justifica o ato de fala anterior – “por quê?”, o qual é uma pergunta.

Os resultados das tabelas revelam também um número significativo de ocorrências em que a expressão da relação de motivo está implícita, isto é, não há um elemento conectivo presente. Essas estruturas foram consideradas pela presente análise, uma vez que é possível identificar tal relação:

Exemplo 13:

33. Mas... acho que de uma maneira geral o fato do de ter a Universidade aqui cê consegue tá formando professores mais qualificados e tem mais condições de ter uma boa educação. (...)

Doc: e:: é o que que/ como que cê acha que tá assim a a:: estrutura da área de saúde de Mariana?

122. Eu num posso fala:: assim... num sei.

Doc: não?

123. Como que tá num tenho a mínima idéia.

124. Num vou em médicos aqui nada aqui em Mariana.

125. Não faço nenhum tipo de tratamento nem eu nem ninguém da minha família.

126. Então assim nunca entrei em hospital daqui.

127. Num sei como funciona a Policlínica.

(I2G1MRU)

Exemplo 14

257. **Todo mundo é conhecido quem é daqui num mexe com ninguém daqui.**

258. E algum assaltozinho às vezes que tem por aí assim eu acho que é as pessoas de fora que vêm... e faz.

259. Mesmo assim dentro de Cachoeira-desse local de Cachoeira ↓ não.

260. **Ninguém tem coragem de entrar na casa de uma pessoa e assalta ele.** (IIG1FRF)

Na unidade 33 do exemplo 13 (Rede Universitária), o estado de coisas “mas... acho que de uma maneira geral o fato do de ter a Universidade aqui” é o motivo ou “causa real” para o estado de coisas “cê consegue tá formando professores mais qualificados e tem mais condições de ter uma boa educação”.

Dessa mesma forma, as informações presentes nas unidades 124 – “num vou em médicos aqui nada aqui em Mariana” - e 125 – “não faço nenhum tipo de tratamento nem nem eu nem ninguém da minha família” - são os motivos apresentados pelo informante de não saber “como funciona a Policlínica”, o que é dito na unidade 127.

No exemplo 14 (Rede de Familiares), o estado de coisas “todo mundo é conhecido quem é daqui num mexe com ninguém daqui” é identificado nesse discurso como o motivo ou a causa para o estado de coisas “ninguém tem coragem de entrar na casa de uma pessoa e assalta ele”. Observa-se ainda que, embora essas cláusulas não sejam adjacentes – como aquelas que estão presentes nas análises dos manuais tradicionais de língua portuguesa -, a relação adverbial se estabelece. A consideração de todo contexto é outro ponto que se destaca, evidenciando que uma análise puramente formal não seria suficiente.

Assim, apesar de não haver um conectivo presente tanto entre as cláusulas da Rede Universitária quanto entre as cláusulas da Rede de Familiares, a relação adverbial de motivo é estabelecida.

Observando os conectivos presentes nas Tabelas 3 e 4, podemos afirmar que há uma variedade maior de configurações das cláusulas adverbiais da Rede Universitária, ou seja, os informantes dessa rede social utilizam uma diversidade maior de conectivos. Esse resultado pode ser explicado pelo fato de que todos os informantes da Rede Universitária já haviam cursado ou estavam cursando o ensino superior, enquanto que apenas uma informante da Rede de Familiares estava cursando o 3º grau. Assim, o fator social *escolaridade* pode ter

interferido diretamente nesses resultados, já que o uso de diferentes conectivos da língua é favorecido pelo aumento do grau de instrução dos falantes.

Os conectores *que* e *como* ocupam a mesma posição de ocorrências nas tabelas 3 e 4. Vejamos os fragmentos de texto abaixo que exemplificam a realização desses conectivos nas duas redes sociais:

Exemplo 15

19. A voz dele ainda é... é... tem aquela característica não é?

20. Mas me parece que está um pouco cansada já... dos anos de estrada aí né? parece um pouco mais rouca do que... do que o costume.

21. Pude perceber também eu num posso julgar muito **que eu tenho um probleminha de audição... no ouvido esquerdo- direito perdão...** e... parece que o som tava um pouquinho... a voz tava um pouco rouca. (I4G2MRU)

Doc: mas aí cê chegava no horário?]

89. Chega-mais ou menos num era bem dentro-passava um pouco... né? passava um pouco assim.

90. Às vezes chegava ONZE ↓ aí tinha uma reclamaçãozinha mas ficava por isso mesmo né? **que a gente num dexava passa demais né?** (I2G2FRF)

Exemplo 16

28. Aí na hora de ler os livros li até livro errado sabe? eu comprei um que num era aquele quando chegou na hora de fazer a prova de português num deu nem pra eu fazer... as as questões porque eram comparativas **como eu num tinha lido livro certo então eu num ia fazê.**

114. **E como eu num fiz mestrado nem doutorado... como eu trabalho cada hora pra uma pessoa cada hora num lugar cada hora me encomendam um trabalho com os outros meninos é a mesma coisa... aí nós ampliamos muito leque de conhecimento.** (I3G2FRU)

Doc: e tem muito caso de gente que ficou doente ... aqui em Cachoeira. Por causa da-

225. Que teve xistosa?

Doc: por causa da cachoeira?

226. Tem bem pessoas que tem o:: o verme né? a xistosa.

227. **Aí faz o tratamento né? como tem o tratamento.** (I1G1FRF)

O exemplo 15 apresenta cláusulas em que a relação adverbial de motivo realiza-se através do conectivo *que*. Observa-se que tanto no exemplo da Rede Universitária quanto no

exemplo da Rede de Familiares o conector *que* pode ser substituído pelo conector *porque*, estabelecendo, também, uma relação de motivo. Sobre essa questão afirma Lima (2002, p. 127):

É importante observar que as construções causais introduzidas pelo conectivo *que* são consideradas, pelas gramáticas, como coordenadas explicativas. Não se evidenciou, entretanto, para essas construções, um funcionamento que justificasse a sua exclusão da análise, já que operam, tanto quanto o *porque*, no estabelecimento de uma relação causal no domínio dos atos de fala.

O exemplo 16 apresenta cláusulas em que a relação adverbial de motivo realiza-se através do conectivo *como*. É interessante observar que os resultados de Lima (2002) apontaram que 100% das ocorrências de cláusulas adverbiais causais com *como* foram antepostas. Na presente análise, as 06 (seis) ocorrências da Rede Universitária, isto é, 100% delas, ocorreram antepostas, porém 01 (uma) das 02 (duas) ocorrências do conectivo *como* da Rede de Familiares foi posposta.

Os fragmentos de texto a seguir são exemplos, de ambas as redes, de cláusulas adverbiais de motivo com outros tipos de conectivos:

Exemplo 17

(a) 50. Eh... e:: mesmo assim... por por ser... é é... quer dizer **por residir numa comunidade como Mariana** naquela época nós não tínhamos o acesso que hoje as pessoas têm né? essas informações todas... a própria liberdade de de de expressão hoje é uma coisa pública e notória né?

(b) 136. Alguns têm uma grande dificuldade em assimilar **pois falo de língua estrangeira**. (I4G2MRU)

(c) **Doc: Ah ta entendi. Então em relação a a... turismo a geração de dinheiro-**

160. É... o outro era melhor.

Doc: ah ta.

161. **Portanto a T. e os irmão dela tinha uma loja lotada.**

162. Eles vendia muito.

(I4G1MRF)

(d) 29. E eu era muito rebelde assim fugia muito de casa (assim) ia brinca com as minhas colegas às vezes distância mais longe ah-apanhava tomava umas chineladas (umas pneuzada) como se diz (risos)...

30. Né? era rebelde assim também fugia mesmo.

31. Ele num-num gostava **portanto que às vezes apanhava né? [mas assim-**

(I2G2FRF)

A Tabela 1 desse capítulo, referente à Rede Universitária, aponta que das **182** ocorrências de cláusulas adverbiais de motivo, **15,4%** ocorreram em uma unidade de informação isolada e que a Tabela 2, referente à Rede de Familiares, revela que **15,4%** das **143** cláusulas adverbiais também são desgarradas. Esse tipo de construção adverbial, junto das cláusulas concessivas, foram aquelas que mais se manifestaram em uma unidade de informação isolada no *corpus*. Interessante que Decat (2008) analisa cláusulas adverbiais desgarradas na modalidade escrita da língua e afirma que as adverbiais *causais* e *concessivas* foram as que mais ocorreram de forma “desgarrada”.

Essa última lingüista também afirma que essas duas relações têm “forte função argumentativa dentro dos propósitos comunicativos do usuário da língua” (DECAT, 2008, p.01), o que favoreceria o seu desgarramento. Assim, quanto maior for a força argumentativa que essas cláusulas carregam, maior sua possibilidade de ocorrer de forma desgarrada. Isso ocorre porque o falante/escritor vê na forma isolada - ou desgarrada - uma maneira eficiente de focalizar informações.

Tem-se a seguir alguns exemplos de ambas as redes de cláusulas adverbiais de motivo que evidenciam algumas dessas funções argumentativas das estruturas desgarradas:

Exemplo 18

(a) Doc: Como é o colégio Providência?

18. Oh na verdade foi uma das melhores escolas que eu estudei até hoje.

19. Porque:: a gente tinha bastante liberda::de de chega conversa com a diretora tinha bastante liberdade com os professores também.

(b) Doc: ah tá... e e que que cê acha do... da relação entre a Faculdade e a Igreja Católica aqui?

271. Totalmente alheia né?

272. Porque muitas pessoas aqui em Mariana vêm a faculdade como:: uma ameaça entendeu? a religiosidade

273. Porque tem muitos alunos que vêm de fora que têm a cabeça totalmente diferente da cidade.

274. Porque Mariana é uma cidade que num tá preparada pra certos comportamentos que os alunos daqui têm.

275. Então as pessoas olham com certo preconceito porque aqui por exemplo a gente vê casaizinhos diferente andando de mão dada se a gente vê isso na rua em Mariana já fica totalmente assustada né? não é algo que tá aceito. (I1G1FRU)

(c) 139. Eh:: acho que devia até concentrar tudo aqui em Mariana num num devia nunca sair daqui a área de:: ciências humanas sociais acho que direito devia tá aqui em Mariana filosofia

140. Acho que isso seria melhor até pras pessoas que fazem esses cursos né?

141. Que:: poderiam tá trocando mais idéias e tal. (I2G1MRU)

(d) 192. Então ele era dono de todas as terras de Cachoeira.

193. Que quem chega primeiro (era don-) posse tomava posse ... das terras. (I1G1FRF)

(e) **Doc: e e agora o ritmo de vida. O ritmo de vida antes era bem mais tranquilo do que é hoje ou num mudou muito não?**

235. era mui::to pesado.

236. Porque primeiro a gente não tinha dinheiro.

(f) **Doc: e mas co- violência aqui então ↓ o senhor acha que hoje ta melhor ()**

262. Ta melhor em vi- em relação tá.

263. Porque hoje cê num vê briga nenhuma aqui. (I3G2MRF)

(g) 191. Igual Cachoeira eu largo meu carro todo dia na rua nem tranco ele e ninguém mexe.

Doc: Ah ta. Bem diferente.

192. É lá eu largo... direto na rua. ()

193. Porque todo mundo conhece né? () (I4G1MRF)

Decat (2008, p. 05) aponta o “caráter remático” das cláusulas causais. Segundo ela, “esse caráter propicia uma informação nova, podendo a oração, por isso mesmo constituir um ‘adendo’”. Assim, em cada um dos exemplos acima, tanto aqueles iniciados pelo conectivo *porque* como aqueles iniciados pelo conectivo *que*, encontramos uma nova informação apresentada pelo falante, o que enriquece e dá progressão ao seu discurso. Além disso, como afirmado acima, esses exemplos não só trazem algo de novo como também evidenciam a intenção do falante de focalizar essa informação.

Outra função das estruturas causais desgarradas é a de retomar o “fio da meada” ou do “fio temático” desenvolvido no discurso. Vejamos o exemplo 18b: a informante é questionada acerca da relação entre a Igreja Católica e a Universidade na cidade de Mariana. A resposta é apresentada na unidade 271 e nas unidades 272, 273 e 274 encontramos, uma após outra, cláusulas adverbiais de motivo desgarradas. Em cada uma delas, a informante apresenta e focaliza uma nova informação, assim também como retoma o “fio temático” da conversa, ou seja, a relação entre a Universidade e a Igreja. Diante disso, observamos que cada função

discursiva dessas estruturas adverbiais ocorre concomitantemente, caracterizando uma rede de informações de grande peso argumentativo. Dessa forma, a ocorrência desgarrada configura-se, entre os exemplos, como uma estratégia de focalização e retomada.

Por último, é importante ressaltar a possibilidade de as cláusulas adverbiais de motivo se formarem a partir de “relações em cadeia”. No exemplo 18b, observamos que o estado de coisas “porque muitas pessoas aqui em Mariana vêm a faculdade como:: uma ameaça entendeu? à religiosidade” ao mesmo tempo que é o motivo, a causa do fato apresentado na unidade 271, também se apresenta como uma cláusula que recebe como causa ou motivo a informação apresentada na unidade 273 – “porque tem muitos alunos que vêm de fora que têm a cabeça totalmente diferente da cidade.”

Há a seguir outro exemplo dessa possibilidade:

Exemplo 19

Doc: e ah agora só voltando porque eu esqueci de uma disciplina... religião que que cê ensina prus alunos?

233. Hoje religião tá mais voltada pra formação humana.

234. Os conceitos de família coisa assim que igual eu falei com eles que TEM a família mas num é tão privilegiada como era antigamente... né? hoje as pessoas num dão tanto valor como davam antes.

235. Então mais voltado é amor ao próximo... são como se diz os mandamentos de Cristo porém um pouco maquiados **porque a gente num pode falar na escola que ensina religião católica de forma alguma.**

236. **Porque hoje-**

Doc: não é permitido?

237. Não não é permitido.

238. **Porque devido a há vária são várias misturas né? que tem lá nós temos alguns espíritas temos alguns evangelistas vários tipos de religião então nós não podemos implantar falar olha aqui é religião católica esses são os dez mandamentos de Cristo de forma alguma.** (I1G1FRU)

Observa-se que no exemplo acima, na unidade 235, a informante afirma que os mandamentos de Cristo são maquiados “porque não se pode falar na escola que se ensina religião católica”; não se pode ensinar o catolicismo abertamente “porque não é permitido” e tal ato não é permitido exatamente porque “há várias religiões entre os alunos”. Assim, cada uma dessas cláusulas adverbiais ao mesmo tempo em que é o motivo, a causa da oração

anterior, recebe como causa ou motivo a informação apresentada na cláusula posterior, interligando, dessa forma, as relações em cadeia.

3.3.2 As Relações de FINALIDADE

Assim como as cláusulas adverbiais de motivo, as *cláusulas adverbiais finais* são muito frequentes no presente *corpus*, ocupando a segunda posição entre aquelas com o maior número de ocorrências. No entanto, apesar desse número significativo de ocorrências, praticamente não há variações na configuração gramatical dessas estruturas. Em sua grande maioria, em ambas as redes, essas cláusulas são iniciadas pelo conectivo “pra” – observou-se que em nenhum dos exemplos desse tipo de cláusula a forma “para” foi empregada –, seguidas por um verbo no infinitivo. A seguir, alguns exemplos de adverbiais finais:

Exemplo 20

(a) 98. Tem o portal do Positivo na Internet também a gente pode acessar **pra gente tirar dúvidas com outros professores com os próprios escritores das apostilas** então assim tem um acesso muito bom mesmo. (I1G1FRU)

(b) 45. Muitas vezes as pessoas acabam não usando o dinheiro da bolsa escola **pra comprar material escolar e tal.** (I2G1MRU)

(c) 84. Quando ele foi convidado pra uma calourada ele falou assim “gente... quem estuda aqui... num precisa sair dessa região **pra fazer mestrado e doutorado não...** aqui tem- cês num precisam ir pra Portugal cês num precisam ir pra lugar nenhum não aqui tem coisas fantásticas e que ninguém NEM MEXEU AINDA”. (I3G2FRU)

(d) 57. Achei muito interessante essa fase a imagem... que que o brasileiro em geral tinha do presidente ↓ porque a: as informações não chegavam e o o futebol foi usado... **pra camuflar uma situação.** (I4G2MRU)

(e) 263. Tem precisa de faze um local pra:: tipo uma feira **pra ex-pra expor...** todas as os o::: artesanato do local. (I1G1FRF)

(f) 101. Às vezes até fazia baile assim... como é que fala? é::... mesmo fora assim sabe? de data de... comemorativa assim só mesmo **pra fazê uma festinha assim pru pessoal... pru pessoal dança entendeu?** (I2G2FRF)

(g) 336. Oh eu já sou aposentado... e:: trabalho ainda ↓ mas eu ainda tenho vontade de arruma um outro emprego pra mim na cidade **pra mim ta lá no meio do povo passeando e conversando com os outros.** (I3G2MRF)

(h) 150. Só que C. contratô uma pessoa de lá **pra... pra ensina o pessoal de fora fazê tapete... de cizal.** (I4G1MRF)

Como mostra cada um dos fragmentos de texto acima, a posição posposta – posição geralmente ocupada pela informação de maior relevância - é a de maior frequência entre as cláusulas adverbiais finais presentes no *corpus*, revelando que os falantes utilizam esse recurso para focalizar informações. Dessa forma, através dessas estruturas lingüísticas, os informantes salientam as informações que, segundo sua intenção comunicativa, são mais importantes.

Tal fato contraria mais uma vez a consideração da Gramática Tradicional de que “orações subordinadas adverbiais”, assim como outras estruturas subordinadas, são “secundárias”, menos relevantes, já que “dependem” de outra oração que a própria GT denomina de “principal”.

Outro aspecto interessante é a possibilidade de uma cláusula adverbial final estabelecer uma relação de finalidade com outra cláusula também final. Como se pode observar no exemplo 20f, o informante aponta que o propósito ou a finalidade de se “fazer um baile fora de data comemorativa” era o de “fazer uma festinha para o pessoal” e que a finalidade de se “fazer uma festinha” era criar uma oportunidade para o “pessoal dançar”.

A seguir, encontram-se as tabelas que apresentam as configurações gramaticais das cláusulas finais presentes no *corpus* da Rede Universitária e da Rede de Familiares:

TABELA 5 – EXPRESSÃO DA RELAÇÃO DE FINALIDADE - REDE UNIVERSITÁRIA

Conectivo	Frequência
Pra [+ forma reduzida de infinitivo]	48 (81,4%)
Pra [+ forma desenvolvida]	10 (16,9%)
Gerúndio	01 (1,7%)
Total	59

TABELA 6 – EXPRESSÃO DA RELAÇÃO DE FINALIDADE - REDE DE FAMILIARES

Conectivo	Frequência
Pra [+ forma reduzida de infinitivo]	56 (93,3%)
Sem conectivo	03 (5,0%)
Pra [+ forma desenvolvida]	01 (1,7%)
Total	60

Como foi visto nas tabelas acima, além das formas *pra + infinitivo*, há também exemplos de cláusulas finais a partir de *pra + forma desenvolvida*, *gerúndio* e cláusulas finais *sem conectivo*:

Exemplo 21

(a) 157. Tem sim cada qual cuida de uma área] por exemplo nós que somos da reorganização e catalogação nós não temos assim... o pessoal da edição às vezes a gente auxilia assim... porque no princípio do ano aliás no final do ano cê escolhe já as músicas **para serem** lançadas no ano seguinte.

(I3G2FRU)

(b) 94. É porque a escola faz o contrato com Positivo **visando** oferecer por exemplo materiais didáticos e também oferece (uma forma assim) de tecnologia educacional.

(I1G1FRU)

(c) 336. É hoje eu tava assim pensando... num sei eu podia bem ir pra Belo Horizonte tira minha carteira lá... sabe?

(I2G2FRF)

Conforme apresentado na Tabela 1 do presente capítulo, nas entrevistas da Rede Universitária não foi encontrada nenhuma *cláusula adverbial final desgarrada*. Já na Rede de Familiares, de acordo com a Tabela 2, as cláusulas adverbiais finais foram aquelas que, em segundo lugar, mais se desgarraram – 12 das 60 cláusulas adverbiais finais constituíram, isoladamente, uma unidade de informação.

Como já discutido anteriormente, esses resultados são coerentes com o fato de que o fenômeno do desgarramento se manifestou de forma mais expressiva na língua da Rede de Familiares. As possíveis razões, lingüísticas e extralingüísticas, de o fenômeno do desgarramento ter ocorrido com maior frequência na rede social forte da pesquisa também já foram anteriormente apresentadas e discutidas; no entanto, destacamos aqui alguns exemplos

dessas cláusulas adverbiais finais desgarradas e suas possíveis funções dentro dos discursos que constituem.

Exemplo 22

(a) Doc: mas por que que sua sua avó tinha mais filhos por que que a casa ficou com o seu pai?

126. Porque é::: todos os meus outros tios eram já tinham casa própria eram melhor de vida e só o meu pai que não tinha casa a gente morava com ela... dependia dela... **pra ter** a casa **pra morar** meu pai casou e ficou morando com ela.

127. Aí ela entrou em comum acordo com todos os filhos e falou assim “não é :: eu quero que todos vocês dê a sua parte pru ... pru T... e ele fica com a casa.”

Doc: [e os irmãos aceitaram numa boa?

128. Pra ele cuidar da casa].

129. Todos os irmãos aceitaram numa boa e deram porque todos tinham casa hoje todos têm casa são bens de vida.

(b) 266. Colocar asfalto] dá::: dá um atendimento bom pra quem chega ↓

267. Pedi pessoas que invistam em hotel ↓

268. Invistam em restaurante ↓

269. Em lanchonete no local ↓

270. Dá uma abertura pra isso aí

Doc: ah tá

271. Pra tá desenvolvendo o local.

(IIG1FRF)

(c) Doc: Cê queria então ser uma pessoa mais enérgica assim

300. É::: eu gostaria num queria ser assim parada naum.

301. Queria viajar sabe?

302. Queria ter coragem de aprender a dirigir entendeu? num ter medo né?

303. Aprender- eu tenho vontade de aprender a dirigir mas eu tenho assim um pouco de medo do a- do do trânsito assim.

304. Eu acho muito sério tá?

305. Tenho vontade ainda às vezes eu fico assim “meu Deus nem que seja pelo meu pelo meu gasto eu tenho que aprender a dirigir” sabe? entendeu?

306. (mas eu sou tão MEDROSA).

(...)

Doc: [mas é uma coisa que ainda tem tempo né? (risos)]

322. É. (risos)

Doc: que ainda tem tempo né?

323. É (vamo vê)

Doc: de você fazê uma viagem tira uma carteira quem sabe se ocê tira carteira cê fica mais animada

324. Isso né? isso mesmo

Doc: num é? Te motiva né?

325. Pra sair né? que um carrinho assim... mais ou menos

(...)

Doc: Tá certo. Então é uma coisa que cê qué fazê?

360. É]

Doc: tá certo.

361. Ah eu tinha vontade acho tão legal.

362. Ou mesmo pra saí né?

363. “Ah gente vão em tal lugar?”

364. Aí vai de carro mesmo.

(I2G2FRF)

(d) Doc: E e em questão de violência de desrespeito ↓ como é que era- como é que é hoje? Mudou muita coisa?

247. tinha sempre nunca deixou de existir as pessoas que num presta.

248. Aqui tinha... um grupo aqui de uns quatro ou cinco aqui que... num é desmerecer mas se a gente tem que falar a verdade eles num valia nada.

249. Era brigador.

250. Co- quando chegava dia de sábado e domingo ↓ eles começava nos buteco ↓ e com pouco a briga era certa.

251. Era muita briga mesmo e briga pra valer mesmo.

252. Eles brigavam com os outros pessoas de fora que vinham praqui ↓ começava a namorar com uma moça daqui... NÓ brigava com eles batia neles.

253. Pra num namorar com as moça daqui.

(I3G2MRF)

(e) **Doc: Ah tá. Eh oh a última pergunta é... se você pudesse mudar... alguma coisa em Cachoeira do Brumado... né? fazê alguma mudança que cê acha que ia melhora a sua vida... e melhora também a vida das pessoas lá do lugar. Que mudanças que (você ia querer)?**

194. Ah uma mudança... primeira coisa que eu acho que devia ter lá é um banco.

195. Pra num precisa de vim em Mariana.

196. Um banco.

197. Uma praça **pru** pessoal ir à tarde.

(I4G1MRF)

No exemplo 22a, o documentador pergunta à informante porque a casa da família dessa última foi herdada apenas por seu pai, já que o mesmo tinha vários irmãos. Na unidade 126, a informante explica que seu pai se casou, continuou morando com a mãe e apresenta a finalidade disso: “pra ter a casa pra morar”.

Após mais algumas explicações, na unidade 128, a informante produz, separadamente, outra finalidade para o fato de seu pai ter herdado a casa da família: “pra ele cuidar da casa”. Assim, segundo a intenção comunicativa da informante, a finalidade apresentada na unidade 128 é focalizada, ou seja, apesar de o falante apresentar outros propósitos para o fato ocorrido na família, evidencia que a finalidade que deseja salientar é aquela apresentada em uma unidade informacional isolada.

È interessante ainda observar que este mesmo questionamento foi feito, durante as entrevistas, ao irmão da informante e ao próprio pai, ou seja, aquele que herdou a casa. Ambos, assim como a informante acima referida, também salientaram a mesma finalidade para o fato de um único filho, a despeito dos demais, ter herdado o imóvel, de forma que é perceptível a intenção de *justificar* tal decisão tomada pela família. Lima (2002), buscando apresentar alguns propósitos comunicativos dos falantes através do uso das construções adverbiais, afirma que as cláusulas finais cumprem sua função de “justificação”. Essa “justificação pode ser muitas vezes uma busca dos falantes de preservar sua auto-imagem pública, utilizando estratégias por meio das quais pode não se expor completamente, ‘protegendo-se’ assim de avaliações indesejadas da parte de seu(s) interlocutor (es)” (LIMA, 2002, p. 153).

No exemplo 22b, da unidade 266 a 270 - unidades que estabelecem acréscimos de informação entre si - a informante apresenta possíveis modificações na infra-estrutura do distrito de Cachoeira do Brumado que, segundo ela, seriam bastante positivas para o local. A unidade 271, uma cláusula adverbial final desgarrada, estabelece uma relação de finalidade

com todas essas unidades informacionais anteriores, já que apresenta o propósito de todas as mudanças: “desenvolver o local”.

Em 22c, a informante conversa sobre seu desejo de ser “mais enérgica”, sobre sonhos e planos que ainda deseja realizar. Na unidade 302, a informante anuncia que gostaria muito de tirar a carteira de motorista. Nas unidades seguintes continua ainda a falar sobre sua intenção, dizendo ao documentador que é “muito medrosa” e que, portanto, acha difícil que isso aconteça.

No decorrer da entrevista, a informante prossegue com este mesmo assunto contando algumas histórias e experiências e, na unidade 325, a partir de uma cláusula desgarrada, focaliza a finalidade de tirar a carteira de motorista: “pra sair né?”.

É interessante que, na unidade 362, após uma quantidade significativa de unidades de informação, a cláusula adverbial final desgarrada retoma a finalidade focalizada na unidade 325, ao mesmo tempo em que retoma o “fio da meada” ou o “fio temático” que havia sido iniciado na unidade 302, quando a informante disse que desejava tirar a carteira de motorista. Dessa forma, encontramos aqui um exemplo que evidencia a função discursiva da cláusula desgarrada de retomar e ao mesmo tempo organizar o discurso desenvolvido pelo falante.

Por último, é interessante observar o exemplo 22e. Nesse fragmento de texto, o informante destaca que a primeira mudança que gostaria que ocorresse em Cachoeira do Brumado é que lá passasse a ter um banco em que pudesse movimentar seu dinheiro. Percebemos que, sendo esta sua primeira necessidade de mudança e, portanto, sendo este seu desejo mais relevante, o informante focaliza em uma cláusula desgarrada a finalidade disso: “pra num precisa de vim em Mariana”. Percebemos que a mesma intenção de focalização não ocorre para a finalidade apresentada na unidade 197 – “pru pessoal ir á tarde” -, já que esta não é produzida após a curva entonacional descendente da unidade anterior, ou seja, não é produzida em uma unidade de informação isolada.

3.3.3 As Relações de TEMPO

Conforme visto anteriormente, as construções de valor temporal ocorrem em terceiro lugar no que se refere à frequência nos dados analisados. É importante destacar que “em qualquer ponto do texto conversacional é possível reconhecerem-se indicações temporais, as quais podem ser inseridas na conversação por variados meios” (LIMA, 2002, p.128). Porém, as construções consideradas para a presente pesquisa foram aquelas em que o falante produzia uma circunstanciação de tempo empregando uma *cláusula adverbial temporal*.

As Tabelas 7 e 8 a seguir apresentam as configurações gramaticais das cláusulas adverbiais temporais encontradas no *corpus*:

TABELA 7 – EXPRESSÃO DA RELAÇÃO DE TEMPO - REDE UNIVERSITÁRIA

Conectivo	Frequência
Quando	37 (72,5%)
Sem conectivo	05 (9,8%)
Outros	04 (7,8%)
Desde que	02 (3,9%)
Logo que	02 (3,9%)
Enquanto	01 (2,0%)
Total	51

TABELA 8 – EXPRESSÃO DA RELAÇÃO DE TEMPO - REDE DE FAMILIARES

Conectivo	Frequência
Quando	28 (52,8%)
Sem conectivo	14 (26,4%)
Outros	09 (17%)
Desde que	01 (1,9%)
Enquanto	01 (1,9%)
Total	53

De acordo com as tabelas das duas redes analisadas, o conectivo *quando* é o “elemento prototípico” das cláusulas adverbiais temporais, já que nesses dois grupos sociais esse conector passa da metade do total de ocorrências. Em segundo lugar estão as cláusulas temporais *sem conectivo*, as quais são seguidas por aquelas que foram denominadas por *outros*. Esse terceiro tipo de construção temporal corresponde às

várias expressões indicativas de alocação temporal, como no dia que, na hora que, uma vez que, logo depois de, depois que, nessa vez que, naquele tempo que, logo no primeiro ano que, etc., com funcionamento de conectivo temporal, conferindo tonalidades de sentido muito particulares aos enunciados. (LIMA, 2002, p.132)

Vejamos alguns exemplos desse tipo de construção temporal:

Exemplo 23

34. Foi embora... foi embora **logo depois que** eu cheguei aqui... sabe? acho que em noventa é acho que foi em noventa que ele foi embora. (I3G2FRU)

26. Depois também eu fiz o- **na época que** eu fiz segundo grau eu também fiz o curso de auxiliar de laboratório de análises químicas então... eu estudava bastante os materiais que a gente usa no laboratório pra que que serve tinha as aulas a tarde né? e as aulas de manhã também. (I1G1FRU)

70. **Enquanto** eu esperava lá o é... **a hora de** pegar as bagagens naquela esteira e tudo ele aproveitou a oportunidade e:: me chamou no canto lá e me apresentou o telefone na parede. (I4G2MRU)

73. Acho que **o dia que** ele tava invoCADO assim ele ele ia atrás da gente no baile. (I2G2FRF)

36. **Aqui depois que** a gente foi crescendo virou rapaz... simplesmente a gente jogava futebol aos- aos domingos. (I3G2MRF)

112. Aí ele dexô eu mora na casa dele **até...** eu arruma um emprego melhor pra mim fazê uma casa. (I4G1MRF)

Os outros tipos de conectores temporais tiveram um pequeno número de ocorrências nas duas redes, no entanto a apresentação desses é importante já que revela as diferentes possibilidades de as estruturas temporais se manifestarem.

O fragmento de texto oral a seguir apresenta algumas construções temporais, as quais evidenciam que “a função básica dos satélites temporais é alocar um estado de coisas em algum ponto na linha do tempo” (LIMA, 2002, p.128):

Exemplo 24

Doc: ah você é formada em história?

15. História

Doc: ah cê fez aqui no ICHS?

16. Estudei aqui no ICHS

17. Terminei meu curso em... segundo semestre de 94

Doc: segundo semestre de 94?

18. É eu comecei a estudar com 37 anos **quando** eu entrei no ICHS (risos)

19. Aí terminei em 94.

Doc: 94 e como que foi sua sua época de ICHS? como que era-

20. Olha B. é M. né? é ()

21. Eu falo que o ICHS é um divisor de água na minha vida eu antes e depois do ICHS

22. Porque **quando** eu terminei o segundo grau... eu fui pra Belo Horizonte fazer cursinho porque eu queria fazer psicologia.
23. Aí fiz cursinho no final do ano acabei não fazendo vestibular de psicologia fiz pra odontologia... em Alfenas.
24. Aí eu não passei.
25. Aí voltei pra Mariana... fiquei noiva... fiz segundo grau de novo fiz um curso técnico de contabilidade.
26. Casei e fiquei quinze anos casada **quando tinha quinze anos de casada** eu resolvi fazer vestibular.
27. Foi em 89.
28. **Aí na hora de ler os livros** li até livro errado sabe? eu comprei um que num era aquele **quando chegou na hora de fazer a prova de português** num deu nem pra eu fazer... as as questões porque eram comparativas como eu num tinha lido livro certo então eu num ia fazê
29. E eu passei no vestibular... **depois de quinze anos sem estudar**.
30. **E quando** eu cheguei aqui foi terrível porque... eu falo que neurônio atrofia né? cê fica muito tempo sem estudar e eu num lembrava nada eu num sabia nada falei “gente onde que eu fiquei esses quinze anos” sabe?
31. Mas depois foi ÓTIMO viu? foi uma experiência boa eu adoro o ICHS foi muito importante pra mim... importante mesmo. (I3G2FRU)

No texto acima, da unidade 18 á unidade 31 podemos identificar várias relações de tempo, sendo sua maioria iniciada pelo conectivo *quando*. A informante está contando fatos e experiências de sua vida, como a escolha de seu curso de graduação, seu casamento, o vestibular na UFOP e sua entrada no ICHS para fazer o curso de História. Observamos que, ao relatar cada um dos fatos citados, a informante os aloca em um determinado período de sua vida, ou seja, a informante foi para Belo Horizonte “quando terminou o segundo grau”; resolveu fazer vestibular “quando tinha quinze anos de casada”; passou no vestibular “depois de quinze anos sem estudar”; começou a estudar com 37 anos “quando entrou no ICHS”.

Dessa forma, cada uma das cláusulas adverbiais temporais acima, junto de outras construções também temporais, marca cronologicamente cada um dos acontecimentos, organizando-os, no decorrer do discurso, numa espécie de “linha do tempo”.

Conforme apresentado, o número de cláusulas adverbiais temporais desgarradas não foi muito significativo. Na Rede Universitária, das 51 ocorrências de adverbiais temporais apenas uma é desgarrada, e na Rede de Familiares, das 53 ocorrências, apenas quatro são desgarradas. A seguir, alguns exemplos:

Exemplo 25

(a) Doc: cê acha assim que Mariana cresceu no turismo?

1. Cresceu?

2. **Desde que eu vim pra cá?**

3. Eu acho que sim... que melhorou.

(I2G1MRU)

(b) Doc: mas e os rapazes podia escolhê a mulher? Ou só a menina- a mulher que tinha o pai tinha que escolhê?

119. Não eu- **até na minha época até que chegou no meu tempo...** é:: ainda minha mãe mais meu pai interferiu ainda no meio ainda.

120. Se achasse- toda namorada que eu arrumava eles- muitas eles achava ruim.

Doc: às vezes o senhor gostava dela e eles num

121. Não achava ruim.

122. Falava que num podia... namora.

123. (Não sei quem) num prestava num sei o que... tinha aquela história.

124. **Até que eu acertei uma que eles num falou nada.**

(I3G2MRF)

(c) Doc: então o senhor acha que a cachoeira é um ponto que chama as pessoas-

302. **É depois que...** M. comprou a cachoeira que começou a arrumar lá fez casa fez tudo ↓ foi que chamou o povo foi divulgando ↓ o povo começou a vim praqui e hoje... todo mundo vem.

Doc: ah ta

303. Mas naquele tempo passado ninguém NEM imaginava isso.

Doc: ah

304. Ela era mais bonita né? Com muito mais água mas ninguém... nem lá os outros iam.

Doc: [nem sabia né?

305. Nem sabia que a gente tinha valor.

306. Ninguém.

307. (Porque) era todo mundo muito... era tudo... sei lá ninguém entendia nada né? num tinha televisão.

308. Num tinha nada.

309. A gente foi conhece televisão depois de velho.

310. **Depois que já tinha o que... ah depois que já tinha mais ou menos mais de... de uns 20 anos ou mais.**

(I3G2MRF)

(d) **Doc: Eu queria que cê:: me contasse como é que foi essa parte da história de vocês.**

118. Não ele passou a casa dele e falô que podia morar lá **enquanto** puder.

119. Até fazê outra ter condições de fazê uma casa. (I4G1MRF)

Em 25a, encontramos uma cláusula adverbial temporal constituindo sozinha uma unidade de informação, encadeando dois atos de fala.

No exemplo 25b, na unidade 119, o informante produz uma cláusula temporal não desgarrada, iniciada pela expressão *até que*. O falante prossegue, explicando ao documentador como os pais em sua época interferiam na escolha de um namorado ou uma namorada, trazendo certa dificuldade para os filhos. Na unidade 124, utilizando novamente a expressão *até que*, o informante focaliza uma marca temporal, afirmando: “até que eu acertei uma que eles num falou nada”.

Em 25c, informante e documentador conversam sobre a visão que os moradores do Distrito tinham sobre a cachoeira e como essa, depois de algumas mudanças, passou a ser uma atração turística do local. O informante diz que ele, assim como os outros habitantes, nem imaginavam as mudanças que ocorreriam e, na unidade 309, tentando explicitar a situação de sua época, afirma que “só conheceu televisão depois de velho”. A unidade 310 apresenta uma adverbial temporal desgarrada, iniciada pela expressão *depois que*. Nessa unidade, o informante acrescenta informações, focaliza as mesmas e, ao mesmo tempo, retoma a informação já apresentada na unidade 309.

Em 25d, através de uma cláusula desgarrada iniciada por *até*, o informante apresenta uma marca temporal para o fim do período de moradia na casa que era de seu pai, ou seja, moraria lá “*até que tivesse condições de ter a sua própria casa*”.

3.3.4 As Relações de CONDIÇÃO

De acordo com a literatura lingüística e filosófica, no que se refere às relações semânticas, a relação de condição parece ser aquela que mais têm desafiado os estudiosos, os quais já têm apresentado diferentes aspectos da relação condicional.

Na busca de caracterizar esse tipo de relação semântica, Lima (2002, p.138) afirma:

De um ponto de vista lógico, a condicionalidade é representada por uma construção binária, em que a proposição condicionada chama-se apódose e a condicionante chama-se prótase. A relação entre a prótase (p) e a apódose (q) é representada pela fórmula **se p, então q**, sendo o conteúdo de **p**, nessa fórmula, entendido como condição necessária e suficiente para a realização de conteúdo de **q**.

Assim como também constatou a referida autora, é possível perceber, a partir do *corpus* analisado, que a maioria dos enunciados constituídos pelas relações condicionais não se enquadram no “esquema lógico” apresentado acima. Entre aqueles que se aproximam, estão os textos a seguir que exemplificam essa “construção binária”:

Exemplo 26

(a) 74. Então assim eu tive muita sorte sabe? então assim eu espero que eles possam ter a sorte que eu tenho mas eu acho que se você tentar acaba conseguindo também. (I3G2FRU)

(b) 266. Naquele tempo naquele tempo se chegavam umas pessoas de fora aqui ↓ começa- o rapaz começava a namorar com uma moça daqui ↓ com pouco eles encurralava ele... e queria bater nele. (I3G2MRF)

(c) 54. Mas talvez seria melhor se ocê tiver pessoas sérias que vão tá realmente fazendo um trabalho voltado pru aluno. (I2G1MRU)

De acordo com estudos lingüísticos já concluídos, as cláusulas condicionais são geralmente subdivididas em três tipos. O primeiro tipo são aquelas denominadas de “factuais” ou “reais”, em que são relacionados conteúdos no mundo real:

Exemplo 27

275. Então as pessoas olham com certo preconceito porque aqui por exemplo a gente vê casaizinhos diferente andando de mão dada se a gente vê isso na rua em Mariana já fica totalmente assustada né? não é algo que tá aceito. (I1G1FRU)

O segundo tipo são as construções “contrafactuais” ou “irreais”, em que o conteúdo presente na prótase é irreal:

Exemplo 28

(a) 319. Se eu... tivesse condições de de ir ↓ eu escolheria uma cidade pra mim ir nela e morava em outro lugar. (I3G2MRF)

(b) 66. Se eu tivesse tido oportunidade... minha vontade era mexer com fazenda. (I4G1MRF)

O terceiro tipo são as construções condicionais “eventuais” ou “potenciais”, “em que o conteúdo expresso pela prótase pode realizar-se ou não, ficando a realização do conteúdo da apódose na dependência de a condição ser preenchida, ou não” (Lima, 2002:139):

Exemplo 29

(a) 47. E a gente...é é de certa forma estava um pouco:: e essa situação tava camuflada até pra nós de dezesseis dezessete anos que a gente não tinha acesso que um jovem hoje de dezesseis anos tem informação... ela ela ela num chegava ou se chegava era filtrada né? nós não tínhamos consciência do que estava acontecendo no Brasil. (I4G2MRU)

(b) 112. A gente fala até hoje não deu ibope ou seja não deu audiência... corta ↓ deu audiência vamos vamos veicular vamos... vamos gravar esse tipo de música vamos... produzir esse tipo de show vamos estimular esse tipo de cantor. (I4G2MRU)

È importante observar que, no exemplo 29b, a relação de condição não está explicitada por um conectivo, porém a condicionalidade pode ser detectada pelo modo como os conteúdos expressos se inter-relacionam. Além disso, observamos também que para a prótase “deu audiência”, o informante apresenta, na mesma unidade de informação, quatro apódoses: “vamos veicular”, “vamos gravar esse tipo de música”, “vamos produzir esse tipo de show” e “vamos estimular esse tipo de cantor”.

As tabelas que apresentam a freqüência dos conectivos utilizados pelos informantes para estabelecer a relação de condição são as seguintes:

TABELA 9 – EXPRESSÃO DA RELAÇÃO DE CONDIÇÃO - REDE UNIVERSITÁRIA

Conectivo	Freqüência
Se	21 (52,5%)
Quando	10 (25,0%)
Sem conectivo	08 (20,0%)
Enquanto	01 (2,5%)
Total	40

TABELA 10 – EXPRESSÃO DA RELAÇÃO DE CONDIÇÃO - REDE DE FAMILIARES

Conectivo	Freqüência
Se	30 (68,2%)
Quando	08 (18,2%)
Sem conectivo	06 (13,6%)
Total	44

Os informantes da Rede Universitária e da Rede de Familiares utilizam praticamente os mesmos conectores para estabelecerem as relações condicionais. A única diferença é que na Rede Universitária encontramos uma única cláusula condicional iniciada pela conjunção *enquanto*, o que não ocorre na Rede de Familiares. O conectivo *se* é o mais utilizado pelos informantes em ambas as redes e é, portanto, o elemento prototípico para esse tipo de relação semântica.

Um ponto interessante é que, ao analisar cada uma das entrevistas, foram detectadas várias cláusulas adverbiais iniciadas pelo conector *quando* – conjunção prototípica das relações de tempo – que além de estabelecerem junto à outra cláusula uma relação de tempo, estabeleciam também uma relação de condição. Observando essas cláusulas, era muitas vezes difícil determinar até que ponto aquele era um exemplo de cláusula adverbial temporal ou um exemplo de cláusula adverbial condicional. Por esse motivo, cada uma dessas cláusulas foi considerada na contagem de ocorrências tanto das relações de tempo quanto das relações de condicionalidade. Vejamos alguns exemplos:

Exemplo 30

- (a) 138. Mas quando é um assunto que visa prejudicar a Rede Globo em algum sentido eles não mostram... né? (I1G1FRU)
- (b) 15. Então assim sempre tava tendo atividades de segunda a segunda tava tendo coisas no jardim↓ às vezes era teatro no jardim... quando num era no jardim era no SESI... ou um showzinho. (I2G1MRU)
- (c) 186. Digitalização é muito bom a imagem fica excelente cê sabe disso mas é lento M... é lento então quando o volume é muito grande... fica complicado. (I3G2FRU)
- (d) 180. Quando num trazia o dinheiro trazia o mantimento às vezes café arroz... feijão. (I2G2FRF)
- (e) 153. Ele passô a casa pra mim... uso-fruto quando quando eles morressem seria minha.(I3G2MRF)
- (f) 196. É preciso que sejam aplicados mais recursos nisso mas enquanto não houver uma uma uma atitude... geral do país inteiro sobre isso fica difícil de você trabalhar só você. (I4G2MRU)

No exemplo 30f da Rede Universitária, a conjunção *enquanto*, apesar de ser muitas vezes encontrada em uma cláusula adverbial temporal, aparece como um conector de uma cláusula adverbial condicional.

Identificarmos exemplos em que um mesmo conector explicita, concomitantemente ou não, relações semânticas diferentes é importante para comprovarmos mais uma vez a

ineficiência de se considerar um grupo fechado de conjunções para cada tipo de cláusula adverbial. É claro também que os estudantes de língua portuguesa não terão um conhecimento real da língua caso seja oferecido a eles um ensino que incentive a identificação das diferentes cláusulas adverbiais através de uma lista de “conjunções subordinadas”, presente nos manuais tradicionais.

Em relação ao fenômeno do desgarramento, na Rede Universitária, 03 das 40 cláusulas condicionais são desgarradas e, na Rede de Familiares, 04 das 44 cláusulas condicionais também se desgarraram. Dessa forma, as cláusulas adverbiais condicionais, na Rede Universitária, são aquelas que em terceiro lugar mais se desgarram, enquanto que na Rede de Familiares estas ocupam a sexta posição. Os textos seguintes são exemplos de *cláusulas adverbiais condicionais desgarradas*:

Exemplo 31

(a) **Doc: mas- cê num acha assim que às vezes você vê é:: investido esse dinheiro na escola?**

50. Seria melhor do que dá pras pessoas.

51. Talvez.

52. Se a direção da escola for... tipo assim for utilizar o dinheiro prus alunos mesmo entendeu?

53. Mas acho que... independente de pra quem vai... é... cê tem que num é bom essas essa questão do assistencialismo ta ta ta. (I2G1MRU)

(b) 141. E eu fui tomando gosto pela coisa eu descobri que eu tinha algum... uma inclinação uma tendência pra:: gostar de língua estrangeiras somente o Inglês e uma maio- uma facilidade de um modo geral com... com outros idiomas também como o Francês o Espanhol.

142. E e é uma das coisas que eu gostaria de trabalhar...

143. Se se futuramente pudesse fazer um mestrado ↓

142. seria na área de... de lingüística de línguas de de... fonologia fonética e fonologia.

144. É um aspecto muito interessante de... das línguas de um modo geral. (I4G2MRU)

(c) 289. Então é o que eu gostaria assim da parte econômica pra- dentro do do tapete falando da tapeçaria... uma máquina pras pessoas terem assim.

290. Como se fosse um moinho de fubá.

291. () A pessoa tem o milho vai lá moer né? como muitas pessoas fazem.

Doc: anham

292. Então as pessoas iriam por exemplo poderiam plantar mais piteira e iriam lá ter essa máquina pra lava... a pita e usa aqui mesmo... do do nosso né? é:: do nosso-

Doc: sem precisa trazê da Bahia

292. é:: da nossa matéria-prima mesma aqui... entendeu?

293. Seria bem melhor.

294. Seri-ganharia mais né?... entendeu?

295. O custo era menos porque a pessoa ia lá passava assim... uma caminhonetinha ou então () uns animais uns burros... é:: cinco animais cheios de pi- de piteira da fo- da folha de piteira.

296. Ia lá passava por exemplo... mesmo que eles cobrassem uma taxazinha... pra... pra...

Doc: pra investi nisso

296. isso pra pode conserva a máquina alguma coisa assim.

297. Se ela ficasse num local:: com alguém que cuidasse ali que ficasse atendendo as pessoas... entendeu? (I3G2MRF)

(d) Doc: Eh:: seu pai... ele me contou que na época dele e na época da sua mãe... os pais deles interferiam muito no namoro. Tanto que tem histórias das suas tias né? que não casaram com quem elas queriam. Casaram com quem o pai e a mãe-

101. (Tinha) que o pai gosta.

102. Se tivesse um rapaz a mãe o pai num gostava dele num... eles num dexava casar.

103. (Falava até) atrapalha o namoro deles.

104. Que hoje num existe isso mais.

105. Se a pessoa gosta.

106. Num escolhe cor num escolhe nada (fica satisfeito) gosto vai (embora).

107. Antigamente não né? (I4G1MRF)

No exemplo 31a, a adverbial condicional desgarrada está claramente focalizando uma informação: o falante prefere isolar a cláusula que carrega sua opinião acerca do assunto discutido, de forma que esta fique em evidência.

Em 31b, a cláusula desgarrada, apresentando-se como um aposto, como uma espécie de consideração à parte, divide a unidade 142. Assim, a relação condicional se estabelece com essas duas porções de texto e se apresenta, em sua forma desgarrada, como que uma

“ressalva” feita pelo informante ao manifestar seu desejo de expandir seus conhecimentos lingüísticos.

O exemplo 31c é interessante porque a construção desgarrada não estabelece a relação condicional de forma direta nem com uma cláusula antecedente nem com uma cláusula subsequente. Na verdade, a relação de condicionalidade só é de fato estabelecida quando levamos em conta todo o conjunto de unidades acima apresentado.

Na unidade 289, a informante diz que, para melhorar a economia de Cachoeira do Brumado seria interessante que se adquirisse uma “máquina” que preparasse a “pita” utilizada na produção de tapeçaria, permitindo que a principal matéria-prima pudesse ser retirada do próprio distrito. Nas unidades seguintes, o falante aponta alguns benefícios que essa mudança traria para o artesanato do local. Após todas essas considerações, em uma unidade informacional isolada e, portanto, focalizada, a informante apresenta o modo como os moradores poderiam se organizar, sendo este uma condição para garantir o êxito desse novo empreendimento.

Em 31d, encontramos duas cláusulas condicionais: uma desgarrada, na unidade 105 – “se a pessoa gosta” -, a qual estabelece a relação de condição com a unidade 106 – “num escolhe cor num escolhe nada” - e outra não isolada, sem conectivo, na unidade 106 – “gosto” (prótase) e “vai embora” (apódose).

3.3.5 As Relações de MCC (Modo, Conformidade e Comparação)

Ao observarmos a literatura lingüística e mesmo alguns manuais tradicionais da língua, encontramos considerações e estudos específicos para as cláusulas de *modo*, *conformativas* e *comparativas*. No entanto, a presente pesquisa, após uma análise geral do *corpus*, preferiu tratar esses três tipos de cláusulas dentro de um mesmo grupo, denominado, aqui, por *MCC* – modo, conformidade e comparação.

A fusão desses três tipos de cláusula em um único grupo justifica-se pela proximidade e semelhança que há entre eles. Conforme veremos abaixo, uma única cláusula iniciada pelo conectivo *como*, por exemplo, pode ser definida, ao mesmo tempo, como uma adverbial de modo, conformativa e comparativa. Sobre essa semelhança, após realizar sua análise, Lima (2002, p.150) afirma que “o que está na base das conformativas é o mecanismo da comparação. Isso justifica a inclusão das construções de conformidade no quadro das relações de comparação”.

Dessa forma, Lima uniu as cláusulas *conformativas* às *comparativas*. A presente análise, portanto, devido ao fato de também apresentar muitas semelhanças, uniu ao quadro dessas duas cláusulas as construções de modo.

Vejam os seguintes exemplos:

Exemplo 32

(a) 128. Então é uma televisão que visa mudar muito a cabeça das pessoas principalmente em relação eh: **como minha irmã tinha falado** eh: comportamento sexu- sexuais eles... eh: pri- primam né? por exemplo mostra a- “ah pornografia da audiência?” “então vamos mostrar”...nè? **visando até mesmo a comédia né?** que dá audiência então eles estão querendo isso. (I1G1FRU)

(b) 55. **Como eu te falei** foi muito pouco o que nós lemos pra ele eu lembro que nós lemos uns livros de:: juízo eclesiástico... sabe? (I3G2FRU)

(c) 63. Aí tinha aque-aqueles meninos que são os meus primos da nossa TURMA ... **como diz aqui** ↓ aqueles que gostavam de estuda estudaram ↓ aqueles que não gostavam ficou só na 4ª série saiu e foi trabalhar porque dependia do trabalho pra sobreviver né? (I1G1FRF)

(d) 269. Eu acho que é isso mais quando vê assim uma BAGU::NÇA uma coisa assim eu acho que é nessa parte aí sabe?... de drogas **como tá por todo lado... não é?** é o vício é o vício. (I2G2FRF)

Em 32d, quando a informante, em seu discurso, constrói a estrutura “como tá por todo lado”, ao mesmo tempo está apontando o *modo* como o consumo de drogas se apresenta em Cachoeira do Brumado; aponta também que esse consumo é *conforme, de acordo com* o que acontece fora do Distrito – estabelecendo uma relação de *conformidade* – e, por último, está também *comparando* o que acontece dentro de Cachoeira com que acontece fora de Cachoeira. Se observarmos as outras cláusulas também destacadas acima, veremos que essas três relações semânticas também se estabelecem concomitantemente. Portanto, em cada um dos fragmentos de texto apresentados, as cláusulas destacadas podem ser, ao mesmo tempo, uma *cláusula adverbial de modo, conformativa e comparativa*.

No entanto, a cláusula “visando até mesmo a comédia” se distingue dos outros exemplos. Essa construção, iniciada por gerúndio, diferentemente das outras cláusulas, não pode ser identificada como uma cláusula adverbial conformativa ou comparativa, mas apenas como uma adverbial de *modo*. Isso porque, nesse exemplo, a informante aponta o “modo” como os programas de televisão apelam para questões relacionadas ao sexo; não identificamos, porém, que uma relação de conformidade e comparação são estabelecidas com as outras porções de texto.

Dessa forma, após análise do *corpus*, foi possível detectar que, dentro do grupo das relações de MCC, as construções iniciadas por gerúndio são apenas *cláusulas adverbiais de*

modo e, portanto, o gerúndio é a característica formal que as distingue. A seguir, outros exemplos:

Exemplo 33

- (a) 53. Agora a outra nessa livrarias e habilidades de ler... aí nós trabalhamos um bom tempo com ele sabe? **lendo** inventário testamento... **preenchendo** uma ficha que já tinha sido organizada. (I3G2FRU)
- (b) 135. Eu só sei que DALI o meu tio ele tio G. ele mais uns amigos ele ficava trabalhava na extração do ouro ganhava dinheiro **tirano** ouro sabe? na época também () (I2G2FRF)
- (c) 170. E aqui sempre teve as pessoas que viajavam **vendendo** panela de pedra. (I2G2FRF)
- (d) 237. Se você quisesse dinheiro tinha que pelear cê custava pra ganhar um pouquinho de dinheiro **fazendo** umas panela ou **trabalhando** (dia) **pru** outros ganhando um tiquim. (I3G2MRF)
- (e) 316. Hoje uma criança já nasce **vendo** televisão. (I3G2MRF)
- (f) 336. Oh eu já sou aposentado... e:: trabalho ainda ↓ mas eu ainda tenho vontade de arruma um outro emprego pra mim na cidade pra mim ta lá no meio do povo **passeando e conversando** com os outros. (I3G2MRF)

Conforme apontado, todas as construções destacadas acima são iniciadas por gerúndio, constituindo uma *cláusula adverbial de modo*. Em 33a, por exemplo, a informante, falando sobre as iniciações científicas realizadas durante o período de graduação, apresenta o *modo* como trabalhava: “lendo inventário e testamento” e “preenchendo uma ficha já organizada”. Em 33f, o informante discute sobre coisas que ainda gostaria de fazer em sua vida e afirma que deseja ir para a cidade viver entre pessoas diferentes e aponta *como* deseja permanecer lá: “passeando e conversando com os outros”. Além das construções iniciadas por gerúndio, também foram encontradas no *corpus* outras estruturas que estabelecem especificamente a relação de modo, as quais, em sua maioria, são iniciadas pela preposição *sem*:

Exemplo 34

- (a) 157. E me deu condições de entrar pra Universidade **sem** ter que passar por cursinho pré-vestibular e tal.
- (b) 168. E aconteceu que... que criou-se bairros... e foram doadas várias casas **sem... nenhum critério rigoroso pra quem tava vindo...** mas tinha que ser aqui. (I2G1MRU)
- (c) 29. E eu passei no vestibular... depois de quinze anos **sem** estudar. (I3G2FRU)
- (d) 52. As coisas não mudaram muito mas a gente talvez pode... pode falar... pode reclamar pode xingar o presidente **sem** medo de ser preso. (I4G2MRU)

As Tabelas 11, 12 e 13 a seguir apresentam as configurações das relações de MCC, entre os dados da Rede Universitária:

TABELA 11 – EXPRESSÃO DA RELAÇÃO DE MODO - REDE UNIVERSITÁRIA

Conectivo	Frequência
Como	19 (48,7%)
Sem conectivo	10 (25,6%)
Gerúndio	10 (25,6%)
Total	39

TABELA 12 – EXPRESSÃO DA RELAÇÃO DE CONFORMIDADE - REDE UNIVERSITÁRIA

Conectivo	Frequência
Como	18 (78,3%)
Sem conectivo	05 (21,7%)
Total	23

TABELA 13 – EXPRESSÃO DA RELAÇÃO DE COMPARAÇÃO - REDE UNIVERSITÁRIA

Conectivo	Frequência
Como	14 (70,0%)
Sem conectivo	06 (30,0%)
Total	20

De acordo com as tabelas da Rede Universitária, o conector *como* é o elemento prototípico das três relações semânticas acima, já que entre as três é ele o mais frequente. Vemos também que entre uma relação semântica e outra, não há modificações na configuração gramatical, o que corrobora a decisão de uni-las em um único grupo. A diferença que há, no entanto, são as construções iniciadas por gerúndio que, conforme já apontado, caracteriza apenas as adverbiais de modo. Em algumas cláusulas sem conectivo, é possível reconhecer a concretização simultânea das três relações semânticas; porém, as construções iniciadas pela preposição *sem* no presente *corpus*, são definidas apenas como uma cláusula adverbial de modo.

Abaixo estão as Tabelas 14, 15 e 16, que mostram as configurações gramaticais das três relações entre os dados da Rede de Familiares:

TABELA 14– EXPRESSÃO DA RELAÇÃO DE MODO - REDE DE FAMILIARES

Conectivo	Frequência
Gerúndio	16 (40,0%)
Sem conectivo	13 (32,5%)
Como	10 (25,0%)
Conforme	01 (2,5%)
Total	40

TABELA 15– EXPRESSÃO DA RELAÇÃO DE COMPARAÇÃO - REDE DE FAMILIARES

Conectivo	Frequência
Sem conectivo	15 (68,2%)
Como	06 (27,3%)
Conforme	01 (4,5%)
Total	22

TABELA 16– EXPRESSÃO DA RELAÇÃO DE CONFORMIDADE - REDE DE FAMILIARES

Conectivo	Frequência
Sem conectivo	10 (50,0%)
Como	09 (45,0%)
Conforme	01 (5,0%)
Total	20

Segundo os resultados das tabelas acima, somente nas relações de MCC que o número de conectivos empregados pelos falantes da Rede de Familiares é maior do que aquele que corresponde ao da Rede Universitária. Uma vez que os falantes da Rede Universitária já tinham ou estavam cursando o ensino superior e os falantes da Rede de Familiares, em sua maioria, completaram apenas o ensino fundamental, esse fato contraria a expectativa, já que, como apontado anteriormente, espera-se que quanto maior é o nível de escolaridade, maior seja a diversidade de usos dos conectivos.

Na Rede de Familiares, o conector *como*, diferentemente do que ocorreu na Rede Universitária, não é o elemento prototípico dessas relações semânticas. As cláusulas sem conectivo, no entanto, foram aquelas que apareceram em maior número entre as relações de

comparação e conformidade na rede forte. Entre as relações de modo, as construções iniciadas por gerúndio foram aquelas que tiveram a maior frequência.

É interessante destacar a freqüente ocorrência no *corpus* de cláusulas iniciadas pela palavra “igual”, as quais em muitos casos são, ao mesmo tempo, modais, conformativas e comparativas. Expressões como “igual eu te falei” ou “igual eu falei” parecem concorrer, no presente *corpus*, com expressões como “como eu te falei” ou “como eu tinha falado”. Há também outros casos, especialmente na Rede de Familiares, em que “igual” aparece no início de determinada cláusula adverbial de MCC que poderia ser perfeitamente iniciada pelo conector “como”. Observamos, portanto, que a partir da fala dos informantes entrevistados, há uma variação entre as construções “como” e “igual” para iniciar esses três tipos de cláusulas adverbiais. Em seguida estão alguns exemplos, da Rede Universitária e da Rede de Familiares, de cláusulas adverbiais de MCC iniciadas por “igual”:

Exemplo 35

- (a) 234. Os conceitos de família coisa assim que **igual eu falei com eles** que TEM a família mas num é tão privilegiada como era antigamente... né? hoje as pessoas num dão tanto valor como davam antes. (I1G1FRU)
- (b) 167. Acho que:: divia ter uma política de... **igual... teve algum tempo atrás** é:: questão de doar moradias... pra população... carente. (I2G1MRU)
- (c) 59. Então num tinha nada de briga ↓ **igual costuma ter em certos bailes assim né?** (I2G2FRF)
- (d) 164. Então eu tenho que- fazê **igual** muitos aqui fizeram. (I3G2MRF)
- (e) 181. Não eu- **igual eu te falo** eu tenho eu tenho outra casa né? **igual eu tenho lá embaixo**↓ mas gosto lá da outra casa que eu tenho mas a:: onde a gente acostumou. (I3G2MRF)
- (f) 85. **Igual eu te falei** (a gente) deitava lá... M. de um lado eu do outro ele contando história pra gente. (I4G1MRF)
- (g) 136. Mas lá era tudo de terra **igual eu te falei** quando eu era pequeno a maioria das ruas de lá era de terra. (I4G1MRF)

Cada uma das cláusulas adverbiais acima estabelece as três relações semânticas de modo, conformidade e comparação. É relevante destacarmos que adverbiais de MCC iniciadas por *igual*, *como* ou outro conectivo possuem uma importante função discursiva: a *retomada* de discursos anteriores. Decat (1999b, p. 315), sobre essa função, afirma:

Funcionando anaforicamente como ponte, a cláusula adverbial constitui, muitas vezes, uma **retomada** da informação, estabelecendo, assim, um elo entre o discurso precedente e o subsequente. (Essa função de ‘retomada’ prova a inadequação de

análises que se atenham ao nível sentencial e a sentenças isoladas. Só o discurso maior permitirá que se perceba essa função da cláusula adverbial).

Os exemplos 35e a 35g evidenciam claramente essa função discursiva: quando o falante utiliza a expressão “igual eu te falei” – ou “como eu te falei” – está retomando informações já apresentadas ao seu interlocutor anteriormente, sem expor, novamente, cada uma delas. Assim, a cláusula adverbial é, aqui, como uma espécie de “sinal”, de “lembrete” que o falante faz ao seu ouvinte de que aquele assunto discutido no presente já havia sido apresentado. Esse “lembrete” poupa o falante de apresentar mais detalhes sobre o que está sendo dito, ao mesmo tempo em que incentiva ao ouvinte “acionar” sua memória e relembrar informações importantes para a compreensão do todo. Observa-se, assim, que algumas cláusulas adverbiais de MCC são de suma importância para o sucesso da interação verbal, já que essas podem interferir diretamente em sua efetivação.

É relevante destacar ainda que essas construções adverbiais podem retomar informações que foram ditas, de fato, dentro do discurso construído no momento específico daquela interação verbal ou podem retomar informações que não foram apresentadas durante a conversação, mas que foram partilhadas pelos interlocutores em outros contextos. Portanto, as cláusulas de MCC podem retomar informações intra e extratextuais.

As construções de MCC *desgarradas* foram mais frequentes na Rede de Familiares, assim como ocorreu com a maioria das outras relações semânticas. Em seguida estão alguns exemplos dessas cláusulas:

Exemplo 36

(a) 95. É eu acho que com a abertura né? do... com fim do regime militar essa abertura política DEMOCRACIA né?

96. Como... como dizem aí

95. que... que ocorreu... existe é é houve uma mudança de de... de comportamento... muito grande na na imprensa

97. Então a liberdade que eles têm da mídia de um modo geral que não tinham na época da ditadura militar era- álias que a única função deles então era divulgar a cultura... era a única divulgação que eles podiam fazer autorizados eram eram... programas culturais. (I4G2MRU)

(b) 105. A a minha irmã L. disse que já foi na roça... com meu pai.

106. Num foi muito tempo naum mas chego a ir... planta sabe?

107. Mas as moças aqui de Cachoeira de uma certa época trabalhava na roça.

108. Capinando plantando feijão e arroz.

109. Era assim que elas ganhava dinheiro. (I2G2FRF)

(c) 289. Então é o que eu gostaria assim da parte econômica pra- dentro do do tapete falando da tapeçaria... uma máquina pras pessoas terem assim...

290. Como se fosse um moinho de fubá.

291. () A pessoa tem o milho vai lá moer né? como muitas pessoas fazem. (I2G2FRF)

(d) Doc: ah ta. E quando cê era pequeno cê chegava a fica nessas terras junto com o seu avô?

76. Ficava direto.

Doc: Cê ajudava-

77. Ficava mais- toda folga que eu tinha ficava lá.

78. Mexeno com os boi. (I4G1MRF)

Os textos orais acima, mais uma vez, evidenciam a intenção primeira dos informantes que é focalizar determinada informação através de uma adverbial desgarrada. O exemplo 36a é interessante porque a cláusula de MCC desgarrada – unidade 96 - está intermediando a unidade 97, de modo que as três relações semânticas são estabelecidas com a porção de texto anterior e posterior. Nos exemplos 36b e 36d encontramos cláusulas adverbiais de modo, iniciadas por gerúndio – na primeira, a informante apresenta o *modo*, a maneira como “as moças trabalhavam na roça e ganhavam seu dinheiro” e na segunda, o informante aponta *como* passava seu dia de folga na fazenda de seu avô.

Em 36c, a informante, com o desejo de explicar e exemplificar o que está dizendo, de forma a garantir a compreensão de seu interlocutor, constrói uma cláusula de MCC desgarrada, focalizando a informação e, ao mesmo tempo, retomando a unidade informacional anterior.

3.3.6 As Relações de CONCESSÃO

As relações concessivas, conforme observado nas Tabelas 1 e 2, são as menos numerosas no *corpus* analisado. Sua análise, porém, é de suma importância, devido sua “forte função argumentativa dentro dos propósitos comunicativos do usuário da língua” (DECAT, 2008, p. 01). Lima (2002, p.142) descreve a construção concessiva: “em uma construção concessiva, o satélite e a oração nuclear guardam uma relação tal, que o que se afirma no enunciado é que o conteúdo expresso na nuclear se realiza, a despeito da realização do conteúdo expresso no satélite”.

Em função de seu caráter contrastivo, as cláusulas concessivas geralmente são aproximadas das coordenadas adversativas. No entanto, alguns autores têm demonstrado que as construções concessivas apresentam traços semelhantes àqueles presentes nas cláusulas causais e condicionais. Como exemplo desses traços comuns está o fato de que assim como as condicionais, as concessivas podem ser divididas em três subtipos³: “factuais” ou “reais”, “contrafactuais” ou “irreais” e “eventuais”.

Como já foi dito anteriormente, as construções concessivas, seguidas pelas cláusulas de motivo e condicionais foram aquelas que mais se desgarraram entre os dados de língua oral da Rede Universitária. Como já foi apontado também, esses resultados se assemelham àqueles encontrados por Decat (2008) que, na modalidade escrita, constatou que as construções desgarradas também foram mais encontradas entre esses três tipos de adverbiais, nessa mesma ordem. Assim, cada uma dessas considerações vem corroborar o fato de que, realmente, as cláusulas concessivas se assemelham às cláusulas causais e condicionais.

As Tabelas 17 e 18 apontam os conectivos mais empregados na relação concessiva, em ambas as redes, fraca e forte:

TABELA 17 – EXPRESSÃO DA RELAÇÃO DE CONCESSÃO - REDE UNIVERSITÁRIA

Conectivo	Frequência
Sem conectivo	07 (41,2%)
Apesar (de)	06 (35,3%)
A não ser que	04 (23,5%)
Total	17

³Lima (2002, p. 143-146) apresenta as seguintes definições para cada subtipo de cláusula concessiva: 1) **Factuais**: “aquelas em que o conteúdo expresso no satélite se realiza, e, apesar disso, também se realiza o conteúdo expresso na nuclear”; 2) **Contrafactuais**: “aquelas em que o conteúdo expresso no satélite não se realiza, e, apesar disso, também não se realiza o conteúdo expresso na nuclear” e 3) **Eventuais**: “aquelas em que o conteúdo do satélite tem a possibilidade de realizar-se, mas assim mesmo o conteúdo expresso pela nuclear pode realizar-se, ou não”.

TABELA 18 – EXPRESSÃO DA RELAÇÃO DE CONCESSÃO - REDE DE FAMILIARES

Conectivo	Frequência
Apesar (de)	02 (25,0%)
Apesar (que)	02 (25,0%)
Mesmo (que/se)	02 (25,0%)
A não ser que	02 (25,0%)
Total	08

Na Rede Universitária, as concessivas se concretizaram em seu maior número sem a presença de um conectivo, o que não ocorreu entre os dados da Rede de Familiares. No entanto, ao analisarmos os dois grupos sociais, tanto em um quanto em outro, o conector *apesar de/que* foi aquele mais empregado pelos falantes. É interessante que Lima (2002) ao analisar, em seu *corpus* de língua oral os conectores utilizados para explicitar a relação de concessão, apontou também como mais empregado o conector “apesar de” e, em segundo lugar, o conector “embora”. Esse último, no entanto, não foi utilizado por nenhum dos informantes da presente dissertação.

Decat (2008, p. 03), sobre as cláusulas iniciadas por *mesmo que*, afirma:

De acordo com Neves, estruturas com “mesmo que” não ocorrem pospostas – na minha análise, “desgarradas”. Tal postulação não se mantém para os dados de língua escrita apresentados (...). Poderia estar, então, na modalidade (oral ou escrita) a explicação para a ocorrência das concessivas iniciadas com “mesmo que”. Em outras palavras, na escrita ocorrem pospostas e “desgarradas”; na oral, não têm essa ocorrência, pelo menos de acordo com os dados examinados por Neves (1999a).

Decat (2008), mais adiante em seu texto, considera “prematureo afirmar que esse tipo de ocorrência não é exibida na língua oral”, apontando a necessidade de se analisar um número maior de dados. A presente pesquisa encontrou apenas duas ocorrências de estruturas iniciadas por “mesmo que” entre os dados de língua oral analisados; apesar disso, é importante dizer que assim como constatou Neves, ambas as ocorrências estão na posição anteposta e não posposta, ou na forma desgarrada.

No entanto, assim como afirmou Decat (2008), consideramos necessário um estudo mais abrangente de ocorrências, para que se possa, então, chegar a um melhor esclarecimento acerca desse ponto.

Exemplos de *cláusulas concessivas desgarradas* no *corpus* serão apresentados a seguir:

Exemplo 37

(a) Doc: ah... e com relação aos jornais... televisivos qual que você tem de mais... se identifica se você acha que tem uma visão mais crítica

132. Eh seria aquele do Boris Casoy né?

Doc: do Boris Casoy

133. Porque além dele ter a visão critica ele ainda faz ele pensa pras pes/ prus telespectadores né? ele mostra a noticia e dá a conclusão dele você aceita né? querendo ou não

134. Mas em relação a mesma audiência no caso seria o Jornal Nacional.

135. Apesar de ter o Jornal da Rede TV que é praticamente no mesmo horário que é: abrange os mesmo assuntos. (I1G1FRU)

(b) Doc: ah... com relação aqui ao comportamento das pessoas... o cidadão marianense o cidadão de Ouro Preto... como que você vê? ah cé acha que tem diferenças-

213. Diferenças?

214. Uhm uai a gente poderia dizer que o de Ouro Preto se acha um pouco superior ao de Mariana... né? porque muitas pessoas cê fala “oh eu moro em Mariana” “nó Mariana onde que é isso?” cê fala “fica perto de Ouro Preto” “ah eu sei onde que é.”

215. Então Ouro Preto tem FAMA em relação a Mariana né?

216. Apesar de que Mariana foi a primeira cidade projetada no Estado de Minas Gerais mas mesmo assim Ouro Preto ganha nesse sentido.

217. Então muitas pessoas que moram lá acham muito superiores aos de Mariana. (I1G1FRU)

(c) Doc: ah aí ela ta falando da questão do... que num pode por exemplo a fotografia do documento como que se faz pra-

182. É com câmera digital você não compromete muito o documento não sabe? tanto que o Padre permite que você fotografe com câmera digital.

183. Mas com o:: fleche dá problema.

184. Digitalização parece que scanear também o dano é menor sabe? também

185. Xerox é que cê tem parece que evitar um pouco mais tanto é que o Monsenhor num libera muito pra xerox não a não ser no nosso caso que é pra fazer as músicas porque num tem jeito né?

186. Digitalização é muito bom a imagem fica excelente cê sabe disso mas é lento M... é lento então quando o volume é muito grande... fica complicado.

187. Apesar de que... tudo aquilo que é selecionado pra sair nos discos vem essa firma que cuida dessa parte... de computação gráfica essas coisas eles vêm digitalizam tudo porque nos livros saem... sabe?

188. Então... mas assim num pode mesmo ficar... todo dia fotografando mas di- se você quiser digitaliza- é tiver uma máquina aí ele permite... tá... (isso aí ele permite). (I3G2FRU)

(d) Doc: ah tá e e casos de afogamento ↓ lá na cachoeira tem muito?

235. [tem também mas num () demais-

Doc: cê lembra assim]

236. Não na minha época não.

237. Era muito pouco.

238. Mais pessoas de fora ↓ gente daqui mesmo que afogou ↓ eu acho que nem tem.

239. A não ser o caso do menino que eles empurraram ele caiu na água e bateu a coluna.

240. Só isso. (I1G1FRF)

(e) 62. Então fazia também é:: hora dançante e... eu sei que- e a gente aproveitava bem com isso.

63. Era assim um:: uma distração sabe? pra prus jovens.

64. Porque era uma coisa boa no mesmo tempo que é ganhava dinheiro pra escola ↓ era uma diversão... sabe? pras moças prus rapazes não é?

65. Que não tinha assim muita coisa assim... pra escolher né? variedade de coisa assim de diversão... não é mesmo?

66. A não ser assim FUTEBOL que sempre futebol sempre teve né? dos HOMENS... né? mais- ()
(I2G2FRF)

(f) 111. Agora eu no meu caso aí assim... sabe o que eu fazia? eu comecei a... eu acho que quase todo mundo-BORDADO... é fazê clochê aprendeu a fazê clochê é:: tricô sabe? assim bordado a mão... né?

112. Eu aprendi muita coisa.

113. Chequei-ficava assim pra ganhar um dinheirinho aquele interesse de COMPRA... não é?

114. Que os pais assim num sabe assim o que a gente qué [a gente qué compra uma coisa diferente

Doc: qué a gente mesmo escolher]

115. Isso um batonzinho um pó compacto uma coisa assim um perfumzinho né?

116. Isso aí cha-chama de extraordinário né?

117. Que os pais sempre dão o básico num é mesmo? ()

Doc: E aí essas coisas cês tinham que-

118. Isso... trabalha sabe?

119. Apesar que eu até –que eu nunca tive assim- o meu pai ele procurava ajuda a gente assim bem mesmo sabe? (I2G2FRF)

Após observarmos cada um desses exemplos, constatamos que a função primeira da cláusula concessiva é a de colocar em contraste argumentos do discurso, e tal função é ainda mais intensificada quando a mesma está em sua forma *desgarrada*. Diante disso, assim como também têm apontado outros autores, a força argumentativa das concessivas e a busca de focalizar seu aspecto contrastivo são alguns dos principais fatores que favorecem o fenômeno do desgarramento entre essas construções.

Neves (1999a, p. 566) afirma que a cláusula concessiva tem a função de “aportar conteúdos ou argumentos novos após aparentemente concluída uma primeira porção do enunciado, e após uma quebra marcada no andamento da fala”. Essa descrição da concessiva feita pela autora é perfeitamente reconhecida em cada um dos exemplos apresentados acima. De 37a a 37f, em cada unidade informacional que antecede a cláusula desgarrada, temos a impressão de que o informante finaliza, conclui determinado tema, assunto que estava sendo discutido. No entanto, através da construção concessiva desgarrada, “o falante volta ao que acaba de dizer, pesando *a posteriori* objeções á sua proposição” (NEVES, 1999a, p. 566), trazendo ao discurso uma nova informação.

Outra característica interessante é que, muitas vezes, a cláusula concessiva desgarrada se estabelece nos discursos analisados como uma espécie de fronteira entre um tema e outro apresentado pelo falante. Assim, ao mesmo tempo em que a desgarrada concessiva, ao retomar a unidade anterior, finaliza determinado tema, ela também anuncia que a unidade que a sucede iniciará outra questão, outro ponto da conversa.

A partir dos exemplos apresentados, podemos dizer também que a cláusula concessiva desgarrada, ao retomar a unidade informacional anterior, além de apresentar novas informações, cumpre mais duas funções dentro do discurso desenvolvido pelos falantes: a de dar explicações e de reformular o que foi dito. Dessa forma, o falante, ao construir uma concessiva desgarrada, acrescenta novas informações a seu discurso através de *explicações* que deseja apresentar, já que considera necessário *rever* determinada afirmação.

Como exemplo, no fragmento de texto 37a, a informante, na unidade 135, *explica* que o Jornal da Rede TV é apresentado no mesmo horário do Jornal Nacional e que “abrange os

mesmos assuntos”, de forma que, ao dar essas explicações, está *revendo* ou *reformulando* seu ponto de vista apresentado na unidade anterior.

3.4 Os fatores sociais *idade* e *sexo*

A presente pesquisa, baseando-se no modelo social de análise dos lingüistas Milroy (1987) e Milroy (1992), no processo de constituição e caracterização do *corpus*, considerou os fatores sociais *idade*, *sexo*, *área* e *rede social*. Assim, como anteriormente apontado, para a análise do fenômeno do *desgarramento*, foram entrevistados 4 (quatro) informantes marianenses estudantes do ICHS/UFOP – membros da “Rede Universitária” (fraca) – e 4 (quatro) informantes marianenses moradores do Distrito de Cachoeira do Brumado – membros da “Rede de Familiares” (forte). Dentro de cada um desses dois tipos de rede social, foram entrevistados 2 (dois) informantes do *sexo masculino* e 2 (dois) informantes do *sexo feminino*. Quanto ao fator *idade*, os informantes foram distribuídos entre as faixas etárias de *jovens* (22 a 35 anos) e *idosos* (49 a 60 anos).

Os resultados acerca dos fatores *área* (Mariana e Cachoeira do Brumado) e *rede social* (Rede Universitária e Rede de Familiares) já foram apresentados acima, junto à caracterização geral e específica de todos os tipos de cláusulas adverbiais identificados no *corpus*.

No entanto, após realização de toda análise, detectou-se que os fatores sociais *idade* e *sexo* pareceram não ter relevância para a construção das cláusulas adverbiais desgarradas nas entrevistas realizadas. Quanto ao fator *idade*, conforme mostrado nas tabelas a seguir, o Grupo 1 e o Grupo 2 apresentam o mesmo número de cláusulas adverbiais desgarradas. Quanto ao fator *sexo*, as mulheres foram aquelas que mais realizaram construções desgarradas, apresentando uma diferença de 17% em relação aos homens. A seguir, os resultados das Tabelas 19 e 20:

**TABELA 19 - CLÁUSULAS ADVERBIAIS DESGARRADAS A PARTIR DO FATOR
*IDADE***

Grupo 1 (22 a 35 anos)	Grupo 2 (49 a 60 anos)	Total de ADE
47 (50%)	47 (50%)	94

**TABELA 20 - CLÁUSULAS ADVERBIAIS DESGARRADAS A PARTIR DO FATOR
*SEXO***

Sexo Feminino	Sexo Masculino	Total de ADE
55 (58,5%)	39 (41,5%)	94

Após a análise e interpretação dos dados nesse terceiro capítulo, seguem as conclusões, que se apresentam no quarto e último capítulo da presente dissertação.

CAPÍTULO 4

CONCLUSÕES

Considerando como ponto de partida a teoria funcionalista, a presente dissertação teve como objetivo **descrever** as cláusulas adverbiais a partir de dados, exaustivamente analisados, de um *corpus* na modalidade oral da língua portuguesa contemporânea da cidade de Mariana (MG). A presente análise lingüística, além de se desenvolver através de uma sintaxe funcionalista, orientando-se a partir de uma classificação sociolingüística dos informantes, foi vinculada a fatores de ordem social, dentre os quais se destaca o fator **rede social**, conforme pensamento e metodologia de Milroy (1987) e Milroy (1992).

Para descrever e caracterizar as cláusulas adverbiais da presente pesquisa, a noção de **unidade de informação** – “jato de linguagem”, “bloco de informação”, conforme teoria de Chafe (1980) – foi de suma importância, já que todo o *corpus* foi dividido em *unidades informacionais* e, a partir dessas unidades, foram identificadas e coletadas as cláusulas adverbiais. É importante destacar que, para estabelecer o limite entre uma unidade informacional e outra, utilizou-se o critério *pausa de final de frase*. Dessa forma, entre uma unidade e outra, o informante apresenta uma queda no contorno entonacional, que é percebido auditivamente. Logo que a outra unidade se inicia, esse contorno da entonação volta a ascender.

Um dos alvos principais do trabalho foi comparar a realização das cláusulas adverbiais em dados de rede social fraca – denominada, aqui, **Rede Universitária**, constituída por membros que não mantêm entre si laços “íntimos”, “estreitos” e que são, na maioria dos casos, indivíduos socialmente ou geograficamente móveis – e rede social forte – denominada **Rede de Familiares**, constituída por pessoas que mantêm laços sociais significativos entre si, estabelecendo relações com elevado grau de intimidade.

Para tal estudo comparativo, após identificar as cláusulas adverbiais, buscou-se detectar em qual das duas redes havia um número maior de ocorrências de cláusulas adverbiais “desgarradas” (**ADE**). Dessa forma, os quadros comparativos de cada uma das redes apresentaram o número de ocorrências de adverbiais desgarradas com conectivo (**ADEC**), assim também como o número de ocorrências de adverbiais desgarradas sem conectivo (**ADES**).

A utilização do número de cláusulas desgarradas como ponto de referência na comparação entre uma rede social e outra partiu da afirmação de Decat (1999a) de que as

cláusulas adverbiais, na modalidade escrita da língua, devido à sua dependência menor em relação à cláusula anterior, estariam mais propícias a ocorrerem de forma “solta”, “isolada”, o que originaria o fenômeno que a autora chamou de “desgarramento” dessas estruturas.

Assim, buscando observar o mesmo fenômeno na modalidade oral da língua, e a partir dos conceitos acima explicitados, constituiu-se o *corpus* da presente pesquisa. Considerando os fatores *idade*, *sexo*, *área* e *rede social*, foram entrevistados 4 (quatro) informantes marianenses estudantes do ICHS/UFOP – membros da *Rede Universitária* (fraca) – e 4 (quatro) informantes marianenses moradores do Distrito de Cachoeira do Brumado – membros da *Rede de Familiares* (forte). Dentro de cada um desses dois tipos de rede social, há 2 (dois) informantes do *sexo masculino* e 2 (dois) informantes do *sexo feminino*. Quanto ao fator *idade*, os informantes foram distribuídos entre as faixas etárias de *jovens* (22 a 35 anos) e *idosos* (49 a 60 anos).

Após a formação e análise do presente *corpus*, detectou-se que a cláusula adverbial pode constituir, por si mesma, uma unidade informacional – o que corresponderia dizer que esse tipo de cláusula formaria sozinha um contorno entonacional completo - ou pode estar relacionada a outras cláusulas dentro de uma mesma unidade de informação, não ocorrendo, portanto, de forma isolada.

Destacamos o fato de que a análise presente nesta dissertação partiu do pressuposto de que, dentro de um determinado texto, todas as cláusulas estão interligadas, de forma a manter uma unidade de sentido que permeia todo o discurso realizado. Dessa forma, enfatizamos que, a partir de uma perspectiva pragmático-discursiva, todas as cláusulas são interdependentes. No entanto, o que se analisou, aqui, foi um isolamento estrutural, o que justificou dizer se esta cláusula adverbial ocorre ou não como uma unidade informacional isolada.

Diante disso, enfatizamos ainda que, partindo de porções maiores de textos, a caracterização das relações entre cláusulas não se manteve presa ao nível sentencial e ao critério formal de presença de conectores, o que corresponde dizer que a análise realizada aqui foi muito mais funcional do que formal. Dentro dessa perspectiva, observou-se que as relações nem sempre foram estabelecidas entre cláusulas adjacentes, sendo que uma cláusula estabeleceu determinada relação com outra cláusula bem anterior no texto, ou até mesmo com toda a porção de texto em que estava inserida.

Portanto, buscou-se caracterizar uma **sintaxe no discurso**, isto é, uma **sintaxe funcional** em que foi possível identificar não só o **tipo** de relação entre cláusulas, como também a **função** que estas exerceram no discurso como um todo.

A pesquisa aqui realizada procurou ser predominantemente qualitativa. No entanto, constatamos o fato de que o levantamento de dados quantitativos foi importante para subsidiar a análise pretendida, já que esse levantamento apresentou-se como o próprio “mapeamento” do uso, ou seja, uma concretização numérica do que seria, de fato, essa língua em uso.

As relações adverbiais são um tipo de relação abundante na fala, fato que é comprovado na fala dos informantes entrevistados tanto da rede fraca quanto da rede forte. Na **Rede Universitária**, o número de ocorrências de cláusulas adverbiais foi mais expressivo, sendo que do total de 875 unidades informacionais encontradas a partir das quatro entrevistas, foram identificadas **431** cláusulas adverbiais. Já na **Rede de Familiares**, das 1185 unidades informacionais, foram identificadas **390** cláusulas desse tipo.

A partir da fala de cada um dos informantes, foi possível perceber a importância das cláusulas adverbiais na constituição de seu discurso. Essas estruturas, guiadas pelas intenções dos falantes em seus respectivos contextos conversacionais, complementam, enriquecem e articulam a fala dos mesmos, proporcionando ao texto oral uma intensa e complexa rede de relações semânticas.

As cláusulas adverbiais encontradas no *corpus* foram classificadas em 08 (oito) relações semânticas: **motivo/causa, tempo, finalidade, condição, concessão, modo, conformidade e comparação.**

Ao analisar as características culturais e sociais de cada um dos dois grupos de entrevistados, a *Rede Universitária* é, de fato, definida como uma *rede social fraca*: os informantes desse grupo, moradores da cidade de Mariana e estudantes do ICHS/UFOP, apesar de se relacionarem, não mantêm vínculos fortes, laços íntimos uns com os outros, uma vez que estão “interligados” porque freqüentam um lugar comum. A *Rede de Familiares* é, de fato, uma *rede social forte*, já que todos os seus integrantes mantêm entre si significativos laços afetivos, sendo que em sua maioria essas pessoas integram a mesma família.

Tanto na Rede Universitária quanto na Rede de Familiares, a relação adverbial que teve o maior número de ocorrências foi a relação de **motivo**, seguida pelas relações de **finalidade** e **tempo**. Observando o número de ocorrências das cláusulas de motivo, evidenciou-se uma diferença significativa destas últimas em relação aos demais tipos de cláusulas adverbiais. Como foi destacado, é relevante apontar que as cláusulas de motivo, aqui encontradas, incluíram cláusulas que expressam causa, explicação, razão e justificativa; fato que contribuiu para que o número de ocorrências dessas cláusulas fosse maior em relação às outras classes de construções adverbiais.

Em relação às outras classes de cláusulas adverbiais, estas seguiram, em ambas as redes sociais, a seguinte ordem decrescente de frequência: *condição, modo, conformidade, comparação e concessão*. Comparando as duas redes, a única diferença que encontramos é que na rede forte o número de cláusulas adverbiais comparativas é maior que o número de adverbiais de conformidade.

Das **431** cláusulas adverbiais coletadas entre os dados da Rede Universitária, **41 (9,5%)** aparecem constituindo por si mesmas uma unidade de informação. Entre os dados da Rede de Familiares, das **390** cláusulas adverbiais coletadas, **53 (13,6%)** aparecem constituindo por si mesmas uma unidade de informação, apresentando-se, assim, como uma cláusula desgarrada. Esses resultados, portanto, sinalizam que o fenômeno do *desgarramento* se manifestou com mais frequência na rede social forte.

Em relação à presença e ausência de conector entre as cláusulas adverbiais desgarradas, são as construções *com* conectivo que aparecem em maior número em ambos os grupos sociais. Pode-se dizer, portanto, que é a relação *explícita* que está caracterizando a estrutura desgarrada.

Apesar de em ambas as redes sociais não haver um número expressivo de adverbiais desgarradas, o resultado encontrado comprova o fato de que este não é um fenômeno que se manifesta apenas na modalidade escrita da língua, como já foi mostrado por Decat (1999a), mas que se concretiza também na modalidade oral da língua portuguesa contemporânea.

Na Rede Universitária, as cláusulas adverbiais que mais se desgarraram foram respectivamente: as *concessivas*, as de *motivo* e as *condicionais*. Esse mesmo resultado foi encontrado por Decat (2008), após analisar as cláusulas adverbiais desgarradas, porém na modalidade escrita da língua.

Na Rede de Familiares, as cláusulas adverbiais que mais se desgarraram foram respectivamente: as *concessivas*, as *finais* e as de *motivo*. É interessante observar que, na Rede Universitária, não ocorreu nenhuma cláusula adverbial final desgarrada. Diferentemente, na Rede de Familiares, este tipo de adverbial foi aquele que, em segundo lugar, mais se desgarrou, já que 12 (doze) das 60 (sessenta) adverbiais finais aparecem de forma isolada. Esse resultado é coerente com o fato de que o fenômeno do desgarramento se manifestou de forma mais expressiva na língua da Rede de Familiares.

Conforme foi apresentado no capítulo de análise da presente dissertação, as cláusulas adverbiais desgarradas tiveram uma frequência maior entre os dados da Rede de Familiares. Sobre esse resultado, concluiu-se que, ao analisar a fala de cada um dos informantes de rede

social forte, parece que o “fluxo discursivo” é mais fragmentado, pausado, possibilitando uma realização lingüística em que as unidades de informações são mais facilmente delimitadas. A delimitação dessas unidades de informação é facilitada, uma vez que, no decorrer da fala, é mais perceptível quando a entonação de um determinado “bloco de informação” ascende ou descende.

Assim, é possível que esse fluxo discursivo mais fragmentado e pausado, além de favorecer a delimitação das unidades de informação, também favoreça o fenômeno do desgarramento, já que é mais fácil “se desgarrar” quando a própria organização lingüística do discurso já é mais dividida, mais pausada.

Outro ponto observado é o fato de que as unidades informacionais se mostraram mais bem definidas quando o informante está narrando histórias ou fatos, já que dentro dessas seqüências discursivas o entrevistado, preocupado em fazer seu interlocutor “acompanhar” o que está sendo dito, utiliza-se de uma organização lingüística também mais pausada, com unidades de informação marcadamente delimitadas. Dentro dessas seqüências lingüísticas, também é mais fácil identificar uma cláusula adverbial desgarrada na língua falada.

Comparando as quatro entrevistas da Rede Universitária com as quatro entrevistas da Rede de Familiares, foi percebida uma diferença interessante quanto ao grau de “cumplicidade” entre os interlocutores. Na Rede de Familiares, durante a entrevista, percebe-se um envolvimento maior entre os falantes, uma maior cumplicidade, uma significativa satisfação em contar e relatar histórias e experiências pessoais e de seus familiares. É perceptível que cada um destes informantes “revela” características culturais e lingüísticas de uma “identidade” própria de Cachoeira do Brumado e que esta apresentação da vivência, da tradição social e cultural do distrito é feita com muito prazer por parte dos informantes.

Uma materialização lingüística dessa característica são as inúmeras “retomadas” realizadas por estes informantes quando entrevistados. Apesar de, no decorrer da entrevista, haver determinadas interrupções na “linha temática” da fala ao acrescentarem informações sobre outros assuntos, os falantes voltavam ao que estava sendo exposto, retomando seu raciocínio. As relações adverbiais se entrelaçam através desses textos orais, enriquecendo a construção dos sentidos e orientando o “desenrolar” do discurso.

Em função desse fato, analisando o processo discursivo desenvolvido por cada um dos membros da rede forte, encontramos muitas descrições, explicações e narrações que buscaram, de alguma forma, garantir o entendimento do documentador sobre o assunto que estava sendo apresentado, exposto. Todas essas características presentes na fala desses

informantes é que em muito contribuíram para a constituição desse “fluxo discursivo” mais pausado, fragmentado e, portanto, com unidades de informação mais claramente delimitadas e cláusulas adverbiais desgarradas mais bem definidas.

A apresentação de alguns fragmentos de texto oral na presente dissertação teve o objetivo de explicitar, a partir de entrevistas de rede social forte, marcas lingüísticas que evidenciam o envolvimento presente na conversação entre os falantes e o nível de cumplicidade entre os mesmos. Porém, não queremos dizer, aqui, que tal envolvimento não esteja também presente no processo de interação verbal entre informantes e documentador da rede social fraca. O fato é que, ao analisar cada entrevista de ambas as redes sociais, foi possível perceber e identificar manifestações mais expressivas e freqüentes de envolvimento e cumplicidade entre os membros da rede de Cachoeira do Brumado.

A partir dos resultados da Rede Universitária e da Rede de Familiares, foram identificados diferentes conectivos para a concretização das *cláusulas adverbiais de motivo*. No entanto, o conectivo *porque* é o mais empregado para expressar esse tipo de relação, já que praticamente a metade das cláusulas adverbiais de motivo em cada uma das redes se concretizou através desse conector.

As cláusulas adverbiais de motivo, junto às cláusulas concessivas, foram aquelas que mais se manifestaram em uma unidade de informação isolada no *corpus*. Esse resultado se assemelha ao encontrado por outros autores, que apontaram que as adverbiais *causais* e *concessivas* foram as que mais ocorreram de forma “desgarrada” na modalidade escrita da língua.

Esses dois tipos de construção adverbial apresentam forte função argumentativa dentro das intenções comunicativas do usuário da língua, o que favorece o seu desgarramento. Esse fato evidencia, portanto, que quanto maior for a força argumentativa que essas cláusulas carregam, maior sua possibilidade de ocorrer de forma desgarrada. Isso ocorre porque o falante/escritor vê na forma isolada - ou desgarrada - uma maneira eficiente de focalizar informações.

Além da função de focalizar informações, a cláusula adverbial de motivo desgarrada traz informações novas ao discurso produzido pelo falante e exerce a função discursiva de retomada.

Analisando esse tipo de construção adverbial no *corpus*, constatou-se a possibilidade das cláusulas de motivo se manifestarem na forma de “relações em cadeia”, em que uma construção adverbial ao mesmo tempo em que é o *motivo*, a *causa* da oração anterior, recebe

como causa ou motivo a informação apresentada na cláusula posterior. Dessa forma, as construções adverbiais estão interligadas numa espécie de “círculo causal”.

Entre *as cláusulas adverbiais finais*, praticamente não houve variações na configuração gramatical. Em sua grande maioria, em ambas as redes, essas cláusulas são iniciadas pelo conectivo *pra* – observou-se que em nenhum dos exemplos desse tipo de cláusula a forma “para” foi empregada –, seguidas por um verbo no infinitivo.

A posição posposta em relação a uma porção de texto anterior - posição geralmente ocupada pela informação de maior relevância - é a de maior frequência entre as cláusulas adverbiais finais presentes no *corpus*, revelando que os falantes utilizam esse recurso para focalizar informações. Dessa forma, através dessas construções lingüísticas, os informantes salientam as informações que, segundo sua intenção comunicativa, são mais importantes.

A construção adverbial final desgarrada no *corpus*, além de exercer as funções de focalização e retomada, cumpriu também sua função de “justificação”. Essa justificação apresentou-se como uma busca dos falantes de preservar sua auto-imagem pública, utilizando maneiras por meio das quais pôde não se expor completamente, evitando as avaliações indesejadas da parte de seu(s) interlocutor (es).

Apesar de terem sido encontradas no *corpus* várias indicações temporais no texto conversacional, foram consideradas para a presente pesquisa apenas as construções em que o falante produzia uma circunstanciação de tempo empregando uma *cláusula adverbial temporal*.

De acordo com os resultados da Rede Universitária e da Rede de Familiares, o conectivo *quando* é o mais freqüente na realização de cláusulas adverbiais temporais, já que nesses dois grupos sociais esse conector passa da metade do total de ocorrências. Em segundo lugar estão as cláusulas temporais *sem conectivo*, as quais são seguidas por aquelas que foram denominadas por *outros*. Esse terceiro tipo de construção temporal corresponde às diversas expressões indicativas de alocação temporal, como “no dia que”, “na hora que”, “logo depois que”, “depois que”, “na época que”, “até que”, etc., com funcionamento de conectivo temporal, proporcionando tonalidades de sentido muito particulares aos enunciados.

As principais funções discursivas das cláusulas adverbiais temporais desgarradas são as funções de focalização e retomada, além de trazerem ao texto oral novas informações que dão continuidade e organizam cronologicamente o discurso desenvolvido pelo falante.

Em relação às *cláusulas adverbiais condicionais*, foram encontradas construções que exemplificam os três tipos apontados pelas pesquisas lingüísticas, ou seja, há no presente

corpus exemplos de adverbiais condicionais factuais (reais), contrafactuais (irreais) e eventuais (ou potenciais).

Os informantes da Rede Universitária e da Rede de Familiares utilizaram praticamente os mesmos conectores para estabelecerem as relações condicionais. A única diferença é que na Rede Universitária encontramos uma única cláusula condicional iniciada pela conjunção *enquanto*, o que não ocorreu na Rede de Familiares. O conectivo *se* é o mais empregado pelos informantes para estabelecerem esta relação semântica em ambas as redes sociais.

Um ponto interessante foi que, ao analisar cada uma das entrevistas, foram detectadas várias cláusulas adverbiais iniciadas pelo conector *quando* – conjunção mais freqüente nas relações de tempo – que além de estabelecerem junto à outra cláusula uma relação de tempo, estabeleciam também uma relação de condição. Observando essas cláusulas, era muitas vezes difícil determinar até que ponto aquele era um exemplo de cláusula adverbial temporal ou um exemplo de cláusula adverbial condicional. Por esse motivo, cada uma dessas cláusulas foi considerada na contagem de ocorrências tanto das relações de tempo quanto das relações de condicionalidade.

Identificarmos exemplos em que um mesmo conector explicita, concomitantemente ou não, relações semânticas diferentes é importante para comprovarmos mais uma vez a ineficiência de se considerar um grupo fechado de conjunções para cada tipo de cláusula adverbial. É também evidente que os estudantes de língua portuguesa não terão um conhecimento real da língua caso seja oferecido a eles um ensino que incentive a identificação das diferentes cláusulas adverbiais através de uma lista de “conjunções subordinadas”, presente nos manuais tradicionais.

As cláusulas adverbiais condicionais desgarradas no presente *corpus* cumprem a função de, segundo a intenção comunicativa do falante, focalizar determinada informação do contexto discursivo. Essa construção também se apresentou, numa unidade informacional isolada, como “aposto”, como uma espécie de consideração à parte em que o informante destacou uma explicação, uma “ressalva” acerca do assunto discutido.

Houve alguns casos, como também ocorreu com outras relações semânticas, em que a construção desgarrada não estabeleceu a relação condicional de forma direta nem com uma cláusula antecedente nem com uma cláusula subsequente. Na verdade, a relação de condicionalidade só foi de fato estabelecida quando todo o conjunto de unidades apresentado foi considerado.

A presente dissertação, após uma análise geral do *corpus*, preferiu tratar as *cláusulas adverbiais de modo, conformidade e comparação* dentro de um mesmo grupo, denominado *MCC* – modo, conformidade e comparação.

A fusão desses três tipos de cláusula em um único grupo justificou-se pela proximidade e semelhança que há entre eles. Ocorreram vários casos em que uma única cláusula iniciada pelo conectivo *como*, por exemplo, pôde ser definida, ao mesmo tempo, como uma adverbial de modo, conformativa e comparativa.

É importante destacar, porém, que com a análise desses três tipos de adverbiais foi possível detectar que, dentro do grupo das relações de *MCC*, as construções iniciadas por *gerúndio* são apenas *cláusulas adverbiais de modo* sendo, portanto, o gerúndio a característica formal que as distingue. Além das construções iniciadas por gerúndio, também foram encontradas no *corpus* outras estruturas que estabelecem especificamente a relação de modo, as quais, em sua maioria, são iniciadas pela preposição *sem*.

A partir dos resultados da Rede Universitária, o conector *como* foi o mais freqüente nessas três relações semânticas. Observou-se também que entre uma relação semântica e outra, praticamente não houve modificações na configuração gramatical, o que corroborou a decisão de uni-las em um único grupo.

Na Rede de Familiares, o conector *como*, diferentemente do que ocorreu na Rede Universitária, não foi o mais freqüente nas três relações semânticas. As cláusulas sem conectivo, no entanto, foram aquelas que apareceram em maior número entre as relações de comparação e conformidade na rede forte. Entre as relações de modo, as construções iniciadas por gerúndio foram aquelas que tiveram a maior freqüência.

Houve uma freqüente ocorrência no *corpus* de cláusulas iniciadas pela palavra “igual”, as quais em muitos casos são, ao mesmo tempo, modais, conformativas e comparativas. Expressões como “igual eu te falei” ou “igual eu falei” parecem concorrer, no presente *corpus*, com expressões como “como eu te falei” ou “como eu tinha falado”. Há também outros casos, especialmente na Rede de Familiares, em que “igual” aparece no início de determinada cláusula adverbial de *MCC* que poderia ser perfeitamente iniciada pelo conector “como”. Observamos, portanto, que a partir da fala dos informantes entrevistados, há uma variação entre as construções “como” e “igual” para iniciar esses três tipos de cláusulas adverbiais.

As adverbiais de *MCC* iniciadas por *igual*, *como* ou outro conectivo possuem uma importante função discursiva: a *retomada* de discursos anteriores. Foi observado que, quando

o falante utiliza a expressão “igual eu te falei” – ou “como eu te falei” – está retomando informações já apresentadas ao seu interlocutor anteriormente, sem expor, novamente, cada uma delas. Assim, a cláusula adverbial é, aqui, como uma espécie de “sinal”, de “lembrete” que o falante faz ao seu ouvinte de que aquele assunto discutido no presente já havia sido apresentado. Esse “lembrete” poupa o falante de apresentar mais detalhes sobre o que está sendo dito, ao mesmo tempo em que incentiva ao ouvinte “acionar” sua memória e relembrar informações importantes para a compreensão do todo. Observou-se, assim, que algumas cláusulas adverbiais de MCC são de suma importância para o sucesso da interação verbal, já que essas podem interferir diretamente em sua efetivação.

Constatou-se também que essas construções adverbiais podem retomar informações que foram ditas, de fato, dentro do discurso construído no momento específico daquela interação verbal ou podem retomar informações que não foram apresentadas durante a conversação, mas que foram partilhadas pelos interlocutores em outros contextos. Portanto, as cláusulas de MCC podem retomar informações intra e extratextuais.

Na Rede Universitária, as *cláusulas adverbiais concessivas* se concretizaram em seu maior número sem a presença de um conectivo, o que não ocorreu entre os dados da Rede de Familiares. No entanto, ao analisarmos os dois grupos sociais, tanto em um quanto em outro, o conector *apesar de/que* foi aquele mais empregado pelos falantes. Lima (2002) ao analisar, em seu *corpus* de língua oral, os conectores utilizados para explicitar a relação de concessão, apontou também como mais empregado o conector “apesar de” e, em segundo lugar, o conector “embora”. Esse último, no entanto, não foi utilizado por nenhum dos informantes da presente dissertação.

Constatou-se que a função primeira da cláusula concessiva é colocar em contraste argumentos do discurso, e tal função é ainda mais intensificada quando a mesma está em sua forma *desgarrada*. Diante disso, assim como também têm apontado outros autores, a força argumentativa das concessivas e a busca de focalizar seu aspecto contrastivo são alguns dos principais fatores que favorecem o fenômeno do desgarramento entre essas construções.

A cláusula adverbial concessiva desgarrada exerce a importante função de trazer ao discurso conteúdos ou argumentos novos após aparentemente concluído o assunto ou tema que estava sendo discutido. Observou-se também que a concessiva desgarrada se estabelece nos discursos analisados como uma espécie de fronteira entre um tema e outro apresentado pelo falante. Assim, ao mesmo tempo em que a desgarrada concessiva, ao retomar a unidade

anterior, finaliza determinado tema, ela também anuncia que a unidade que a sucede iniciará outra questão, outro ponto da conversa.

Após análise, foi possível concluir também que a cláusula concessiva desgarrada, ao retomar a unidade informacional anterior, além de apresentar novas informações, cumpre mais duas funções dentro do discurso desenvolvido pelos falantes: a de dar explicações e de reformular o que foi dito. Dessa forma, o falante, ao construir uma concessiva desgarrada, acrescenta novas informações a seu discurso através de *explicações* que deseja apresentar, já que considera necessário *rever* determinada afirmação.

Observadas as configurações gramaticais das cláusulas adverbiais nas duas redes sociais, constatou-se que na maioria das relações semânticas encontradas no *corpus* os informantes da Rede Universitária utilizaram uma diversidade maior de conectivos. Somente entre as relações de MCC que o número de conectivos empregados pelos falantes da Rede de Familiares é maior do que aquele que corresponde ao da Rede Universitária. Esse resultado pode ser explicado pelo fato de que todos os informantes da rede fraca já haviam cursado ou estavam cursando o ensino superior, enquanto que apenas uma informante da rede forte estava cursando o 3º grau. Assim, o fator social *escolaridade* pode ter interferido diretamente nesses resultados, já que o uso de diferentes conectivos da língua é favorecido pelo aumento do grau de instrução dos falantes.

Os fatores sociais *idade* e *sexo* pareceram não ter relevância para a construção das cláusulas adverbiais desgarradas nas entrevistas realizadas. Quanto ao fator *idade*, o Grupo 1 e o Grupo 2 apresentaram o mesmo número de cláusulas adverbiais desgarradas. Quanto ao fator *sexo*, as mulheres foram aquelas que mais realizaram construções desgarradas, apresentando uma diferença de 17% em relação aos homens.

Diante de todas essas conclusões, constatou-se que para a análise e compreensão da realização das cláusulas adverbiais no presente *corpus*, tendo como foco as cláusulas adverbiais desgarradas, é necessário que, além do modelo de análise funcionalista da língua, se considerem fatores de ordem social que extrapolem o contexto lingüístico. No presente trabalho, esses fatores sociais, em especial o fator *rede social*, foram fundamentais para a caracterização, análise e entendimento do que seria, de fato, a língua em uso dentro desses dois grupos de entrevistados na modalidade oral da língua da língua portuguesa contemporânea.

REFERÊNCIAS

ABDON, Iaci de Nazaré Silva. *Relações Causais e Gêneros de Texto*. Belo Horizonte, UFMG/MG, 2004 (Tese. Doutorado em Linguística), 267 p.

ALVES, Ana Paula Mendes. Um estudo sociolingüístico da variação sintática ausência/presença de artigo definido diante de antropônimos na fala dos jovens de Barra Longa/MG que residem em Belo Horizonte. 2008. 154 f. Dissertação (Mestrado), Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2008.

BECHARA, E. *Moderna gramática brasileira*. 19. ed. São Paulo, Nacional, 1973

BECHARA, E. *Moderna gramática portuguesa*. 10. ed. São Paulo: Cia. Editora Nacional, 1966. 461 p.

BRAGA, M.L. Cláusulas Temporais no discurso oral. In: *IV Encontro Nacional da ANPOLL*, Linguística, v.2, 1995, João Pessoa. Anais. João Pessoa, PB, 1995. p. 1217-1223.

CAGLIARI, L.C. Da importância da prosódia na descrição de fatos gramaticais. In: ILARI, R. (org.) *Gramática do português falado*. 3ª ed., v. II, Campinas: Ed. Da UNICAMP, 1996. p. 39-64.

CÂMARA JR., J. Mattoso. *Dicionário de filologia e gramática*. 2ª ed. Refundida. Rio Janeiro: J. Ozon Editor, 1964.

CAMPOS, O.G.L.A. de. A língua falada: características gerais. In: IGNÁCIO, S.E. (org.). *Estudos Gramaticais*. Ano III, nº 1, Araraquara, SP: UNESP, 1989.

CARDOSO, Brício. *Tratado da língua vernácula (gramática)*. Rio de Janeiro: Zelio Valverde, 1944. 311 p.

CARONE, Flávia de Barros. *Subordinação e Coordenação – Confrontos e contrastes*. 6ª ed. São Paulo, Editora Ática, 2000.

CARRETER, F.L. *Diccionario de términos filológicos*. 3. ed. Corregida. Madrid: Editorial Gredos, 1968. 443 p.

CASTILHO, A.T. de. *A predicação adverbial no português falado*. 1993, Tese (Livre-Docência). Universidade de São Paulo, São Paulo, 1993.

CHAFE, Wallace L. The deployment of consciousness in the production of a narrative. IN: CHAFE, W.L. (ed.) *The pear stories: cognitive, cultural, and linguistic aspects of narrative production*. Norwood: Ablex, 1980.

CHAFE, Wallace L. How people use adverbial clauses. In: *The Proceedings of the tenth annual meeting of the Berkeley Linguistics Society*. Berkeley Linguistics Society, 1984.

CHAFE, Wallace L. Linking intonation units in spoken English. In: HAIMAN, J. & THOMPSON, S. (eds.). *Clause combining in grammar and discourse*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 1988, p.1-27.

CIPRO NETO, Pasquale. & INFANTE, Ulisses. *Gramática da Língua Portuguesa*. 1.ed. São Paulo: Editora Scipione, 1998.

DECAT, Maria Beatriz Nascimento. *Leite com manga, morre!/: da hipotaxe adverbial no português em uso*. São Paulo, PUC/SP, 1993. (Tese. Doutorado em Lingüística Aplicada ao Ensino de Línguas), 287p.

_____. Uma abordagem funcionalista da hipotaxe adverbial em português. Revista SériEncontros (Descrição do Português: abordagens funcionalistas), ano XVI, n.1, Araraquara, SP: UNESP, 1999a, p.299-318.

_____. Por uma abordagem da (in) dependência de cláusulas à luz da noção de “unidade informacional”. *Scripta* (Lingüística e Filologia), v.2, n.4, Belo Horizonte: PUC Minas, 1º sem. 1999b, p.23-38.

_____. Orações adjetivas explicativas no português brasileiro e no português europeu: aposição rumo ao 'desgarramento'. *Scripta* (Lingüística e Filologia), v.5, n.9, Belo Horizonte: PUC Minas, 2º sem 2001, p. 104-118

_____. Orações relativas apositivas: SNs 'soltos' como estratégia de focalização e argumentação. In: IV Congresso Internacional da ABRALIN (Associação Brasileira de Lingüística), 2005, Brasília. Caderno de Resumos do IV Congresso Internacional da ABRALIN (Associação Brasileira de Lingüística). Brasília : ABRALIN, 2005. v. 1.

_____. A gramática da focalização em português: estruturas desgarradas. In: XV Congresso Internacional da ALFAL, 2008, Montevidéo. Libro de Resúmenes - XV Congresso Internacional da ALFAL. Montevidúe : ALFAL-UDELAR, 2008a. p. 277-277.

_____. *A hipotaxe adverbial em português e sua materialização como estruturas desgarradas*. Congresso de Linguística em Homenagem à Profa. Dra. Maria Helena de Moura Neves, Araraquara, 2008b.

FÁVERO, L.L. O processo de coordenação e subordinação: uma proposta de revisão. IN: KIRST, Marta, CLEMENTE, Ivo et al (orgs) *Linguística aplicada ao ensino de português*. Porto Alegre, RS: Mercado Aberto, 1992, p. 51-61 (Novas Perspectivas, 11)

FERNANDES, E.C.P. & PETIOT, P. Cláusulas concessivas nas produções oral e escrita. In: *III Congresso da ASSEL-Rio*. Rio de Janeiro: Associação de Estudos da Linguagem. **Anais**. Rio de Janeiro, 1994, p. 12-18.

FORD, C. *Grammar in interaction: adverbial clauses in American English conversations*. Cambridge: University Press, 1993.

GIVÓN, T. *On understanding grammar*. New York: Academic Press, 1979. 379 p.

GRYNER, H. PAIVA, M.C. & BRAGA, M.L. Status informacional e ordenação de cláusulas no português do Brasil. In: *III Congresso da ASSEL-Rio*. Rio de Janeiro: Associação de Estudos da Linguagem. **Anais**. Rio de Janeiro, 1994. p. 138-146.

GUIMARÃES, E. *Texto e argumentação. Um estudo de conjunções do português*. Campinas, SP: Pontes, 1987.

HAIMAN, J. & THOMPSON, S. "Subordination" in universal grammar. In: *Proceedings of the Tenth Annual Meeting of the Berkeley Linguistics Society*. Berkeley: Berkeley Linguistics Society, 1984. p. 510-523.

HALLIDAY, M.A.K. As bases funcionalistas da linguagem. In: DASCAL, M. (org) *Fundamentos metodológicos da linguística*. São Paulo: Global, 1978. p. 125-161.

_____. *An introduction to functional grammar*. Baltimore: Edward Arnold Publishers, 1985.

HARRIS, M. *The evolution of conditional sentences in Romance*. Romance Philology. V. XXXIX, 4, p. 405-436, 1986.

HOPPER, P.J. & TRAUGOTT, E. *Grammaticalization*. Cambridge: CambridgeU. Press, 1993.

ILARI, R. et.al. Sintaxe. In: ILARI, R. (org). *Gramática do português falado*. 3ª ed., v. II, Campinas: Ed. Da UNICAMP, 1989. p. 151-313.

KATO, M.A. *A formal-functional approach: or an integrated view of language description*. Fortaleza: Universidade Federal do Ceará, 1985. (Trabalho apresentado no ENPULI)

KOCH, I. G. V. et al. Aspectos do processamento do fluxo de informação no discurso oral dialogado. In: CASTILHO, A. T. de. (org.) *Gramática do português falado*. V. 1. Campinas, SP: Ed. Da UNICAMP/FAPESP, 1990.

LABOV, W. *Language in the inner city*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1972.

LEHMANN, C. Towards a typology of clause linkage. In: HAIMAN, J. & THOMPSON, S. (eds.). *Clause combining in grammar and discourse*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 1988. p. 181-225.

LIMA, Ana Maria Costa de Araújo. *Relações hipotáticas adverbiais na interação verbal*. UNESP: Araraquara, SP, Tese de Doutorado (Inédita) 2002.

LONGHIN-THOMAZI, S. *Níveis de combinação de orações*. Campinas, SP: UNICAMP, 2001. Mimeo.

MARTINEZ, M.A.A. Las oraciones subordinadas: esbozo de clasificación. In: *VERBA*, 14, p. 117-148, 1987.

MATTHIESSEN, C. & THOMPSON, S. The structure of discourse and 'subordination'. In: HAIMAN, J. & THOMPSON, S. (eds.). *Clause combining in grammar and discourse*. Amsterdam, Philadelphia: John Benjamins, 1988. p. 275-329.

MILROY, James. *Linguistic variation and change. On the historical sociolinguistics of English*. GB: Brasil Blackwell, 1992.

MILROY, Lesley. *Language and networks*. GB: Brasil Blackwell, 1987.

NEVES, M.H.M. A articulação de orações: reflexões de base funcionalista. In: *Boletim da Associação Brasileira de Lingüística*. Actas do I Congresso Nacional da ABRALIN. Maceió, Pós-Graduação em Letras-UFAL, p. 271-281, 1997a.

_____. *A gramática funcional*. São Paulo: Martins Fontes, 1997b.

_____. A gramaticalização e a articulação de orações. In: *Estudos Lingüísticos*, v. XXVII, São José do Rio Preto, p. 46-57, 1998.

_____. Construções encaixadas: considerações básicas. In: *Colóquio Nacional da ABRALIN*. Florianópolis, 1999a. (no prelo).

_____. As construções causais. In: NEVES, M.H.M. (org) *Gramática do português falado*, v. VII, São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP; Campinas: Ed. Da UNICAMP, 1999b. p. 461-496.

_____. As construções condicionais. In: NEVES, M.H.M. (org) *Gramática do português falado*, v. VII, São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP; Campinas: Ed. Da UNICAMP, 1999b. p.497-544.

_____. As construções concessivas. In: NEVES, M.H.M. (org) *Gramática do português falado*, v. VII, São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP; Campinas: Ed. Da UNICAMP, 1999b. p.545- 591.

_____. O tratamento da articulação de orações. In: NEVES, M.H.M. (org) *Descrição do português: definindo rumos de pesquisa*. Araraquara: FCL/Laboratório Editorial/UNESP; São Paulo: Cultura Acadêmica Editora, 2001a. p. 51-66.

NICOLA, José de. & INFANTE, Ulisses. *Gramática da língua portuguesa*. 1.ed. São Paulo: Editora Scipione, 1997.

PAIVA, M.C. Empregos de ‘porque’ no discurso oral. In: *DELTA*, 11:1, p. 27-39, 1995.

PEREIRA, Eduardo C. *Gramática expositiva* (Curso Superior). 91ª ed. São Paulo: Cia Editora Nacional, 1954. 429 p.

PERINI, M.A. *Gramática descritiva do português*. 4ª ed. São Paulo: Ática, 2001.

SAID ALI, M. *Gramática histórica da língua portuguesa*. 6.ed. São Paulo: Melhoramentos, 1966. 249 p.

SOUZA, M.S.C. Orações temporais e implicações lingüísticas. In: *Estudos Lingüísticos*, v. XXV, p. 790-796, 1996a.

_____. *A hipotaxe adverbial temporal: uma abordagem funcionalista*. 1996. Tese (Doutorado) faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Araraquara, 1996b.

_____. Os limites entre coordenação e subordinação: uma aplicação às orações temporais. *Boletim da ABRALIN*, nº 21, 1997. p. 282-292.

THOMPSON, S. Subordination in formal and informal discourse. In: SCHIFFRIN, D. (ed.). *Meaning, form, and use in context: linguistic applications*. Washington: Georgetown U. Press, 1984, 85-94.

ZAMPRONEO, S. *A hipotaxe adverbial concessiva no português escrito contemporâneo do Brasil*. 1998. Dissertação (Mestrado), Universidade Estadual Paulista, Araraquara, 1998.

Corpus da dissertação de mestrado As cláusulas adverbiais e as redes sociais em Mariana (MG): um estudo a partir de uma abordagem funcionalista, de Danúbia Aline Silva - Poslin/UFMG/2009.

ANEXOS

(IIG1FRU)

Informante: MMS **Idade:** 22 anos **Sexo:** Feminino **Área:** Mariana **Rede:** Fraca

1. Meu nome é M.M.S... tenho 22 anos e atualmente curso letras na UFOP estou no quinto período

Doc: Por que você optou pelo curso de letras?

2. Na verdade eu queria farmácia

3. Eu fiz vestibular

4. Aí fiquei como excedente

5. E:: na verdade num deu... pra passar

6. Então depois eu decidi fazer letras porque eu gostava muito de escrever na época eu gostava muito de ler... tinha uma expressão oral muito boa DIZIAM

7. Então por isso que eu optei pelo curso de letras chequei aqui fiquei meio decepcionada porque num era aquilo que eu esperava

8. Porque eu gostava muito de gramática também chego aqui poxa num tem nada a ver com gramática fiquei meio assustada por causa disso também

Doc: Você é a favor do ensino de gramática?

9. Eh porque por exemplo eu fiz o 2º grau no Colégio Providência ↓ eu tinha uma professora chamada S. que era muito rígida né? gostava assim dos tópicos gramaticais na PONTA da língua

10. Então com o curso de letras eu pensei que iria aprimorar falei “nó eu vou sair de lá afiadíssima em gramática”

11. E quando eu chequei aqui por exemplo no 1º período eu num tinha nada de estudo de gramática

12. Comecei a ver mesmo a partir do 3°... com o estudo da gramática que eu fiz algumas disciplinas relacionadas por exemplo a sintaxe... né com a M. até mesmo agora nos estudos lingüísticos também deu pra aprofundar um pouco mais sobre a gramática.

Doc: Você foi aluna da L.?

13. De quem?

Doc: L

14. Não não chequei

Doc: não?

15. não não

Doc: Ela já dava aula no Providência?

16. Ela dava aula na 8ª série lá.

17. É porque eu entrei lá no 2º grau.

Doc: Como é o colégio Providência?

18. Oh na verdade foi uma das melhores escolas que eu estudei até hoje.

19. Porque:: a gente tinha bastante liberda::de de chega conversa com a diretora tinha bastante liberdade com os professores também.

20. O ensino era muito bom... RÍGIDO eh:: as provas bem corrigidas ↓

21. Num tem nada a queixar daquela escola ↓

22. Foi uma das melhores escolas que eu já estudei realmente.

Doc: Com qual disciplina você mais de identificou?

23. Química

Doc: Química?

24. É gostei bastante porque no terceiro ano a gente estudava química orgânica... tinha... a físicoquímica... e tinha a química mesmo né? química inorgânica.

25. E a professora era muito legal isso contribuiu também pra junto do curso.

26. Depois também eu fiz o- na época que eu fiz segundo grau eu também fiz o curso de auxiliar de laboratório de análises químicas então... eu estudava bastante os materiais que a gente usa no laboratório pra que que serve tinha as aulas a tarde né? e as aulas de manhã também.

Doc: esse curso você fez aonde?

27. No colégio mesmo.

Doc: ah no colégio mesmo?

28. No colégio.

29. Eh porque eram na verdade... eu fazia três cursos que era o terceiro ano integrado ao vestibular... terceiro ano normal né? e também esse curso auxiliar técnico em análises químicas.

Doc: então por isso você fez farmácia?

30. É por isso que eu tentei farmácia

Doc: a primeira opção era química né?

31. é... isso... foi... exatamente.

Doc: aí a segunda era português?

32. Não aí depois eu fiz cursinho né? e eu fui fazer o vestibular pra letras

33. Eu passei bem classificada.

Doc: ah tá... você ah você tá no quinto período?

34. Tô no quinto período.

Doc: então faltam dois anos né?

35. Faltam

Doc: dois anos pra terminar... ah e o que que você acha do ICHS?

36. Tem dia que eu acho interessante.

37. Mas em compensação agora nesses dias tá tudo vazio com esse pessoal em greve não tem os laboratórios de informática não tem nada aqui.

38. Aí então eu tô achando que ele tá meio abandonado ultimamente mas só esperar os- é... é: os funcionários voltarem né? a gente vai ver que vai retornar ao que era antes.

Doc: e aqui que que você acha do ICHS comparado com outras instituições?

39. Pobre.

Doc: pobre?

40. Bastante pobre.

Doc: em que sentido?

41. O acervo bibliográfico bem baixo a gente às vezes precisa de algum trabalho na biblioteca não tem nem sombra do trabalho tem que recorrer à internet outras fontes então eu acho meio pobre nesse sentido.

Doc: e com relação à documentação que tem aqui?

42. Eu não conheço.

Doc: ah não conhece não

43. Não conheço eu já ouvi a M. fala mas pessoalmente não conheço mas SEI que é muito importante que todo mundo pelo menos os pesquisadores que tem por aqui não vive sem eles então... é importante.

44. E quer dizer isso já torna o ICHS destacado em relação às outras universidades.

Doc: unhum... exatamente... ah... e com re- como que... não sei se cê sente mais de perto a movimentação das repúblicas aqui como é que é essa movimentação?

45. Conheço poucas porque a maioria dos colegas que eu tenho... eh: moram né? em residências próprias aqui em Mariana ou então tem a- igual tem gente que mora ali na... nas Intocáveis pelo menos as poucas vezes que eu fui lá vi que era muita farra.

46. Muita bebida pelo menos não presenciei ninguém usando droga mas foi bebida música alta aquela coisa assim gente desligada mesmo sabe? aproveitando.

47. Mas as Moitas que tem aquela FAMA todo mundo fala que a droga rola solta eu já tive contato com pessoas de lá mas nenhum nenhuma delas é usuário então... num tive problema nenhum com isso naum.

Doc: ah e Ouro Preto Ouro Preto é uma situação... mais

48. Ouro Preto nunca fui numa república mas pelo menos a fama né? é pior... é

49. Realmente as pessoas falam MUITO mal dos estudantes que tem lá... é das repúblicas.

Doc: e... cê tá trabalhando... em Mariana né? Qual colégio?

50. É eu trabalho eu dou aula-

51. É na Escola Dom Viçoso... aqui em Mariana.

Doc: Dom Viçoso?

52. Isso.

Doc: Dom Viçoso que colégio qual bairro?

53. Nas Cabanas.

Doc: Cabanas

54. É no Bairro Cabanas.

Doc: subindo

55. Subindo.

Doc: aqui pra pra lado de ()

56. Um verde... tem um um posto num sei se cê sabe o Posto Raul? ()

Doc: ah sei ãrã

57. Então sobe ali um pedacinho já está no Dom Viçoso na Rua Diamantina.

Doc: ah tá ãrã... e cê tá dando aula pra que série lá?

58. Pra terceira e pra quarta série.

Doc: terceira e quarta série

59. Eh eu trabalho com língua portuguesa história geografia redação e religião.

Doc: e qual que ta sendo a sua experiência com relação a terceira e quarta série?

60. Eu prefiro trabalhar com a terceira.

Doc: é?

61. É uma turma numerosa tem quarenta e dois alunos mas eu acredito que a minha receptividade com os alunos e vice-versa é muito melhor do que com a quarta série.

62. Eu gostei mais da terceira

Doc: cê trabalha de manhã e à tarde?

63. Não eu trabalho é: só de manhã mas é porque lá é por área então eu trabalho com a área de humanas e outra professora que trabalha com a área de exatas matemática ciências... artes

Doc: e geografia cê ta vendo o que com eles?

64. Geografia com a terceira série nós estudamos os pontos cardeais.

65. Eh:: vê como que se faz uma escala dos mapas.

66. É mais ou menos baseado nessa parte de cartografia mesmo.

67. E:: com a quarta série a gente tá vai começar estudar o Rio São Francisco.

68. A última matéria que a gente viu foi a divisão do Brasil a divisão regional e antes a gente tinha visto a divisão geo-econômica.

Doc: e história?

69. História nós vamos começar a estudar a história de Mariana na terceira série.

70. E com a quarta série nós começamos a estudar... os:: presidentes do Brasil.

71. (Dando) uma noção.

Doc: por que que Mariana chama tem esse nome de Mariana?

72. Porque tinha aqui é a princesa que veio pra cá chamava Maria Ana então eles juntaram os dois nomes e deram a cidade o nome de Mariana.

Doc: ah Maria Ana

73. É Maria Ana (depois) eles juntaram-

Doc: ela era esposa de quem?

74. Eu num sei o nome do marido dela não

Doc: não?

75. Não

Doc: a fundação aqui em Mariana foi no... final do século XVII né?

76. É assim que teve o ciclo do ouro né? aquela época da mineração.

Doc: então foi na virada do séc. XVII pro XVIII né?

77. Isso isso.

Doc: acho que cinco anos né?

78. Anhan

Doc: ah... e com relação a português que cê tá ensinando?

79. Uhm bom português com a quarta série nós trabalhamos a colocação pronominal.

80. Primeiro eu havia trabalhado com eles os verbos vi que invertei essa ordem mas porque o material que a gente seque lá é o do positivo então num é um material preso à gramática.

81. Dependendo do texto eles extraem algum tópico gramatical e a partir desse tópico vai ser trabalhado.

82. Então nós estudamos os pronomes... eh: pessoais do caso reto caso oblíquo e iríamos começar os pronomes de... de tratamento só que com as férias né? teve que interromper esse estudo.

83. E também a gente e trabalha vários textos trabalha música muito interessante essa parte.

Doc: música que tipo de música cês trabalham?

84. Ah... músicas que vêm às vezes vem algum texto igual a última unidade veio falando sobre a esperança de se ter um Brasil melhor.

85. Eu acho interessante no material que eles começam é: do ponto de vista histórico.

86. Começaram mostrando a carta de Pero Vaz de Caminha e aí foram aprofundando até chegarem a unidade que falava qual que é a expectativa de ter um Brasil menino porque apesar de ter um Brasil de 500 e poucos anos é um Brasil jovem.

87. Então isso gerou muita polêmica entre os alunos discutimos bastante e no final... eles queriam saber... como que o Brasil poderia ir pra frente.

88. Então eles trabalharam... a música Vamos Construir que na época era interpretada por Sandy & Júnior.

89. Então vai dependendo desses tópicos.

90. História também quando a gente trabalhou o hino da independência... o hino do Brasil e o material também manda pra gente o CD com com as músicas né? aí torna mais fácil o aprendizado também.

Doc: o material do Positivo é de São Paulo?

91. Não o Positivo é de Curitiba.

Doc: o Positivo é de Curitiba?

92. É de Curitiba.

Doc: pensei que fosse em São Paulo

93. Não ele foi implantado em Curitiba.

Doc: ah ta aham... comé que comé que funciona essa... trans- a escola compra o pacote?

94. É porque a escola faz o contrato com Positivo visando oferecer por exemplo materiais didáticos e também oferece (uma forma assim) de tecnologia educacional.

95. Vêm o:: os professores do Positivo fazem curso conosco na escola.

96. Nós vamos a Belo Horizonte várias vezes por ano fazemos os cursos de aprimoramento é alguma é coisa nova que foi implantada no material

97. Então eles assim então uma um acesso né? muito bom pra gente.

98. Tem o portal do Positivo na Internet também a gente pode acessar pra gente tirar dúvidas com outros professores com os próprios escritores das apostilas então assim tem um acesso muito bom mesmo.

Doc: eles têm sede onde em Belo Horizonte?

99. Não a sede mesmo é em Curitiba.

100. Só que eles têm vários postos de atendimentos.

101. Em Belo Horizonte tem várias escolas também que são conveniadas ao Positivo só que qualquer informação que a gente precisa tem que ligar diretamente em Curitiba.

Doc: ah entendi... e o... o Providência eles adotam

102. O Soma.

Doc: o Soma

103. É lá eles trabalham com o material do Soma que tem sede em Belo Horizonte.

Doc: e Pitágoras

104. Pitágoras quem trabalha é o Bloquinhos... Bloquinhos Mágicos trabalha com o Pitágoras.

Doc: Ah entendi ah... com relação agora o com relação mudando prum assunto de política com relação ao governo do PT que que cê tá achando do desempenho do governo do PT?

105. Horrível.

106. Primeiro porque eu votei nele obrigada.

107. De tanto as pessoas ficarem falando vota no lula vota no lula na hora que eu cheguei pra votar eu apertei o 13 quando eu vi eu já tinha feito isso já tinha votado sem vontade mesmo.

108. Mas eu tô achando muito chato a administração dele nesse sentido de querer acabar com os benefícios do trabalhador.

109. Principalmente querer acabar com as férias com o décimo terceiro mexer na aposentadoria das pessoas que às vezes num tem nada a ver com essas loucuras que acontecem lá e quem precisa realmente de mexer ele não mexe.

110. Quer dizer é difícil administrar um Brasil do jeito que ele está.

111. Mas o bom do programa do governo dele no caso é o programa fome zero né? que parece que... está adiantando alguma coisa né? para o Brasil mas fora isso num tenho muito a elogiar não.

Doc: ah... e com relação aos prefeitos daqui de Mariana... o destaque dos... administração dessas três últimas né? do João Ramos Cássio e Celso Cota?

112. Isso quando João Ramos começou eu era meio nova ainda então eu num lembro tanto só lembro... que pelo menos na rua onde eu moro nenhum dos três resolveu nada.

113. Porque uma rua no centro de Mariana ainda não foi calçada... e as pessoas por mais que peçam eles falam “ah nós vamos resolver” porque lá é no centro perto da central... é onde tem estação ferroviária então eles falam que POR ISSO eles não podem mexer ainda com a rua.

114. Mas é a... a ferrovia já foi desativada as pessoas estão usando lá pra qualquer intuito então quer dizer tem sido uma confusão geral.

115. João Ramos prometeu... que ia calçar a rua... até hoje nada.

116. Depois veio o Cássio que (num deu) nada mesma coisa... esse ainda me lembro um pouco.

117. E agora o Celso Cota que só tá fazendo ponto de ônibus pra cidade mas pelo menos... o resto ainda num foi feito.

Doc: ãã... mas é tá fazendo show também

118. É show tá fazendo mas com esse frio não animei ir ainda não.

Doc: (cê num foi em nenhum) ah tá

119. Não não eu fiquei com frio.

120. Eu ficava esperando acaba Mulheres Apaixonadas pra sair mas tá muito frio eu desistia.

Doc: cê tá acompanhando a novela Mulheres Apaixonadas?

121. Às vezes eu acompanho porque eu estudo a noite então... é difícil acompanhar mas grande parte eu vejo.

Doc: que que cê tá achando da novela?

122. Muito boa.

Doc: é?

123. Ele aborda temas polêmicos né? e tem mexido com a sociedade tem... é implantado outros valores nas pessoas por exemplo em relação aos idosos né? mesmo o preconceito com os homossexuais isso ele tem conseguido implantar nas pessoas.

124. Quer dizer você agora vai passar a ver essas pessoas não como uma pessoa diferente mas como alguém que precisa de ajuda porque você vê o convívio dessas pessoas né?

Doc: você acha que ah... a novela é um meio que pode... mudar o comportamento das pessoas?

125. Pode influenciar- pode com certeza... com certeza... pode sim.

Doc: e com relação à programação de televisão assim como como que cê vê a televisão hoje? ah... uma televisão sensacionalista uma televisão informativa como que cê... qual que é a sua visão da televisão?

126. Eu na verdade... vejo a televisão como uma MÁQUINA de fazer dinheiro.

127. Porque eles dão muita idéia pra' quilo que gera dinheiro pra eles porque tendo audiência eles terão pontos no ibope conseqüentemente mais dinheiro.

128. Então é uma televisão que visa mudar muito a cabeça das pessoas principalmente em relação eh: como minha irmã tinha falado eh: comportamento sexu- sexuais eles... eh: primam né? por exemplo mostra a- "ah pornografia da audiência?" "então vamos mostrar"...né? visando até mesmo a comédia né? que dá audiência então eles estão querendo isso.

129. E essas propagandas também bem mais fácil veículos não sei o que lá veículos dá audiência então eles estão colocando lá deixô de saber se vai influenciar ou não as pessoas.

Doc: o... cê tem algum programa assim que... ah cê acha que é um programa dentro... da televisão qual programa educativo que cê vê assim

130. Bom educativo educativo não.

Doc: não? Cê não acha

131. Não... não... totalmente educativo não porque por mais que tenha programa mais educativo eles sempre né? tem alguma brechinha pra ganhar dinheiro tá lá deixa a educação de lado.

Doc: ah... e com relação aos jornais... televisivos qual que você tem de mais... se identifica se você acha que tem uma visão mais crítica

132. Eh seria aquele do Bores Casoi né?

Doc: do Bores Casoi

133. Porque além dele ter a visão crítica ele ainda faz ele pensa pras pes/ prus telespectadores né? ele mostra a notícia e dá a conclusão dele você aceita né? querendo ou não

134. Mas em relação a mesma audiência no caso seria o Jornal Nacional.

135. Apesar de ter o Jornal da Rede TV que é praticamente no mesmo horário que é: abrange os mesmo assuntos.

Doc: e que que cê acha do Jornal Nacional e do Jornal da Rede TV?

136. O Jornal Nacional já tem aquela fama né? o MELHOR jornal do Brasil aquele jornal que tem um:: como se diz uma dicção PERFEITA né? aquele MODELO mesmo.

137. E então mais por esse lado tem muita fama... né?

138. Mas quando é um assunto que visa prejudicar a Rede Globo em algum sentido eles não mostram... né?

139. Até mesmo naquela época da da guerra que teve a última guerra eles tentavam polir o máximo a notícia pra num prejudicar nada os Estados Unidos.

140. Às vezes fazia os Estados Unidos saírem como vítimas em algum sentido mudando a cabeça das pessoas.

Doc: e o jornal da Rede TV como que cê

141. Ah o jornal... mais... o que eu tô te falando é mais... SUCINTO... né? ele já já vai direto ao ponto da notícia num tem muito comentário... sabe? ABRANGE mais a notícia eu gosto muito dele.

Doc: e com relação à família que que cê tá achando... ai tem essa questão Mulheres Apaixonadas né? que mostra de certa forma... a-

142. A banalização da família.

Doc: é que que cê tá achando? e por que que tá havendo essa BANALIZAÇÃO da família? como é que é

143. Bom porque antigamente tinha aquela história né? a filha vai casar virgem vai casar com fulano vai ter tantos filhos já tinha tudo isso montado.

144. Hoje as pessoas não primam muito né? a questão da família porque pela falta de tempo também as pessoas têm que trabalhar têm que estudar.

145. Por exemplo uma mulher hoje trabalha fora... né? tem pouco tempo pra cuidar (de si) ela num vai querê ter cinco filhos por exemplo.

146. Primeiro que o CUSTO dos produtos é muito alto... né? vai comprar um tênis pra um filho os outros três vão querê também... então quer dizer... já prejudica bastante nesse sentido.

147. Então hoje as pessoas QUANDO querem ter uma família querem ter poucos filhos... né? olhando mais por esse lado mesmo

Doc: e com relação às drogas que que cê... por que que as pessoas estão... tá tendo essa quantidade de pessoas tá aumentando o o número de usuários de drogas?

148. Lembra aquela vez que passou na na última novela-

149. Como que era o nome?... é o Clone né?

150. Clone abrangeu bastante o assunto das drogas

151. Foi Laços de Família?

152. Uma dessas duas aí... é.

150. Abrangeu bastante.

153. Então quer dizer queria mostra o lado RUIM das drogas mas também mostrou o apoio da família em relação aos drogados.

154. Só que eu acredito que muitas pessoas viram-se influenciadas por essa novela e passaram a aprender vão usar pra vê como é que era “será que igual tá na novela?” até querendo ou não muitas pessoas têm um: uma visão diferente a televisão mostra de um jeito elas querem fazer pra vê se é do mesmo jeito e acabam quebrando a cara.

155. Mas eu acho que hoje em dia as pessoas... usam drogas porque às vezes ficam muito sozinhas às vezes querem juntar alguns amigos que usam também pra num se sentirem pra baixo acabam usando uma coisa que destrói a família destrói relacionamento acaba... ficando sozinho.

Doc: e... agora com relação a livros que tipo de livros você gosta de ler assim

156. Não gosto muito de ler.

Doc: cê não gosta muito de ler?

157. Não sou muito preguiçosa.

158. Não gosto às vezes lia alguma coisa pra fazer um trabalho mas mesmo assim arrastando porque dá sono.

159. Então eu num sou muito de ler.

160. Mas quando eu leio são livros igual eu falei com cê pra fazer trabalho eh:: tive que ler MUITO sobre Machado de Assis porque eu fiz é:: Literatura... Brasileira (se eu não me engano) Brasileira II com o t. então... tive que ler bastante sobre Machado de Assis.

161. Eu li Quincas Borba... li Memórias Póstumas de Brás Cubas... Helena... li grande parte das obras dele... li vários contos também.

162. Mas eu olho mais nesse sentido.

163. Agora leitura prazerosa quando eu faço assim... muito difícil.

164. (Teve até um livro que eu comprei) chamado inteligência emocional... que do Daniel (Guliver) foi um livro que eu comprei por prazer... que eu já tinha ouvido falar MUITO e assim me deu outra perspectiva de vida também.

Doc: ah tá... ahan... o t. ele tem documentário indígena num tem? Instrumentos

165. Tem ele fez né? um:: um trabalho muito bom não foi nessa época foi na no curso anterior a esse que ele trabalhou com os alunos a Literatura Indígena.

Doc: aé? Ele trabalhou com a Literatura Indígena

166. No nosso ele já optou por Machado de Assis

Doc: ah tá ele

167. [Ele passou um tempo né? nas tribos indígenas

Doc: ah ele passou um tempo nas tribos indígenas?

167. é então ele tinha bastante material]

Doc: ah ta anhan... o... agora com relação a tempo livre que que cê gosta de fazer?

168. Dormi

Doc: dormi?

169. Eh tempo livre a coisa que eu mais gosto é dormi porque assim meu tempo é muito ocupado... né?

170. De manhã eu trabalho de sete às onze e meia.

171. Na segunda e na terça eu tenho aula à tarde com o D. aqui.

172. Então a aula começa duas e meia e às vezes duas e vinte vai até quatro porque ele estoura sempre o horário

173. (Gosta mesmo da aula) nem esquenta pra horário.

174. Então é o tempo de ir até à minha casa comer alguma coisa e voltar pra aula sete horas que vai até dez dez e meia dez e meia dez e quarenta.

175. Então meu tempo é meio curto.

176. Acaba tendo também uma atividade exaustiva da MENTE então-

177. Sem sem contar que como eu trabalho com alunos eu tenho que preparar aula eu tenho que corrigir prova professor trabalha mais em casa do que na escola.

178. Então meu tempo livre eu uso basicamente pra dormir.

179. E às vezes final de semana domingo sábado eu gosto de sair um pouco ir à praça... comer alguma coisa em algum restaurante mas não passa disso.

Doc: e... o pessoal que você dá aula na terceira e quarta série são de que idade mais ou menos?

180. Ah terceira série são de nove oito a nove anos né? tem um menino lá de onze que já falei que ele vai formar na terceira série mas ta lá até hoje.

181. E da quarta série de dez anos dez a onze anos mais ou menos nessa faixa.

Doc: e como é que é o comportamento deles?

182. A terceira é uma turma muito esquentada.

Doc: aé esquentada?

183. É dou aula pra eles desde que eles estavam na primeira série e sempre foi uma turma esquentada mas boa de serviço.

184. Aquela turma que pinta bastante mas que no final cê vê que teve um resultado excelente.

185. Já é diferente da quarta série porque a quarta você fala fala fala chega na prova tem a mesma coisa eles ainda erram.

186. Então quer dizer não pintam tanto mas porém não tem aquele aprendizado esperado como tem a terceira série.

Doc: ah... isso também tem... provoca o esgotamento né?

187. Provoca.

Doc: (porque) crianças (sempre há)

188. Provoca.

189. Até mesmo as expectativas que a gente tem né? os alunos aprendem no final você falou x eles escrevem y ()

Doc: ah... também agora com relação a perigo de morte cê já teve algum assim... alguma situação de medo de... pânico- alguma situação de perigo de morte cê nunca

190. Não.

191. Não nunca Pa- graças a Deus nunca passei por isso.

192. Inda não.

Doc: e com relação a violência aqui em Mariana que que cê ta achando... ah

193. Ah por enquanto ainda não me atingiu.

Doc: certo

194. Eu ouço as pessoas falarem que foram assaltadas... que tiveram algum problema mas perto de mim por exemplo nunca aconteceu nada a não ser uma vez que eu estava no jardim... fui pagar um cachorro quente quando eu pequei minha identidade estava no bolso não estava mais.

195. Depois um outro rapaz veio me entregar falando que eu tinha perdido.

196. Só que eu tinha percebido que o rapaz tinha ficado muito perto de mim então quer dizer deve ter pegado né?

197. Mas fora isso nunca tive nenhum problema.

Doc: e... e com relação ao patrimônio histórico aqui de Mariana? Que... como que você vê o patrimônio histórico

198. Ah por um lado... é bastante exigente com as construções que nós temos aqui.

199. Porque por exemplo tem a outra escola que eu trabalhava que é ali na Praça da Sé... então eles vivem implicando com a dona de lá.

200. Primeiro porque ela pintou a escola de verde escuro aí brigaram com ela falaram que num podia ser daquela cor que o Patrimônio num deixava.

201. Então nesse ponto né? em relação à placa a cores de casa formatos também eles preocupam bastante.

202. Agora em relação à preservação deixam a desejar↓

203. Por exemplo tem aquela:: casa ali aquele acho que foi onde Cláudio Manoel morou de frente a Igreja da Sé... pois é que... né? caída jogada às traças né?

204. Aquela vez que que teve um carnaval se eu não me engano e que mandaram um artista plástico desenhar a frente da casa numa tábua diz que num durou nem um ano direito.

205. Quer dizer seria bem mais fácil tentar recuperar... o prédio né?

206. Verdade.

Doc: e a... com relação às mineradoras cê acha que gera ah têm gerado empregos ou não ou tem é tem sido assim estagnado por (causa)... estagnado

207. Bom em Mariana está estagnado.

208. Porque as pessoas ficam falando “ah fulano trabalha na Vale tem uma vida boa”↓

209. Hoje em dia num é assim a FAMA né? já foi pro saco porque... hoje as pessoas têm um salário como em qualquer outro lugar não é como antigamente que eles falavam que quem trabalha na Vale tinha o melhor de Mariana que às vezes as pessoas saiam de uniforme só pra terem privilégios em bancos essas coisas assim.

210. Hoje isso num funciona mais hoje lá é visto como um emprego qualquer.

211. Sem contar também que já... é estar super lotado.

212. Lá num tem tanta oportunidade de emprego igual as pessoas falam que tem.

Doc: ah... com relação aqui ao comportamento das pessoas... o cidadão marianense o cidadão de Ouro Preto... como que você vê? ah cê acha que tem diferenças-

213. Diferenças?

214. Uhm uai a gente poderia dizer que o de Ouro Preto se acha um pouco superior ao de Mariana... né? porque muitas pessoas cê fala “oh eu moro em Mariana” “nó Mariana onde que é isso?” cê fala “fica perto de Ouro Preto” “ah eu sei onde que é.”

215. Então Ouro Preto tem FAMA em relação a Mariana né?

216. Apesar de que Mariana foi a primeira cidade projetada no Estado de Minas Gerais mas mesmo assim Ouro Preto ganha nesse sentido.

217. Então muitas pessoas que moram lá acham muito superiores aos de Mariana

Doc: até geograficamente né?

218. Geograficamente principalmente.

Doc: ah... então e com relação à fala cê acha que tem alguma diferença entre fala a fala marianense e a fala de Ouro Preto?

219. Nunca percebi.

Doc: não?

220. Não... como-

Doc: assim todos falam-

221. Pelo que eu... pelo convívio que eu tenho é praticamente a mesma coisa.

Doc: num tem diferença

222. Não num percebo tanta diferença.

Doc: e ah... e que que cê acha da Língua Portuguesa... como professor de Português que que cê acha

223. Bom eu acho que é a matéria mais gostosa de se estudar.

224. Primeiro porque você num encontra nada pronto.

225. Né igual você pega um livro de química a fórmula é essa mas vai aplicar assim vai encontrar o resultado do problema.

226. Acho que na Língua Portuguesa você encontra VÁRIOS problemas e poucos resultados.

227. Porque todo mundo fala “ah tem a gramática receitinha de bolo”.

228. É sim mas num é em todo texto que isso vai caber.

229. Cê ter aquelas regras com VÁRIAS exceções então acho que no ensino da Língua Portuguesa sempre tem um algo novo pra se descobrir ↓

230. E acho que o papel do professor de Língua Portuguesa é importante nesse sentido porque por mais que ele tente mostrar a realidade da Língua Portuguesa sempre vai ter alguma coisa por trás... né?

231. E mostrando o que há por trás disso vai facilitar muito o aprendizado do aluno e também vai deixar os alunos interessados porque muitos alunos chegam e falam “ah eu num sei português”.

232. Quer dizer ele num sabe português ele sabe gramática né? então fica essa conclusão aí.

Doc: e ah agora só voltando porque eu esqueci de uma disciplina... religião que que cê ensina prus alunos?

233. Hoje religião tá mais voltada pra formação humana.

234. Os conceitos de família coisa assim que igual eu falei com eles que TEM a família mas num é tão privilegiada como era antigamente... né? hoje as pessoas num dão tanto valor como davam antes.

235. Então mais voltado é amor ao próximo... são como se diz os mandamentos de Cristo porém um pouco maquiados porque a gente num pode falar na escola que ensina religião católica de forma alguma.

236. Porque hoje-

Doc: não é permitido?

237. Não não é permitido.

236. Porque devido a há várias são várias misturas né? que tem lá nós temos alguns espíritas temos alguns evangelistas vários tipos de religião então nós não podemos implantar falar olha aqui é religião católica esses são os dez mandamentos de Cristo de forma alguma.

238. Então por exemplo eu trabalho um texto com eles...

239. Lá na terceira série eu trabalhei os excluídos...

238. então eu peguei uma passagem bíblica que falava de um de um aleijado... né? como que ele teve dificuldade depois porque um texto de uma revista que falava da dificuldade que as pessoas tem pra se locomoverem tudo isso então a gente vai trabalhando os valores em cima de algum texto.

240. Depois faz jogos é bem bem light mesmo.

Doc: então eu num sabia que num era mais permitido

241. Não não... até mesmo-

Doc: porque antigamente era né?

242. antigamente era... estudava a religião católica né?

243. Por exemplo quando eu até no tempo que eu estudava no colégio a irmã ainda nos levava à missa rezava terço na aula hoje em dia num tem mais isso.

Doc: nem no Providência ()

244. Eu num sei mas onde eu trabalho já optou por essa-

Doc: por essa linha

244. essa linha

Doc: de trabalho

245. Isso.

Doc: ah tá... ah:: e com relação... cê já conheceu alguma cidade... além de Mariana?

246. Conheço várias cidades.

Doc: conhece?

247. Conheço.

Doc: quais... assim... quais que mais te marcaram?

248. Ah já fui... teve uma viagem que eu fiz que eu fui tocar num casamento... é no sul de Goiás.

249. A cidade chama Tocantinópolis.

250. Eh aí eu fui uma vez BEM longe pensava que nunca fosse chegar.

251. Depois foi uma outra que chama Jataí lá perto também uma cidade QUENTE onde as pessoas são... muito hospitaleiras.

252. Isso me chamou a atenção porque aqui em Mariana cê olha as pessoas assim meio estranho e lá não lá elas são hospitaleiras as pessoas que nos convidam pra ir casas delas nas casas dela conhecer gostei muito da cidade.

Doc: cê toca

253. Teclado.

Doc: ah teclado ah tá

254. É teclado.

255. Mas já faz muito tempo que eu num toco.

Doc: ah tá... aí cê foi toca... num casamento

256. Fui toca num casamento lá.

257. Que era da da dona da escola onde eu trabalho era a sobrinha dela que ia casar então ela me levou pra eu tocar no casamento lá.

Doc: ah tá... e com relação à religiosidade do povo que que cê acha... a diferença da religiosidade do povo na capital e aqui nas... ah na cidade na cidade do interior né? de um modo geral?

258. Aqui em Mariana... as pessoas gostam muito assim de ir à igreja... né?

259. Tem aquelas que vão pra rezar e tem as que vão pra brigar... impressionante.

260. E tem as que vão pra reparar roupa aquela história toda () tem a obrigação domingo é dia de ir à missa então nós vamos num importa o que que você vai fazer lá né?

261. Agora nas grandes capitais as pessoas num tem tanto tempo.

262. Primeiro porque a locomoção às vezes a igreja é muito longe de casa e fala “ah eu tenho que fazer isso e isso se eu for à missa num vai dar tempo”

263. Então eles deixam Deus sempre em segundo ou terceiro plano... né?

264. E às vezes quando têm que rezar rezam em casa ou então eh:: em centros comunitários mais próximos tudo isso.

265. Agora aqui em Mariana já tem a cidade parece um ovinho né? todo mundo “ah nós vamos a tal procissão” aí junta todo mundo vai... reza vê quem tá quem não tá e volta.

Doc: e cê acha que a religiosidade do povo aqui é maior do que de da capital?

266. Com certeza.

Doc: é... por causa... de quê?

267. (Aqui também num tem) o que fazer né? porque Mariana é uma cidade que tem poucos atrativos.

268. Tem pra quem vem de fora mas agora quem mora aqui já está praticamente enjoado.

269. Então eh:: então eles gostam de ir na missa tem outros tipos de religiões também em Mariana tem tem espírita tem... os evangélicos também.

270. Então as pessoas realmente procuram (o que eu falei) dificilmente a gente vê uma pessoa aqui que fala que num tem religião nenhuma que num frequenta nenhum tipo de... convívio religioso.

Doc: ah tá... e e que que cê acha do... da relação entre a Faculdade e a Igreja Católica aqui?

271. Totalmente alheia né?

272. Porque muitas pessoas aqui em Mariana vêem a faculdade como:: uma ameaça entendeu? a religiosidade

273. Porque tem muitos alunos que vêm de fora que têm a cabeça totalmente diferente da cidade.

274. Porque Mariana é uma cidade que num tá preparada pra certos comportamentos que os alunos daqui têm.

275. Então as pessoas olham com certo preconceito porque aqui por exemplo a gente vê casaizinhos diferente andando de mão dada se a gente vê isso na rua em Mariana já fica totalmente assustada né? não é algo que tá aceito.

276. E:: inclusive teve um aluno aqui uma vez que tava totalmente bêbado falando absurdos na porta da Igreja da Sé em pleno sete horas da manhã.

277. Então as pessoas “oh estuda na faculdade olha que absurdo” então já fica aquele certo preconceito né?

278. Agora assim também como as pessoas assustam quando um aluno da faculdade vai freqüentar a igreja igual tem o o G. que cê deve conhecer tava até- pois é ele freqüenta a missa freqüenta a procissão e todo mundo fica encantado acha até que ele é seminarista porque... por estar aqui né? já tem aquela fama de que num tem religião num quer nada com as coisas e ele é um exemplo que é diferente então.

Doc: e como que assim ah o cidadão marianense vê por exemplo os professores da faculdade? Já que cê ta falando nessa relação então deve

279. Bom mas os professores por exemplo tem Dona H. que é piolho de igreja.

280. Direto-

Doc: quem?

281. Dona H.

282. Ela por exemplo na- (A fita finalizou aqui).

(I2G1MRU)

Informante: GAFS **Faixa etária:** 24 anos **Sexo:** Masculino **Área:** Mariana **Rede:** Fraca

Doc: cê acha assim que Mariana cresceu no turismo?

1. Cresceu?
2. Desde que eu vim pra cá?
3. Eu acho que sim... que melhorou.
4. Eh...acho

Doc: (risos) cê acha que melhorou em que assim?

5. Assim acho que falta mais organização.
6. A maneira como os guias turísticos abordam as pessoas quando descem dos carros ali na Praça da Sé entendeu?
7. É:: falta mais organização.
8. Mas eu acho que tem mais gente vindo visitar Mariana.
9. Mesmo assim vem pra Ouro Preto e acaba vindo em Mariana mas assim ta crescendo sim acho que... tá bem melhor (Mariana)

Doc: cê acha que a/ que assim eles dividindo o festival de de inverno Mariana e Ouro Preto/

10. Piorou.

Doc: piorou?

11. Piorou.

12. Eu acho que no ano passado foi muito melhor.

13. é:: no a/ no ano passado foi/ tava mais concentrado aqui.

14. é:: porque a Prefeitura de Ouro Preto não apoiava festival de inverno

15. Então assim sempre tava tendo atividades de segunda a segunda tava tendo coisas no jardim↓ às vezes era teatro no jardim... quando num era no jardim era no SESI... ou um showzinho

16. Agora hoje a gente vai lá tá marcado na agenda cê vai vê num tem o show então assim num agradei muito não.

17. E acho que diminuiu muito o número de atividades aqui.

18. Ah eu preferi muito mais o festival do ano passado.

Doc: e cê acha assim que Mariana em termos de educação... como que cê acha que tá?

19. De uma maneira geral ou fazer tipo um paralelo de onde eu tava e agora e aqui?

Doc: não aqui mesmo... em geral

20. (Mariana) acho que é uma cidade boa pra pras pessoas estudarem e tal tem tem recursos tem boas escolas.

21. Acontece que as melhores escolas que tem aqui... de até segundo grau são escolas particulares... eu acredito.

22. Mas eu acho que ainda tem é:: boas escolas públicas↓

23. Mesmo porque tem a presença da Universidade aqui... faz formar professores mais qualificados uma Universidade Federal e tal

24. Então eu acho que ainda é melhor acho que é uma cidade rica culturalmente ↓

25. E acho que tá bom mas tem muita coisa que tem que melhorar.

26. Eu trabalhei uma época no... recenseamento e tal então visitei vários bairros várias é:: distritos de Mariana e tal

27. Então acho que... tem tem muita coisa que melhorar ainda.

28. Mas de uma maneira geral eu acho que... é bom.

Doc: e cê acha mas/ e cê acha que a quantidade de de escolas assim cobre tudo assim segundo grau por exemplo acho que é só duas né?

29. Não a- é é isso que eu acho ah acho que é insuficiente.
30. Eh tem não segundo grau tem aqui no Benevides tem o Estadual... tem nos Cabanas também né?
31. Então são três... que eu conheço né?
32. Mas a/acho que tem que aumentar tem que melhorar sim tem que aumentar o número de turmas e tal.
33. Mas... acho que de uma maneira geral o fato do de ter a Universidade aqui cê consegue tá formando professores mais qualificados e tem mais condições de ter uma boa educação.
34. Cidade do tamanho de Mariana por exemplo que não tem universidade e tal eu acredito que o ensino é bem aquém daqui.

Doc: e nos distritos você tem colégio também ou eles têm que vir pra Mariana se quiser estudar?

35. Tem alguns tem escolas... tem outros que não.
36. Outros às vezes assim tem alguns lugarejos que eles... acabam os alunos não vindo pra Mariana mas cê tem que deslocar prum outro prum lugarejo mais próximo onde tem escola.
37. Tem escolas onde a mesma uma professora dá aula pra várias séries... é:: dentro do mesmo... como se fosse dentro da mesma sala ela divide o quadro em três dá aula pra três séries.
38. Então isso eu acho que é uma coisa muito ruim é:: exige muito do professor saber... lidar com isso.
39. Acho que isso é:: isso é uma coisa que tem que melhorar eu acho que o que precisa de melhorar mais num é o ensino de segundo grau segundo grau precisa melhorar também mas o ensino fundamental acho que... tem que melhorar muito mais.

Doc: e que que cê acha desses programas do governo de Bolsa Escola

40. Olha a princípio... é é uma boa idéia da bolsa es/ é dá uma ajuda financeira pra que o aluno vá pra... pra escola vá estudar né? pare de trabalhar às vezes ajudar a família num trabalho e ir pra escola.
41. Só que o que acaba acontecendo que a gente o que eu tenho visto é que muitas vezes essas pessoas não freqüentam a escola não são freqüentes na escola recebem o dinheiro da bolsa escola mas não são freqüentes.
42. Acho também que o dinheiro da bolsa escola é insuficiente... o valor é muito... baixo.
43. E::... a gente cai nesse negócio do assistencialismo e tal que eu num acho que é uma boa saída.

44. Mas antes dá essa ajuda do que num dá nada e os alunos não irem porque num têm material num irem porque pre/

45. Muitas vezes as pessoas acabam não usando o dinheiro da bolsa escola pra comprar material escolar e tal.

46. Acabam utilizando em outras coisas.

47. Mais aí eu acho que vai da cabeça de cada um saber aproveitar isso ou não.

48. Acho que é insuficiente e acho que tem que haver um controle maior... sobre quem recebe essas bolsas ↓ porque tem famílias que tem condições e recebe e famílias que num tem condições nenhuma... e não recebe.

49. Então acho que isso é errado tinha que haver um controle maior né? a assistente social ir visitar as famílias vê quem/ colocar uma ordem de prioridade nisso daí.

Doc: mas/ cê num acha assim que às vezes você vê é:: investido esse dinheiro na escola?

50. Seria melhor do que dá pras pessoas.

51. Talvez.

52. Se a direção da escola for... tipo assim for utilizar o dinheiro pras alunos mesmo entendeu?

53. Mas acho que... independente de pra quem vai... é... cê tem que num é bom essas essa questão do assistencialismo ta ta ta.

54. Mas talvez seria melhor se ocê tiver pessoas sérias que vão ta realmente fazendo um trabalho voltado pru aluno.

55. Mas muitas vezes vai ter crianças que não vão porque num recebem entendeu?

56. Num sei se... tipo assim como INCENTIVO pras famílias da das pe/ das pessoas de baixa renda... pra essas pessoas que não querem ir pra escola entendeu? como INCENTIVO eu acho que é melhor entregar pra eles.

57. Mas do retorno que isso vai dá talvez seria melhor mesmo ir pra escola.

58. Pode ser... nunca tinha pensado nisso.

Doc: que que cê acha do Pro - Uni?

59. Pro-Uni é o::

Doc: que dá a vaga nas universidades particulares

60. Pras pessoas de baixa renda?

Doc: é

61. Eu sou contra qualquer tipo de... de cota cota pra negro cota cota pra índio

62. É:: assim...tem a questão de que os NEGROS têm um um HISTÓRICO de exploração e tal que a gente tem que olhar isso tem que levar isso em consideração mas é é::... eu num sou a favor desse sistema de cotas.

63. Cota pra pobre depois vai ter cota pra rico cota pra... branco cota pra... japonês

64. Então eu num sou a favor de nenhum tipo de cota.

65. Eu acho que a saída é investir na educação de base.

66. E isso vai ter um retorno que o governo vai ter que a população em geral vai sentir a longo prazo.

67. Mas e o pessoal que ta aí agora?

68. Cê pode me perguntar isso né?

69. Tem que ter alguma saída pra quem ta aí num num viveu essa mudança.

70. Eh:: talvez mas se isso tivesse por exemplo tiver programado por exemplo vai acontecer por cinco anos... ou por dez anos que seja... essa questão do Pro - Uni e tal e cotas e tal

71. Aí eu concordaria.

72. Mas assim indefinidamente sem saber... até quando entendeu?

73. Então aí vai vai fazendo essas medidas paliativas e nunca vai melhorar o que eu acho que tem que melhorar... que é no caso seria a educação de base.

74. Se fosse assim proposto por uma questão de um tempo determinado aí eu concordaria

Doc: esse/ voltando à Mariana (risos) cê acha que assim tá sendo bem preservado o Patrimônio Histórico?

75. Oh tem exceção da igreja que foi incendiada foi bem recuperada e tal.

76. Mas tem a questão de que... eu acho que devia haver um...uma forma de ajuda de incentivo assim é que venha do governo federal que venha... é sabe do... num sei de onde vai vim essa verba mas tinha que haver porque... é:: não se permite que as pessoas façam reformas nas casas e tal e tudo.

77. Pelo menos tem que preservar a fachada e tal.

78. Tem pessoas que eu conheço que tão querendo melhorar manda o projeto eles não aprovam... e nem dão uma ajuda.

79. Então pelo menos que tivessem arquitetos pessoas formadas que trabalham com patrimônio histórico que fossem ajudar as pe/ a população a fazer o projeto de reforma de melhora da das casas e tal.

80. Seria melhor pra poder manter né?

81. Às vezes a reforma que a a pessoa planeja fazer uma reforma e tal ia ficar num determinado preço e acaba que por causa do patrimônio a reforma sai muito mais cara.

82. E tem pessoas que tão aí com a casa caindo um vizinho meu aqui a casa tá caindo

83. Ele mandou três vezes um projeto... pro patrimônio não foi aprovado.

84. Ninguém veio dá ajuda nenhuma.

85. O telhado tava caindo.

86. Ele teve que paga aluguel sendo que ele tem a casa dele e ainda tem que fazer a reforma.

87. Teve que paga aluguel... durante quatro meses... até vim o parecer de aprovar que ele que ele queria fazer.

88. Então eu acho que assim... não não tá sendo... tão bem preservado quanto poderia porque também as pessoas num tem... nenhum nenhum tipo de apoio nenhum tipo de... incentivo pra poder... manter né?... as construções históricas como deveria.

89. Então acho que assim tem que melhorar.

90. Isso aí eu acho que num ta sendo bem preservado não.

91. Nós temos isso claro na Praça da Sé que estão ali há quanto tempo né? sem reformar... sem-

92. A Prefeitura num ajuda... o Governo Federal num ajuda

93. Que as pessoas num tem condições de manter entendeu?

94. Então é uma coisa um pouco complicada.

95. Acho que tem que melhorar muito.

96. Mas onde se pega pra fazer as reformas elas são bem feitas viu?

97. Acho

Doc: e agora tão reformando Palácio dos Bispos também num tá?

98. tão eh tô achando que tá ficando bacana

Doc: e cê sabe que que vai ser lá?

99. Não num sei inda naum é difícil/ um museu uma coisa assim (num tenho noção ainda naum)

Doc: e cê acha assim que nas nas escolas tá sendo... tem programas assim que da- ensina as crianças a valorizarem a história da cidade?

100. Não eu por exemplo eu estudei aqui durante três anos numa escola particular aqui.

101. Na escola ela é:: tem... um hotel, tem pousada, tem tudo.

102. Vinha um aluno de São Paulo ficava aqui quinze dias estudando a arte barroca, visitando as igrejas, visitando os museus e tudo e a nossa escola daqui nunca levou a gente pra fazer nenhum tipo de de visita dessas coisas que vinha gente de tão longe pra poder tá aprendendo e a gente aqui num tinha esse tipo de... de estudo.

103. Acho que falta muito isso assim sabe?

104. Falta... os professores saírem com os alunos ir mostrar isso aquilo entendeu?

105. Incentivar mais os alunos a valorizar... o que a cidade oferece

106. Acho que () falta muito.

Doc: e cê acha assim que nas escolas públicas é:: tem algum programa de incentivo se num tiver que tipo de programa cê acha que tinha que ter?

107. Se tem algum tipo de programa que?

Doc: é:: pra nesse sentido de/

108. Que eu conheço não.

109. Acho que deveria ter assim como nas escolas particulares no momento em que eles estivessem estudando barroco... estivessem estudando o que/ tem... o que mais tem presente aqui né?

110. Ou então na aula de artes na aula... alguma coisa assim.

111. Tinha que sair com os alunos mostrar eles na na prática entendeu?

112. Depois pedir relatório

113. Contar histórias e tal

114. E:: tinha que ter mais isso entendeu?

115. Acho que é muito pouco... muito pouco explorado.

Doc: e cê acha que os esses guias que tão agora em Mariana tão com uniforme e tudo mas se acha que eles são bem preparados?

116. Não... nem um pouco.

117. Eu tava falando a maneira como eles abordam as pessoas é:: o que eles falam muitas vezes a gente passa e escuta o que eles falam é:: são coisas absurdas.

118. Então acho que não tão preparados não devia ter cursos pra de preparação inclusive ensinar eles a ter postura, como abordar as pessoas, o que eles vão falar em questão de CONTEÚDO... falta muito entendeu?

119. Um ou outro eu num conheço assim... se tem algum tipo de empresa tal que eu acho que tem em Ouro Preto por exemplo eu acho que tem aqueles guias que ficam ali na praça né? que aborda as pessoas de qualquer jeito mas tem alguns... centros né? onde tem guias... são profissionais mesmo e tal.

120. Acho que isso falta aqui ainda.

121. Que eu desconheço se tem eu desconheço.

Doc: e:: é o que que/ como que cê acha que tá assim a a:: estrutura da área de saúde de Mariana?

122. Eu num posso fala:: assim... num sei.

Doc: não?

123. Como que tá num tenho a mínima idéia.

124. Num vou em médicos aqui nada aqui em Mariana.

125. Não faço nenhum tipo de tratamento nem eu nem ninguém da minha família.

126. Então assim nunca entrei em hospital daqui.

127. Num sei como funciona a policlínica.

128. Num sei nada.

Doc: e que que cê acha que deveria assim de forma geral que que cê acha que tinha que deveria melhorar em Mariana que falta?

Doc: depois eu volto nessa (risos)

Doc: é:: e assim cê acha que:: as universidades que tem assim tem o ICHS aqui de Mariana tem a UFOP assim faz parte um do outro mas são em cidades diferentes... tem assim os outros cursos que são em Ouro Preto cê acha que isso:: traz que benefícios pra cidade?

129. Ah:: inúmeros.

130. Acho que assim contribui pra elevar o NÍVEL de cultura da cidade

131. Eh:: tem pessoas assim de várias cidades entendeu? que chega aqui trazendo suas culturas as suas- o que eles... aprenderam na cidade deles e vão trocando idéias interagindo com os nativos isso é bom.

132. é:: gera emprego... né? que as pessoas é: vão a restaurantes bares é::... compram livros papelarias essas coisas é:: além disso... eles compram roupa

133. Então assim gera emprego na cidade em questão de transpor::te

134. Então em vários setores você vê a a importância dessas pessoas pra cidade.

135. Acho que aqui deve ter em torno de de mil pessoas mais ou menos?

136. Num sei.

137. Do ICHS deve ter em torno disso... pra mais.

138. Então assim isso é importante pra cidade.

139. Eh:: acho que devia até concentrar tudo aqui em Mariana num num devia nunca sair daqui a área de:: ciências humanas sociais acho que direito devia tá aqui em Mariana filosofia

140. Acho que isso seria melhor até pras pessoas que fazem esses cursos né?

141. Que:: poderiam tá trocando mais idéias e tal.

142. São áreas afins então isso é muito importante.

143. E:: outros setores que...

144. Essas pessoas que fazem benefícios por exemplo.

145. Mesmo pras escolas... que eles vão fazer estágio levam o que eles estão aprendendo na Universidade... levam idéias novas prus professores.

146. Isso é bom pra formação dos alunos também.

147. Que mais?

148. Praticamente acho que é:

Doc: e você acha que a população da cidade mesmo... tem bastante gente na Universidade?

149. Eu num sei.

150. Eu acho que é mais gente de fora... engraçado isso mas é.

151. Acho que as pessoas daqui mesmo... agora eu acho que tá até mudando um pouco.

152. Mas pelo menos quando eu entrei na Universidade... era eram duas pessoas aqui de Mariana por exemplo no meu curso duas pessoas aqui de Mariana uma de Ouro Preto... e o resto todo mundo de outras cidades.

153. Então acho que assim... as pessoas talvez num... num têm né? acesso num num desfruta desse bem que tá aqui tão perto né?

Doc: por que que você acha que num tá sendo esse acesso assim?

154. Porque talvez porque a educação num tá tão boa onde eles estudaram num tá tão bom.

155. Eu vim pra'qui em busca de uma educação melhor do que a que eu tinha na minha cidade... e encontrei.

156. Por isso que eu a/ pra mim aqui a educação aqui é boa.

157. E me deu condições de entrar pra Universidade sem ter que passar por cursinho pré-vestibular e tal.

158. Mas num sei por que que as pessoas daqui num tem esse acesso.

159. Num sei.

160. Talvez onde a maioria da população que estuda... estuda num tá num tá lá grandes coisas.

Doc: e que que você acha que tem que melhorar em Mariana?

161. Ah Mariana...

162. Acho que tem que melhorar a área de educação.

163. Tem que melhorar... o tratamento de água ().

164. É... inconcebível que aqui em Mariana... inaceitável... Mariana uma cidade de cerca de setenta mil habitantes num tem água tratada... né?

165. Eh... questão de saúde não tenho muito acesso assim não... DEPENDO... de hospitais de médicos daqui... mas acredito que tem que melhorar também.

Doc: agora () Distritos tem muita gente que vem pra Ma- () cidade pra::

166. Chega aqui num tem emprego... eu concordo.

167. Acho que:: devia ter uma política de... igual... teve algum tempo atrás é:: questão de doar moradias... pra população... carente.

168. E aconteceu que... que criou-se bairros... e foram doadas várias casas sem... nenhum critério rigoroso pra quem tava vindo... mas tinha que ser aqui.

169. Muita gente... veio pra Mariana veio dos distritos pra... pra Mariana... porque ganharam essa casa... porque antes- e chegou aqui num tinha emprego.

170. Então aí cê tem em vez do cê ter... uma solução né? (porque com o) problema de moradia cê tem outro problema porque as pessoas vêm pra cá e num tem emprego.

171. Aí começa a pedir... quando não encontram acabam roubando... e tal

172. Eu acho que devia haver uma política... de se tiver de fazer moradia... construir nos distritos.

173. Não tirar as pessoas da... da ROÇA onde eles trabalham o que eles sabem trabalhar porque eles... é:: trabalharam a vida inteira pra poder vim pra cá sem nenhum tipo de qualificação sem nenhum tipo de estudo num vão ter condições de ter emprego e se sustentar aqui.

174. Então acho que devia haver uma política de... é::... mais organizada com relação a esse respeito né? de doar moradias não tirar as pessoas do dos lugares onde (eles já estão) estabelecidos.

Doc: mas (junto disso tudo) mesmo... tem emprego?

175. Tem na na na agricultura né?

176. Num sei se comporta todo mundo.

177. Mais... é melhor que que eu acredito que é melhor que as pessoas que não ou que não tiveram é:: a oportunidade de estudar e tal

178. Ou que eles fiquem lá é melhor que eles fiquem lá e trabalhem na roça na agricultura...

179. que eles vão ter condições de... sobreviver o básico eles vão ter...

178. do que vir pra cá e num ter nada.

180. Então é difícil num tem questão de VARIEDADE de empregos num dá muita oportunidade de crescimento pras pessoas... mas isso também eles num vão ter aqui.

181. Se eles chegarem aqui totalmente despreparados ↓ num vão ter condições de ter emprego nem nada.

Doc: mas e esse tipo de:: trabalho agrícola mesmo é só pra subsistência ou tem assim pra venda?

182. Tem pra venda também.

183. Onde- os distritos que eu visitei é: tem.

184. Tem pessoas que trabalham às vezes eles num trabalham pra eles mesmos.

185. Trabalham pra um fazendeiro... e esse fazendeiro comercializa o que produz.

186. CAFÉ é:: arroz feijão milho.

187. Num é apenas pra subsistência.

Doc: tá bom.

(I3G2FRU)

Informante: MTGP **Faixa etária:** 51 anos **Sexo:** Feminino **Área:** Mariana **Rede:** fraca

1. Meu nome completo?

Doc: pode ser

2. MTGP

3. Minha idade?

Doc: isso

4. 51 anos.

5. Minha escolaridade é licenciada em história... terceiro grau completo né?

Doc: bom M.T.... a primeira pergunta onde que você nasceu?

6. Belo Horizonte

Doc: Belo Horizonte e antes de Ma- antes de Mariana cê você morou em algum ponto alguma outra cidade?

7. Morei... morei eu de vim de Belo Horizonte pra Passagem de Mariana que é um distrito de que é município de Mariana

8. Eu morei em Passagem... oito anos... oito anos.

9. Morei em Belo Horizonte até quatro anos morei em Passagem oito anos até os doze... e de doze até hoje em Mariana (risos)

Doc: ah... e como que foi sua vinda aqui pra região?

10. Pra essa região?

Doc: é essa região

11. Olha o meu pai é dessa região sabe? e minha mãe minha mãe é do Triângulo Mineiro de Uberaba

12. E nós viemos... num sei se foi... sabe que pra falar a verdade eu num sei bem porque que nós viemos pra Passagem meus avós moravam lá nós viemos morar em Passagem depois mudamos pra Mariana porque... a gente estudava aqui sabe? começamos a fazer o primeiro grau em Mariana

13. E pra ficar deslocando de lá pra cá todo dia né? e num tinha uma condição legal por isso que nós mudamos pra Mariana

Doc: ah o total de tempo quantos anos que você tá então na cidade?

14. Eu () com doze... trinta e nove anos... é

Doc: ah você é formada em história?

15. História

Doc: ah cê fez aqui no ICHS?

16. Estudei aqui no ICHS

17. Terminei meu curso em... segundo semestre de 94

Doc: segundo semestre de 94?

18. É eu comecei a estudar com 37 anos quando eu entrei no ICHS (risos)

19. Aí terminei em 94.

Doc: 94 e como que foi sua sua época de ICHS? como que era

20. Olha B. é M. né? é ()

21. Eu falo que o ICHS é um divisor de água na minha vida eu antes e depois do ICHS

22. Porque quando eu terminei o segundo grau... eu fui pra Belo Horizonte fazer cursinho porque eu queria fazer psicologia.

23. Aí fiz cursinho no final do ano acabei não fazendo vestibular de psicologia fiz pra odontologia... em Alfenas.

24. Aí eu não passei.

25. Aí voltei pra Mariana... fiquei noiva... fiz segundo grau de novo fiz um curso técnico de contabilidade.

26. Casei e fiquei quinze anos casada quando tinha quinze anos de casada eu resolvi fazer vestibular.

27. Foi em 89.

28. Aí na hora de ler os livros li até livro errado sabe? eu comprei um que num era aquele quando chegou na hora de fazer a prova de português num deu nem pra eu fazer... as as questões porque eram comparativas como eu num tinha lido livro certo então eu num ia fazê

29. E eu passei no vestibular... depois de quinze anos sem estudar.

30. E quando eu cheguei aqui foi terrível porque... eu falo que neurônio atrofia né? cê fica muito tempo sem estudar e eu num lembrava nada eu num sabia nada falei “gente onde que eu fiquei esses quinze anos” sabe?

31. Mas depois foi ÓTIMO viu? foi uma experiência boa eu adoro o ICBS foi muito importante pra mim... importante mesmo

Doc: e naquela época os professores como que eram os professores da área de história? () os professores que não estão aqui hoje

32. Olha... que aqui teve uma evasão né? eh os que não estão do meu período foram... o Cônego JG que era o diretor do Instituto na época... o Cônego J.G.V.C ele era o diretor e lecionava disciplina... professor... o D é:: JAD que hoje tá na UFMG dava história antiga.

Doc: esposo da IL

33. Da I... é.

34. Foi embora... foi embora logo depois que eu cheguei aqui... sabe? acho que em noventa é acho que foi em noventa que ele foi embora.

Doc: cê num chegou então a ter aula com ele?

35. Cheguei a ter-

Doc: ah chegou?

35. porque:: antiga era segundo período então eu cheguei a ter aula com ele.

36. Quer vê outra pessoa... é:: H que ela dá:: dava história moderna... foi muito e com ela eu tive um período muito pequeno de aula... porque eu tive que tranca o período porque o meu filho adoeceu e eu e ela foi embora depois então com ela () umas doze ou treze aulas só e ela foi embora logo depois.

37. Tinha uma outra do Rio gente num sei se é a E. parece que a E. também fez uma disciplina eletiva... J.C.R.

Doc: ah J.C.R.

38. Dava teoria metodologia historiografia foi assim uma perda... claro que todos são perdas terríveis mas eu acho o J.C. uma pena mesmo sabe?

Doc: com o J.C. cê fez quantas disciplinas?

39. Eu fiz só uma porque quando eu cheguei... ele tava liberado pra fazer o doutorado na Europa.

40. E ele chegou no final eu já tinha feito metodologia e teoria historiografia que era no sétimo período... só essa disciplina que eu fiz com ele mas... imperdível.

41. F CF também estava aqui hoje ele está na UFRJ né?

42. Deixa eu ver mais... o C foi meu professor de antropologia ele ainda continua na UFOP mas parece que não leciona mais aqui no ICHS sabe?

43. Ou então na na nutrição que eu acho que ele dá alguma disciplina sabe? mas aqui parece que já tem um tempo que num vejo o C.

44. Eh:: o V. não foi meu professor... MAV

45. Ele dava aula aqui no- no período que eu cheguei mas ele não foi meu professor.

46. Deixa eu ver se eu lembro de outros... mas é tanta gente que foi embora

47. R que tá liberado mas num tá num tá num sai num desligou da UFOP né?

48. V LCV.

Doc: ah V cê chegou a ter aula com ele

49. É foi meu professor de métodos e técnicas de ensino e estágio supervisionado e FOI... a primeira pessoa que eu trabalhei com pesquisa sabe?... foram duas pesquisas que eu trabalhei com o V.

Doc: quais que foram essas pesquisas?

50. Eh:: mulheres religiosidade... na nas Minas Gerais () num é isso? e a outra foi livrarias e habilidades de ()

51. Trabalhei em duas pesquisas com ele

52. A primeira muito pouco tempo sabe M nós entramos assim no final faltava coisa assim de: pouco mais de um mês... porque as meninas que eram bolsistas dele tinham passado no mestrado então as bolsas passaram pra mim e pra uma outra amiga.

53. Agora a outra nessa livrarias e habilidades de ler... aí nós trabalhamos um bom tempo com ele sabe? lendo inventário testamento... preenchendo uma ficha que já tinha sido organizada.

Doc: certo ah a primeira pesquisa o *corpus* era composto de quê? ()

54. O que que nós trabalhamos? o *corpora*

Doc: é o *corpus*

55. Como eu te falei foi muito pouco o que nós lemos pra ele eu lembro que nós lemos uns livros de:: juízo eclesiástico... sabe?

56. Mas foi um livro que eu e minha amiga até lemos juntas que a gente tava começando a gente num tinha experiência de pesquisa.

57. Um trabalho danado porque eu num sabia lê num entendia nada.

58. Aí depois aí nessa outra sim tanto que a a primeira pesquisa é difícil a gente falar de uma coisa que você pega no FINAL né? assim num teve num tive entrosamento num tivemos LEITURAS pra aquilo pra aquele tipo de trabalho sabe?

59. A outra não porque nós ficamos mais tempo.

60. Aí depois que terminou fui trabalhar com uma professora da UFMG.

Doc: ah e com relação ah RV também... cê ()

61. O R foi assim... eu trabalhei quando terminei com o V ele me indicou pra uma professora de Belo Horizonte AAC cê conhece?

Doc: não

62. Professora de história da arte da UFMG.

63. Eu trabalhei com um projeto de (culto) barroco com ela eu trabalhei um ano e meio sabe? era bolsista do CNPq.

64. E:: depois que eu terminei o projeto ela tava montando um outro projeto e queria que eu continuasse.

65. Como o projeto demorou um tempo para ser aprovado eu trabalhei pra umas pessoas assim particulares desli- fora de instituição.

66. E:: aí quando o projeto foi aprovado nós fomos trabalhar em Ouro Preto na Casa dos Contos... era o projeto UFMG Casa dos Contos.

67. E ela depois convidou o R porque nós estávamos trabalhando com acervos paroquiais... sabe? da Matriz do Pilar de Ouro Preto e o R tem experiÊNCIA com baTISMO né? com toda essa documentação que nós não tínhamos.

68. Aí ele entrou também no projeto.

69. Então eu trabalhei assim... claro ele fez parte dessa equipe mas assim eu sendo bolsista dele ele nunca trabalhou.

Doc: e como que você vê hoje por exemplo um estudante de história sobre a perspectiva no mercado de trabalho pru estudante de história?

70. Oh M. deixa eu te falar uma coisa quando a gente dá curso aqui eu já dei o curso aqui uma umas duas vezes eu já dei em outros lugares de técnicas e teoria e metodologia de pesquisa sabe? e paleografia... que é o que a gente trabalha né?

71. Eu sou muito otimista porque eu fui extremamente feliz... sabe? EU fui extremamente feliz eu não posso reclamar.

72. Eu formei com quarenta anos... nunca tinha trabalhado... eu trabalho naquilo que todo mundo que ta que é da área de história gosta... é o que todo mundo gostaria de fazer que é trabalhar com pesquisa.

73. Eu consegui ser bolsista de PIP PIBIC Cnpq aperfeiçoamento hoje eu sou... trabalho num projeto financiado pela Petrobrás.

74. Então assim eu tive muita sorte sabe? então assim eu espero que eles possam ter a sorte que eu tenho mas eu acho que se você tentar acaba conseguindo também.

75. Eu fui muito feliz... sabe?

76. E acho que tem um campo legal num precisa ficar só dentro de sala de aula né?

77. Eu acho que tem.

Doc: geralmente os cursos de licenciatura como Letras e História Geografia são

78. As pessoas acham que cê só tem que dar aula né?

Doc: exatamente e são marginalizados né?

79. São.

80. Tanto que quando eu formei as pessoas daqui ficavam assim “T cê num formou ainda?” “já” “ah mas ocê num dá aula” eu falei “não mas eu trabalho é com pesquisa” “com pesquisa?”

81. Era aquele choque... aqui em Mariana falei “gente Mariana é um:: verdadeiro campo assim... num precisa de outro lugar” né?

82. Eu falo que eu gosto muito de cidade grande mas pra o que eu trabalho Mariana é perfeito... né? uma cidade RIQUESSÍSSIMA... culturalmente muito rica... basta explorar... né?

Doc: os dados já estão disponíveis né?

83. NOSSA é o que o Caio Bosque falou.

84. Quando ele foi convidado pra uma calourada ele falou assim “gente... quem estuda aqui... num precisa sair dessa região pra fazer mestrado e doutorado não... aqui tem- cês

num precisam ir pra Portugal cês num precisam ir pra lugar nenhum não aqui tem coisas fantásticas e que ninguém NEM MEXEU AINDA”.

85. Eu num te falo nós estamos trabalhando agora nesse museu da música... o nosso texto M cada parágrafo era uma... era uma sugestão de pesquisa.

86. Pra área de história num era nem pra área de música... né? então olha pra cê vê... e a gente tá num acervo de música.

87. Então assim com com um pouco que a gente resgata de texto... cê faz inúmeras pesquisas aí... num é?

88. Então eu acho eu num sei se eu fui muito feliz... sabe? eu fui muito feliz mesmo então eu acho que tem muitas chances.

89. Eles então mais ainda eles são mais jovens podem deslocar muito mais chances aí.

Doc: (tem mais facilidades)

90. Eu creio que sim.

Doc: ah você deu cê deu o curso de paleografia ano passado esse ano parece ()

91. Esse ano?

Doc: teve um curso de paleografia aqui

92. É.

Doc: você tava (na)

93. Foi esse ano... acho que foi esse ano mesmo princípio do ano.

Doc: (por isso que você)-

94. É

Doc: fevereiro-

95. Eu MJA

96. Num é só meu não

95. sou eu MJ que trabalha junto comigo e J... JG.

Doc: JG

97. É

Doc: não que tinha eu tinha olhado eu fiquei interessado em fazer porém

98. Ah é?

Doc: é porém é coincidiu com correção de provas de vestibular

99. ah

Doc: (aí quando eu tava)

100. Eu num tava nem lembrando que tinha sido no princípio ah:: foi na calourada... foi na calourada foi na calourada sabe? que eles pediram se a gente podia oferecer.

101. Porque nós demos um curso aqui mas foi em 2000 outubro de 2000... foram 30h/aula... sabe?

102. Foi muito- os meninos GOSTARAM ficaram satisfeitos tinha uma lista de espera muito grande.

103. Mas tá difícil pra universidade disponibilizar dinheiro pra curso de extensão né M? então nós não conseguimos dá o curso AQUI não.

104. Mas nós demos o curso é: na PUC ano passado em Belo Horizonte campus regional... em Divinópolis semana atrasada... é: em Ilhéus... nós ficamos uma semana... teve um seminário também em Ouro Preto foi em 2001 nós também oferecemos o curso lá e () oferecemos outras vezes.

Doc: qual que qual que é a emoção de trabalhar assim com textos do séc. XVIII e XIX né? cês trabalham com essas...

105. [Do séc. XIX.

Doc: XVIII e XIX né?

106. Olha XVIII era meu pre- era meu século predileto sabe? ainda gosto mais.

107. Mas é uma emoção todo dia porque é um aprendizado incrível M.

108. Nesse último curso que nós oferecemos lá em... Divinópolis foi um curso de poucas horas... foi de sete às dez e meia sabe? rápido tanto que num deu nem pra gente fazer um trabalho que normalmente nós fazemos que é de ficar na carteira com as pessoas MOSTRANDO MESMO ensinando mesmo com a leitura.

109. Eh nós tivemos que projetar porque num dava tempo.

110. Então foi mesmo um ensaio pra dizer o que que era o nosso curso né?

111. Mas assim: é emocionante e eu falei com MJ “99% que nós falamos dentro da sala aquele dia... eu num tinha aprendido aqui dentro do ICHS... eu aprendi na pesquisa” sabe?

112. Claro que eu aprendi muito aqui... mas quase tudo aquilo que nós trabalhamos no nosso curso é o que nós aprendemos com experiência nossa de pesquisa.

113. Então é extremamente enriquecedor.

114. E como eu num fiz mestrado nem doutorado... como eu trabalho cada hora pra uma pessoa cada hora num lugar cada hora me encomendam um trabalho com os outros meninos é a mesma coisa... aí nós ampliamos muito leque de conhecimento.

115. Porque as pessoas quando você vai fazer um mestrado e um doutorado cê vai ver aquilo ali que interessa pru seu doutorado ou mestrado né? vai (reclusa) os documentos que te interessa... vai levantar os dados também que te interessa nem sempre cê levanta tudo.

116. Como nós trabalhamos cada hora com uma pessoa... então ampliou muito o nosso leque de conhecimento sabe?

117. Então às vezes a gente conversa por exemplo... com o R. alguma coisa... ele fica assim “eu num enten- eu num entendo nada de música” porque ele num tá com esse tipo ele num faz esse tipo de trabalho.

118. Então eu trabalhei com () pra um americano ele nunca tinha visto aí depois eu até passei as fichas pra ele.

119. Então é interessante isso sabe?

120. E é uma emoção incrível porque cê vê coisas LINDAS sabe?

121. Cê tem que tá contextualizado né? e nós conseguimos fazer isso né? entender a mentalidade da época.

122. E a gente dá dá conta de fazer isso legal depois de muito tempo né?

123. Eh com eh com os termos cê tem que tá atento mas é um trabalho... fascinante eu num tenho vontade de deixar a pesquisa nunca.

Doc: cê acaba cê acaba fazendo um mestrado um doutorado

124. Só na pesquisa.

Doc: exatamente se é... ah... digamos assim ah um mestrado e um doutorado fora da instituição

125. Fora- é engraçado que quando um dia nós fomos encontramos com uns meninos em Bem Ouro Preto

126. Foi um seminário onde eu tava trabalhando

125. e alguém nos apresentou e aí o moço virou e falou assim “mas eu já vi o nome seus muitas vezes... as teses que eu leio (eu vejo essas pessoas agradecendo)”

127. Porque às vezes cê nem trabalha pra pessoa mas eles chegam no arquivo encontram com a gente a gente dá uma dica dá uma coisa e passa uma ficha que a gente já tem pra ajudar.

128. Ah eu gosto a gente fica querendo ajudar todo mundo né? pra ficar menos sufocante porque o trabalho é pesado né? se não cê... pra outras pessoas não desistirem sabe? “não você vai conseguir” aquela coisa toda.

129. Aí quando eles escrevem o trabalho eles estão sempre mandando um agradecimento pra gente então eles (dizem) assim “eu já vi o nome seus”.

Doc: e agora com- esse projeto que ah você tá inserida... com o financiamento da Petrobrás é de restauração de partituras... do século

130. É... restauração musicológica.

131. Não é restauração física... ta?

Doc: ah tá

Doc: como que

132. Como que eu entrei no projeto?

Doc: não a visão geral do projeto como que você entrou quando que o projeto começou

133. O projeto é financiado pela Petrobrás como eu te falei... e é::... ah os os documentos estão sob a guarda da FUNDAMA da Fundação da Arquidiocese de Mariana também a FUNDARC Petrobrás... e eles contrataram o (biocultural) Santa Rosa pra coordenar o projeto... sabe?

134. O projeto tem umas 150 pessoas envolvidas.

135. É um projeto de três anos começou em 2001... mas eu entrei no projeto já uns três quatro meses depois eu entrei em maio de 2001.

136. Quando eu entrei eu era a única pessoa assim: dos que trabalham diretamente M. porque tem tantas pessoas assim mas cada um cuida de uma coisa.

135. Nós cuidamos dessa par- eu fiquei na reorganização e catalogação eu e mais três colegas.

136. O PC é o coordenador geral é de São Paulo.

137. O coordenador da área de reorganização é o AC.

138. Da edição é o CAP do Rio de Janeiro.

139. Tem no Rio tem o ML que também trabalha com a gente.

140. Tem um senhor de... São João Del Rei o AV.

141. E depois foram contratadas a MJ que é outra historiadora foi contratada pra 2002 janeiro de 2002... e dois assistentes na catalogação também que foi VS e FAG.

142. São estudan- UM é professor da UFOP e outro era estudante da UFOP agora formou.

143. E nesse ano foram contratados dois estagiários pra cuidar dessa parte de edição.

144. Aí o projeto tem duas áreas... edição e catalogação.

145. Então ao final de cada ano nesses três anos

146. esse ano sai o terceiro

145. são lançados três CDS temáticos sabe? três livros de partituras desses CDS.

147. São feitos quatro concertos... um em Belo Horizonte... um em Mariana... Rio e São Paulo.

148. Um disco é gravado em Belo Horizonte outro em São Paulo outro no Rio... sabe?

149. E esse ano a gente termina o projeto que são três anos.

Doc: há possibilidade de continuidade

150. Olha a FUNDARC tem assim empenhado pra que o projeto continue.

151. Não sei de que assim... essa isso que tinha sido proposto tá terminando mas assim tem coisas para serem feitas sabe? porque três anos na verdade é pouco tempo.

152. Porque o trabalho é MUITO lento né? trabalho de pesquisa é lento.

153. Então tem trabalho ainda pra ser feito então... se eles conseguirem essa renovação... de repente pode.

154. Então o projeto o projeto evolui numa projeção enorme... nós ganhamos ano passado o prêmio Rodrigo de Melo e Franco... na categoria na categoria Acervo e Pesquisa...sabe?

155. Então foi muito interessante foi... divulga a gente muito né?

Doc: projeto () bem organizado bem fechado coeso

156. É:: fechado sabe?

Doc: [tem os objetivos onde chegar de onde saiu onde chegar

157. Tem sim cada qual cuida de uma área] por exemplo nós que somos da reorganização e catalogação nós não temos assim... o pessoal da edição às vezes a gente auxilia assim... porque no princípio do ano aliás no final do ano cê escolhe já as músicas para serem lançadas no ano seguinte.

158. Aí eles vêm... vêm de São Paulo do Rio de Belo Horizonte ficam aqui uma semana escolhendo o repertório sabe? porque o repertório como eu te falei é temático primeiro ano foi... Pentecostes Sábado Santo e Missa.

159. Uma hora eu até te empresto o CD se quiser ouvir... tá?

160. Então aí eles vêm escolhe.

161. Aí o Bispo autoriza xerox pra poder a gente mandar pra eles aí eu mando tudo pra eles lá o coordenador distribui.

162. E ao longo do ano... a gente vai prestando uma ajuda assim porque às vezes no xerox num fica legal uma nota ou parte alguma coisa ou (dá uma margem) de tudo.

163. Então quando é assim eles passam e-mail e a gente digita- digitaliza a imagem que eles estão querendo e mandamos por e-mail sabe? pra ajudá-los.

164. Quando tem algum texto que querem fazer uma transcrição aí eu e MJ fazemos.

165. Então a nossa ajuda na parte de edição a nossa ajuda é só essa... sabe? só essa colaboração.

166. Então é tudo muito definido tem uma firma que cuida de... fez o site sabe? nós temos um site tá lá o site muito visitado apesar de ser uma área... né? assim... num é uma área que todo mundo se interessa né? mas é um site bem visitado mais de 5.000 visitas por mês sabe?

167. E o site ficou muito bonito o site é em Português e Inglês... ficou muito bonito o site.

168. Então assim tem as pessoas que cuidam de cada coisa sabe?

169. Cada um cuida de uma área porque é grande né? são três orquestras são três maestros né? três CDS

Doc: as orquestras são ah

170. De Rio São Paulo e Belo Horizonte... é.

Doc: todas ()

171. Muda às vezes o maestro por exemplo no primeiro ano Belo Horizonte foi o AL

172. São Paulo foi FN.

173. E no Rio JM.

174. Quando foi no segundo ano... Belo Horizonte foi... o CAF... no Rio per- no Rio foi o que permaneceu os três anos... o JM foi nos três anos.

175. Aí São Paulo no ano passado foi o VG esse ano foi o VA... em Belo Horizonte esse ano já vai ser o R... sabe?

176. Então muda algumas coisas assim também sabe?... mas é muito bom.

Doc: a página... ah o endereço da página

177. ah www.mmmariana

Doc: ah ta... e e com relação por exemplo a questão do da cópia de documentos antigos porque assim () eu já ouvi falar ah conversando com a M.A.que trabalhou

178. Ah tá.

Doc: documentos

179. Sei.

Doc: do século

180. XVIII.

Doc: XIX

181. Ela trabalhou com XIX... eu lembro dela na Cure.

Doc: ah aí ela ta falando da questão do... que num pode por exemplo a fotografia do documento como que se faz pra-

182. É com câmera digital você não compromete muito o documento não sabe? tanto que o Padre permite que você fotografe com câmera digital.

183. Mas com o:: fleche dá problema.

184. Digitalização parece que scanear também o dano é menor sabe? também

185. Xerox é que cê tem parece que evitar um pouco mais tanto é que o Monsenhor num libera muito pra xerox não a não ser no nosso caso que é pra fazer as músicas porque num tem jeito né?

186. Digitalização é muito bom a imagem fica excelente cê sabe disso mas é lento M... é lento então quando o volume é muito grande... fica complicado.

187. Apesar de que... tudo aquilo que é selecionado pra sair nos discos vem essa firma que cuida dessa parte... de computação gráfica essas coisas eles vêm digitalizam tudo porque nos livros saem... sabe?

188. Então... mas assim num pode mesmo ficar... todo dia fotografando mas di- se você quiser digitaliza- é tiver uma máquina aí ele permite... tá... (isso aí ele permite).

Doc: e com relação agora só mudando ah não com relação continuando aí ah... fazendo essa pergunta que eu fiz quando eu tava vindo pra cá como que foi o () ah arqueologia ()

189. É arqueologia e edição musical.

190. Foi mui- como eu tinha falado antes foi muito interessante... é proveitoso... né? e... eu achei que a gente ia ficar boiando né? porque nós não somos da área de musicologia mas não... sabe? tava bem dentro do que a gente tá fazendo.

191. Uma outra coisa que foi muito interessante porque... nós estamos fazendo nossa catalogação M... com norteados pelo (Risma) que é um... que é um processo de de arqui- de arquivo internacional sabe? uma norma internacional.

192. Mas essas normas não atendiam... assim não atendiam tudo o que nós tínhamos que fazer as peculiaridades encontradas no nosso acervo elas não atendiam porque é uma norma internacional... feita na Alemanha... então ela não atendia perfeitamente.

193. Então nós fomos vendo aqui então nós fomos criando campos pra resgatar o que a gente tinha.

194. Os campos que eles tinham que a gente sabe que a gente não ia ter... que não é uma prática nossa de de de fazer aquele tipo de coisa que nós fomos eliminando sabe?

195. Então... acabou que a ficha ficou com coisas do (Risma) tem da (Isade) e as coisas nossas também... sabe? que nós fomos criando outros campos.

196. E tem uma série de coisas que a gente fica assim “gente isso precisa padronizar melhor” por exemplo abreviatura de instruMENTO algumas coisas que a gente fica assim na DÚVIDA sabe?

197. Por exemplo piston e trompete que: piston é uma coisa trompete é outra a gente achava que... que num era que era a mesma coisa né?

198. Aí nós estávamos muito preocupados com isso porque como que você vai lançar uma coisa dessas no mercado que você tá tendo dúvida?

199. E o colóquio foi bom porque você vê que as outras pessoas têm MUITAS dúvidas até mais do que a gente sabe?

200. Então isso foi ótimo falei “gente olha a gente tem que ter essas conversas”.

201. Aí o:: veio o diretor da Cúria de São Paulo participou também por sinal uma pessoa assim simpaticíssima é ótima ele falou “gente... nós não podemos ficar como ilhas... nós temos que criar pontes.”

202. Né? porque enquanto cê fica ilha fica achando que o problema é só com a gente não num é não... olha que cê ligou que ligou as coisas tava vendo que nós tínhamos os mesmos problemas e que às vezes nós estamos em situação muito melhor porque nosso projeto é muito bem assistido... sabe? financeiramente... nós nós temos dois computadores muito bons tem notebook... tem dinheiro pra compra... pra papelaria pra tudo que a gente precisa fazer.

203. Então nós tamos numa situação até melhor tem outros que às vezes trabalham sozinhos né?

204. Então isso foi muito importante sabe? porque a gente viu olha num é só a gente que tá preocupado.

205. Então precisa mesmo criar umas normas né? umas normas pra arquivística nacional... né? e que atenda... aos acervos nossos né? porque:: ué...é muito diferente né? nós não somos da Europa.

Doc: então muito obrigada pela entrevista.

206. De nada M.

(I4G2MRU)

Informante: C. **Faixa etária:** 50 anos **Sexo:** Masculino **Área:** Mariana **Rede:** fraca

Doc: boa tarde

1. Mas a experiência que eu tenho de de de observação também de de... sotaques regionalismos... é que essa região de Belo Horizonte...

2. ou região central né? em que Mariana esta inserida

1. eu acredito que não não há muita diferença a não ser nos casos em que... a pessoa que reside em Belo Horizonte tenha vindo de outra região do estado...né?

3. Em relação a por exemplo sul de Minas oeste

4. Então há uma diferença muito grande nos “erres”... né? nesses fonemas... é: (vibrantes) e::

5. Agora nos outros... eu não acredito eu num num vejo tanta diferença.

6. E o norte de Minas já fala um pouco cantado já acompanha um pouquinho do sul da Bahia e o sul já acompanha São Paulo

7. E os (indefectíveis) “esses” da região de Juiz de Fora ali costumam- começam a aparecer né?

Doc: exato

8. Influência do Rio de Janeiro

Doc: agora aqui tem a forma/ eu num sei se... é só aqui... ahh... não só aqui não... ahh... o que eu tô... o que eu tenho observado muito é com relação ao diminutivo que você tem por exemplo... ahh... namoradim... em vez de namoradinho... quartim

9. uhh...

[**Doc:** em vez de quartinho

10. Sim sim

11. Uma forma reduzida né?

Doc: e lá...é exatamente

12. E a última sílaba vai pro saco]

Doc: exatamente

13. ela... (risos)

Doc: e... aí eu... eu tenho observado muito lá em Belo Horizonte eu encontrei... lá nas fitas que eu to analisando eu encontrei esse tipo de forma que se encontra...

14. Se encontra

Doc: com uma certa frequência. Mas vão começar então... entrevista... ahh.. projeto dialeto mineiro... hoje é::

15. quinze

Doc: quinze do sete de dois mil e três... ahh... entrevista com o professor C.... ahh... a faixa etária?

16. Quarenta e nove cinquenta anos vou fazer cinquenta daqui a... duas semanas... praticamente.

Doc: e a... escolaridade terceiro grau completo. Então começando então a entrevista ah... o que que você achou do show ontem? Por exemplo

17. Muito bom... muito interessante.

18. Só que eu eu eu acredito que esteja um pouco desgastado agora... ao longo dos anos né?

19. A voz dele ainda é... é... tem aquela característica não é?

20. Mas me parece que está um pouco cansada já... dos anos de estrada aí né? parece um pouco mais rouca do que... do que o costume.

21. Pude perceber também eu num posso julgar muito que eu tenho um probleminha de audição... no ouvido esquerdo- direito perdão... e... parece que o som tava um pouquinho... a voz tava um pouco rouca.

22. Mas é: ele ele preserva ainda aquelas características dele de de... grande comunicador e muito bom... repertório muito... interessante variado é é o mesmo né? de... de vinte anos atrás ele não muda muito e agora ele partiu pra homenagear as pessoas né?

23. Ele ele não tem renovado o repertório a gente tem que... enche- é:: entender isso né?

24. Infelizmente ele ele não tem produzido NOVIDADE nos últimos anos mas é um grande artista...não deixa de ser.

Doc: é... e... como que é () você nasceu... aqui em Mariana?

25. É precisamente... nesta casa.

Doc: nessa casa?

26. É aqui mesmo é.

Doc: e sempre morou aqui em Mariana?

27. não... já estive em Belo Horizonte durante quinze anos

28. Trabalhei... em instituições bancárias fui professor de segundo grau em escola... de... escola de segundo grau particular... de língua inglesa... e

Doc: cê também esteve nos Estados Unidos né?... morou lá...

29. sim... em mil novecentos e setenta e um... de mil novecentos e setenta e um a mil novecentos e setenta e dois... na Pensilvânia... como... bolsista do do Rotary Club programa de intercâmbio naquela época

30. Hoje ainda existe mas ele não tem aquela... aquele glamour daqueles anos né? já é um pouco-

31. Porque existem outras opções hoje pras pessoas viajarem então não... não... não constitui aquela coisa toda que era antes né?

32. E também tem aquele... que existem muitos outros intercâmbios e outras formas das pessoas viajarem pro estrangeiro até por conta própria mesmo né?

33. Mas naquela época era uma... era uma...era uma façanha... cê sair de um interior de Minas Gerais e... imaginar pegar um avião e ir pros Estados Unidos era uma coisa... era uma... né?

Doc: e cê teve... cê teve... ahh... cê participou- na época da ditadura militar... cê tava- cê teve- cê estava em Belo Horizonte né?

34. Não não na época da ditadura militar eu tinha:: nove anos de idade.

Doc: ah... nove anos de idade... ah tá

35. Eu senti que havia alguma coisa na na... bom isso na na... no início da revolução propriamente dita né? no golpe de sessenta e quatro isso eu eu presenciei mas eu não entendi porque eu era uma criança na época né? eu não sabia o que.

36. Mas eu sou dessa geração não é? vivia os os anos setenta e oitenta a minha adolescência que ainda... perdurou não é? esse esse estado de de... de:: exceção vamos dizer assim né? existiu ainda no Brasil até... até o final.

Doc: quando você teve... ahh... quando você foi para os Estados Unidos você tava com quantos anos?

37. dezessete

Doc: dezessete?

38. em setenta e um

Doc: setenta e um?

39. exato

Doc: então... era quase o que... foi ah... a fase mais... ah... mais dura da- do regime militar?

40. Exato.

41. E havia uma coisa MUITO interessante naquela época que eu... que eu acho que seria interessante mencionar isso.

42. Ah:: nós havíamos conquistado o tetra- tri campeonato no México

43. Em setenta a seleção brasileira de setenta aquele time fabuloso

44. E:: que os brasileiros empolgados com... com aquela conquista aquele ufanismo todo e eu num era exceção... admito... num num tinha como ser exceção

45. Um JOVEM... saindo do interior... pela primeira vez não é? como embaixador do país aquela coisa aquela áurea toda que o Rotary colocava pra gente

46. E é uma responsabilidade também de... de representar o Brasil aquela coisa toda aquele orgulho

47. E a gente...é é de certa forma estava um pouco:: e essa situação tava camuflada até pra nós de dezesseis dezessete anos que a gente não tinha acesso que um jovem hoje de dezesseis anos tem informação... ela ela ela num chegava ou se chegava era filtrada né? nós não tínhamos consciência do que estava acontecendo no Brasil

48. Nem com nove anos quando começou...

49. Em sessenta e quatro eu tinha nove anos dez anos... nove para dez...

48. quanto em... é é quase dez anos depois com dezessete... praticamente... né?

50. Eh... e:: mesmo assim... por por ser... é é... quer dizer por residir numa comunidade como Mariana naquela época nós não tínhamos o acesso que hoje as pessoas têm né? essas informações todas... a própria liberdade de de de expressão hoje é uma coisa pública e notória né?

51. Não há menor... dúvida disso.

52. As coisas não mudaram muito mas a gente talvez pode... pode falar... pode reclamar pode xingar o presidente sem medo de ser preso.

53. Como naquela época você não falava nada.

54. E a outra coisa interessantíssima é que o Médici o presidente na época não é? ele... ele ele foi... considerado pela mídia pela população em geral como o melhor presidente pelo mais popular porque ele de certa forma não sei se intencionalmente... ele ele apoiou muito o:: o esporte na época principalmente o futebol

55. E coincidiu até foi muito feliz no palpite que ele deu pro placar final da Copa do Mundo de quatro a um pro Brasil contra a Itália

56. Então ele caiu nas graças do povo era aquela coisa era um ele era adorado na... pela... por desconhecimento não é?

57. Achei muito interessante essa fase a imagem... que que o brasileiro em geral tinha do presidente ↓ porque a: as informações não chegavam e o o futebol foi usado... pra camuflar uma situação.

Doc: em favor do regime militar

58. Exatamente.

59. Eu tenho consciência plena HOJE disso naquela época eu não tinha.

60. Realmente a gente não via isso não via... por trás dessa... não lia essas entrelinhas né?

Doc: e a visão que se tinha dos Estados Unidos nessa época... sobre o Brasil ? Qual que era?

61. A nossa em relação a eles ou a deles em relação a nossa?

Doc: a deles em relação a nossa

62. ah sim ela era era (até bem)

Doc: e a nossa também em relação a eles... as duas

63. Eu acredito que... do do jovem na época a imagem- a informação que nós tínhamos nós que estudávamos e e e freqüentávamos... rodinhas assim líamos muito na mi- na minha época era comum as pessoas é é é... terem interesse por... assuntos... é é ainda que superficialmente

mas assuntos internacionais uma noçãozinha de geografia... de história alguma coisa a gente sabia que a gente gostava de conversar sobre isso também né?

64. Hoje um pouco diferente né? a minha geração é:: de certa forma gostava de de de... de aprender coisas e e não havia aquela coisa de: do saber inútil eu acho que tudo que a gente aprendesse era era válido a gente gostava de de de... de mostrar que sabia alguma coisa.

65. Então o o... a imagem que a gente tinha dos Estados Unidos era de um país desenvolvido uma coisa os filmes chegavam aí a toda hora

66. E... por outro lado... a visão deles em relação a nós... era de... era de um país de terceiro mundo a nível de África Índia sem... sem o menor ah ah ah... condição de... de civilização é em... regimes tribais mesmo florestas é... cobras andando pelas ruas a única referência que eles tinham do Brasil era o Rio de Janeiro... mulatas... carnaval... nudez e:: muito sexo muita coisa e só.

67. Achava que... conhecia o Brasil pelo exotismo mais... mais do que qualquer outra coisa.

68. E:: eu tive uma experiência muito engraçada lá logo que eu desembarquei no... no aeroporto de Filadélfia↓ O ROTARIANO...

69. a:: que acompanhou a minha família anfitriã a... foi ao aeroporto... me esperar... ele era o responsável pelo intercâmbio do clube de lá com o clube de Mariana eles que trocaram cartas pra acertarem a minha ida

68. e ele foi receber... com minha família... americana no caso né? foi foi me receber no aeroporto.

70. Enquanto eu esperava lá o é... a hora de pegar as bagagens naquela esteira e tudo ele aproveitou a a oportunidade e:: me chamou no canto lá e me apresentou o telefone na parede.

71. Me disse pra quê que era aquilo, quê que era aquilo, pra quê que servia, onde- o quê que eu tinha que fazer pra me comunicar e eu simplesmente fiquei assim abismado com a ... com a... com essa informação né?

72. Na minha... falei “pelo amor de Deus” pensei “onde é que eu amarrei minha égua?” (risos)

73. Literalmente pensei isso... “quê que eu vim fazer aqui?”

74. Quer dizer o cara me ensinando a usar o telefone.

75. Eu falei “nós temos o telefone no Brasil”

76. Eu consegui pronunciar essas palavras bem (risos)... em inglês o pouquinho que eu tinha na época eu fiquei tão surpreso mas eu ainda consegui falar que “nós temos telefone no Brasil” em inglês obviamente né?

77. Aí ele passou batido.

78. E outras coisinhas que eu fui me deparando ao longo do tempo do ano... e... esse período que eu tive lá no mais foi isso

79. Mas a imagem que o povo em geral ainda tem parece que até hoje ainda... não é muito das... hoje deve tá mais ligada a violência ao tráfico de drogas a ao ao turismo sexual e coisas assim não é?

80. Não como um país emergente como muita gente gosta de dizer também ↓ mas que tem muita... muita coisa boa... não é? pra... quer dizer um desenvolvimento... ainda... começando em alguns setores e em outros aspectos já bem adiantado.

81. Mas a:: parece que não há muito interesse de de... do povo americano de conhecer ah o resto do mundo ↓ pra eles isso num num faz muita diferença não é importante não.

82. Essa idéia que é- que parece que... a grande maioria de brasileiros tem do americano é um: pode ser um estereótipo mas... ele às vezes se confirma sabe? pelo- por algumas situações algumas atitudes que a gente vê... observa.

Doc: ahh... e com relação ao... ao novo governo do PT... do... que que cê tá achando?

83. Eu tenho acompanhado um pouco dessa dessa evolução... as dificuldades naturais que... que todo presidente tem em início de mandato

84. Existe aí uma... uma possibilidade de uma greve de de instituições federais né? de ensino... pra pra estourar né?

85. Então algum algumas pessoas vêm comentando comigo “poxa mas eles não podiam fazer isso com o Lula logo agora tem que dá uma chance pra eles e...e pelo menos se explicar porque que tá acontecendo isso”

86. E outros já já falam “tá vendo bem feito porque agora que... ele vai ver o que é bom”

87. Eh:: o PT sempre pregava greves e tudo mais e agora as coisas continuam do mesmo jeito como estão quer dizer isso é opinião dessas pessoas né? que querem-

88. Mas eu acho que tudo... de qualquer forma tudo é... é preciso dá um tempo é... é preciso esperar que as coisas aconteçam as mudanças num não podem ocorrer rapidamente... tão rapidamente como como... como as pessoas querem né?

89. Tudo leva muito tempo eu acredito que... algumas medidas estão sendo implementadas algumas reformas já vão surgir como da previdência pelo amor de Deus isso tem que realmente... é prioridade né?

90. E... mas eu acredito eu tenho esperança de que aconteça... mudanças é:: substanciais nos próximos meses anos que sejam né?

91. O mandato dele está apenas começando né?

92. Eu acredito que ele vai fazer... um bom governo sim.

93. Pelo menos essa é a minha expectativa.

Doc: oh e com relação a a... mudando aqui de tópico com relação a mídia... ah... hoje... que... com relação a mídia na sua época ah... com ah... a sua época... de adolescente... e a mídia de hoje... você acha que... houve uma... mudança radical na mídias... vamos supor assim a mídia antigamente era mais... ah informativa mais educativa e hoje ela é mais... sensacionalista cê sente ah... tem alguma diferença entre

94. [é eu acho ()

Doc: ontem e hoje?]

95. É eu acho que com a abertura né? do... com fim do regime militar essa abertura política DEMOCRACIA né?

96. Como... como dizem aí

95. que... que ocorreu... existe é é houve uma mudança de de... de comportamento... muito grande na na imprensa

97. Então a liberdade que eles têm da mídia de um modo geral que não tinham na época da ditadura militar era- álias que a única função deles então era divulgar a cultura... era a única divulgação que eles podiam fazer autorizados eram eram... programas culturais.

98. Havia uma... inclusive a própria música brasileira daquela época era de uma RIQUEZA... EXTRAORDINÁRIA de de criatividade composições fantásticas eu sou da geração do do do do Caetano Veloso do Gilberto Gil do Chico.

99. A música... a música brasileira tinha uma qualidade extraordinária naquela época... era um... talvez fosse uma válvula de escape pra pra população mas... eu num sei... pra classe artística né?

100. Então eles eles produziam tudo... quer dizer nós... nós tivemos o que há de melhor na música brasileira até hoje é produto dessa época.

101. Eu acho que todo mundo concorda com isso.

102. E hoje com essa liberdade toda de de imprensa de- ela passou realmente a... a ser mais sensacionalista a:: mais OUSADA vamos dizer assim e e e...

103. não sei se consequência do do do próprio mundo mesmo de de toda da desse processo de globalização ah...

102. o sexo hoje é uma é uma mercadoria muito... né? que se vende... como como qualquer outra né?

104. Quer dizer a a música ela foi erotizada a... todo todo artista hoje grupos mulheres homens eles têm que:: pra que pra que vençam eles eles precisam de de de rebolar de dançar no palco... e e coisa.

105. Coisas desse tipo não é? não não que seja caretice da minha parte não... eu não estou dizendo isso.

106. Gosto também de de de ver é... danças e tudo mais a coreo- a coreografia é importante é um é um é... retrato de uma época né?

107. Vão vão dizer houve uma EVOLUÇÃO no show business brasileiro na na acho que mundial também mas principalmente AQUI... notadamente no Brasil... há um há um certo EXAGERO... nessa... nessa difusão desse tipo de música associada não é aquela MALÍCIA que havia nas nas letras e nas músicas de outras gerações... que era uma coisa mais comedida sempre houve mais com muita inteligência muito refinamento.

108. Hoje a coisa é muito mais aberta muito mais rasgada parece que o povo... ficou mais BURRO então eles querem mostrar claramente eles não se contentam em ser sutis... entendeu?

109. Eu acho que a... então eles estão aproveitando escancarou mesmo a a... a... a cultura vamos dizer ABRIU as portas pra todo mundo vamos popularizar então vamos fazer o que o povo quer... independente se tem qualidade ou não.

110. Se... se agradou se deu ibope... se deu audiência ótimo.

111. A gente fala ibope... que é sinônimo de audiência porque era o instituto né? Instituto Brasileiro de Pesquisa e Opinião Pública uma coisa assim né? de opinião e pesquisa uma coisa assim que era e era era o índice né? que media essa esse tipo de coisa.

112. A gente fala até hoje não deu ibope ou seja não deu audiência... corta ↓ deu audiência vamos vamos veicular vamos... vamos gravar esse tipo de música vamos... produzir esse tipo de show vamos estimular esse tipo de cantor.

113. Essa erotização da música acho muito... né? muito interessante que tem ocorrido isso é uma EVOLUÇÃO... muitos muitos acham involução.

114. Quer queira não mas... mas taí né? aconteceu.

115. Eu acho que a música é um grande exemplo disso dessa dessa mudança dessa... ABERTURA que eu acho que é até um escancaramento (risos)

Doc: e com rela/ a... ainda no tema da mídia... tema relacionado sobre a mídia com relação... aos jornais televisivos e escritos também qual que cê acha assim que tem... o... ah... tem uma crítica em que o telespectador pode (apanhar) um pensamento em que...não aceita todas as informações faz uma análise crítica... quais os jornais aí da mídia tanto... televisivo como forma escrita?

116. Eu via... eu tive a oportunidade de de fazer algumas observações assim muito... pequenas mas eu eu ainda acredito que o... que o Boris Casoy é ainda um dos... é um dos jornalistas mais competentes que a gente tem aqui.

117. Ele... ele tem um programa interessante trabalha com... né? com com informação e... e com uma certa isenção.

118. A Rede Globo ela ainda ela tem aquela coisa de de de... receber muita coisa pronta dos Estados Unidos principalmente nesse conflito Irã Iraque aí... oh perdão Estados Unidos e Iraque.

119. Eu acho que ainda... existe muita coisa que foi mostrada e que... coisas que não foram mostradas.

120. Quer dizer mostraram o que quiseram e... me parece que não há não há uma... quer dizer a realidade dos fatos é outra né? eles num fazem... ainda... aquele jornalismo como deveria ter sido feito.

Doc: e a... com relação a cê cê já esteve em em alguma situação assim de perigo de morte? ah...

121. Não.

122. Felizmente não até hoje não.

123. Em relação à violência que cê diz?

Doc: é... é... não qualquer situação

124. Então tá bom eu tive um acidente de de automóvel quando era... adolescente... foi só nunca mais não.

125. num... quer dizer num foi uma coisa muito grave.

Doc: ah... você cê deu aula no ICHS né?

126. Sim trabalhei no ICHS como... professor de língua inglesa... é:: inglesa um gramática comunicativa... leitura em língua inglesa um dois... língua inglesa um em três períodos... diferentes... como:: professor substituto.

127. Eu tenho:: eu tenho só o curso de graduação formei na PUC... em Belo Horizonte em setenta e seis.

128. E quando tive essa oportunidade de trabalhar aqui... foi foi recentemente foi em noventa e cinco... noventa e:: é: recentemente né?

129. Mas não deixa de ser pra quem se formou em setenta e seis.

130. Oportunidade em instituição de nível superior né?

131. Então tive essa oportunidade de... de trabalhar aqui foi foi muito muito proveitoso.

Doc: ah... com relação a sala de aula como é que foi... ah... o trabalho com relação a sala de aula

132. Foi muito bom muito... muito interessante... ah::... porque são são:: são adultos de um modo geral o o estudante brasileiro de de... de universidade ele... em sua maioria... ele é mais velho do que a faixa etária ideal dos dezoito dezoito anos né? não se tem muitos alunos nessa nessa idade pelo menos... em algum... em alguns cursos né?

133. Então são pessoas são pessoas interessantes é:: INTERESSADAS também em em aprender apesar das dificuldades né? que muitos enfrentam.

134. Porque tem que trabalhar... todo dia.

135. E... e é realmente o rendimento escolar à noite cursos noturnos pra quem trabalha de dia... é... deixa a desejar e a gente percebe isso no no ... quer dizer em algum... esse esse é o perfil de um... que eu faço de uma GRANDE parte de um grande contingente de alunos... de... eu acredito que de várias universidades brasileiras não só daqui da região mas o que eu falo é o que eu pude observar aqui.

136. Alguns tem uma grande dificuldade em assimilar pois falo de língua estrangeira.

137. Mas eles se esforçam na medida do possível e::

Doc: e... por que que você opto ahh... você por que que você opto por fazer o curso de letras?

138. Eu tive um professor no... no segundo grau... era na... no ensino fundamental quinta sétima... de quinta a sétima série... e ele... foi o primeiro contato que eu tive com a língua inglesa.

139. Então ele me incentivou disse que eu qu`eu... tinha condição de aprender que: se eu pudesse um dia participar de algum programa de intercâmbio daí foi a... a influência que teve conversando com meu pai disse que eu poderia participar de um programa desse

140. Foi quando surgiu essa oportunidade de viajar pros Estados Unidos

141. E eu fui tomando gosto pela coisa eu descobri que eu tinha algum... uma inclinação uma tendência pra:: gostar de língua estrangeiras somente o Inglês e uma maio- uma facilidade de um modo geral com... com outros idiomas também como o Francês o Espanhol.

142. E e é uma das coisas que eu gostaria de trabalhar...

143. se se futuramente pudesse fazer um mestrado ↓

142. seria na área de... de lingüística de línguas de de... fonologia fonética e fonologia.

144. É um aspecto muito interessante de... das línguas de um modo geral.

Doc: unrum... ah... e dentro do curso de letras ah... quais as disciplinas assim que mais chamaram a sua atenção?

145. Curiosamente o o curso de letras que eu fiz na... na católica... de setenta e quatro a setenta e seis... ele era bem diferente do que é hoje... né?

146. O próprio conteúdo e a maneira... o o foco também da... do curso a importância que se dá hoje a pesquisa a orientação que o aluno tem logo que entra... no PRIMEIRO período da universidade ele já é direcionado para um... para uma monografia para a preparação de um mestrado pra... já vai pensando LÁ na frente coisa que não não aconteceu comigo e acredito que não aconteceu com... com a maioria dos alunos daquela época ↓

147. Nós fazíamos um... um... do que do que eu posso chamar aqui não sei de período ideal... NOVE cadeiras oferecidas no... primeiro ano

148. No no no primeiro período de letras eu me matriculava nas nove... tirava as nove e no semestre seguinte oito disciplinas oferecidas eu me matriculava nas oito e pronto não havia essa essa essa... essa categorização vamos dizer assim né? de de de... disciplinas eletivas obrigatórias opcionais e:: aquela coisa toda que você... deve ser orientado ao você fazer essas porque essas aqui vão te ajudar daqui pra frente então você vai precisar desses créditos pra fazer tal coisa.

149. Isso não... isso não ocorria naquela época você entrava na sala de aula fazia as disciplinas que tinha e ia embora pra casa... só.

150. E eu terminei meu curso dessa forma com três anos.

151. Fiz um:: tempo mais curto que você podia imaginar.

152. E:: hoje tenho licenciatura... de Língua Inglesa e Língua Portuguesa e Literaturas correspondentes a minha a minha graduação é LICENCIATURA.

Doc: licenciatura?

153. Eh eu não tenho o que o ICHS oferece hoje que é... tem Bacharelado e tem Tradução também né? além de licenciatura tem... Bacharelado e Tradução num é isso?

154. Eu não eu num fiz eu não não existia na época uma-

155. Se houvesse provavelmente eu teria feito que é uma área que me: me atrai muito dentro da Língua Inglesa também... de Inglês de modo geral... especialmente a língua Inglesa... que é seria aí a área de Tradução.

Doc: além do Inglês cê sabe também Espanhol e Francês?

156. Não tenho noções... noções dessas duas línguas

157. Eu acho que se eu... tivesse um tempo disponível certamente eu... conseguiria aprender.

158. Eu tenho... um gosto pelo pelo assunto e acho que tenho uma facilidade grande pra esse tipo de-

Doc: ah... e aqui com relação ah... à cidade como que são os moradores aqui de Mariana você como marianense

159. Sim.

160. Bom vamos fazer uma retrospectiva então... até à minha infância porque houve MUITA modificação nesse período... de lá até agora.

161. As pessoas ah... eram MUITO... tranquilas poucas famílias ↓

162. Não havia:: atividade:: industrial a não ser uma fábrica de tecidos... que funcionou... durante alguns anos ↓

163. Eu me lembro dela na minha infância ainda depois fechou por... não sei porque faliu não sei se por escassez de energia elétrica ↓

164. No município nós não tínhamos a Ce- a Cemig a luz daqui era horrível.

165. Era gerada por uma usina de Furquim.

166. Que abastecia Mariana também.

167. Usina elétrica... quase que doméstica né?

168. E... a cidade era muito interessante população muito pequena muito provinciana muito tranquila as festas religiosas e os bailes aquela coisa toda de de de cidade do interior.

169. Eram... eram muito importantes pra nossa convivência nossa socialização

170. E... todos participavam havia... aquela vontade de de de fazer uma roupa nova... sempre pra... participar de um evento desse fosse Semana Santa fosse um baile de formatura do do... no caso do Colégio Providência ou do Dom Frei mesmo na época já já existia... e...

171. Que hoje é o Colégio Padre Avelar

172. Essas... esses acontecimentos sociais eram MUITO eram muito importantes pra sociedade pra... pra cidade na época ↓ porque a população muito pequena o... os bailes de carnaval eram restritos aos clubes... porque a população era pequena e quem gostava cabia dentro dos clubes perfeitamente.

173. E alguns blocos caricatos na rua Zé Pereira coisas assim aconteciam.

174. Só que com o passar do tempo a população foi aumentando e justamente em decorrência da... da vinda das das companhias mineradores pra região de Mariana

175. Então houve uma explosão... demográfica que... um crescimento... urbano- (interrupção da fala)

176. Bom como eu estava dizendo... com essa chegada das companhias mineradoras... a necessidade de alojar esse pessoal todo foi trazendo muita gente pra cidade

177. Surgiram loteamentos aí em todo canto da cidade pra... pra que fossem construídas moradias.

178. Não para... necessariamente para as pessoas que vieram trabalhar

179. Porque pra isso as companhias ofereciam a moradia e começaram a implantar os bairros programados e planejados.

180. Só que que a população foi crescendo... desordenadamente foi atraindo muita gente pra cá e:

181. Hoje nós temos um comércio realmente muito bom... tem o lado positivo a cidade desenvolveu um lado mas nós temos problemas sérios com com... até com a violência que... que nunca tínhamos experimentado antes é é... coisa de... coisa de cidade grande.

182. Felizmente agora... diminui um pouco parece que tá um pouco sob controle depois dessa criação da Guarda Municipal pelo menos o centro da cidade ficou mais... mais tranquilo ↓

183. Mais hoje a gente vive um... uma situação muito parecida com a de cidades grandes... com coisas não não com a mesma frequência com a mesma... violência mas mas é é... proporcionalmente nós estamos em... mesmo nível de de de... de uma cidade grande em termos de requintes de violência certos casos aí de até seqüestros mesmo e... crimes sexuais e assassinatos infelizmente nós temos estamos vivendo a mesma situação de outros lugares de maior porte de outras cidades maiores e tudo mais.

184. Em decorrência de de subemprego ou desemprego mas porque a população aumentou muito em relação ao que a cidade pode oferecer.

185. Não há como empregar todo mundo na Prefeitura ou nas companhias e uma industrialização que tá sendo prometida pra região há muito tempo isso não aconteceu ainda e eu acredito que absorveria grande parte dessa... dessa população.

186. As instituições é:: de ensino estão se multiplicando estão ampliando seus quadros o número de alunos é muito grande e... quer dizer vem crescendo essa... a demanda de de de novos cursos inclusive né? a cidade... oferece... é:: inclusive condições pra isso.

187. Só que as coisas vão acontecendo muito lentamente... né? mas tão... elas estão sendo encaminhadas.

188. Então a diferença que eu vejo... daquela época até hoje é isso houve houve uma mudança... é muito grande no no no... no comportamento das pessoas decorrente dessas situações que... provocadas por esse desenvolvimento aí ainda que dizer ainda que... descontrolado desordenado... esse crescimento desordenado né? provocou esse tipo de de... essa chegada de pessoas vindas de VÁRIAS partes do Brasil que não tem muita identificação com a cidade

189. Aí vem outro problema GRAVE que é a... a dificuldade de de de conter esse progresso... de de progresso entre aspas né? esse crescimento desordenado pra não prejudicar o que a gente tem de mais importante aqui que é que é o nosso patrimônio a nossa herança histórica

190. Que que FELIZMENTE agora com o plano diretor eu acredito que que vai que vai ser protegido como como deveria ter sido feito há vinte tantos anos atrás quando se falou em criação de plano diretor.

191. Então há há uma série de providências urgentes pra serem tomadas que... que precisam... precisam ser tomadas já pra preservar isso que a gente tem aqui ainda que é o nosso diferencial.

192. Mariana PODE precisa e deve viver de turismo.

193. Não adianta querer colocar indústrias e muita coisa por aqui porque nós não temos tradição disso não temos tradição agropecuária o relevo não ajuda.

194. Então nós temos que trabalhar com a indústria que é a mola do mundo todo mundo reconhece sabe disso mas... falta os investimentos falta acreditar nisso... que o turismo... é a saída para um país como o Brasil.

195. Já falo em termos de... da nação inteira porque é um é é uma das maiores INDÚSTRIAS do planeta é a indústria de entretenimento de cultura e turismo que vai gerar empregos sem... sem destruir o que a gente tem.

196. É preciso que sejam aplicados mais recursos nisso mas enquanto não houver uma uma atitude... geral do país inteiro sobre isso fica difícil de você trabalhar só você.

197. Mas... quer dizer... há de se convir que é preciso fazer a- cada um tem que fazer a sua parte mas é preciso que haja uma política ah... federal de incentivo a isso tudo que o país passe a pensar assim... na sua totalidade... pra que todos os estados então comecem a seguir esse exemplo e as prefeituras também na hora que descobrirem que o turismo dá dinheiro mesmo então “ah vamos investir”...

198. Aqui nós estamos vendo um exemplo disso não sei se apenas pelo crescimento da população mas a rede hoteleira de Mariana saltou do ZERO... pra um... um patamar que eu diria hoje satisfatório.

199. Precisamos de... restaurantes de melhores restaurantes e tudo sem dúvida... mas a rede hoteleira já está chegando num patamar que que que não existia há há alguns anos atrás.

200. Então isso eu eu eu vejo como um sinal de que alguma coisa está... sendo feita... está sendo percebida e as próprias pessoas por iniciativa própria estão... é é... como se diz fazendo a sua parte.

(I1G1FRF)

Nome. MMTR **Idade:** 29 anos **Sexo:** feminino **Área:** Cachoeira do Brumado **Rede:** Forte

1. Então ta eu vou me identificar com meu nome né? M.
2. M.M.T.R..
3. Tenho 29 anos.
4. Moro em Cachoeira desde que nasci... né?
5. É aqui é distrito de Mari-de ... de Mariana.
6. E ... é ... cê quer que eu conto sobre a minha infância?

Doc: é

7. Fala sobre a minha pessoa?

Doc: é pode fala sobre a sua infância é

8. Oh, às vezes eu-a parte que eu lembro da minha infância por exemplo assim de... quatro anos... pra frente

Doc: pra frente

9. Aí eu lembro que a minha avó... morava na... nessa casa aqui atual que é onde a gente mora aqui.
10. É da minha avó.

Doc: seu pai?

11. É.
12. Não minha avó morava ali.
13. Aí meu pai mais a minha mãe casaram e eles mo-continuaram morando ali.

14. Junto aqui ↓ todo mundo junto... com minha avó.
15. Aí depois... a gente mudou pra uma casa do lado de lá da da da ponte moramos lá uns... uns quatro anos... uns quatro anos a gente morou lá.
16. E a infância da gente era brinca fica brincando...
17. É... tinha muitas colega meus primos a gente sempre ficava muito junto.
18. Fazia... gangorra... brincava de gangorra brincava de... de... polícia ladrão pique assistia tele-TV...
19. Na época era difi-quase ninguém tinha TV.

Doc: então cês ficavam mais na rua assim

20. A gente ficava muito na rua.
21. Era só na rua brincando.
22. Brincava de polícia ladrão é gangorra e um tanto de coisa na rua ... ama-marelinha.
- 23.** Aí a primeira pessoa que teve televisão aqui em Cachoeira isso ...
24. Era na minha idade de 5 anos há 21 anos atrás nè?... 21 anos atrás ...
- 23.** É primeira pessoa que tinha televisão aqui era na casa da T. a que você vai entrevista ...
- 25.** Aí depois ... a a L. ...
26. Que morava pouco a frente que era aqui hoje ... ondé que eu moro aqui era a casa de L. ...
- 25.** Aí eles compraram uma TV.

Doc: L. é quem?

- 27.** [é a minha:::

Doc: essa sua tia

- 27.** É a minha prima

Doc: ah tá

28. Não PRIMA...]
29. Aí é... a gente sempre brincava com um dos filhos dela.
30. Pelo fato de morar perto um do outro a gente brincava com os filhos dela.

31. Aí que a gente vinha praqui assisti televisão.

32. Gostava de assisti TV aqui e ficava assistindo TV.

33. Vinha pra cá ... meio dia e ficava até 5h da tarde assistindo TV isso porque nunca tinha visto TV né?

Doc: ah era novidade né/

34. Era novidade.

35. Aí ficava-esqueceu a rua.

36. A meninada toda esqueceu a rua.

37. Ficava dez menino numa salinha de de quatro metros ficava um por cima do outro no chão tudo sentado vendo televisão porque nunca tinha visto TV.

Doc: e T. nessa época? T. também ia pra rua já era maiorzinho né? ou era também mais ou menos da sua idade?

38. Também ficava junto...

39. É... também ficava junto assistindo TV ou então – mas ele não tinha muita paciência não de fica vendo TV não.

40. Ele num gostava não.

41. Ele era muito impulsivo.

42. Aí ele ficava aSSIM ele já achava ruim de fica:: parado o tempo todo ele saía ia fica com meus outros primo lá brincando lá ia pra roça lá no meu tio sabe?... ia fica brincando lá

Doc: e e a maioria das pessoas aqui são todos família né M. ? tudo é tudo

43. Aqui todo mundo é parente quase todo mundo é... um vai ca- um casa com outro aí vai dando seqüência todo mundo aqui é parente.

Doc: ah ta e em relação ao tamanho assim que que de de Cachoeira... como é que foi? Desse miolinho pra frente que foi crescendo ... como é que é que é?

44. Começo... tinha aqui a igreja... aí depois da igreja esse miolinho aqui...aí aumentou na praia ↓ na parte de baixo lá que aumentou mais.

45. Aí foi começando pela praia.aí aumentou ali bem... a parte da barreira... a buracada...

46. Aí foi aumentando as pessoas foram é buscando melhor qualidade de vida né?-passou

47. Aí da nossa turma de 20 anos ... hoje todos são estudados e todos é a turma que melhorou de vida aqui porque antes era muito precário muito pobre

Doc: e cês estudaram aqui mesmo [ou foram pra Mariana pra estuda/

48. Nós estudamos aqui] até ... a 1ª a 4ª série.

49. Eu lembro que a gente ninguém aqui tinha casa boa é... alimentação boa não roupa ninguém tinha nada disso não.

50. Era tudo precário mesmo todo mundo precário mesmo.

51. Há 20 anos atrás que eu to falando isso é coisa de 20 anos atrás.

Doc: ah tá

52. 20 20 24 anos atrás

Doc: mas tinha famílias boas também né?

53. [não todo mundo gente boa.

Doc: tinha os mais pobres ou num tinha essa diferença era todo mundo mais ou menos igual?

54. Não não num tinha.]

55. Todo mundo igual... num tinha assim “aquele é o melhor o bom da boca ali o melhor... ele tem di-até TV”.

56. Eu num to falan-contando procê? a primeira TV que chegou foi na casa de T... depois aqui que a gente começou a ver TV na casa do meu tio.

57. Aí isso depois levou mais uns cinco anos pra mãe compra TV... entendeu?

Doc: e telefone nem se fala né?

58. Telefone nem se fala chegou aqui em 2001

Doc: [nossa ...

59. Chegou telefone aqui.]

60. E o celular chegou em 2005

Doc: ah tá mas e ah

61. Então aí a vida começo a melhorar a partir de...

62. Aí nós estudamos de 1 a 4ª série aqui ...

63. Aí tinha aque-aqueles meninos que são os meus primos da nossa TURMA ... como diz aqui ↓ aqueles que gostavam de estuda estudaram ↓ aqueles que não gostavam ficou só na 4ª série saiu e foi trabalhar porque dependia do trabalho pra sobreviver né?

64. Foram faze panela tapete...

65. Cada um faze uma coisa busca uma coisa ...

66. Isso pra quando partiu pra 5ª série...

67. Aí só que nós continuamos de 5 a 8ª série aqui.

68. Depois fui fazer o 2º grau em Mariana...

69. Fiz 2º grau em Mariana ...

70. E a gente geralmente fazendo 5ª a 8ª série já trabalhava ↓ ninguém ficava a toa não fazendo tapete... vendia as coisas cada um fazia uma coisa... pra ganhar dinheiro.

Doc: ... e o que que é que mais assim rendia dinheiro pro cês aqui era a questão do tapete [faze panela ... porque faz tapete e panela que que que que dava mais dinheiro assim

71. É faze tapete mesmo... é ...] faze tapete e vende panela... leva panela na cidade e vende

Doc: ah tá

72. É isso

Doc: ah tá

73. Aí depois vem surgindo aí as pessoas vão estudando... vem surgindo os empregos os cada um foi empregando

Doc: ah tá e... engraçado que cê casou e ficou aqui né M? aqui mesmo em Cachoeira. Por que que que você acha que vocês optaram por ficar aqui ... mesmo?

74. Mais também pra poder valorizar o local e a gente tando é... a gente vai crescendo tendo melhor qualidade de vida... a gente vai investindo no próprio local

Doc: ah ta [então vocês pensaram nisso vocês pensaram nisso

75. (traze) melhorias ...] é ...

76. A gente pensa isso sempre desde... de quando a gente começou a ganhar dinheiro.

77. A gente não não ao invés igual nós tamo mexendo com comércio vamos mexer com comércio aqui ↓ então a se a gente quisesse comprar um lote na cidade e faze lá na cidade a gente poderia

Doc: poderia]

78. Só que a gente tá investindo aqui pra (vê) melhoria aqui no local.

79. Tanto pra dá emprego pras pessoas pra melhorar a qualidade de vida das pessoas aqui

Doc: ah ta então foi esse um dos motivos que vocês optaram por –

80. Isso ... (por isso) que a gente construiu aqui... moramos aqui há 20 29 anos que eu moro aqui eu e o J.

Doc: ah tá

81. Entendeu? a gente fez-faz tudo aqui

Doc: ele fazia parte da turminha também que cês brincavam cês

82. Também mas ele num ficava muito não porque ele era doente aí a mãe dele num deixava ele saí pra rua não

Doc: ele era doente? Como assim?

83. Ele teve pneumonia aí ele tinha problema de bronquite asma... essas coisas... aí ele num podia saí pra rua pra ficar no meio de poeira porque nós brincava era de chiador é só... coisa impossível mesmo de-

Doc: ah ta [aí ele tinha–ficava mais dentro de casa

84. Ficava tudo sujo] ...

85. É ... a gente pegava naquele barranco ali oh a gente ... enchia-fazia-cortava o barranco todinho uma altura de uns dez metros de altura a gente cortava o barranco... enchia de pó e jogava água e chiava... e caía dentro do rio

Doc: [ah ah falar nisso isso que eu ía-

86. É

Doc: te pergunta aquele rio que passa

87. Essa era a nossa brincadeira-

Doc: no fundo ali da sua casa]

88. Ah aquele rio era muito maior era três vezes mais aquele rio ali.

89. Aquele rio ali do fundo era três vezes mais.

Doc: e era limpo?

90. Era limpo.

91. Porque tinha pouco esgoto nele aí tinha PEXE a gente pegava a gente ficava pescando pegando peixe no rio... fazia chiador... nadava isso a gente ficava o dia todo fazendo isso.

92. Isso até os meus doze anos.

93. A partir dos doze anos a gente já num fazia mais isso.

Doc: Por quê?

94. Não porque (a gente) vai vai virando adulto querendo... trabalha possuir as coisas mesmo e vai... vai se modificando aí a fase de criança já foi acabando mas a a fase de criança foi a melhor.

95. Apesar de ser a fase que a gente não tinha nada... mas era a fase que mais nós divertia e que foi a melhor mesmo.

Doc: e quando é que você começou a namorar o J.?

96. Com... 14 anos a gente já se gostava... na escola.

Doc: ah ta na escola então [vocês se viam porque na rua num tinha esse costume assim de

97. É... é...]...

98. Tinha pouco costume mas se via mais na escola.

99. Aí começamo a namorar na escola.

Doc: ah tá... e a escola era aqui mesmo aqui em Mariana

100. É aqui em Cachoeira

Doc: e como-e como que é a relação de vocês aqui por exemplo igual a desses meninos que andavam com vocês e tudo com o a cidade de Mariana. Cês tinham é tinha muito essa ida e vinda da cidade pro distrito do distrito pra cidade porque hoje tem isso né?

101. Tinha porque::: a gente passou a estuda toda a nossa turma que ficava junto desde criança nós estudamos juntos de 1ª a 4ª série... toda a turma junto.

102. Depois de 5ª a 8ª série todo mundo junto.

103. Então foi praticamente uma vida todo mundo junto.

104. E quando a gente foi estuda em Mariana... a gente foi todo mundo junto também estuda em Mariana ↓ alguns que ficaram pra trás porque desistiram e falava assim “ah eu num vou enfrenta isso não num vou estuda não”.

Doc: mas cês iam e voltavam todo dia

105. A gente ia e voltava todo dia de ônibus.

106. Saía 5h da manhã... pegava o ônibus aqui 5h da manhã... ia pra Mariana isso era um:: como se diz ↓ era um ônibus de cata-jeca né? que passava aqui saía de Cachoeira, passava em Monsehorta, passava em Cacho- em em Sumidouro, depois passava em Bandeirantes pra chega em Mariana 7h então es-esse percurso era duas horas... quase... pegando aluno.

Doc: [porque era um ônibus só

107. Um ônibus só

Doc: pra passar em todos os lugares

107. Pra passar em todos os lo-locais].

108. A gente ia estuda em Mariana até o meio dia.

109. Meio dia voltava.

110. Isso de de segundo grau pra estuda segundo grau.

111. Voltava ↓ aí vinha fazendo o mesmo percurso saía de lá meio dia-a aula acabava 11h30m, saía meio dia, passava em Bandeirantes, passava em Sumidouro, passava em Monsehorta pra chega em Cachoeira 2h da tarde.

Doc: nossa... aí cês chegavam tudo com fome

112. É... aí num era todo mundo que queria enfrenta isso aí né?

113. Aí quem quem gos-de-gostava de estuda ía e enfrentava.

114. [aí todo mundo morrendo de fome né?

Doc: e alguns ficaram ?]

115. uhn?

Doc: e alguns ficaram?

116. Algumas pessoas desistiram (falaram) “ah eu num vou enfrenta isso vou estudar não”

Doc: ah e você num arrepende né? de ter

117. Não não ah nossa eu ia me arrepender se eu num tivesse feito isso.

118. Aí eu taria arrependida hoje se eu não tivesse estudado.

Doc: ah tá

119. (entendeu? fazê) meu segundo grau eu ia ter que fica na mão né?

Doc: ah tá... e e sobre esse negócio que a a casa do seu pai tem um que... uns trezentos anos né?

120. É

Doc: cê tem idéia assim por exemplo como-como que foi passando essa questão da casa do seu pai? Passou pra fulano passou pra () como é que foi isso?

121. Não foi assim ah era eram dos meus bisavós.

122. Aí meus bisavós o meu av-o meu bisavô morreu pri-morreu e ficou minha bisavó.

123. E passou pra minha avó que era filha única.

124. Aí minha avó ficou sendo a dona da casa.

Doc: uhn

125. Aí ela se casou com meu avô e eles continuaram morando lá e ela passou pru meu pai.

Doc: mas por que que sua sua avó tinha mais filhos por que que a casa ficou com o seu pai?

126. Porque é::: todos os meus outros tios eram já tinham casa própria eram melhor de vida e só o meu pai que não tinha casa a gente morava com ela... dependia dela... pra ter a casa pra morar meu pai casou e ficou morando com ela.

127. Aí ela entrou em comum acordo com todos os filhos e falou assim “não é :: eu quero que todos vocês dê a sua parte pru ... pru T... e ele fica com a casa”

Doc: [e os irmãos aceitaram numa boa?

128. Pra ele cuidar da casa].

129. Todos os irmãos aceitaram numa boa e deram porque todos tinham casa hoje todos têm casa são bens de vida

Doc: e eles moram aqui

130. () não não alguns moram aqui ...

131. Somente::: meu pai e duas tias que moram aqui ↓ os outros moram fora Belo Horizonte João Molevade e Mariana.

Doc: ah tá ah tá... e a:: questão do:: do:: turismo aqui M.? porque eles-uma reclamação que eu ouvi com o pessoal a gente tava até conversando é que eles estão derrubando as casas tudo histórica daqui né? parece que a:: arquitetura do lugar ta meio diferente né?

132. [é antes ()

Doc: e o que que] como era antes () cê acha que antes () aqui no distrito recebia mais turista ()

133. Recebia muito mais ↓ no tempo-

Doc: o que que tá acontecendo como que era antes o turismo aqui como que era agora e por que que mudou

134. Ah::: isso aí é eu acho que é-faz parte da próprio incentivo mesmo da:: de quem tá no governo né?

135. Os os os turista chegam a Mariana ↓ precisa de faze uma divulgação do local...

136. E o povo aqui num tem muitas condições de ficar divulgando () fazendo folder fazendo outdoor divulgando a cidade coloca ni rádio.

137. Então acho que isso aí acho que tem que partir de alguém do:: da secretaria de turismo.

138. Tá investindo mais no local.

139. Que antes nos governos passados era mais investido

Doc: então recebia mais turista aqui?

140. é aí mas tinha mais investimentos dos governos passados.

141. Então como o senhor J.R. era daqui ↓ na época dele vinha muito turista porque ele investia... na divulgação lá do terminal os ônibus que chegavam lá eles-ele mandava com os guias vim praqui.

142. Todo turista que tava nos hotéis tinha propaganda os guias viam... faze propaganda vim praqui pra Cachoeira

Doc: então é uma questão de divulgação né?

143. É uma questão mesmo de divulgação e investimento mesmo que falta e consciência né? pra quem tá derrubando as casas ↓ porque muita das vezes a pessoa derruba porque num tem condição de de tá reformando... porque demanda de de muito trabalho né? a reforma da casa

Doc: ah tá... e e por exemplo essa questão da:: do artesanato aqui. Cê acha que mudou essa questão do artesanato por causa do turismo né? Diminuiu o-a-o artesanato porque num tem pra quem vender ↓ tem alguma relação com o turismo ou o pessoal continua fazendo tapete e panela do mesmo jeito?

144. Oh todo mundo continua fazendo a mesma coisa.

145. Só que quem depender de de vim turista aqui pra comprar não eles-eles levam pra fora.

146. Quem as pessoas que fazem tudo aqui já levam tudo pra fora.

147. Têm pessoas daqui que têm loja em Angra dos Reis Rezende... na Bahia.

148. Aí eles têm loja em outro local

149. Aí produz tudo aqui e leva pras lojas de fora.

Doc: ah tá... cê cê tem cê sabe de quem que foi porque aqui é tudo família né?

150. Uhnrum

Doc: cê sabe quem foram os primeiros a que chegaram aqui? Que começaram a cidade aí a família foi crescendo crescendo. Família de quem?

151. Família R.

152. Foram os primeiros que chegaram aqui.

153. Eles chegaram é::: Coronel R.... e::: e chegou ele com uma::: com uma escrava.

154. Ele foi o primeiro que chegou aqui.

155. Na época... eu tenho até uma historinha o surgimento do arraial eu esqueci o nome da... da escrava.

Doc: uhn ... como é que é?

156. Foi a primeira que chegou aqui com ele e a família

Doc: então o Coronel tinha uma escrava

157. É

Doc: e ele gostava dessa escrava

158. E tinha a família dele era ELE e a escrava que era a-trabalhava pra ele... e mais... a família dele que chegou aqui foram os primeiros ()

Doc: então ele era casado

159. [é... e tinha-

Doc: ma-mas ele gostava era da-

160. É só num sei definir o número de-

Doc: de pessoas-

161. de filhos]... é o número de pessoas

Doc: mas é... como é que foi ↓ eles vieram da onde... pra cá?

162. Eles eles falam que eles eram portugueses.

Doc: ah

163. Que chegaram aqui...

164. Os primeiros portugueses

Doc: ah tá. Aí ele ficou aqui... com com o pedaço de terra e a coisa foi

165. Começaram surgiu no:: ... no Brumado.

166. Num local que chama Brumado depois de sumidouro.

167. Eles construíram a primeira casa lá em cima na nascente do rio.

Doc: ah tá

168. Na nascente do rio é cha-esse local chama Brumado

Doc: e tem ainda essa casa?

169. Tem-não a casa só tem o alicerce dela que hoje já derrubou, já caiu tudo, ninguém preservou.

170. É uma casa antiga que tinha lá.

171. Eles construíram essa casa lá aí... eles vieram eles contam assim que eles vieram andando na margem do rio vieram descendo descendo.

172. Quando eles chegaram em cima ↓ que vira-viram a queda d'água ↓ por isso que deu o nome.

173. Que o o primeiro lugar onde eles chegaram BRUMADO porque tem uma planta baixinha que chama BRUMA as BRUMAS né? são as plantas baixinhas que tem

Doc: ah tá

174. Pequeninha aí BRUMAS.

175. Aí eles deram o nome de BRUMAS eles deram BRUMADO (porque o nome do lugar)

Doc: porque tinha muitas brumas no lugar

176. É... no local onde foi:: ... o primeiro:: ...

Doc: ah tá

176. [onde eles chegaram

Doc: ah tá]

177. Né? aí deram... deram o nome de Brumado.

178. Aí quando eles chegaram na queda d'água e viram a queda d'água ↓ viram uma cachoeira aí uniu Cachoeira do Brumado

Doc: ah tá então o nome Cachoeira do Brumado tem a ver com as plantinhas que tinham aonde ele

179. É (por causa) das plantas

Doc: ah tá... e eles contam da relação desse Coronel com a escrava ti-ele tinha algum romance com a escrava ou... ()

180. Eles falam que ele gostava muito dela mas num num contam assim um... um romance (uma coisa) assim não

Doc: ah tá por exemplo ninguém sabe se ele chegou a ter filhos com ela por exemplo

181. Não... não... não ninguém sabe isso não.

182. Aí depois chegou um padre pra... pra região

183. Aí eles construíram a primeira capela... capela de Santo Antônio acho que foi aquela lá em cima na chegada.

184. Depois () de novo pra construir essa igreja tem 150 anos a igreja daqui.

Doc: e a cape-e a capela?

185. A capela tem 290 anos mais ou menos 300 e tantos anos

Doc: ah tá

186. Muito () essa capela.

187. Foi a primeira capela onde eles construíram da vila onde eles vinham fazer a missa... depois que decidiram construir a igreja... a construção da igreja

Doc: e e a religião daqui ↓ é muito forte o catolicismo aqui?

188. É bem forte.

189. [tanto que o Coronel-

Doc: ou foi tá mais-]

189. Antigamente quem chegava primeiro era o dono das terras né?

190. Ele chegou primeiro ↓ ele era dono praticamente de todo território de Cachoeira do Brumado.

191. Esse Coronel R.

Doc: uhn tá

192. Então ele era dono de todas as terras de Cachoeira.

193. Que quem chega primeiro (era don-) posse tomava posse ... das terras.

Doc: num era terra de ninguém né?

194. É num era terra de ninguém ele que foi o primeiro a chegar ↓ ele ficou dono de tudo.

195. Nisso ele construiu essa primeira capela ele tinha essa casa dele no Brumado.

196. Aí é:: ... como é que é? - () atrapalhava a minha entrevista.

197. É ele começou a construir aqui na região.

198. Aí tem essa casa da T. aqui antiga ↓ essa outra casa aqui da dona que chama D. mais a nossa casa.

199. São as três casas mais antigas daqui ()

Doc: ah tá então é a sua a da T. e essa aqui da frente

200. É as três casas antigas MAIS antigas que tem aqui.

201. As outras não () 50-essas que eles desmancharam... é casa de 50 anos 60.

202. (São) casas de 300 anos é essa da dona D. da T. e a nossa.

203. Aqui da nossa família.

204. São as casas antigas MESMO que-e a igreja.

205. São essas quatro- são essas três casas e a igreja.

206. Então essas aí eu creio que deve de preservar elas né?

207. Evita que desmanche.

208. Então o Coronel- o Coronel R. passou a ser dono de todas as terras (tanto é) tem até um caso que eles contam que:: ele deve de ser muito pecador né? porque:: quando construiu a igreja ↓ ele doou... parte das terras todas pra igreja

Doc: uhn

209. [() eles doavam-

Doc: () quis faze um agrado?]

209. eles achavam que DOANDO pra igreja as coisas doavam as coisas pra igreja ↓ ele ia ser perdoado dos pecados dele

Doc: ah tá

210. () ele doou todas as terras

211. Aí tem eu já chequei até a dar uma olhadinha uma coisa assim num documento ↓ fala que ele doou (vasilhas) de ouro é:: panos de bordado, mandava a esposa dele doar DINHEIRO pra construção da igreja () que ele (que) doou

Doc: então era um homem bem rico né?

212. Ele era um homem () é:: um português muito rico.

213. Ele chegou aqui ficou dono das terras doou as terras dele toda pra igreja.

214. Essas terras do asfalto tudo que cê vai até lá no alto tudo da igreja.

215. Por quê?

216. Porque ele doou pra igreja.

Doc: e a igreja num aproveitou essas terras deixou assim

217. Não porque é:: ... ah... é floresta né? não pode mexer.

218. É tudo é:: ... é floresta reserva.

219. Aí é tudo mata fechada é reserva.

Doc: e e essa história –porque muita gente vem pra cá também por causa da::: cachoeira né? Porque todo mundo igual por exemplo meu pai mesmo quando veio conhecer ele queria vim conhecer por causa da cachoeira né? Ver como é que era. E essa coisa da cachoeira antes igual por exemplo quando cê era menina ↓ né? a cachoeira era-ela tinha a queda d'água era-tinha mais água era mais LIMPA ↓ cê acha que conforme foi crescendo Cachoeira do Brumado a cachoeira foi ficando mais... é::: suja ↓ porque teve até uma época que ela tava interditada né? Como é que foi isso?

220. Não eu acho que toda toda vida caiu esgoto no rio.

221. Sempre teve muito sítio pra cima aí.

222. Isso sempre-esses sítio que tão hoje pra cima não aumentaram a quantidade de... de sítio aumentou pouco as as casa né? então num aumentou demais não.

223. Mas sempre caiu esgoto no rio.

224. Acho que essa xis- o problema da xistosa sempre existiu aí na... na na cachoeira

Doc: e tem muito caso de gente que ficou doente ... aqui em Cachoeira. Por causa da-

225. Que teve xistosa?

Doc: por causa da cachoeira?

226. Tem bem pessoas que tem o::: o verme né? a xistosa.

227. Aí faz o tratamento né? como tem o tratamento.

Doc: ah tá mas cê acha que isso impede as pessoas de entrar na cachoeira ou (aqui) ninguém liga pra isso?

228. Não num impede não.

229. Muitas pessoas num liga DAQUI num liga não.

230. Tem pessoa que tem ↓ tem pessoas que não tem.

231. Eu mesma entrei muito ↓ eu não tive.

232. Meu irmão teve ↓ igual T. teve xistosa ↓ eu não.

233. S. não porque nunca entrou ni água tinha medo.

234. Mas nós amanhecia dentro da água nós ficava lá eu num pequei.

Doc: ah tá e e casos de afogamento ↓ lá na cachoeira tem muito?

235. [tem também mas num () demais-

Doc: cê lembra assim]

236. Não na minha época não.

237. Era muito pouco.

238. Mais pessoas de fora ↓ gente daqui mesmo que afogou ↓ eu acho que nem tem.

239. A não ser o caso do menino que eles empurraram ele caiu na água e bateu a coluna.

240. Só isso.

Doc: empurraram? Como assim? Tava brincando?

241. Tavam com um:: um punhado de colegas né? foram lá pra... pra cachoeira lá pra nada eles empurro ele ele bateu na água com mau jeito e e quebrou a coluna atrapalhou a coluna e ficou paraplégico.

Doc: e esse menino mora aqui ainda... em Cachoeira?

242. Não ele já morreu.

243. Que ele atrofiou né? e morreu.

244. Com problema e morreu.

Doc: e era (ele) tinha mais ou menos que idade quando isso aconteceu?

245. Acho que ele tinha 19 anos.

Doc: era novo né?

246. É... muito novo.

Doc: ah tá e e as terras lá de cima da ... igual por exemplo parente de ... do L. do pessoal eles-eles também são parentes de vocês?

247. uhnrum

Doc: daquelas terras lá pra cima aquele pessoal todo mundo conhecido daqui debaixo também?

248. Não ali é o avô deles né? um homem também que tinha muitas posses ele tinha muitas terras.

249. Mas no final depois ele começo a vender tudo ↓ aí só sobrou aquelas.

Doc: ah tá

250. Ele tinha muita terra ↓ ele tinha mais terra pra... pra cima aqui pru lado do... do Barro Branco pra todo lado

Doc: e e e questão de violência M.?

251. Não aqui é uma-um local tranqüilo.

252. Hoje:: droga tem em todo local né?... todo lado tem droga.

253. E... mas aqui é tranqüilo ainda ainda se pode andar de madrugada na rua sem medo nenhum.

Doc: ah tá

254. Né? mas assim:: cê num pode confiar totalmente né? porque cê num sabe

Doc: ah tá

255. Mas aqui é bem tran-um lugar tranqüilo você pode ficar tranqüilo num tem ()

Doc: num tem –e e questão de:: por exemplo de assalto é... por exemplo alguém que (num sei que foi vio)- violentado alguma coisa-esse tipo de coisa num tem né?

256. Não não num tem não... não

Doc: porque todo mundo aqui é muito conhecido

257. Todo mundo é conhecido quem é daqui num mexe com ninguém daqui.

258. E algum assaltozinho às vezes que tem por aí assim eu acho que é as pessoas de fora que vêm... e faz.

259. Mesmo assim dentro de Cachoeira-desse local de Cachoeira ↓ não.

260. Ninguém tem coragem de entrar na casa de uma pessoa e assalta ele.

Doc: ah tá

261. Entendeu?

Doc: ah tá. E e o pessoal recebe bem as pessoas que vêm de fora turista aqui? A cidade-o Distrito gosta que vem?

262. () Recebe muito bem as pessoas e as pessoas gostam que vem pessoas de fora também pra... além de tá comPRANdo o artesanato... vai leva o nome do local pra fora né?

Doc: ah ta... cês querem muito isso né? agora só por último eu queria te perguntar ↓ se cê tivesse que muda alguma coisa aqui em Cachoeira do Brumado que cê acha que tinha antes e hoje num tem ou você M. tivesse que fala “ah eu queria que Cachoeira do Brumado tivesse isto mudasse isso” ↓ tem alguma coisa assim que cê acha que-

263. Tem precisa de faze um local pra:: tipo uma feira pra ex-pra expor... todas as os o:: artesanato do local.

264. Onde o turista pode chega e vê toda a... todo o artesanato num local só.

265. (onde) é uma feira bem organizada... tipo um mercado mesmo bem organizado e reestruturar ali a parte toda da cachoeira.

Doc: [ah tá reestruturar-

266. Colocar asfalto] dá:: dá um atendimento bom pra quem chega ↓

267. Pedi pessoas que invistam em hotel ↓

268. Invistam em restaurante ↓

269. Em lanchonete no local ↓

270. Dá uma abertura pra isso aí

Doc: ah tá

271. Pra tá desenvolvendo o local

Doc: cê acha que ia melhorar?

272. Isso com certeza melhoraria.

Doc: ah então tá. M. muito obrigada viu?

(I2G2FRF)

Nome. TMS **Idade:** 57 anos **Sexo:** feminino **Área:** Cachoeira do Brumado **Rede:** Forte

1. Bem... meu nome é TSM, tenho 57 anos, nasci aqui em Cachoeira do Brumado município de Mariana.
2. E sobre a minha infância... eu tive uma infância até boa assim sabe?
3. É:: brinquei muito... aproveitei o máximo num posso reclamar.
4. Brinquei de TUDO que uma criança assim pode... né? brinca brincadeira simples da época
↓
5. eu acho que agora-como agora também acho que continua as mesmas musi-musiquinhas modinhas de roda tudo acho que são as mesmas parece que-a gente percebe só teve coisas () tem coisas novas surgindo né?
6. ah... mas aproveitei muito a minha infância.
7. Só nunca tive uma boneca.

Doc: Por quê?

8. (risos) (nunca tive) uma boneca.
9. O que eu tive foi um bebê num sei porque (risos).
10. Um bebezinho assim um boneco sabe? que eu ganhei assim do vizinho... e que eu lembro assim.
11. Eu acho que por isso que num fui muito ligada... assim num sei porque nunca nunca me fizeram um presente com uma boneca.
12. Das minhas colegas brincava assim com as colegas que tinham boneca e tudo ↓ mas eu mesma nunca tive uma boneca não.

13. Não lembro... sabe?

14. Mas brinquei aproveitei bastante a minha inFÂNCIA... mesmo e tenho muita saudade.

Doc: E quais eram as brincadeiras assim que ocês mais faziam aqui em Cachoeira?

15. ah era de roda mesmo brincadeira sempre era de roda, pega-pega às vezes até brincadeiras assim de meninos né? que a gente é:: sempre enfia no meio né? e vai brincando também é todo mundo junto né?

16. E:: aquelas brincadeiras mesmo de tudo quanto há cozinha:: de casinha né? [escorregador-

Doc: e os meninos misturavam com as meninas-

17. isso-

Doc: ou era separado menina de um lado menino de outro?]

18. não não era tudo junto era aquela simplicidade mesmo... né? simplicidade de criança menino tinha menino também... no meio ↓ sempre tinha seus colequinhas () colegas (eles) brincava também.

19. Peteca... às vezes assim tipo com bola mais assim mais pra vôlei né? a bola na mão... também.

20. Aquelas brincadeiras assim de-como se a gente tivesse passeando é:: em um lugar em um jardim também a gente andava uma distância LONGE né? pra poder brincando [e cantando-

Doc: como se tivesse passeando?

21. isso

Doc: num jardim]

22. cantando.

23. E eu lembro que tinha até uma brincadeira assim... ah é a gente cantava e falava assim... tinha uma brincadeira quando a gente ia-eu num lembro muito bem como se-como era ↓mas eu sei que falava assim... “vamo”- como é que é? “vamo passear na praia enquanto seu rei está aí”.

24. Eu sei que-eu num lembro bem ↓ mas aí falava que-tinha o verso e a gente ia com as colegas andano.

25. “Enquanto seu rei está vestindo a cueca” (risos)

26. () era tanta coisa que saía sabe? era muito engraçado mesmo ↓

27. mas vou te fala brinquei muito aproveitei sim... sabe? (num sei) num lembro bem assim mais brincadeiras mais essas sempre que as crianças gostam de brinca acho que até hoje né? brincam

Doc: [e e os seus pais... eles eram muito rigorosos-

28. meu pai... o meu pai-

Doc: muito bravos... como é que é?

28. o meu pai.] o meu pai era muito assim rigoroso rigoroso mesmo sabe? severo↓ a minha mãe não mais assim sabe? é::... legal assim sabe? Entendeu? ela era tranqui::la com ela tava tudo ok mas o meu pai nosso Deus ↓

29. E eu era muito rebelde assim fugia muito de casa (assim) ia brinca com as minhas colegas às vezes distância mais longe ah-apanhava tomava umas chineladas (umas pneuzada) como se diz (risos)...

30. Né? era rebelde assim também fugia mesmo.

31. Ele num-num gostava portanto que às vezes apanhava né? [mas assim-

Doc: mas cê fugia dele também né?]

32. é desobedecia saía assim pra brinca né?

33. e ele era assim muito rebelde mesmo portanto ah aí veio a minha ju-ah cê vai pergunta né?

Doc: è não ↓ pode fala

34. ta na:: na juventude na minha juven-a juventude foi muito boa também a juventude muito boa eu aproveitei tudo dentro do possível assim sabe? dentro do possível por exemplo tinha festas JUNINAS... que é na ca-aquí tinha um local aqui um senhor que ele chamava J.F.

35. Então ele é que promovia essa festa junina do meu do meu tempo.

36. Que eu lembro.

Doc: ah ta

37. [então (tipo)-

Doc: você brincava com seu T. (vocês) tinham-

38. Brincava... TAMBÉM.

39. Ah ele conhecia-

Doc: vocês se conheciam né?]

40. claro.

41. É é a gente num ficava jogando bola- ah é brincadeira de joga bola também.

42. Mas aqui já era com as meninas as as sobrinhas dele e ele era pequeno era TIO né? mas tava do tamanho dos sobrinhos mesmo.

43. Então a gente ficava brincando também brincava muito também... aqui por perto mesmo né? aqui na casa de Dona M. depois a gente brincou muito.

Doc: mas cê tava falano da sua juventude das festas juninas

44. isso a minha juventude foi boa assim eu num tenho assim arrependimento de nada assim que eu deixei pra trás assim DENTRO né? é:: do reguLAMENTO por exemplo tinha baile só tem que eu tinha que pedi o meu pai.

45. A gente-ele num gostava nunca gostou muito de baile de sabe? Essa coisa de DAÇAR

Doc: as filhas num podiam ir

46. é ele num gostava muito

Doc: mas e os filhos podiam ir ou-

47. não os fi-ele era rigoroso com os filhos também.

48. Com os filhos até um certa até uma certa IDADE foi... sabe? mas aí eles se libe-liberaram-se por si mesmo né? até viajaram foram morar fora... entendeu?

Doc: ah ta

49. Mas ele era ele pegava pesado com as-com as filhas e com os filhos também.

50. Não é? Porque sempre o homem é:: é tem assim o homem nada pega né? O homem tem sua total liberdade mas não menina ele era pegava mesmo... pesado com os meninos também... né? era muito severo.

51. Acho que conforme a criação dele né? Acho que foi.

52. Mas então como eu tava te falano na juventude tinha ba-hora dançante.

53. Tinha festa junina a gente brincava de quadrilha né?

54. É::... da minha época até tem a:: uma ex-diretora aí a C. ela que programava também... a a parte assim de criatividade de das DANÇAS né?

55. Tudo era com ela as músicas e a gente aproveitou muito mesmo.
56. Eu tinha na-ai tinha também nas casas por exemplo aniversário de um colega... eles faziam um baile.
57. Aí a gente ia sabe?
58. E era assim tão bom assim tudo bem sadio aquela coisa assim sem bagunça... bem legal mesmo que era casa de família né?
59. Então num tinha nada de briga ↓ igual costuma ter em certos bailes assim né?
60. Era tudo assim com respeito porque era casa de família então todo mundo aproveitava o máximo né? as horas que tinha de... hora dançante chamava de hora dançante entendeu?
61. e tinha depois no grupo também o grupo escolar né? é:: a diretora programava assim... tipo... é pra... arrecada dinheiro pra caixa escolar.
62. Então fazia também é:: hora dançante e... eu sei que- e a gente aproveitava bem com isso.
63. Era assim um:: uma distração sabe? pra prus jovens.
64. Porque era uma coisa boa no mesmo tempo que é ganhava dinheiro pra escola ↓ era uma diversão... sabe? pras moças prus rapazes não é?
65. Que não tinha assim muita coisa assim... pra escolher né? variedade de coisa assim de diversão... não é mesmo?
66. A não ser assim FUTEBOL que sempre futebol sempre teve né? dos HOMENS... né? mais- ()

Doc: tinha alguma menina que queria jogar futebol?

67. Não não não.
68. Ah:: nossa né? [nessa época-

Doc: nem podia

68. nessa época] né? num tinha jeito não porque ih:: mulher jogar bola↓ meu Deus não é?
69. Agora não agora é tudo diferente né?
70. ma::is eu só sei que era muito bom.
71. Ah... às vezes tinha baile que a gente i::a
72. é:: o meu pai com pouco mais o meu pai chegava alguém que tava ficava olhando pra gente... sabe?

73. Acho que o dia que ele tava invoCADO assim ele ele ia atrás da gente no baile.
74. Aí tinha al-um amigo que ficava assim... olhando.
75. “Ih seu pai já vem”.
76. A gente aí corria aí a gente parava ficava quietinho assim como coisa que tava só observando né? o baile assim as pessoas dançarem (risos)
77. Ai meu Deus foi muito engraçado.
78. Tinha vez minina que tinha que pedi sabe? pra:: pedi pra ele.
79. Que ele falava que num ia não num é-num vai pronto tinha sempre- aí tinha alguém uma colega eu tinha uma-minha prima que era ...
80. ela estudava em Belo Horizonte no Calafate ↓ ela até morreu afogada lá... nesse numa piscina lá em Betim.
81. Ela vinha de férias e o meu pai gostava muito dela sabe?
82. Nossa assim era difícil nega.
83. Então ela falava “oh seu J. dexa T. ir com a gente lá na fé- lá na festa junina?”
84. “Num pode fica sem saí aqui num tem muita diversão”.
85. “O senhor pode dexa que vai fica tranqüilo a gente vem lá pras 10 horas”.
86. “Então ta ↓10 horas eu quero todo mundo aqui viu? num num pode passa naum fica até tarde naum”.
87. “Ta bem ta bem pode dexa nós num vamo demorar” sabe?

Doc: [Aí ele dexava-

88. Aí ele dexava a gente ia ()-

Doc: mas aí cê chegava no horário?]

89. Chega-mais ou menos num era bem dentro-passava um pouco... né? passava um pouco assim.
90. Às vezes chegava ONZE ↓ aí tinha uma reclamaçãozinha mas ficava por isso mesmo né? que a gente num dexava passa demais né?

Doc: porque se não... né?

91. é porque se não num ficávamos bem.

92. mas ele era assim.

93. E sempre tinha sabe? es-essa família mesmo os pais dessa menina M.-

94. M. lá no colégio chamava de M...

93. eles sempre faziam um baile também.

95. È uma casa ali na-o pessoal eles são meus parentes sabe? o pessoal ali da Dona T... eles sempre faziam um baile.

96. Mas GOSTAVA sabe? de faze... baile

Doc: [e você também gostava

97. e eu ador-olha gente melhor ainda aqui pertinho de casa né?

98. Ai ficava até a madrugada... entendeu?

99. porque era perto aí oh nessa ca-aqui na frente de M... nessa casa aqui vizinha e tudo.

100. Nossa como eles faziam aniversário de qualquer uma pessoa lá tinha um baile.

101. Às vezes até fazia baile assim... como é que fala? é::... mesmo fora assim sabe? de data de... comemorativa assim só mesmo pra fazê uma festinha assim pru pessoal... pru pessoal dança entendeu?

Doc: ah ta

102. e aí aproveitava dancei bastante.

Doc: E questão de trabalho T. As meninas trabalhavam... porque eu tava conversando com seu T. ele disse que era BEM difícil prus homens né? [consegui qualq-um dinheirinho que fosse era muito sacrifício né?

103. muito... é:: difícil mesmo. (às vezes)-]

Doc: e as meni- e as meni- e as jovens como que era como que era que cês... começavam a compra sua coisas né? a qurê tê as suas próprias coisas. Como é que é?

104. (isso)... era assim... é... por exemplo antes eu acho assim antes do tapete dexe eu vê... é a mo- que eu lembro- assim eu nunca fiz isso.

105. A a minha irmã L. disse que já foi na roça... com meu pai.

106. Num foi muito tempo naum mas chego a ir... planta sabe?

107. Mas as moças aqui de Cachoeira de uma certa época trabalhava na roça.

108. Capinando plantando feijão e arroz.

109. Era assim que elas ganhava dinheiro.

110. Ou então trabalhano lavano roupa pra alguém pra alguma família... cozinhando sabe? assim... fazendo alguma tarefa assim de casa.

111. Agora eu no meu caso aí assim... sabe o que eu fazia? eu comecei a... eu acho que quase todo mundo-BORDADO... é fazê clochê aprendeu a fazê clochê é:: tricô sabe? assim bordado a mão... né?

112. Eu aprendi muita coisa.

113. Chequei-ficava assim pra ganhar um dinheirinho aquele interesse de COMPRA... não é?

114. Que os pais assim num sabe assim o que a gente qué [a gente qué compra uma coisa diferente

Doc: qué a gente mesmo escolher]

115. isso um batonzinho um pó compacto uma coisa assim um perfumizinho né?

116. Isso aí cha-chama de extraordinário né?

117. Que os pais sempre dão o básico num é mesmo? ()

Doc: E aí essas coisas cês tinham que-

118. isso... trabalha sabe?

119. Apesar que eu até –que eu nunca tive assim- o meu pai ele procurava ajuda a gente assim bem mesmo sabe?

120. Mas aí tem aquela época da independência né? que ELES num podem mais.

121. A gente cresce e eles num podem –aí já num dava pra-

Doc: Já num sequem mais o ritmo da gente

121. é:: pra () abastecê a gente com roupa calçado né?

122. Então é isso.

123. Depois veio... na minha época eu tava novinha ainda a a minha avó ela... ela surgiu com o tapete de de cizal sabe?

Doc: [Ah isso que eu ia te pergunta. Como é que foi essa questão como assim?

124. Isso ela surgiu entendeu?

125. Assim eu só que tem que eu via ela... mexeno com isso com tapete mas eu tava pe-mais NOVA... não é? num num participei naum.

126. Depois mais tarde é que eu eu aprendi.

127. E comecei a ganhar dinheiro também... através do tapete sabe? que ela:: assim criou aí através de necessidade mesmo...

128. que o-ela já gostava assim ela mexia com fição... é:: ela fazia esteira é:: esteira cê já ouviu fala? [essas esteira que tem de...

Doc: Era tipo ta-

128. taboa?

Doc: è tapete é de por no chão?]

129. É uma esteira que coloca no chão mas ela é feita cheia de talinhas assim.

130. Chama de esteira né?

Doc: então então pode dizê que ela que começou com essa-essse esse TAPETE que todo mundo conhece?

131. também é.

132. Antes ela fazia estera acho que ela gostava muito desse trabalho assim de arte né? ela fazia as esteras ela já ama- ela já amarrava dava as laçadas nas esteras com o CIZAL.

133. Com o- com a a folha ... já... no terrero ela murchava ↓ então ela tirava ali o fio já laçava essas esteras com cizal.

Doc: isso tudo da cabeça dela?]

134. [()- quer dizer... é quer dizer que ela já tinha uma IDÉIA que ali tinha uma linha... não é? um fio ali.

135. Eu só sei que DALI o meu tio ele tio G. ele mais uns amigos ele ficava trabalhava na extração do ouro ganhava dinheiro tirano ouro sabe? na época também ()

Doc: aonde?

136. Aqui em Cachoeira.

137. Aqui em Cachoeira... é:: Padre Viegas... é:: Monsehorta... Bandeirantes entendeu? por aqui nesses distritos aos arredores e aqui em Cachoeira também.

138. Então eles tiravam o ouro para- a extração do ouro pra ganha um dinheirinho.

139. Então eles tinham um tapete... que eles tiravam o ouro-parece que precisa de um tapete.
140. E esse tapete era de:: linhagem acho que é linhagem saco de linhagem aquele-aqueles sacos que... é:: eles embalavam- até na época parece que era bacalhau que vinha da Noruega ↓ diz que cada PE::XE enorme... entendeu?
141. Então esses sacos eles aproveitavam ele () ele comprava é:: e faz-fez tapete... né?
142. Então já num tinha mais num tava vindo mais por aqui esses... esses tecidos esses sacos de linhagem↓
143. então o que ele fez “mamãe” ficou apertado quereno trabalha e ficou em cima de vovó ↓
144. “mamãe eu preciso de um tapete o meu estraçalhou todo”.
145. “Como é que faz mamãe?”
146. “Dá um jeito aí pra nós.”
147. “Eu meus amigos não podemo pará.”
148. “Temos que ganha dinheiro... né?”
149. “Temos que tira o ouro.”
150. “E:: vê o que que a senhora pode fazê pra nós aí... né?”
151. Ih minina com isso veio a idéia dela sabe? eu num sei como.
152. Sabe ela pediu pra faze um tear... e ali ela teceu ↓ do jeito dela lá ela começou com tapete e conseguiu fazê um tapete pra eles.
153. Com (fios) não com a piteira... sabe? ela fez.

Doc: Então ela... por uma necessidade

154. [() foi o primeiro... necessidade.
155. Foi por uma ()

Doc: do trabalho

156. é.

Doc: né? da família ()

157. é do filho dela... isso mesmo... uma necessidade... né?]
158. Ela ela surgiu isso.

Doc: E aí depois disso que começou a se fazê tapete com-

159. isso aí ficou só ela e a família.

160. Ah e aí ela fez depois desse tapete o pessoal acho muito interessante ↓ e::... aí ela fez uma:: uma manta pra coloca no lombo do animal e deu pru meu pai de presente... sabe?

161. Aí ela já fez o segundo.

162. Falou “oh eu vou fazê uma manta... pra pra J.”

163. porque meu pai chamava J.

164. Então fez e deu pra ele.

165. E as pessoas encantaram porque precisava-sempre o animal assim por baixo do arreio precisa de umas mantas.

166. Tem aquelas macias pedaço de pano que eles colocavam pedaço de coberta que é macio ↓ mas por cima antes da do arreio de coloca a cela né? é tinha que coloca aquele outro mais forte por cima.

167. Então ela fez e deu pra ele de presente.

168. Minina mas aí foi um sucesso porque todo mundo queria.

169. E com isso ela começou a ganhar dinheiro.

170. E aqui sempre teve as pessoas que viajavam vendendo panela de pedra.

Doc: ah nisso nessa época antes do tapete então a panela de pedra já era-

171. Já... já era antes.

172. Já tinha antes a panela de pedra.

173. Só não sei assim- a gente num sabe bem como que começou quem que é que que começou com a panela de pedra.

174. Eles tem uma idéia de uma família... sabe? que eles já olharam por aí mas num sabe se é eles que foram os primeiros que as pessoas alcançaram fazendo panela. ()

Doc: è daqui de Cachoeira mesmo essa família?

175. é:: isso.

176. Só num sabe assim sabe quem assim começou né?

177. Onde que começou assim qual família.

178. Eles acham que é dessa família mesmo um tal de B. que eles falam né?

179. Mas então aí o pessoal ia muito D. viajá com panela de lá trazia o mantimento sabe?... né?

180. Quando num trazia o dinheiro trazia o mantimento às vezes café arroz... feijão.

Doc: pra podê-vendia as panelas pra-fazia uma troca né?

181. isso é

Doc: pra sustentar a família aqui.

182. era o sustento da família que era importante né?

183. E com isso eles tavam levano já a- aqueles chamava de:: baixeiro.

184. Essa manta ↓ que colocava no lombo do animal ↓ chamava-deram o nome de baixeiro.

Doc: então sua vó... sua vó fez uma pru seu pai J. Aí outros viram e gostaram.

185. Isso.

186. Isso mesmo outras pessoas que tinham animais... né?

Doc: E aí pediram ela pra fazê

187. Isso aí (foi surgindo)

Doc: Aí eles iam saindo-

188. Aí foi foi- ficou ela com minhas tias... sabe? trabalhando... sabe? é-bem na família.

189. Aí ela já foi aprendendo as mininas também as filhas foram aprendendo... é e teve que já ir fazendo também.

190. Todo mundo- que todo mundo parte econômica né? precisa de um dinheiro tava dando saída... né?

191. Aí começou a família aprendendo.

192. Da família toda assim família veio eu vi ela prima dela também...

193. Aí já foi alastrando pra família... toda certo? as primeiras pessoas que foram tecendo aí

Doc: [Que elas viram nisso um meio de ganha-

194. isso... isso.

Doc: o dinheiro delas.

195. é aí todo mundo interessa né? parte econômica (pra ganha dinheiro)

Doc: ah ta. E foi espalhando pra família.]

196. Isso.

197. Aí teve encomenda aí começaram a leva pra viagem.

198. Pra todas as cidades onde que eles iam... né?

199. Tinha os seus fazendeiros pessoas que mexiam com animais ↓

200. então encomendava e eles levava ela vendeu muito no começo ↓ muito baixeiro que eles chamava era manta... sabe?

201. Tipo assim tipo um tapete-só que tem que ela tem 1 metro o tamanho dela é 1 metro por 60.

202. Pra coloca no lombo do animal.

203. Aí já começou foi caprichando mais... é pintando as cordas colorindo fazendo... bordadinhos nas nas nos barrados... sabe? fazendo bordados nos barrados nas mantas de um lado e de outro né? o que ficava a vista assim... da cela né?

204. Aí foi foi criando né? [(as coisas)-

Doc: Aí até hoje tem essa cultura-]

205. Graças a Deus até hoje NOSSA aí foi vindo dos dos pequenos tapetes veio passadeira

206. Aí os turistas foram chegando.

207. Ai ela- já num existia mais ela já tinha falecido né?

208. [(Aí já veio o pedido)-

Doc: mas outros já sabiam

209. já sabiam já as pessoas que foram aprendendo... sabe?... entendeu?

Doc: ah legal. Então foi por uma... por um favor que começou essa cultura do tapete.

210. isso... é

211. Cê lembra as pessoas- elas elas ficavam quietinha na família... fazendo... é claro né?

212. Aí alguém que interessou a fazê igual teve- é engraçado sabe? teve até duas senhoras que enquanto a minha avó não estava assim a minha avó plantou a pita no terrero da casa dela.

213. A chácara é GRAN::DE lá.

Doc: planto... planto o que?

214. a piteira... a pita o cizal né? aqui eles chamam de pitEira.

215. Mas é o cizal é da família do cizal... né?

216. mas na época todo mundo falava tapete de pita tapete de pita... entendeu? né?

217. E... aí ela plantou na casa na casa dela também porque ela tinha que busca longe viajava assim nos arredores longe pra busca a piteira sabe? né? pra pode bate.

218. Ela colo-olha ela nem vinha na beira do rio.

219. Lá na casa dela...

220. lá no começo lá em cima da rua.

219. tinha água demais.

221. Então ela fez assim onde que escorria da bica escorria assim ela fez tipo um como é que eu posso fala? um... um rasgão assim um rego que eles falam um rego alto ↓ e calçou tudo de pedra ↓ ali ela... ela represava água dexava a pita ali mesmo lavava na bica... de tanta água... que tinha na bica na casa dela né? ela lavava em casa mesmo... a piteira.

Doc: [E aí ela foi inovando fazendo mais-

222. Então... isso.]

223. Então essas duas senhoras-

224. acho que é Dona A... e Dona B. parece ↓

223. elas até tiraram-panharam da piteira dela mesmo lá no cizal dela mesmo lá no terrero né? levaram acho que é pra experimenta né?

225. Primeiro elas ficavam-ficaram- olhando ela tecê.

226. Elas ficavam olhando observando.

227. Ia lá ficava sentadinho olhando elas tecerem.

228. Aí depois que elas aprenderam ↓

229. acho que elas num quiseram ir muito longe né?

228. Aí escondidinho assim elas tira... panharam umas pitas né? umas folhas levaram pra casa e foram tenta em casa... né?

230. Aí já começou daí vem começando mais pessoas aprendendo.

231. Foi assim sabe? (com o passado a gente passa assim) de uma família alguém viu a outra aprendeu a outra também quis aprender né?

Doc: E e hoje essa questão do tapete... é porque é uma... é uma identificação... de Cachoeira do Brumado. Acho que até já passou um... uma reportagem-

232. já já passou

Doc: sobre a cultura daqui né?

233. já passou

Doc: a questão do artesão- da panela de pedra dos tapetes e tal

234. dos tapetes já... escultura e tudo

Doc: mas e hoje... como que ta? A gente tava conversando sobre o turismo né? Essa questão do turismo num ta sendo uma coisa muito investida aqui né? E a relação do tapete porque o tapete ta muito ligado ao turismo também né?

235. ta... claro

Doc: porque se num vem gente aqui... num vende tapete

236. num vende o tapete

Doc: e como é que tá isso tudo aí?

237. Ah o turismo aqui é... piorou muito qua- ta mu:::ito assim... como que eu falo? nossa teve uma época... boa sabe? que mais uma época mesmo bem alon-alongada mesmo alongada... de turismo aqui sabe?

238. As pessoas vinham também assim... fora aquelas pessoas que faziam pedido... sabe? eles vinham aqui no lugar mesmo pra busca.

Doc: mas o que que aconteceu que isso mudou?

239. Eu não sei sabe? eu a até eu fiquei assim... pensei assim...

240. é que aqui tem um escultor muito-seu A. ele faleceu ele também era muito importante aqui... sabe? a procura dele cê entendeu?

241. Porque tem aqui Ouro Preto Ouro Preto ajudou muito Cachoeira do Brumado... sabe? divulgando.

242. Ah havi-tinha umas mulheres aqui que levaram para Ouro Preto os tapetes.

243. E lá com o turismo né? lá ficou assim o turismo estava focado em Ouro Preto ↓ então lá (as pessoas) foram conhecendo também os tapetes.

Doc: Então queria sabê daonde que vinha ↓ e vinha pra cá

244. () Cachoeira do Brumado.

245. Eles e eles traziam as pessoas aqui.

246. Os donos de hoté::is...

247. Aí já veio também com aqueles guia turístico né? eles também já vinham trazê.

248. “Onde que faz os tapete?”

249. “Onde que tem escultura?”

250. Ah Cachoeira tem um tal de seu A.P. lá ele foi o primeiro né?... entendeu?

251. Aí eles traziam né? vinham tinham aquela... aquele prazer de trazê aqui.

Doc: E ocê acha que hoje o turismo-

252. Eu num sei se... depois da morte dele eu não sei se... porque o porque eu não sei se saiu... pra fo-pra outros lugares parece né?

253. O pessoal tem ensinado assim levado pra fora... o o como fazer o tapete

254. Eu num sei se é isso sabe? (Mas) eu num consegui assim mas... tá fraquinho.

255. Ainda tem algumas pessoas assim que... acho que compra mas só faz pedido mas pouca muito pouco... sabe?... muito pouco.

Doc: e em relação ao ritmo de vida T aqui de antes assim cê acha que hoje ta mais agitado a violência tá maior ou aqui Cachoeira do Brumado a coisa ta mais tranqüila continua mais ou menos do mesmo jeito que que cê acha?

256. Assim sobre violência...

257. é eu acho que... tem uma época que eu acho que parece que num sei se por cau- se é civilização... fa-falta de educação eu num sei... parece que as coisas são mais assim no peito alguma coisa assim né? mais agressiva eu acho.

Doc: teve essa época?

258. Teve uma época assim eu acho que teve ás vezes eu vejo fala assim né?

259. Mas agora não... não eu num acho não.

260. Assim tem assim eu num sei () eu acho muito no no desrespeito assim tem muito barulho

261. por exemplo naquela época... tinha posto policial.

262. Tinha posto policial aqui.

263. Tinha delegado sabe? subdelegado que eles falam.

264. Eu sei lá eles olhavam assim os acontecimentos sabe?

Doc: E hoje-

265. Aqui hoje num tem.

266. Num tem nem um posto policial.

267. Eu acho que precisa... sabe?

268. Ho-hoje em dia o que ta cê sabe no país né? no mundo todo as drogas né?

269. Eu acho que é isso mais quando vê assim uma BAGU::NÇA uma coisa assim eu acho que é nessa parte aí sabe?... de drogas como tá por todo lado... não é? é o vício é o vício.

270. [Droga ta pra todo (bando)]

Doc: E ocê acha que tem esse problema aqui também

271. é.

272. (Todo bando toda comunidade)

Doc: () esse problema aqui também]

273. Isso.

Doc: ah ta

274. eu acho que é isso.

Doc: é... T assim pra gente podê termina. É uma coisa assim que-que-eu queria duas perguntas. Primeiro se você tivesse que... que escolher alguma coisa pra Cachoeira do Brumado que pudesse melhorar o lugar onde você mora né? que cê nasceu aqui ↓ sua história de vida ta toda aqui né? tudo que ocê aprendeu as coisas as experiências que você teve ta aqui nesse Distrito. Se você tivesse que dá de presente alguma coisa pru distrito fazê alguma coisa que que você gostaria de fazê? E eu queria também sabe se você ainda tem algum sonho pra sua vida assim

275. pessoal mesmo

Doc: é se esse sonho talvez ta relacionado com a vida aqui nesse lugar ou se você gostaria... o que que cê queria fazê assim... se ocê pudesse dá de presente pra você e pru Distrito?

276. Dexo eu vê... pru distrito... dexo eu vê... eu num sei to assim... cê fala assim em qual parte?

Doc: não se você pudesse se você quisesse-

277. sei ()

Doc: melhorar. O que que cê acha que podia melhorar

278. mas cê fala como? a melhora... dentro de que?

Doc: pra convivência das pessoas... pru lugar pra tornar esse lugar onde você mora melhor. É nesse sentido. Que que cê-

279. No sentido cê fala assim... na parte econômica... ou não

Doc: num sei. O que que cê acha? A economia precisa melhora? Se a eco- se a economia melhorasse o Distrito ia melhora? Um PRESENTE que ocê falava assim “ah eu queria que isso em Cachoeira do Brumado mudasse eu acho que as coisas iam melhora.

280. Eu nu-olha na parte econômica... presta atenção ↓ dentro do artesanato eu já eu já- eu já tive assim... tinha vontade sabe? de... que alguém fizesse- trouxesse praqui uma:: por exemplo aqui os rios num- isso isso é certo então vou fala que é um sonho que eu penso já tive vontade de pi- manda uma carta... pra um::... um político por exemplo o presidente da república ou alguém assim

281. Eu num sei se todas as pessoas iriam concorda comigo.

282. Por exemplo... a gente anda comprando cizal na Bahia.

283. Então tudo quanto por exemplo cê compra aí vem o frete vem tudo vem encarecendo.

284. Nós aqui temos a piteira ↓ que é nossa mesmo.

285. Ela era:: apurada no rio nos rios... aqui no rio de Cachoeira.

286. Mas agora num pode mais porque esse rio tem esgoto... caindo nesse rio.

287. Então já num é mais um rio limpo.

288. Que as pessoas possam fica lá dentro da água lavando a pi- a pita cê entendeu?

289. Então é o que eu gostaria assim da parte econômica pra- dentro do do tapete falando da tapeçaria... uma máquina pras pessoas terem assim...

290. Como se fosse um moinho de fubá.

291. () A pessoa tem o milho vai lá moer né? como muitas pessoas fazem.

Doc: anham

292. Então as pessoas iriam por exemplo poderiam plantar mais piteira e iriam lá ter essa máquina pra lava... a pita e usa aqui mesmo... do do nosso né? é:: do nosso-

Doc: sem precisa trazê da Bahia

292. é:: da nossa matéria-prima mesma aqui... entendeu?

293. Seria bem melhor.

294. Seri-ganharia mais né?... entendeu?

295. O custo era menos porque a pessoa ia lá passava assim... uma caminhonetizinha ou então () uns animais uns burros... é:: cinco animais cheios de pi- de piteira da fo- da folha de piteira.

296. Ia lá passava por exemplo... mesmo que eles cobrassem uma taxazinha... pra... pra...

Doc: pra investi nisso

296. isso pra pode conserva a máquina alguma coisa assim.

297. Se ela ficasse num local:: com alguém que cuidasse ali que ficasse atendendo as pessoas... entendeu?

Doc: então isso é uma coisa que cê queria mudar?

298. [é:: da parte econômica né? a economia porque a economia

Doc: e e pra sua-

298. ela é bom] através dela... tudo melhora num é?

Doc: ta e pra sua vida assim cê tem algum sonho ainda alguma coisa que ocê quer fazê?

299. Pra minha vida... ah meu Deus dexa vê eu sou tão assim sabe? acomodada... eu sou muito acomodada sabe?... entendeu?

Doc: Cê queria então ser uma pessoa mais enérgica assim

300. é:: eu gostaria num queria ser assim parada naum.

301. Queria viajar sabe?

302. Queria ter coragem de aprender a dirigir entendeu? num ter medo né?

303. Aprender- eu tenho vontade de aprender a dirigir mas eu tenho assim um pouco de medo do a- do do do trânsito assim.

304. Eu acho muito sério ta?

305. Tenho vontade ainda às vezes eu fico assim “meu Deus nem que seja pelo meu pelo meu gasto eu tenho que aprender a dirigir” sabe? entendeu?

306. (mas eu sou tão MEDROSA).

Doc: Ah então é um sonho que você tem

307. Isso.

308. E ter assim:: sair mais um pouco eu gosto muito de ficar aqui.

309. Por exemplo eu tinha vontade de viajar... conhecer algum lugar mais voltar.

310. Voltar pra meu lugarzinho

Doc: só pra passear que você queria

311. é.

312. Tinha que volta né?

313. Mais sou preguiçosa demais pra viajar.

314. Como sou.

315. Muito preguiçosa.

Doc: Então nem é questão de recurso nem de tempo. É questão de MOTIVAÇÃO.

316. não não não mas também isso.

317. Que às vezes a gente tem assim... é:: um recurso que num seja uma viagem lon::ga... [assim

Doc: mas que poderia-

318. isso né] assim mesmo na ca- igual eu às vezes recebo convite de amigos da minha madrinha ↓ “vem cê vai esperar”- ela ela a minha madrinha até falou comigo assim “ah acho que só quando eu morrer que ocê vai vim”.

319. Eu falei “Ih aí que eu num vou mesmo” (risos)... num é?

320. Nossa num queria ser assim não queria ser mais assim... ativa sabe?

Doc: tá certo

321. né () eu acho que sou muito PARADA assim

Doc: [mas é uma coisa que ainda tem tempo né? (risos)

322. é. (risos)

Doc: que ainda tem tempo né?

323. é (vamo vê)

Doc: de você fazê uma viagem tira uma carteira quem sabe se ocê tira carteira cê fica mais animada

324. isso né? isso mesmo

Doc: num é? Te motiva né?

325. pra sair né? que um carrinho assim... mais ou menos

Doc: é e você vai pensa já tirei a carteira já tirei a carteira e... e dei conta né? então por que que agora também eu num vou fazê a outra coisa que é sair um pouco assim

326. é... isso mesmo... isso que eu pensei...

327. Hoje mesmo sabe? eu tava pensando assim... gente que a minha prima teve aí ela mora em Belo Horizonte então ela teve aí ontem aqui... aqui em Cachoeira... ela foi só na casa do meu irmão ali embaixo.

328. Lá em casa ela chamo lá mas ela é tão... eu falei burrinha né? devia ter a- o- aberto a porta ↓ e entrado né?

329. Que ela num é uma estranha não é mesmo?

330. Então ela sabe ela já teve aqui em casa.

331. Diz que chamou e a casa é muito grande igual cê viu lá a gente num ouviu.

332. E ela tava em trabalho com os colegas dela parece que... vendendo produtos.

333. (Nós) tava em MARIANA.

334. E:: aí ela resolveu dá uma chegadinha aqui.

335. Então eu tava pensando ela ta dirigindo né?

336. É hoje eu tava assim pensando... num sei eu podia bem ir pra Belo Horizonte tira minha carteira lá... sabe?

337. Aprender lá naquele trânsito maluco.

338. Aí eu perco o medo fico melhor porque lá é mais complicado o trânsito ()

Doc: tá certo. Cê vai fica mais segura

339. é eu tava pensando isso aí hoje sabe?

340. Quem sabe eu vou fico na casa do meu tio numa próxima férias.

341. Aí pego uma auto-escola lá dentro da cidade mesmo.

Doc: É uma oportunidade né?

342. Nossa mas eu sou muito parada- eu num to te falano que eu sou assim muito... medrosa.

343. Eu já tive oportunidade de aprender com meus irmãos sabe?

344. Aí eu eu atrope- atropelei assim mais ou menos né?

345. O moço... deu uma encostada nele ↓ e daí acho que fiquei um pouco assim-

Doc: traumatizada

346. é... eu acho que... isso.

347. Mas não assim num machuquei o rapaz naum.

348. Ele só quando viu que tava encostan- eu arrumei meus recursos né?... no carro.

349. Num sabia ainda breca porque eu tava começando a aprender.

350. Então o meu irmão ↓

351. ele já até faleceu ↓

350. ele era muito voadão.

352. Bom motorista mas- eu acho assim... quem tá ensinando a pessoa tem que fica ligado no que ela ta fazeno né?

353. E ele ficou olhando as namorada lá mexeno com as namorada e me dexa né?

354. E o moço na minha frente já vai num saía da minha frente.

355. Eu falei “meu Deus esse moço meu irmão aqui” eu num soube o que fazê ↓

356. Eu só tirei o pé do acelerador sabe?

357. Tava de primeira só... tirei o pé do acelerador aí o carro foi acho que morreu::no assim... perto do moço.

358. Quando ele sentiu alguma coisa assim encostando nele ele deu um pulo... [caiu do outro lado.

359. Então (acho que) fiquei um pouco traumatizada

Doc: ta certo. Então é uma coisa que cê qué fazê?

360. é]

Doc: tá certo.

361. Ah eu tinha vontade acho tão legal.

362. Ou mesmo pra saí né?

363. Ah gente vão em tal lugar?

364. Aí vai de carro mesmo

Doc: tá certo

365. né?

Doc: Então ta jóia muito obrigada T.

366. Ai ai... por nada.

Doc: Eu acho que deu aqui pra gente podê...

(I3G2MRF)

Nome: STR **Idade:** 58 anos **Sexo:** masculino **Área:** Cachoeira do Brumado **Rede:** Forte

1. D. é:: a gente está aqui ()... que eu vi... sobre as perguntas né?

2. Então meu nome é S.T.R.

3. Minha idade é... quarenta e... cinqüenta e oito anos.

4. Nasci aqui... nessa casa onde eu moro.

5. Toda vida eu vivi minha vida aqui.

6. Desde a infância até hoje... na mesma casa.

7. Na mesma rua.

8. No mesmo lugar (lá) Cachoeira eu conheço tudo aqui.

Doc: e aí agora o senhor eu queria que o senhor me contasse como que era:: então o senhor disse que morou aqui sempre né? Como que era a sua vida aqui no início, como é que era a sua vida com seus irmãos, com sua mãe, por que que o senhor continua nessa casa, como é que foi?

9. () Toda vida a gente viveu aqui.

10. A gente desde pequeno... viveu uma vida bastante difícil porque... aquela- hoje nós vivemos num outro mundo né? Em vi- em vista do que a gente viveu mais hoje é- hoje é outro- outro mundo...

11. porque naquele tempo a gente num tinha nada...

12. é:: a casa é a mesma ↓ mas a:: a diferença é muito grande porque naquele tempo a gente nem tinha nenhum calçado pra calçar... vivia assim... com muita dificuldade né?

13. Nós éramos doze irmãos.

14. Depois- eu sou o último.

15. O caçula sou eu o último.

16. Os outros já... alguns já morreram mais ainda tem sete ainda.

17. E naquele tempo a gente num tinha nada num tinha... até uma cama pra dormi era... era meio difícil.

Doc: dormia mais ou menos todo mundo junto?

18. é tudo de qualquer maneira que... a cama tinha aquelas travessas de imbaúba... aqueles colchão de... capim... sabe?

19. Não é hoje que tem colchão de espuma ↓ tudo arrumadinho- (como tem não).

20. Naquele tempo era colchão de capim era tudo...

21. se a gente () se a gente conta parece até mentira.

22. Mais hoje a vida que a gente vivi é é muito diferente daquele tempo.

Doc: ah e era quantas pessoas que morava na casa do senhor?

23. Naquela época naquele tempo a gente era mais ou menos... quando eu nasci dois irmãos meus já tinham casado () ainda eram dez ainda

Doc: Então o total sua mãe tinha doze filhos

24. doze é.

Doc: E como é que era a sua vida assim que que cê fazia do seu dia a dia cê trabalhava o dia todo como é que era

25. quando a gente cresceu depois que a gente cresceu começou a planta roça.

26. Ficava mexeno (na roça) trabalhava na roça.

27. Depois da roça... a gente começou a fazê as panela... mexe com as panelas de pedra...

28. mas tudo muito difícil... tinha que vê... () não não existia estrada.

29. Tudo tinha que ser- ah- ah- é através de animal... montado no cavalo... pra sair andano pras estradinha a fora.

30. Num tinha carro.

31. Primeiro carro que surgiu aqui em Cachoeira... que teve aqui... eu tinha... uns seis anos mais ou menos... há oito anos mais ou menos.

32. Primeiro carro que teve aqui.

33. Que quase ninguém- a gente nem conhecia carro.

34. Num sabia que que era isso.

Doc: ah ta... e e como que era a vida dos cês aqui tinha divertimento era-

35. não num tinha nada.

36. Aqui depois que a gente foi crescendo virou rapaz... simplesmente a gente jogava futebol aos- aos domingos.

37. Somente no dia domingo- a gente ficava aflito pra chega o dia domingo ↓ pra gente joga bola (risos)

38. A gente num tinha mais nada pra fazê

Doc: o divertimento era joga futebol?

39. não existia mais nada pra fazê.

40. Só joga futebol.

41. Chegava domingo a gente escrevia aquelas cartinhas pras... pras moças (risos)

42. Cada uma delas é:: dava uma ofertazinha de de...

43. naquele tempo era um cruzeiro... nem sei como é que fala era o dinheiro como é que era.

42. Sei que elas dava um um tiquinho pra nós ajuda pra nós compra camisa pra... pra nós joga futebol.

44. E com MUITO sacrifício nós conseguia dois time.

45. Sempre era um time ↓ tinha que por uns bem ruim mesmo que num valia nada pra joga pra inteira os time porque num tinha ninguém.

46. (Nós) era tão pouca gente ()

Doc: então tinha muito pouca gente que morava aqui

47. pouca gente é poucas pessoa.

48. Tinhas as casa tudo antiga tudo diferente.

49. E hoje foi mudano né?

50. Eles foi derrubano as casa antiga acabano com tudo ↓

51. e:: modificou a Cachoeira cresceu demais ()

Doc: Ah ta e come- e come que foi que começou Cachoeira do Brumado o senhor sabe? Como é que foi-

52. minha mãe minha mãe contava pra mim que começou com essa casa onde eu moro ↓ e essa outra de cima aí que é da T.

53. As duas primeiras casas.

54. 300 anos que elas têm... ou mais de 300.

55. E as outras que tinha por aqui eles derrubaram elas todas.

56. Ficaram (essas) duas e mais uma ali que é a terceira três casas só... que tem aqui na praça aqui... no lugar aonde:: começou Cachoeira.

Doc: ah ta. O senhor disse que:: ocês tinha como divertimento joga futebol... os RAPAZES né? mas e as moças... que tinha? Ou num tinha moça aqui era tudo mais rapazes?

57. não tinha muita moça ↓ mas só que tem que a coisa era bastante diferente dos dias de hoje né?

Doc: Como que era?

58. naquele tempo não tinha nenhum... não tinha um salão de baile não tinha nada.

59. A gente fazia um:: quando a gente queria é:: (ir num) fazê uma festinha () a gente pegava e comprava às vezes juntava eu minha sobrinhas ↓

60. () tudo da minha idade ↓

59. punha o radiozinho pra toca que o pai dela tinha... e as músicas que tocava no rádio nós dançava.

Doc: ah então juntava todo mundo. E cês reuniam aonde? Na casa-

61. na casa da da minha sobrinha.

62. Era minha sobrinha aqui do meu irmão aqui pertinho de mim aqui.

Doc: E como que eram os namoros assim? Como é que é que saiam os casamentos?

63. Os namoro eram MUITO diferente era... assim cada um tinha muito respeito né? num tinha esse negócio de namora e... (já) ia chegano... pono a mão na pessoa não.

64. Isso por um aca- por um acaso acontecia a pessoa deu a chance de... de dá um beijo sequer.

Doc: mas era tudo rápido escondido.

65. tudo rápido escondido.

66. Cada um tinha- o pai num podia sabê que a menina- que a menina (tava namorano) na rua.

67. Tinha que chega e comunica com ele.

68. Se não achava ruim né?

69. E naquela época era muito diferente.

70. Se acontecesse um caso qualquer com a moça...

71. o rapaz tinha que escolher ↓ ou ele morria... ou ele sumia...

72. então ele desaparecia (mas) ele tinha que casa com ela de qualquer maneira.

Doc: mesmo se ele não gostasse dela?

73. mesmo se num gostasse ele tinha que casa

Doc: ah ta... e e os casamentos era mais assim por que gostava um do outro ou- ou pai e mãe interferia muito falava-

74. interferia demais.

75. Tinha um tal de... de escolhê.

76. Fulano num serve, fulano num serve.

77. Esse rapaz (aí) esse rapaz num serve essa moça num serve.

78. Eu acho que cê tinha que ser... mais pru gosto deles.

Doc: E o que que era um rapaz que servia na época?

79. tinha que ser trabalhador.

80. Trabalhar muito.

81. () ser bom de serviço.

82. Se não trabalhasse tivesse as mãos calejada ele num valia nada.

83. Se as mão fosse limpinha como hoje ↓

84. eu to velho minhas mão limpa aqui ↓

83. num valia.

Doc: tinha que ter a mão

85. a mão toda cheia de de de calo.

86. Aí esse aí era bom.

Doc: mesmo que ele fosse um homem:: rude mulherengo num interessava

87. num importava ↓ importava que ele era que ele era trabalhador... sabe?

Doc: e as moça tinha que aceita?

88. é aceitava.

89. (Minhas irmãs) minhas irmãs pelo menos aconteceu assim... é:: muitas delas... eu tive irmã que casou... com que meu pai escolheu pra ela.

90. “Cê tem que casa com esse aí”.

91. E ela casou.

92. Só tem que ela num gostava viveu a vida inteira até morrê ele morrê elas dois

Doc: sem gosta um do outro?

93. mais... ela não tinha amor por ele...

94. num tinha...

95. ela falava comigo “eu nunca amei ele ↓ mas vivi porque meu pai- eu queria casa com a outra pessoa mas ele não dexô.”

Doc: num dexô porque ele num era trabalhador?

96. é porque achava que era:: vagabundo

Doc: e ás vezes nem era né?

97. não era ↓ depois com o tempo a pessoa chega no lugar e () pessoa... trabalhadora e honesta direitinho né?

Doc: ah tá

98. e terminava- mas só que tem aconteceu com minha última irmã:: diferente.

99. Ela foi passear em Molevade namorou com um rapaz lá.

100. Veio com ele aqui chego aqui... minha mãe num- eles num agradaram muito mas ela falou assim “ou eu caso com ele ou eu vou embora com ele”.

101. Aí ela dexô (mas) num fez nem festa pra ela.

102. Casou assim mesmo e foi embora

Doc: mas ela foi feliz com com

103. () foi feliz.

104. Viveu 46 anos com ele.

105. Ele morreu tem... tem menos de 1 ano.

Doc: Mas ela sempre gostou dele?

106. sempre gostou.

107. (principalmente) com a última aconteceu isso.

108. Ela ela bateu o pé falou assim “eu não caso com quem cês qué caso com quem eu quero.”

Doc: mas cê acha que por exemplo a sua outra irmã que casou com com quem o seu pai escolheu se ela tivesse batido o pé o seu pai tinha dexado?

109. ah eu acho que era mais (durão) naquele tempo- sei lá o tempo foi passando passando cê sabe como é que as coisas vão modificando né?

110. e:: ele era muito rívido.

111. Só uma raspada de garganta dele dentro de casa todo mundo já saía fora (risos)

Doc: ah ele era bravo?

112. é

Doc: e sua mãe já era mais mansa?

113. não minha mãe também era... era brava também mas só que tem que ela ela... assim... ela num aceitava.

114. Quando (minhas irmã namoro aqui) cê vê a casa que cê que cê conhece que eu moro nela aqui oh ↓ cê vê que um rapaz namorava aqui, ele lá na rua, ela aqui na janela, minha mãe dava (tiro) na gente chamava de regatero.

115. É num podia nem encosta- minha irmã casô a mais nova casô pode pergunta pra ela até hoje o rapaz num encostou nela a mão ↓ nem deu um beijo nela pra casá com ela.

116. Só deu o beijo depois de casado.

Doc: nossa mãe

117. era muito diferente.

118. Num é hoje- hoje (que é do jeito que a) gente vive

Doc: mas e os rapazes podia escolhê a mulher? Ou só a menina- a mulher que tinha o pai tinha que escolhê?

119. não eu- até na minha época até que chegou no meu tempo... é:: ainda minha mãe mais meu pai interferiu ainda no meio ainda.

120. Se achasse- toda namorada que eu arrumava eles- muitas eles achava ruim

Doc: às vezes o senhor gostava dela e eles num

121. não achava ruim.

122. Falava que num podia... namora.

123. (Não sei quem) num prestava num sei o que... tinha aquela história.

124. Até que eu acertei uma que eles num falou nada.

Doc: ah ta. [Até que-

125. sabe é unh

Doc: que deu certo né?

126. é desse jeito.]

Doc: mas as moça num podia namorar muito não né seu T.?

127. [não no máximo-

Doc: tinha que ser um namorado SÓ

128. um só e olhe lá se passasse mais de um ano já tava muito

Doc: tinha que casar rápido?

129. é.

130. Era rápido.

131. Todo ano casava uma das minhas irmãs.

Doc: nossa porque era dez filhos né? Então tinha muito casamento.

132. Todo ano uma casava.

133. Dificilmente (um ano num passava... só casava só seguida)

134. e depois ficou só eu sozinho aqui.

135. Junto com a minha mãe e meu pai.

Doc: ah então isso que eu ia pergunta ↓ como é que foi essa questão igual essa casa é muito antiga e o senhor nasceu nessa casa cresceu nessa casa morou nessa casa casou né? e continuou morando aqui. Como é que foi isso?

136. durmo no quarto que eu nasci até hoje.

Doc: no mesmo quarto que você nasceu você continua nele?

137. é no mesmo.

138. No mesmo que eu nasci eu ainda continuo nele até hoje... ainda durmo nele até hoje.

Doc: mas e como é que foi por que- como é que foi essa passagem da casa da sua mãe pra você? Como é que isso aconteceu?

139. aconteceu que depois que meu... que meu pai... antes do meu pai morrer... aí meus irmãos casaram todos.

140. Casou os homem casou as mulhé.

141. (Então) todo mundo casou ficou ninguém aqui em casa só eu... de último.

142. Aí (meu pai) falou assim “oh todo mundo tem casa”.

143. “Agora quem não tem é só ocê”.

144. Então fez- ele preno meus irmãos todos a assina a desistência da casa e eu fiquei com ela.

Doc: ah então foi um acordo que ele fez?

145. foi um acordo que ele fez com eles é.

146. Falou com eles “cês tem que assina”.

147. Todos vocês tem que assina.

148. Homens e mulheres.

149. Os casados todos a mulher e o... a mulher e vocês e e os esposos delas também” e-

Doc: mas e o que que seus irmãos acharam disso? Eles concordaram ou teve algum que-

150. Concordaram.

151. Aceitaram e... e eu fiquei com eles.

152. Só eu morando com eles (porque) todo mundo já tinha casado.

153. Ele passo a casa pra mim... uso-fruto quando quando eles morressem seria minha

Doc: ah tá

154. e aí aconteceu.

155. Meu pai morreu.

156. Passou os tempo também minha mãe morreu e eu fiquei na casa até hoje.

157. Cuido dela do mesmo jeito até hoje.

Doc: e o senhor tem o maior carinho com a casa né?

158. sempre taí... cuidando igual cê vê né? a casa é antiguíssima ↓ mas eu (trago) ela sempre limpa () arrumada.

159. Né? sempre arrumada.

Doc: e e o senhor pretende:: como como é que vai ser essa casa... vai continua na família né? vai continua passando

160. é vai continua pra... aquele que gosta mais dela né? (risos)

Doc: [que mais cuida dela né?

161. que mais gosta dela].

162. Porque num adianta deixa pra dois- eu tenho três né? três filho.

163. Eu vou dexa pra um que num... que num gosta da casa ele derruba ela.

164. Então eu tenho que- fazê igual muitos aqui fizeram.

Doc: e e até isso sobre isso que eu ia pergunta. Esse negócio de fica derrubando as casa aqui né? tem muita casa antiga –

165. acabaram com tudo.

166. Só tem-

Doc: mas por quê? O que que aconteceu?

167. É porque o pessoal hoje veio com a diferença de... de acha que as coisa velha num presta.

168. É ruim.

169. Eu pelo menos meu filho tá cansado de fala pra eu derruba essa casa e fazê outra nova.

170. Eu falei “eu jamais vou fazê uma coisa dessas”. Né?

Doc: num pode né?

171. então eu tenho que deixa pra um dos três que gosta mais dela que acha que convém continua a lembrança aí pra eles.

Doc: ah tá.

172. Agora se nenhum dos três achar que não... né? talvez um neto possa quere também alguma coisa né?

Doc: o que o senhor qué é que a casa continue-

173. é continue porque:... eu acho que nem... se for se o mundo durá daqui há cem anos ainda...

174. ela vai ta aí a mesma coisa do mesmo jeito.

175. Ela num tem por onde estraga nada.

176. A gente acaba ela fica. Né?

Doc: É uma casa bem feita.

177. minha mãe viveu aqui só ela viveu aqui 83 anos... é a mesma casa.

178. Se se ela mais meu pai tivesse aí... meu pai tava com cento e:... e oito anos e ela tava com 103 e a casa a mesma casa.

179. E ele criou todos nós aqui.

180. E eu já tenho quase 60 anos to aqui até hoje.

Doc: ah ta. E o senhor é satisfeito de mora aqui? O senho queria ta em outro lugar o senho queria ter uma outra casa ou o senho gosta dessa casa?

181. Não eu- igual eu te falo eu tenho eu tenho outra casa né? igual eu tenho lá embaixo ↓ mas gosto lá da outra casa que eu tenho mas a:: onde a gente acostumou...

183. eu num num quero (ninguém) se for pra vender pra uma pessoa de fora eu jamais vendo.

184. Muitas pessoas já quiseram compra mas eu num vendo pra uma pessoa de fora.

185. Eu acho que num dá pra por uma pessoa de fora aqui ↓ porque eu tenho meu familiares fora e todos eles que vêm vêm aqui em casa.

Doc: então o senhor qué preserva essa casa?

186. Igual... eu tenho minhas irmã que mora aí em Molevade que têm parente em () muitas parte... dessa Minas Gerais aí ↓ todos que vêm vêm aqui em casa... fica aqui com a gente.

187. Então eles... gostam daqui da casa.

188. Acham a casa... () que é bonito que que ninguém faz mais... esse- esse tipo de coisa né? hoje tudo é feito com cimento com... com ferragem com tudo ↓ agora não aqui tudo é braúna tudo é pau (risos)

Doc: e... é... se T. () essa questão de família e tudo. Como que é o relacionamento das pessoas aqui em Cachoeira do Brumado? Porque todos eles são parentes né? [de uma maioria eles são-

189. grande parte aqui é parente]

Doc: são pessoas mais ligadas por isso ↓ mais família todo mundo conhece todo mundo como é que é esse- a relação das pessoas aqui por serem parentes como é que as pessoas vivem aqui?

190. eu acho que vive até bem sabe? todo mundo-... ainda bem que a gente num vê fala nada de... nem de confusão nem de... né? nem de... de alguém... que é muito diferente que o outro nem nada naum.

191. Todo mundo convive muito bem.

Doc: mas assim de alguma forma todo mundo conhece todo mundo

192. Aqui todo mundo conhece todo mundo sabe quem é quem.

Doc: [e vai um na casa do outro

193. todo mundo conhece sabe qual é que é ↓ de que família que é de quem que é.

194. Se acontecer uma coisa se um filho- se um neto meu vai ali- que eu num vou () filho se um neto-

195. que os meus filho hoje tão tudo criado.

194. mas se se um neto meu for lá e mexe com um menino de alguém ↓ eles vêm cá e fala comigo “seu neto mexeu com o menino tal tal assim assim”.

Doc: [tem intimidade pra isso

196. tem intimidade pra fala é] falei “pode fala” é.

Doc: Isso é tranqüilo entre vocês assim?

197. é tranqüilo num tem essa de que reclamo não ↓ tem é... se fez errado tem que reclama.

Doc: ah e aí hoje antigamente devia ser assim as pessoas que moravam aqui casavam entre as famílias né? Os próprios filhos de uma família casavam com os filhos da outra família

198. [é ninguém casava ()... no princípio mais ↓ mas depois-

Doc: e agora?

198. foi modificando né? foi a gente ia numa festa já namorava uma moça lá na festa igual eu pelo menos já fui numa festa lá já namorei com a... com G. () de LONGE né?

Doc: E aí-

199. (Ela veio com quem não é) nada meu né?

Doc: ah ta já trouxe pessoa de outro lugar

200. de outro lugar pra cá

Doc: e veio pra cá

201. é e assim que eles chegaram.

Doc: e e o senhor assim por exemplo na na na criação dos seus filhos por exemplo... o senhor teve três né?

202. é

Doc: o T. é mais velho

203. mais velho

Doc: a M. e depois a a J. Da criação pra do T pra até a criação da J. tem muita diferença? O que que o senhor acha?

204. (do dentre) quando eles era pequeno...

205. foi mais ou menos que ela tem 6 anos de diferença de de M. e sete de diferença de T.

204. Foi ensinados no mesmo ritmo né?

206. A diferença que teve somente porque a J hoje... o mundo que a gente vive agora não é quando M. casou há 8 anos atrás 10 anos ↓ porque a M. estudou formou mas... num foi fazê faculdade em lugar nenhum.

207. E a J. já foi fazê as faculdades ↓ aí ela já teve que ser liberada ela já num pode fica presa igual a M. ficou.

Doc: mas o senhor achou ruim de ter que liberar ela?

208. é fui obrigado porque ou queira ou não queira eu tive que liberar... de qualquer maneira

Doc: ah

209. vai ter que ficar sendo simplesmente da minha confiança

Doc: mas o se- hoje é [satisfeito né? dela ter

210. satisfeito porque hoje ela ta com... com uma faculdade completa e a outra quase completa né?

Doc: a do mestrado né?

211. a do mestrado as duas as duas faculdades ela ela ta (graças a Deus) ta sendo vitoriosa né?

Doc: ah ta

212. então ta ótimo.

213. Ela num () e e também eu sei co-... ela ela foi do jeito que ela foi ensinada eu creio que ela num faça as coisa fora do caminho.

Doc: o senhor confia nela?

214. eu confio é.

Doc: ah ta certo. E em relação assim oh era menos pessoas aqui em Cachoeira né? aí o tempo foi passando e o número de de famílias foi aumentando. Como é que foi essa-

215. oh naquela época essa parte da praia aqui embaixo aonde eu tenho a minha casa lá a outra casa... ali tudo era campo.

216. Campo de futebol ()... aquele grupo escolar ali era o campo de futebol nós jogava bola ali.

217. Ali aqui tudo virou casa grupo fez tudo fez o campo do outro lado.

218. Hoje num tem mais-.

219. Quando vinha um parque um circo pra cá ↓ todo mundo acampava lá embaixo.

220. A gente ficava até doido quando vinha circo praqui.

221. Todo mundo queria ir no circo.

222. Cê arrumava dinheiro onde que arrumasse.

223. Mas tinha que ir no circo porque num tinha nada pra vê↓ e nem fazê... né?

224. A luz aqui num era essa luz.

225. Era uma luz... que nem um tumatim lá no poste.

226. Cê num enxergava nem nada no meio da rua.

227. Uma luz vermelhinha que era criada daqui mesmo da cachoeira aqui em cima.

228. Então era tudo diferente.

229. (Então) quando tinha um parque aqui que chegava aqui um circo ↓ nós ficava em tempo de fica doido a a juventude toda pra pra ir no no parque no circo (porque) num tinha nada pra fazê.

230. Durante a semana... se ocê num fosse dormi 8 horas... era tudo escuro.

231. Num tinha nada.

232. () num tinha nada era tudo limpo tudo liso.

233. Hoje aumentou aqui mais ou menos na faixa de... eu acho mais ou menos... () 300 casa a 400 mais ou menos.

Doc: há mais do que tinha::

234. bem mais é bem mais.

Doc: e e agora o ritmo de vida. O ritmo de vida antes era bem mais tranquilo do que é hoje ou num mudou muito não?

235. era mui::to pesado.

236. Porque primeiro a gente não tinha dinheiro.

237. Se você quisesse dinheiro tinha que pelear cê custava pra ganhar um pouquinho de dinheiro fazendo umas panela ou trabalhando (dia) pru outros ganhando um tiquim.

238. Era uma dificuldade tremenda.

239. Pru cê compra uma roupa... um sapato... uma coisa assim mais bunitinha- se a gente quando era mais no- a gente era novo ↓ se a gente pegasse uma roupa da gente e fosse na igreja ↓ a gente tinha que chega tira e guarda ela.

240. Era aquela que a gente podia usar.

241. Deixa (pro dia que a gente fosse pra) festa.

242. Porque se não você gastava ela cê ficava-

Doc: sem roupa pra ir pra festa.

243. agora hoje olha a diferença de hoje eu compro uma roupa... eu compro duas três quatro camisa hoje amanhã eu já usei tudo já num to nem aí pra elas e acabou.

Doc: então os jovens de hoje daqui de Cachoeira tão bem diferente dos de antes?

244. hoje... hoje... hoje eles num:: (eles vão) fala que cês são rico.

245. Em vista do que a gente viveu eles são rico.

246. A gente num tinha nada.

Doc: E e em questão de violência de desrespeito ↓ como é que era- como é que é hoje? Mudou muita coisa?

247. tinha sempre nunca deixou de existir as pessoas que num presta.

248. Aqui tinha... um grupo aqui de uns quatro ou cinco aqui que... num é desmerecer mas se a gente tem que falar a verdade eles num valia nada.

249. Era brigador.

250. Co- quando chegava dia de sábado e domingo ↓ eles começava nos buteco ↓ e com pouco a briga era certa.

251. Era muita briga mesmo e briga pra valer mesmo.

252. Eles brigavam com os outros pessoas de fora que vinham praqui ↓ começava a namorar com uma moça daqui... NÓ brigava com eles batia neles.

253. Pra num namorar com as moça daqui.

Doc: ah

254. tinha aquele ciúme sabe? Aquela contenda.

255. Depois o tempo foi passando... as coisas foram mudando eles viu e eles também- uns morreram.

256. E outros casaram tomaram rumo de de vida.

257. E tem outros até que ta aí até hoje inválido.

258. Mas brigava muito ta inválido até hoje.

Doc: esse que morreram também foi em briga?

259. em brigas também... é

Doc: que eles morreram

260. e acabou que hoje... dificilmente cê vê uma briga aqui.

261. Quase num vê.

Doc: e mas co- violência aqui então ↓ o senhor acha que hoje ta melhor ()

262. ta melhor em vi- em relação tá.

263. Porque hoje cê num vê briga nenhuma aqui.

264. Só () que tem acontecido igual hoje tem toda parte que cê vai tem maconha tem vagabundo tem tudo ↓ mas acontece que eles num mexe com ninguém.

265. Num briga nem nada.

266. Naquele tempo naquele tempo se chegavam umas pessoas de fora aqui ↓ começa- o rapaz começava a namorar com uma moça daqui ↓ com pouco eles encurralava ele... e queria bater nele.

Doc: porque ele tava namorando-

267. porque tava namorando uma moça daqui... é

Doc: ah ta

268. era desse jeito

Doc: e e-

269. e hoje não (naquele tempo)... hoje apesar de ta aí ↓ ... pode namorar até com quem quiser () que ninguém ta nem olhando pra cara de ninguém. (risos)

270. É muito diferente.

Doc: ah ta

271. é aquele tempo era ignorância né? tempo da ignorância da burrice.

Doc: e hoje o senhor acha que ta mais tranqüilo?

272. hoje (ta) mais civilizado mesmo que eles têm essas locura deles aí ↓ ocê num vê o que tinha mais

Doc: Antes as pessoas ficavam MAIS tempo aqui em Cachoeira e iam menos em Mariana porque hoje eu sei que tem muito esse trânsito né? [Cachoeira Mariana-

273. Cachoeira não tinha estrada].

274. Tinha trios.

275. Quando as pessoas ti- adoecia ↓

276. até no tempo né? que eu já era... rapaz também né?...

275. é:: a pessoa adoecia... tinha que pega... a pessoa... aqui empurrava o...

277. meu irmão meu irmão que tinha um jipe...

275. empurrava ele pra subir a es- a rua praí acima era puro barro... quando chovia.

278. Era um custo pra (ir) pra empurra o carro até chega lá em cima ↓ porque tinha uma estradinha estreitinha.

279. Depois que meu primo ganhou pra prefeito a primeira vez ↓ ele... mandou arruma umas máquina e abriu as estrada tudo.

280. Aí já começou a modifica... começou a muda.

Doc: e hoje esse trânsito Mariana Cachoeira do Brumado é muito grande né?

281. [hoje é grande

Doc: muita gente sai daqui]

282. hoje aqui quase todo mundo tem carro... e:: dificilmente uma casa que num tem um carro ↓ e outra tem tem cinco horários de ônibus... pra ir e voltar.

283. Uma facilidade naquele tempo até um doente pra sair daqui era uma dificuldade.

284. Tinha que carrega na padiola por em cima- (no) princípio quando eu era menino ↓ tinha que arruma... uns negócio dum bambu assim a pessoa deitava ali ↓ tinha que carrega ele até chega lá no asfalto.

285. Pra chega lá pra pega o carro pra (desce pra lá).

286. Porque era só trio.

Doc: ah ta.

287. num tinha nada não.

Doc: ah ta e hoje já é-

288. esse esse asfalto que cê vê agora limpo praí acima arrumadim↓aquilo ali era um trio que só passava um cavalo.

Doc: nossa bem diferente né?

289. é era diferente.

Doc: e a cachoeira seu T. A cachoeira antes era mais limpa era mais bonita tinha mais água ou num ta muito diferente de hoje não? Come-

290. tinha tinha tinha mais água tinha mais água porque o rio... o rio era outro tanto de água deste.

Doc: esse rio aqui embaixo por exemplo era limpo né? aquela água que passa aqui embaixo

291. () mas hoje ele tá sujo porque... o povoado cresceu muito lá pra cima ↓ e naquele naquela época não tinha nenhuma- só tinha alguns sitiozinho pequeno lá em cima ↓ () pode conta quantos tinha.

292. E... e o rio era o dobro da água desse aí.

293. A cachoeira era mais coberta d'água.

Doc: então era mais bonita?

294. Mais bonita é.

295. Só que tem que ninguém usava ela.

296. Ninguém nem... imaginava que ela podia ser o que o que é hoje.

297. Esse tanto de gente essa coisa toda aí.

Doc: ah ta. O senhor acha que a cachoeira é um dos atrativos assim que mais chama as pessoas pra vim aqui pra Cachoeira

298. Acho que é.

299. A única coisa que tem aqui... simplesmente num tem mais nada.

Doc: e antes tinha mais alguma coisa?

300. (antes tinha)- não ninguém vinha aqui por por nada.

301. Antes ninguém vinha aqui pra passear pra visitar nem nada não.

Doc: então o senhor acha que a cachoeira é um ponto que chama as pessoas-

302. é depois que... M. comprou a cachoeira que começou a arrumar lá fez casa fez tudo ↓ foi que chamou o povo foi divulgando ↓ o povo começou a vim praqui e hoje... todo mundo vem.

Doc: ah ta

303. mas naquele tempo passado ninguém NEM imaginava isso.

Doc: ah

304. ela era mais bonita né? Com muito mais água mas ninguém... nem lá os outros iam

Doc: [nem sabia né?

305. nem sabia que a gente tinha valor.

306. Ninguém.

307. (Porque) era todo mundo muito... era tudo... sei lá ninguém entendia nada né? num tinha televisão.

308. Num tinha nada.

309. A gente foi conhece televisão depois de velho.

310. Depois que já tinha o que... ah depois que já tinha mais ou menos mais de... de uns 20 anos ou mais.

311. Eu nem sabia que- ... meu primo falava comigo assim “vai haver uma uma... um... um aparelho que vai trazê as pessoas de onde tá na sua frente pru cê vê.”

312. Eu ria dele falava assim “isso é mentira num vai existir isso não”.

313. “Isso isso é história.”

314. É a televisão que ele falava nela e eu num conhecia tinha mais de 20 anos e num conhecia

315. Olha pra você vê... né?

Doc: nossa engraçado né?

316. hoje uma criança já nasce vendo televisão.

317. Eu já tinha- mais de 20 anos já era rapaz namorador aí e e num num co- num sabia que que era televisão... num sabia que que isso

Doc: num conhecia né?

318. é num conhecia porque num tinha

Doc: e e se o senhor tivesse- o senhor tava falando negócio de muda em outro lugar né? Se o senhor tivesse- o senhor deixaria Cachoeira do Brumado e e iria morar em outro lugar ↓ se o senhor pudesse?

319. Se eu... tivesse condições de de ir ↓ eu escolheria uma cidade pra mim ir nela e morava em outro lugar.

Doc: o senhor tinha vontade de deixar aqui então?

320. unhum é.

Doc: ah mas aí o senhor ia leva a família toda... embora?

321. tinha vontade de morar num lugar assim... num é por nada não ↓ porque aqui é um lugar num é ruim igual cê conhece aqui dá pra gente vivê.

322. Eu já to vivo aqui há quase 60 anos ↓ mas aqui é um lugar que aqui num tem um banco... aqui num tem uma farmácia... aqui num tem quase nada ocê tudo cê tem se ocê- tem que comprar em Mariana.

323. Tudo cê tem que faz- sair daqui ir em Mariana pra fazê.

324. () se ocê quer consultar ↓ tem uma consulta ali que ocê vai lá... cê vai fazê um exame leva 60 60 90 6 meses... a pessoa morre e num sabe se o exame foi feito.

325. Então num adianta nada.

Doc: ah ta. Isso que é a última coisa que eu queria pergunta pru senhor. É:: o senhor assim enquanto pessoa que o senhor deseja alguma coisa assim que o senhor... desejaria pra sua vida ou aqui em Cachoeira do Brumado ou em outro lugar. O senhor ainda tem um sonho assim que o senhor queria realizar ↓ uma coisa pra sua vida que o senhor queria fazê?

326. que eu queria?...

327. ah... eu num tenho muito a sonhar não D....

328. porque eu acho que o... eu num posso a gente o sonho da gente num pode morre... porque se ocê- a a vida da gente é feita de ilusão.

329. Toda a vida da gente é feita de ilusão tudo o que ocê faz nessa vida é ilusão.

330. E vaidade. (risos)

331. Porque o final de tudo é nada. (período de interrupção)

332. mas então é::... tudo é vaidade tudo- tudo termina.

333. Mas a vida tem que ser feita de ilusão... porque se ocê não tiver ilusão na sua vida cê num vive.

334. Tem que ter um sonho ↓ porque se ocê também num sonha com o amanhã ↓ ocê num vai viver também ↓ ocê vai parar no tempo vai sentar vai achar que nada vale nada vai te dá depressão e acabo tudo.

335. Então eu tinha vontade ainda de::... fazê alguma coisa diferente assim...

336. oh eu já sou aposentado... e:: trabalho ainda ↓ mas eu ainda tenho vontade de arruma um outro emprego pra mim na cidade pra mim ta lá no meio do povo passeando e conversando com os outros. (risos) sabe? é.

Doc: ah o senhor é mais assim de conversa né?

337. é anham é.

Doc: ah ta o senhor num queria fica aqui ()

338. é parado aqui durante o dia não.

339. Queria arruma- meu sonho é esse que'u tenho agora somente simplesmente saí de::... arruma um outro serviço pra mim... apesar graças a Deus num to precisano num preciso ↓ mas pra mim diverti um pouco. Sabe?

Doc: mais pra conhecer as pessoas?

340. Mais pra conhecer mais pessoas

Doc: ah ta

341. e ta junto com... com as pessoas que eu acho importante ↓ eu vivi trabalhei 35 anos desse desse jeito e acho gostoso (risos)

Doc: então ta certo

342. (eu acho) muito bom

Doc: então tá certo muito obrigada seu T.

343. Por nada.

(I4G1MRF)

Informante: MMT **Faixa etária:** 32 anos **Área:** Cachoeira do Brumado **Sexo:** Masculino
Rede: Forte

Doc: Eh:: bom nós estamos aqui eh: fazendo entrevista com o T. que é irmão da J.... e:: irmão também eh: filho né? do seu T. que eles também foram entrevistados. Eu vou fazê algumas perguntas pra você... e você responde... né? conforme você quiser ta certo? Então pra começa... eu queria que você:: falasse assim pra- pra mim né? como que foi a sua infância como que era a sua vida quando você era pequeno lé em Cachoeira do Brumado.

1. A minha vida... a gente ficava só dentro de casa porque num tinha aonde ir num tinha ().
2. Ficava só... brincando em casa.
3. Eu a M. e a... J. era pequena.
4. Eu e a M. ficava brincando... fazendo casinha... aqueles... fazendo aqueles boizinhos de barro essas coisas.
5. Ficava brincando ia pra aula... chegava brincava.

Doc: ah ta. Mas eh:: apesar de não ter muita coisa pra fazer... mas assim Cachoeira do Brumado era um lugar... tranqüilo né?

6. Tranqüilo.

Doc: Vocês podiam por exemplo por que que ocês num iam pra cachoe::ra... pra-

7. Mas mãe num dexava eu sair naum.
8. Num dexava não.
9. Só com ela.
10. Sozinho não.

Doc: ah ta. Mas por quê? Já que lá não era um lugar violento-

11. Ah num sei porque a gente era preso.
12. Só ficava preso dentro de casa num dexava a gente sair naum.
13. O ritmo deles né?
14. (Prendê) a gente.

Doc: ah ta e as outras crianças eram assim também? Ou era mais a família de vocês?

15. Não era quase todo mundo.
16. Hoje que a gente ta mais... mais a vontade (vai aonde quer).
17. Antigamente era fica preso mesmo.
18. Nem na porta a gente num podia ir.
19. () Só do passeio pra dentro de casa.

Doc: Ah ta. Cês ficavam só ali naquela su- aquela porta ali da sua casa?

20. Só.

Doc: E a T. a M. me contou... que quando foi que chegou a primeira televisão lá-

21. Ah era pequenininha uma televisãozinha pequena com rádio eh rádio FM e televisor.

Doc: ah ta ela me falou que... eh:: tinha um quarto que era bem pequeno... né? e vocês... ficava todo mundo amontado lá. Só que ela disse que... os meninos e ele ficavam o dia inteiro mas você não gostava.

22. Não () eu nunca gostei de televisão.
23. Até hoje eu num... pra vê jogo (essas coisas) mas-

Doc: ah ta então você não conseguia fica junto com as outras crianças?

24. Não não não.

Doc: E o que que ocê fazia... enquanto que os meninos tavam lá no quarto... assistindo TV?

25. Ah nós ficava brincando lá no terrero sô... aquele caso que eu te falei né? () boizinho de barro ficava brincano.

Doc: Sozinho?

26. Sozinho.

27. Depois M. chegava lá.

Doc: ah ta então de qualquer forma você num gostava

28. Não ()

Doc: e como que- eu queria que cê descrevesse pra mim como que era as brincadeiras assim. Cê falou dessa de barro né? que cê brincava com barro () Como que era essas brincadeiras? Diferente do que seus meninos hoje brincam por exemplo né? Como é que era a a as suas brincadeiras o que cê fazia e e comparando com o que os meninos fazem hoje.

29. Ah naum hoje é muito diferente.

30. Os meninos hoje gostam muito é de vídeo-game.

31. E num tinha antigamente num tinha né?

32. No meu tempo num tinha isso.

Doc: Ah ta e quais eram-

33. Hoje eles... hoje eles gostam de vídeo- luta de vídeo-game.

34. Eles não gostam de brincadeira assim naum.

35. O negócio deles é telefone... celular.

36. Tem coisa que a gente hoje adulto ()

Doc: ah ta mas... como que era então as suas brincadeiras? Que que é que cês fazia?

37. Ah eu a J. e a M. nós fazia casinha pra J. de bananera aqueles trem eu mais a M. ficava brincano.

38. () de BAMBU... punha lenha ali amarrava falava que tava levano lenha pra fazê... pra J. fazê o almoço.

39. Vendia lenha pra ela.

Doc: ah é cês num levavam naum cês vendiam

40. É levava pra ela e vendia.

41. Era de brinquedo né?

42. Pegava as folha de laranja... falava que era dinheiro pagano.

43. Era umas brincadeira boba que hoje:... cê num vê isso mais.

Doc: ah ta. Ta e depois cê cresceu né t.? E sua história vai se-

44. É depois eu fui crescendo... aí comecei a trabalha né?

Doc: Isso aí que eu queria que você me contasse. Como é que foi o seu primeiro trabalho... a primeira experiência de ganha seu próprio dinheiro?

45. Não o primeiro trabalho meu foi com J.J. pai de Z.

46. O primeiro trabalho com ele foi com uns... comecei com 17 pra 18 anos.

Doc: E o que que ocê fazia com ele?

47. Eu comecei trabalhando de motorista pra ele.

48. Com o caminhão dele.

49. (Trabalhava) carro pequeno ele era vereador eu ficava viajando pra ele.

50. Sem carteira ia em Mariana sem carteira... Ponte Nova.

51. Trabalhava todo tempo ali ().

Doc: Ué mas num tinha problema? Mesmo trabalhando pra um vereador?

52. Não.

53. Sem- sem carteira eu trabalhava pra ele lá praqueles lado de Mariana ()

Doc: Nunca aconteceu nada naum?

54. Não.

Doc: Nem nunca passou aperto?

55. Não não aí- depois eu comprei o... trabalhando pra ele eu comprei o carro... uma Brasília.

56. Aí (que eu vim) em Mariana sem carteira a polícia me parou e me multou.

Doc: Com o seu carro?

57. É com o dele não.

58. Aí depois completei 18 anos tirei a carteira.

59. Aí continuei trabalhando pra ele.

60. Depois eu fiz 21 anos tirei carteira D.

61. Aí fui trabalha pra ele na Câmara... Prefeitura de Mariana.

Doc: Então de qualquer forma cê continua sempre aqui nessa região de Mariana.

62. Sempre aqui.

Doc: Cê nunca quis sair pra fora... pra trabalha?

63. Não.

64. Nunca.

65. Eu nunca tive vontade.

Doc: O que que cê- se ocê pudesse escolher também o que você faz- cê gosta daquilo que cê faz né? que é dirigir você dirige muito bem e tudo. Mas se você tivesse que escolher uma outra coisa pra você fazer () uma coisa que cê acha que se ocê tivesse tido oportunidade cê iri- ia fazê?

66. Se eu tivesse tido oportunidade... minha vontade era mexer com fazenda.

Doc: É mesmo? Eu naum sabia naum. Mas cê queria fica sendo fazendeiro ali- na sua região mesmo?

67. Sim.

Doc: Ou você queria mudar?

68. Não.

69. Ali mesmo naquela região ali.

Doc: Ah ta porque:: o:: () é seu avô né? Muita terra-

70. Meu avô era fazendeiro.

71. Meu avô tinha oitenta alqueires de terra.

Doc: E hoje como é que ta essas terras? ()

72. Não hoje num é com () repartiu com os filho né?

Doc: Ah ta e aí-

73. Dividiu... dividiu... uma parte pra cada um.

Doc: Ah então hoje ta bem:: separado

74. Bem separado.

75. Minha mãe tem a parte dela (os irmão) tem (as irmã) cada um tem a sua parte.

Doc: ah ta. E quando cê era pequeno cê chegava a fica nessas terras junto com o seu avô?

76. Ficava direto.

Doc: Cê ajudava-

77. Ficava mais- toda folga que eu tinha ficava lá.

78. Mexeno com os boi.

Doc: ah ta então quer dizer que cê:: desde criança cê já ()

79. É.

80. Desde criança.

Doc: Ta. Aí a outra coisa que eu queria te pergunta. Como que era assim seu relacionamento... com sua mãe seu pai como que era eles eram muito severos interferiam muito nas suas decisões ou era assim bem tranqüilo? Como é que era?

81. Se nós saía tinha que fala onde que tava indo.

82. (Dormi fora) num podia naum.

83. ()... ficava preocupado demais né?

84. Hoje naum hoje se eu fica fora dez dias quinze dias eles num liga ()

Doc: Ah ta e ocê falou que seu... seu pai ele tinha carinho bastante carinho com vocês né?

85. Igual eu te falei (a gente) deitava lá... M. de um lado eu do outro ele contando história pra gente.

Doc: Ah ta e sua mãe já era mais ligada a-

86. É mãe fica na costura.

87. (Ficava) fazendo as roupas lá.

88. (Ficava) costurando o dia inteiro.

Doc: Cê queria que ela fizesse isso (como) ele (que ela tivesse ficado) mais próxima de vocês?

89. Não ela ficou até... bem.

90. Ela ficava na costura né?

91. Na hora da comida (aquela)... atenção pra gente.

92. Café da comida.

Doc: É sua mãe ela é muito atenciosa né?

93. É.

Doc: Toda hora ela ta::

94. É mas num perdeu nada naum.

Doc: E aí depois você começou a namorar... né? A. foi sua primeira namorada não né?

95. Eu já tava com 16 anos ela tava ia fazê 15 anos.

Doc: Então ela foi a sua primeira namorada?

96. Foi.

97. Namorada- namorada séria namoro sério dentro de casa.

Doc: namorada séria né?

98. É.

Doc: Porque tinha as outras-

99. É.

Doc: as outras paqueras lá. Então e-

100. a primeira namorada séria.

Doc: Eh:: seu pai... ele me contou que na época dele e na época da sua mãe... os pais deles interferiam muito no namoro. Tanto que tem histórias das suas tias né? que não casaram com quem elas queriam. Casaram com quem o pai e a mãe-

101. (Tinha) que o pai gosta.

102. Se tivesse um rapaz a mãe o pai num gostava dele num... eles num dexava casar.

103. (Falava até) atrapalha o namoro deles.

104. Que hoje num existe isso mais.

105. Se a pessoa gosta.

106. Num escolhe cor num escolhe nada (fica satisfeito) gosto vai (embora).

107. Antigamente não né?

Doc: Ah isso que eu ia te pergunta. Na época do seu pai mais da sua mãe tinha. Mas e na sua como é que foi quando você escolheu a A. por exemplo pra namora? Houve interferência por parte dos seus pais?

108. Não.

109. Não não.

Doc: Interferência nenhuma

110. Não não.

Doc: Ah tá. Aí você- e depois que você se tornou pai né? Como é que foi a reação dos seus pais ()?

111. Ah ele me falou... “vou passa minha casa pro cê morar” porque ele tinha duas casas () tinha duas casas.

112. Aí ele dexô eu mora na casa dele até... eu arruma um emprego melhor pra mim fazê uma casa.

113. Aí ficamo morando lá quatro anos depois separamo num deu certo.

114. Agora hoje eu fiz a casa mas... tô com outra namorada né?

115. Hoje a próxima (que) vai fica com a casa.

Doc: A próxima espero que a última né?

116. É.

Doc: cê vai fica com ela. Eh:: eu ia te pergunta uma outra coisa... então em relação a essa casa SEU PAI passou uma casa pra você morar e a casa do seu pai também foi a mãe dele que passou... pra ele né?

117. Foi... é.

Doc: Eu queria que cê:: me contasse como é que foi essa parte da história de vocês.

118. Não ele passou a casa dele e falô que podia morar lá enquanto puder.

119. Até fazê outra ter condições de fazê uma casa.

120. (Pudia ser) 5 anos 10 anos... o tempo que-

Doc: (fosse preciso)

121. É.

Doc: Ta e mas- a casa do seu pai... a que ele ganhou

122. A casa do meu pai ele é assim porque... ele é que olhava a minha avó todo dia.

123. Limpava tudo todo dia tava lá com ela olhando lá.

124. Aí minha avó- meu avô falô-

125. T. que contou pra gente-

124. meu avô falô que quando ele morresse a casa ia ser- passa pru nome dele.

126. Aí os irmão todo mundo assino e passo pra ele... a casa.

127. Aí todo mundo concordo... os irmão todo mundo... minha avó também assino e passô pra ele.

128. Aí a casa hoje é dele.

Doc: Ah ta.

129. Não foi ninguém... ninguém ficou com raiva to- todo mundo combina bem.

130. (Dexô a casa pra ele).

131. Ele é o irmão mais novo.

Doc: Hoje os irmão do seu pai tão todos... tranqüilos graças a Deus-

132. Todos tranqüilos... é.

Doc: ah ta. Eh:: uma outra coisa que eu queria te pergunta sobre () é o seguinte... teve um momento que o parente de vocês () foi prefeito né?

133. Foi J.R.

Doc: J.R. Ele foi prefeito parece assim que Cachoeira do Brumado era... pelo menos alguns- muitas pessoas falavam que Cachoeira do Brumado era mais... desenvolvido

com mais atenção. Que que cê acha da... da diferença da política (dele) né? que é a do C... pra política do J.R. na época. Pru distrito... tem diferença de política?

134. Ah teve J.R.... ele que fez o calçamento em Cachoeira.

135. Aí C. passô o asfalto no calçamento que ele fez né?

136. Mas lá era tudo de terra igual eu te falei quando eu era pequeno a maioria das ruas de lá era de terra.

137. Só tinha uma rua ou outra que tinha calçamento.

138. Era tudo de terra.

139. Mas J.R. mandou calçar as rua tudo.

140. Arrumou tudo direitinho.

141. Fez ().

142. Colocou asfalto de Ouro Preto até Cachoeira.

143. Que era terra também.

144. Tinha muito::... quando chovia era muito barro o ônibus num passava.

145. Agora hoje é tudo asfaltado ele que arrumo isso aí.

Doc: J.R.

146. É J.R.

Doc: ah ta. E em relação a::... T. tava me falano que lá... o o o artesaNATO era mais-

147. Era mais.

148. Hoje é menos.

Doc: A VISITA era maior. Como é que é que ta diferente de antigamente? Como que era antigamente como que é hoje?

149. Não antigamente (a vó) todo mundo mexia a maioria do pessoal lá era panela tapete e ().

150. Só que C. contratô uma pessoa de lá pra... pra ensina o pessoal de fora fazê tapete... de cizal.

151. Aí diminuiu as venda hoje.

Doc: Ah:: ta. Então cê acha assim se tivesse concentrado só LÁ-

152. Só o pessoal de lá.

153. Mas ele ia contratava o pessoal de... pra ensina o pessoal do do dos outros lugar aí igual... Cachoeira do Campo todo lado aí.

154. VÁRIOS lugar.

155. Aí-

Doc: Então cê acha que por isso que diminuiu?

155. aí diminuiu bastante.

Doc: Ah ta mas Cachoeira do Brumado continua ()

156. Não continua.

157. Só que num é igual era antigamente.

158. Antigamente era muita loja... muito turista.

159. Hoje tem menos turista.

Doc: Ah ta entendi. Então em relação a a... turismo a geração de dinheiro-

160. É... o outro era melhor.

Doc: ah ta.

161. Portanto a T. e os irmão dela tinha uma loja lotada.

162. Eles vendia muito.

163. Lá ficava cheio a semana inteira.

164. Em vez dele tira o pessoal daqui (de outra)- contratô o pessoal pra ensina.

165. Lá passô a fazê Furquim... Acaiaca.

166. Aí... deu uma... uma (fracassada).

Doc: Ah ta. E o pessoal por que que- será que eles podiam ter negado assim “não nós não vamos (dividir) vamos deixar por aqui”.

167. Ah mas o Prefeito ta pagano... onde tá o dinheiro... o pessoal vai mesmo.

168. O Prefeito ta pagano né? pra ensina... o pessoal vai.

Doc: E acaba ensinando (). Aí em relação a- a última pergunta que eu queria fazê pra você é em relação à violência. Diferenças de... como era antes como é hoje lá em Cachoeira.

169. Não até hoje eu acho tranqüilo lá a gente num vê briga.

170. Tranqüilo.

Doc: Seu pai disse que antigamente tinha um grupo lá que era brigador. Mais ou menos quatro ou cinco pessoas-

171. Tinha.

172. Todo dia tinha briga.

173. Ah hoje (tem uma turma que) usa droga assim mas... de lá num mexe com ninguém de lá naum.

174. Porque antigamente tinha aqueles que bebiam cachaça não tinha droga naum mas... brigava muito.

175. Todo final de semana tinha aquela gritaiada briga.

Doc: ah ta. E parece que tinha muito ciúme né? das moças.

176. É é.

Doc: Parece que se... viesse um rapaz de fora e namorasse as moças... diz que dava confusão dava briga.

177. Dava.

Doc: E hoje já num-

178. Não hoje... tranqüilo.

179. A gente nem vê.

180. Passa anos sem vê uma briga sem nada.

Doc: ah ta. Então cê acha que lá em relação à Mariana... é que Mariana já é já tem mais-

181. Mariana já é mais violento do que Cachoeira.

182. Mariana Cachoeira é mais tranqüilo.

183. Eu pelo menos não tenho intenção nenhuma de muda de lá.

Doc: ah ta. Isso eu ia até te pergunta. (por que você decidiu ficar lá?) Você podia ter construído sua casa aqui.

184. Ah mas lá... eu já tinha nascido lá... um lugar mais tranqüilo ()

Doc: E é bom que J. também gosta né? Gosto da idéia né? de fica... de fica por lá.

185. ()

Doc: Aí aconteceu um problema com você esses dias né? aqui em Mariana que seria um exemplo de alguma coisa que é bem diferente lá de Cachoeira né?

186. É... unhum.

Doc: Conta assim como que foi que aconteceu e e e- o que que aconteceu com você ()

187. (Ah ta).

188. Deve ter mais ou menos uns quinze dias eles roubaram- parou o carro roubaram meu documento o som do carro... roubou tudo.

189. Parei questão de uma hora... num lugar movimentado ()

Doc: Isso à noite ou de dia?

190. Não oito horas da noite.

191. Igual Cachoeira eu largo meu carro todo dia na rua nem tranco ele e ninguém mexe.

Doc: Ah ta. Bem diferente.

192. É lá eu largo... direto na rua. ()

193. Porque todo mundo conhece né? ()

Doc: Ah tá. Eh oh a última pergunta é... se você pudesse mudar... alguma coisa em Cachoeira do Brumado... né? fazê alguma mudança que cê acha que ia melhora a sua vida... e melhora também a vida das pessoas lá do lugar. Que mudanças que (você ia querer)?

194. Ah uma mudança... primeira coisa que eu acho que devia ter lá é um banco.

195. Pra num precisa de vim em Mariana.

196. Um banco.

197. Uma praça pru pessoal ir à tarde.

198. () Lá falta... igual eu te falei um banco uma praça ().

199. É isso que precisa.

200. Mas o resto ta... tranqüilo.

201. Supermercado já tem.

202. As loja tem (a maioria).

203. Só falta um banco porque às vezes cê (num tem dinheiro) tem que vim em Mariana pra tirar um dinheiro do banco.

Doc: Ah ta. Mas fora isso pra você

204. Não pra mim ta... tranqüilo.

Doc: Então ta T. Brigada.